

Helen Petry

**NEOLOGISMOS METAFÓRICOS SOB A ÓTICA DA  
SEMÂNTICA COGNITIVA**

Dissertação submetida ao Programa de  
Pós-graduação em Linguística da  
Universidade Federal de Santa  
Catarina para a obtenção do grau de  
Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Heronides Maurí-  
lio de Melo Moura

Florianópolis  
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Petry, Helen

Neologismos metafóricos sob a ótica da Semântica Cognitiva  
/ Helen Petry ; orientador, Heronides Maurílio de Melo  
Moura - Florianópolis, SC, 2016.

277 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-  
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Semântica Cognitiva. 3. Teoria  
Conceptual da Metáfora. 4. Neologismo. 5. Cultura. I.  
Moura, Heronides Maurílio de Melo. II. Universidade Federal  
de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística.  
III. Título.

Helen Petry

**NEOLOGISMOS METAFÓRICOS SOB A ÓTICA DA  
SEMÂNTICA COGNITIVA**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Linguística, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 18 de maio de 2016.

---

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Profa. Dra. Mara Sophia Zanotto  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Videoconferência)

---

Profa. Dra. Edwiges Maria Morato  
Universidade Estadual de Campinas (Videoconferência)

---

Profa. Dra. Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão  
Universidade Federal de Santa Catarina



A Éverton.



## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e à minha família pelo incentivo de sempre e por compreenderem a minha ausência durante a elaboração deste trabalho.

Ao Éverton por ter me apoiado financeiramente e emocionalmente; por ter sido um atento interlocutor no processo de construção da pesquisa e até mesmo, *confesso*, eventual “cobaia” das minhas investigações linguísticas.

À Márcia Barros pela ótima combinação de amizade e doação de conhecimentos metodológicos.

Ao professor Heronides pela condução dedicada em que ofereceu a orientação necessária em cada etapa e a confiança para adaptar o desenho da pesquisa às minhas percepções.

Às professoras Adja e Mara pelas importantes contribuições na qualificação do projeto.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Linguística que fizeram parte da minha formação.

Aos queridos colegas da pós-graduação, especialmente à Ezra, Rafaela e Valéria, não somente por todas as vezes em que me ajudaram, como também pelas conversas, cafés, livros e parceria nos eventos.

À UFSC, ao curso de Letras e à PPGLin pela oportunidade de me fazer conhecer o que é ensino público de excelência.

E, ainda, à existência da Lei Estadual n. 6.745/1985, especialmente do artigo 24, o qual dispõe sobre o direito de redução de jornada de trabalho para os servidores públicos, “sempre que essa medida se mostrar necessária no caso de funcionário estudante [...]” e ao Roger Tang Vidal por ter aceitado apoiar a minha escolha.





*At the heart of our quest for meaning is our need to know ourselves—who we are, how our mind works, what we can and cannot change, and what is right and wrong. It is here that cognitive science plays its crucial role in helping philosophy realize its full importance and usefulness. It does this by giving us knowledge about such things as concepts, language, reason, and feeling. Since everything we think and say and do depends on the workings of our embodied minds, cognitive science is one of our most profound resources for self-knowledge (LAKOFF; JOHNSON, 1999).*

*Não há estrada senão na sensação. É só através de nós que caminhamos (PESSOA, 2007).*



## RESUMO

Esta pesquisa analisa o papel da metáfora em neologismos semânticos de língua portuguesa brasileira e pretende identificar a incidência dos fatores culturais e universais nessas metáforas. O *corpus* é formado por neologismos semânticos captados pelo Projeto BaseNeo (Universidade de São Paulo). Tomamos como a base a Teoria Cognitiva da Metáfora, a partir de Lakoff e Johnson (1980), Lakoff (1987), Lakoff e Turner (1989) e as discussões posteriores sobre universalismo, cultura e polissemia metafórica, conforme abordagem de Dancygier e Sweetser (2014), Kövecses (2005, 2010), Bowdle e Gentner (2005), Lakoff e Johnson (1999), Grady (1997), Johnson (1997), Moura (2007, 2008) e Moura e Zanotto (2009). Consideramos a metáfora como processo multidimensional, em que operam simultaneamente fatores conceptuais, linguísticos, neuro-corporais e socioculturais (KÖVECSES, 2005), admitindo a variação cultural e a existência de conceitos cognitivos potencialmente universais. Sem deixar de considerar os múltiplos aspectos que compõem a metáfora, classificamos os dados em três tipos: metáforas imagéticas, conceptuais e culturais. A produtividade neológica mostrou-se alinhada à produtividade cultural da metáfora e constatamos que a complexidade do conceito está relacionada à incidência do aspecto cultural, fornecendo indícios da relevância do componente, ao menos para os neologismos metafóricos, em contraponto ao aspecto universalista, eis que, em consonância com Kövecses (2005), as metáforas mais estáveis em uma língua são aquelas de caráter mais universal e as metáforas mais propensas a mudanças são aquelas com maior incidência do fator cultural.

**Palavras-chave:** Neologismo. Metáfora. Cognição. Cultura.



## ABSTRACT

This research analyzes the role of metaphor in semantic extensions of Brazilian Portuguese words and aims to identify the impact of cultural and universal factors in such metaphors. The corpus consists of semantics neologisms captured by BaseNeo Project (University of São Paulo). We take as basis the Cognitive Theory of Metaphor from Lakoff and Johnson (1980), Lakoff (1987), Lakoff and Turner (1989) and subsequent discussions about universalism, culture and metaphoric polysemy as undertaken by Dancygier and Sweetser (2014), Kövecses (2005, 2010), Bowdle and Gentner (2005), Lakoff and Johnson (1999), Grady (1997), Johnson (1997), Moura (2007, 2008) and Moura and Zanotto (2009) approach. We consider metaphor as a multidimensional process in which simultaneously operate conceptual, linguistic, neuro-physical and socio-cultural factors (Kövecses, 2005), assuming the cultural variation and the existence of potentially universal cognitive concepts. While considering the many aspects that make up the metaphor, we classify the data into three types: imagistic, conceptual and cultural. The neological productivity proved to be aligned with the cultural productivity of metaphor and we found that the complexity of the concept is related to the incidence of the cultural aspect. It provides evidence of the importance of this component, at least for the metaphorical neologisms, as opposed to the universalist aspect. In line with Kövecses (2005), the most stable metaphors in a language are those of the most universal and the most likely to change are those with the highest incidence of the cultural factor.

**Keywords:** Neologism. Metaphor. Cognition. Culture.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Metáforas BOM É PARA CIMA/ RUIM É PARA BAIXO	28
Quadro 2- Nível do conceito .....	31
Quadro 3- Metáforas imagéticas .....	72
Quadro 4- Rotulagem das metáforas conceptuais detectadas.....	77
Quadro 5- Metáforas primárias detectadas nas metáforas conceptuais .	80
Quadro 6- Nível de especificidade do conceito-alvo .....	83
Quadro 7- Rotulagem das metáforas culturais detectadas.....	93
Quadro 8- Domínio-fonte: Animais, alimentação, natureza.....	107





## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1- Unidades lexicais com metáfora imagética .....	129
Tabela 2- Unidades lexicais com metáfora conceptual .....	139
Tabela 3- Unidades lexicais com metáfora cultural .....	169
Tabela 4- Unidades lexicais com extensão semântica sem metáfora ..	229
Tabela 5- Entradas consideradas inválidas.....	247



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>21</b>
1.1 JUSTIFICATIVA.....	23
1.2 OBJETIVOS .....	24
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	24
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	25
1.3 QUESTÕES .....	25
1.4 HIPÓTESES.....	25
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>27</b>
2.1 TEORIA COGNITIVA DA METÁFORA .....	27
2.1.1 ESTRUTURA INTERNA DA METÁFORA .....	29
2.1.2 CATEGORIZAÇÃO E CONCEPTUALIZAÇÃO.....	30
2.1.3 ESQUEMAS GENÉRICOS E TIPOS DE METÁFORA.....	33
2.1.4 METÁFORA E METONÍMIA .....	35
2.2 A METÁFORA EM FUNCIONAMENTO .....	36
2.2.1 <i>Metáfora e universalidade: as metáforas primárias</i> .....	37
2.2.2 <i>Metáfora e variação cultural</i> .....	40
2.2.3 <i>Metáfora e polissemia</i> .....	44
2.3 NEOLOGISMOS: ASPECTOS GERAIS .....	48
2.3.1 <i>O neologismo</i> .....	50
2.3.2 <i>Emprestando cultura: o decalque semântico</i> .....	54
2.3.3 <i>Banco de dados de neologismos</i> .....	56
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>59</b>
3.1 PADRONIZAÇÃO DO CORPUS.....	61

3.2 PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO DAS METÁFORAS .....	65
<b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>69</b>
4.1 METÁFORAS IMAGÉTICAS.....	71
4.2 METÁFORAS CONCEPTUAIS.....	76
4.3 METÁFORAS CULTURAIS.....	93
4.3.1 <i>Metáforas de alimento, animais e natureza</i> .....	107
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>119</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>123</b>
<b>APÊNDICE A – UNIDADES LEXICAIS COM METÁFORA IMAGÉTICA.....</b>	<b>129</b>
<b>APÊNDICE B – UNIDADES LEXICAIS COM METÁFORA CONCEPTUAL.....</b>	<b>139</b>
<b>APÊNDICE C – UNIDADES LEXICAIS COM METÁFORA CULTURAL .....</b>	<b>169</b>
<b>APÊNDICE D – UNIDADES LEXICAIS SEM METÁFORA .....</b>	<b>229</b>
<b>APÊNDICE E – ENTRADAS CONSIDERADAS INVÁLIDAS .....</b>	<b>247</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Jakobson (2007), no ensaio Aspectos Linguísticos da Tradução, afirma que as línguas diferem mais naquilo que devem expressar do que naquilo que podem expressar. Nessa característica, para o autor, residiria a *tradutibilidade da experiência cognitiva*, já que “onde houver uma deficiência, a terminologia poderá ser modificada por empréstimos, calcos, neologismos, transferências semânticas e, finalmente, por circunlóquios” (JAKOBSON, 2007, p. 67). A experiência estaria em relação complementar com as operações metalinguísticas, pois “o nível cognitivo da linguagem não só admite mas exige a interpretação por meio de outros códigos, a recodificação, isto é, a tradução” (JAKOBSON, 2007, p. 70). Essa visão de Jakobson sobre a tradução – que teve publicação em língua inglesa em 1959, anos antes da “virada cognitivista” – corresponde-se com o que será abordado na presente pesquisa sobre a função da metáfora cognitiva como intermediadora entre a experiência e a linguagem e sobre o papel dos neologismos nesse funcionamento.

Na proposta da Teoria Cognitiva da Metáfora, criada a partir da obra inaugural de George Lakoff e Mark Johnson – *Metaphors we live by* (1980:2003), a metáfora é fenômeno ou processo que faz parte do modo como a experiência e o conhecimento são conceptualizados, organizados e estruturados. A metáfora não tem apenas uma função e nem as suas funções são excludentes entre si: trata-se de um processo multidimensional concomitantemente conceptual, linguístico, neuro-corporal e sociocultural (KÖVECSSES, 2005). Como espécie, experimentamos igualmente os processos físicos e biológicos. Como seres sociais, fazemos parte de determinados agrupamentos organizados de acordo com a língua, a geografia, a idade, o *status*, dentre outros fatores possíveis. Como indivíduos, possuímos aspectos idiossincráticos e variamos no modo como percebemos a experiência. As metáforas refletem tanto padrões universais, quanto possibilidades de variação social e individual.

Assim como a metáfora é cognitivamente estruturante, também o é a cultura que a produz. De fato, a cultura é tanto uma das causas da variação da metáfora, quanto é afetada por ela, num sistema de retroalimentação (KÖVECSSES, 2005). Em outras palavras, a metáfora produz a cultura e a cultura produz a metáfora. Lakoff e Turner (1989) enfatizam que a fonte cultural da metáfora não é laboratorial e muito menos planejada: ela é formada por aquele conjunto de saberes que designamos como “senso comum” – uma parcela do qual está condensada em ditados populares, frases feitas ou expressões idiomáticas – e correspondem a

modelos cognitivos utilizados para organizar e estruturar o conhecimento (MOURA, 2012). Os modelos são apreendidos tanto pela experiência direta quanto pela cultura em que se está inserido.

Para explicar como a cultura influencia a metáfora, Kövecses (2005) propõe três sistemas inter-relacionados que operam na variação metafórica: a corporificação, o processamento cognitivo e a experiência cultural. Dentre tais sistemas, a experiência cultural seria o sistema mais variável e a corporificação seria menos variável. A operação dos sistemas modula a variação dos componentes da metáfora, em que, do mais variável para o menos variável, estariam as expressões linguísticas metafóricas, os mapeamentos metafóricos e a base experiencial.

Sabemos que as mudanças pelas quais uma língua natural passa no decorrer de sua existência estão ligadas à capacidade de renovação lexical, o que acontece por meio da criação e da incorporação de neologismos (CORREIA, 2012). O tipo de necessidade comunicativa que origina um neologismo gera dois tipos de unidades lexicais: a neologia denominativa nomeia “novas realidades”, novos objetos e conceitos; e a neologia estilística nomeia de modo diferente realidades já existentes, com vistas à uma “maior expressividade do discurso” (CORREIA, 2012, p.18). Os neologismos seriam, assim, expressões das mudanças culturais vivenciadas por uma comunidade linguística.

As metáforas têm sido consideradas como uma “fonte primária de polissemia”, pois permitem que palavras com significados inicialmente específicos e singulares passem a ter significados adicionais (BOWDLE; GENTNER, 2005, p.198). Qualquer léxico de uma língua tem um grande número de palavras polissêmicas relacionadas entre si por sentidos figurados, dos quais a metáfora e a metonímia são os tipos mais recorrentes e que mais motivam a extensão semântica das palavras (DANCYGIER; SWEETSER, 2014). Para Moura (2008), a estrutura linguística estaria associada com a polissemia na medida em que a analogia criada entre a fonte e o alvo de uma metáfora impõe uma identidade de relações semânticas em um sistema de palavras, chamado de paradigma lexical. Dado que os neologismos semânticos indicam a polissemia de uma unidade lexical e que as metáforas são um dos mecanismos mais produtivos de extensão semântica, os neologismos semânticos correspondem a ninhos de metáforas.

As fronteiras entre universalismo, variação e cultura ainda são uma questão em discussão na literatura, o que torna relevante a busca por propostas teórico-metodológicas que ponderem os fatores universais e culturais no uso e interpretação de uma metáfora. Com o intuito de colaborar nesse sentido, a presente proposta visa investigar o papel da

metáfora em unidades de neologismos semânticos de língua portuguesa brasileira e verificar a incidência dos fatores cultural e universal nessas metáforas. Tomamos como a base a Teoria Cognitiva da Metáfora, a partir de Lakoff e Johnson (1980:2003), Lakoff (1987), Lakoff e Turner (1989) e as discussões posteriores sobre universalismo, cultura e polissemia metafórica, conforme abordagem de Dancygier e Sweetser (2014), Kövecses (2005, 2010), Bowdle e Gentner (2005), Lakoff e Johnson (1999), Grady (1997), Johnson (1997), Moura (2007, 2008) e Moura e Zanotto (2009). Para permitir a análise da incidência dos fatores universais e culturais nas metáforas, elaboramos uma metodologia de classificação em que as metáforas foram separadas em imagéticas, conceptuais e culturais. Como assumimos que a metáfora é multidimensional, estamos presumindo que quaisquer desses tipos compartilhem estrutura conceptual e cultural em gradações e o objetivo é identificar a variação de tais aspectos. A hipótese que motivou a pesquisa foi que a variação cultural seria mais visível nos neologismos, já que as metáforas mais estáveis em uma língua são aquelas de caráter mais universal e as metáforas mais propensas a mudanças são aquelas com maior incidência do fator cultural (KÖVECSES, 2005). Ou seja, quanto mais nova é uma extensão lexical de base metafórica, mais ela tende a apresentar um aspecto cultural relevante.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Ao considerarmos que é possível compreender as atividades e organização humanas por meio do estudo da sua natureza metafórica (LAKOFF; JOHNSON, 1980:2003), a metáfora assume função no processo de cognição e no processo de construção das realidades linguístico-culturais. Sob o ponto de vista defendido nesta pesquisa, as metáforas são o observatório pelo qual é possível identificar os modelos culturais de uma língua.

Porém, o modo como as metáforas são afetadas pela variação cultural e pela sua contraparte – a universalidade – ainda é um tema aberto nas ciências cognitivas (KÖVECSES, 2010), o qual pode ser analisado sob diversos enfoques. A base teórico-metodológica ora adotada é aquela que admite a variação cultural ao mesmo tempo em que mantém a possibilidade da existência de conceitos cognitivos potencialmente universais (KÖVECSES, 2005, 2010; LAKOFF; TURNER, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999; DANCYGIER; SWEETSER, 2014).

Para Kövecses (2005), a metáfora é, ao mesmo tempo, conceitual, linguística, neuro-corporal e sociocultural. Isso implica que metáforas e

corporificação, metáforas e experiências sociais, e metáforas e processos cognitivos são minimamente coerentes entre si. Assim, às metáforas é inerente tanto a possibilidade de universalismo – em razão de os seres humanos possuírem mesma base corpórea –, quanto a possibilidade de variação –, em razão de idiosincrasias e experiências culturais diferentes. Quanto mais complexa a metáfora, mais será evidente a sua característica cultural, pois é nesse tipo de metáfora em que o falante realmente engaja seu pensamento em contextos culturais reais (KÖVECSES, 2005). Se apontar para a metáfora é apontar para a cultura, então supomos ser possível encontrar a variação cultural ao analisar as metáforas do vocabulário de uma língua, a partir de novas acepções de vocábulos já existentes.

Bowdle e Gentner (2005, p.198, tradução nossa) consideram as metáforas como uma “fonte primária de polissemia”, pois permitem que palavras com significados inicialmente específicos e singulares passem a ter significados adicionais. Para Moura (2008), a estrutura linguística estaria associada com a polissemia na medida em que a analogia criada entre a fonte e o alvo de uma metáfora impõe uma identidade de relações semânticas em um sistema de palavras, chamado de paradigma lexical. Dado que os neologismos semânticos indicam a polissemia de uma unidade lexical da língua e que as metáforas têm o papel de estruturar os conceitos em uso, os neologismos semânticos correspondem a ninhos de metáforas.

Durante a busca por pesquisas que compartilhem a mesma temática, verificamos que são poucas as pesquisas que trabalhem a relação entre metáfora, cultura e neologismo. Acreditamos que uma das razões seja a dificuldade de acesso a dados sobre a entrada de vocábulos no português brasileiro. Observamos, também, no amplo rol de pesquisas da área, que a maioria se aplica à análise de metáforas conceptuais em domínios específicos, como economia, medicina, educação, literatura, entre outros. Na prática lexicográfica, especialmente no tocante aos termos neológicos, o aspecto universalista da metáfora conceptual parece menos relevante, porque a relação que ora traçamos alinha a produtividade neológica com a produtividade cultural da metáfora, já que as metáforas conceptuais mais estáveis em uma língua são aquelas de caráter mais universal (KÖVECSES, 2005).

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral



Investigar o papel da metáfora em neologismos semânticos de língua portuguesa brasileira.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Verificar a incidência de metáforas em corpus formado por unidades lexicais de neologismo semântico.
- b) Analisar a quantidade de metáforas imagéticas, conceptuais e culturais.
- c) Identificar os domínios semânticos das metáforas encontradas.
- d) Analisar a ocorrência da expressão de novas realidades culturais e da expressão de novas formas de compreender metáforas conceptuais convencionalizadas.

### 1.2.3 Questões

- e) Qual a quantidade de metáforas no *corpus*?
- f) Qual a quantidade de metáforas conforme a classificação adotada?
- g) Quais os domínios semânticos que predominam nas metáforas analisadas?
- h) Qual o papel da cultura de acordo com os tipos metafóricos propostos?

### 1.2.4 Hipóteses

- a) Espera-se que a proporção de metáforas seja de até 80% do *corpus* com unidades de extensão semântica.
- b) Acredita-se que a maior parte das metáforas seja do tipo cultural.
- c) Devem predominar domínios que expressem a variação cultural, tais como artefatos, instrumentos, instituições e formas de organização cultural.
- d) Majoritariamente, o papel da cultura nas metáforas encontradas é o de exprimir novas realidades culturais e atualizar metáforas conceptuais mais convencionalizadas.



## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica está dividida em três partes. A primeira parte é dedicada à teoria cognitiva da metáfora, subdividida em estrutura interna da metáfora, noções sobre categorização e conceptualização, esquemas genéricos, tipos de metáforas, e a abordagem utilizada para diferenciar metáfora e metonímia, com base principalmente em Lakoff (1986, 1987), Lakoff e Johnson (1980:2003; 1999), Lakoff e Turner (1989); Sweetser (1990), Dancygier e Sweetser (2014).

A segunda parte dedica-se a conceitos mais específicos que concernem ao objetivo desta pesquisa, quais sejam a noção de metáfora primária, a teoria da variação cultural da metáfora e as relações entre metáfora e polissemia, a partir de Grady (1997), Johnson (1997), Kövecses (2005, 2010), Lakoff e Johnson (1999), Bowdle e Gentner (2005), Moura (2005, 2008) e Moura e Zanotto (2009).

A terceira parte é voltada à compreensão da natureza do *corpus* utilizado, o qual é formado por entradas lexicais de um banco de dados de neologismos. Apresentam-se algumas noções do âmbito das ciências do léxico no tocante à neologia, com base em Otaola Olano (2004), Correia (2012), Alves (2007), Pilla (2002) e Capuz (2005).

### 2.1 TEORIA COGNITIVA DA METÁFORA

Nessa seção, apresentamos os aspectos gerais da teoria cognitiva da metáfora e as subseções versam sobre a estrutura interna da metáfora, noções sobre categorização e conceptualização, tipos de metáforas e a abordagem utilizada para diferenciar metáfora e metonímia, com base em Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (1980:2003; 1999), Lakoff e Turner (1989); Sweetser (1990), Dancygier e Sweetser (2014).

Na proposta da Teoria Cognitiva da Metáfora, criada a partir de Lakoff e Johnson, em *Metaphors we live by* (1980:2003), a metáfora é cognitiva e estruturante do domínio cognitivo. A metáfora conceptual diferencia-se da metáfora linguística, pois essa seria a expressão de uma metáfora conceptual. Sob essa ótica, os processos de pensamento funcionam, ao menos parcialmente, pela projeção, dado que as estruturas do conhecimento e da linguagem são fenômenos cognitivos operado principalmente via metáfora e metonímia (LAKOFF; JOHNSON, 1980: 2003). A metáfora conceptual funciona pelo mapeamento de esquemas cognitivos, apreendidos pela experiência corpórea e depois usados em domínios mais abstratos. Um esquema de conhecimento projetado de um domínio para outro torna-se convencionalizado na medida em que é

projetado junto da metáfora, o que faz com que, em dado momento, ele seja usado automaticamente, sem esforço e inconscientemente.

A proposta da Teoria Cognitiva da Metáfora integra-se à Linguística Cognitiva, para a qual o significado é aspecto central da linguagem e o processo de significação é cognitivo, iniciado a partir da experiência do corpo com o ambiente, por meio de esquematização e de categorização (FERRARI, 2014). Sob essa visão, a cognição é processo que inclui a linguagem, mas não se restringe a ela. Cabe destacar que o conceito de inconsciente usado na ciência cognitiva não é o mesmo usado na psicanálise em referência a conhecimento reprimido. Ele está relacionado às descobertas da ciência cognitiva de que a maior parte do pensamento opera em um nível abaixo da consciência, de forma automática e não perceptível, e que esse “inconsciente cognitivo” fornece a estrutura para a organização do pensamento. Nesse escopo, “cognitivo” define qualquer tipo de operação mental ou estrutura que possa ser estudada em particular: processamento visual e auditivo; memória e atenção; imagens mentais, emoções, operações do sistema motor; modelagem neural (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.10-11).

Sob essa visão, os conceitos metafóricos não são arbitrários, pois têm base na nossa experiência física e cultural. Por exemplo, dormir deitado e levantar-se ao acordar é apreendido como um esquema, a partir do qual outros se derivam (LAKOFF; JOHNSON, 1980; 2003), como se pode observar no quadro abaixo:

Quadro 1- Metáforas BOM É PARA CIMA/ RUIM É PARA BAIXO

<b>RÓTULO DA METÁFORA</b>	<b>DOMÍNIO-FONTE</b>	<b>DOMÍNIO-ALVO</b>
BOM É PARA CIMA	Cima	Bom
RUIM É PARA BAIXO	Baixo	Ruim
<b>CARACTERÍSTICA DO DOMÍNIO</b>	Físico, concreto.	Abstrato, subjetivo.
<b>INFERÊNCIAS</b>	Em pé, vivo, acordado.	Saúde, status, realizações.

	Deitado, morto, dormindo.	Doença, tristeza, fracasso.
<b>EXPRESSÃO LINGÜÍSTICA</b>	Ele despontou como ator revelação este ano.	O time ficou cabisbaixo com a derrota.

Fonte: a autora.

O recobrimento de uma metáfora é sempre parcial – o conceito é tomado sob um aspecto e necessariamente encobre outros. “Despontar” não é um conceito organizado somente por BOM É PARA CIMA. Para usar o exemplo clássico de Lakoff e Johnson (1980:2003), uma parte do conhecimento sobre “guerra” caracteriza uma parte do conceito de “discussão” e gera a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA (LAKOFF; JOHNSON, 1980:2003). Mas isso não significa que todos os aspectos de “discussão” são tomados como “guerra” e nem que o conceito inteiro de “guerra” é mapeado em “discussão”. Veremos o regramento, o funcionamento e a variação da projeção metafórica nas subseções seguintes.

### 2.1.1 Estrutura interna da metáfora

A fórmula  $A \text{ é } B$  simboliza o mapeamento de parte da estrutura de conhecimento do domínio-fonte B para o domínio-alvo A. O nome do mapeamento não é o próprio mapeamento, é uma etiqueta ou um rótulo que o representa. A estrutura de conhecimento de um conceito, em forma esquelética, é chamada “esquema” e os elementos que desempenham algum papel no esquema e que podem ou devem ser preenchidos são os papéis. Segundo mostram Lakoff e Turner (1989), o mapeamento metafórico projeta, junto da estrutura e dos papéis, as relações, as propriedades e o conhecimento relacionado ao domínio-fonte:

Papéis: os papéis, ou espaços, de um domínio-fonte são mapeados em papéis ou espaços no domínio-alvo. Dado que o recobrimento conceitual nunca é completo, os espaços do alvo ou da fonte podem existir independentemente de haver em dada metáfora um mapeamento metafórico. Por exemplo, na metáfora VIDA É VIAGEM, o papel da “pessoa viva” é independente do papel “viajante” no domínio-fonte (LAKOFF; TURNER, 1989).

Relações: usando esse mesmo exemplo, a ideia de um viajante alcançando um destino almejado é mapeada no alvo como a ideia de uma pessoa conquistando um propósito na vida. Esquemáticamente, a relação entre “alcançar” para com “viajante” e “destino” é mapeada na relação “conquistar” para “pessoa” e “propósito”.

Propriedades: o viajante tem características que afetam a maneira com a qual ele conduz a viagem. Tais propriedades são mapeadas para o alvo na ideia de como as características da pessoa afetam a condução da vida, como na expressão que diz “João é forte o suficiente para lidar com qualquer coisa que apareça no caminho”.

Conhecimento: o domínio-fonte de um mapeamento metafórico projeta os mesmos padrões inferenciais para o domínio-alvo. Como exemplo, no caso do domínio “viagem”, ao se perceber em uma rota sem saída, é preciso mudar a direção e encontrar outra rota. No domínio-alvo “vida”, ao se perceber em um “sem saída metafórico”, é preciso modificar o curso da ação.

O mapeamento metafórico se torna convencionalizado na medida em que é projetado junto da metáfora, o que faz com que, em dado momento, ele seja usado automaticamente (LAKOFF; TURNER, 1989). O modo como se projeta o esquema caracteriza o *princípio de invariância*: as projeções metafóricas mantêm a estrutura esquemática do domínio-fonte de um modo coerente com o domínio-alvo (LAKOFF e JOHNSON, 1980:2003).

Uma metáfora nova não necessariamente significa a existência de um novo mapeamento, muitas vezes são novos tipos de inferências mapeadas a partir de uma mesma metáfora cognitiva (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Da metáfora complexa AMOR É VIAGEM, por exemplo, podemos mapear para o domínio de “amor” as inferências do que acontece quando se está numa via rápida – chegar antes, o perigo e a excitação da velocidade. Essa projeção não constitui uma nova metáfora cognitiva e sim uma expressão alternativa da metáfora, por meio da escolha do foco no domínio-fonte.

### 2.1.2 Categorização e conceptualização

Para Lakoff e Johnson (1999), categorização é uma consequência da corporificação, pois os seres neurais naturalmente categorizam e cada ser classifica a interação com o mundo de acordo com o corpo e cérebro que possui. Além disso, categorização é uma necessidade do cérebro em razão do modo como ele funciona. Supõe-se que o cérebro humano tenha em torno de 100 bilhões de neurônios, os quais realizam em torno

de 100 trilhões de conexões sinápticas. Como a razão não é de 1 para 1, a informação recebida por um denso grupo de neurônios é transmitida para outro por meio de um conjunto menor de conexões. Sempre que um conjunto de neurônios fornece o mesmo resultado a partir de diferentes dados de entrada, existe categorização neural. Isso facilita a interpretação da interação com o mundo, pois as categorias são estruturas que agrupam os aspectos da experiência em tipos discerníveis. Pela hipótese da mente corporificada, os mesmos sistemas neurais engajados na percepção sensorio-motora podem ter papel central na conceptualização. As propriedades dos conceitos resultam de como cérebro e corpo são estruturados e do modo como eles funcionam nas relações interpessoais e no mundo físico. Os conceitos parecem refletir o mundo exterior de maneira tão eficaz porque evoluíram a partir do sistema sensorio-motor e a evolução desse, por sua vez, permite o funcionamento integrado ao ambiente físico (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Os conceitos são estruturados por meio de mecanismos de categorização e organizados em termos de protótipos, que constituem uma estrutura neuronal que permite gerar inferências genéricas sobre os membros da categoria, a partir de um padrão típico ou de um padrão considerado ideal; de estereótipos sociais, que oferecem avaliações e valorações prontas; de exemplares salientes, que são usados para fazer juízos de probabilidade, entre outras formas de estruturação conceitual. Além disso, invariavelmente os conceitos se dão em gradação em uma escala, como “alto”, “baixo”, etc. (LAKOFF, 1986, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999).

A ordem em que uma categoria é organizada não é apenas do mais geral ao mais específico, ou vice-versa. Na verdade, a parte do meio da escala – as categorias de nível básico – são as principais responsáveis pela organização de processos na direção da subespecificação ou da generalização (LAKOFF, 1987). O quadro abaixo apresenta a gradação do nível superordenado ao nível subordinado:

Quadro 2- Nível do conceito

<b>NÍVEL DO CONCEITO</b>	<b>DOMÍNIO 1</b>	<b>DOMÍNIO 2</b>
<b>SUPERORDENADO</b>	MAMÍFERO	MOBÍLIA
<b>BÁSICO</b>	CACHORRO	CADEIRA
<b>SUBORDINADO</b>	LABRADOR	CADEIRA GIRATÓRIA

Fonte: a autora.

As propriedades dos conceitos que integram as categorias de nível básico possuem as seguintes características: é o mais alto nível no qual temos imagens mentais que valem para a categoria como um todo (exemplo, a imagem de uma cadeira); é o mais alto nível em que os membros da categoria são reconhecidos holisticamente (percepção gestáltica); é o mais alto nível em que uma pessoa usa ações motoras semelhantes para interagir com os membros da categoria. Além disso, é no nível básico em que a maioria do nosso conhecimento é organizado, é identificado mais rapidamente; é compreendido antes durante a aquisição da linguagem; integra o vocabulário de uma língua antes dos conceitos dos demais níveis (LAKOFF, 1986, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Os conceitos de nível básico valem também para ações e propriedades. Ações como “correr”, “andar”, “comer”, “beber” são de nível básico, enquanto que “mover” e “ingerir” são superordenadas, e tipos de andar e de beber como por exemplo “arrastar-se” e “chupar”, são subordinadas. Do mesmo modo, “alto”, “baixo”, “duro”, “macio”, “pesado”, “leve”, “quente”, “frio”, são propriedades de nível básico (LAKOFF, 1987, p. 270-271).

Ao carregar consigo as propriedades dos conceitos que as integram, as relações metafóricas entre os conceitos também criam redes de categorização e subcategorização (LAKOFF; TURNER, 1989; DANCYGIER; SWEETSER, 2014). Na realização metafórica os mapeamentos se dão em relação uns com os outros e em níveis distintos. Segundo Sweetser (1990), as metáforas podem se agrupar em sistemas metafóricos nos quais as metáforas que partem de categorias superordenadas (mais abstratas e mais esquemáticas) estão em relação com categorias subordinadas. Uma metáfora é considerada complexa quando apresenta estruturas herdadas de mais de um mapeamento (DANCYGIER; SWEETSER, 2014). Por exemplo, o sistema MENTE-CORPO (SWEETSER, 1990) constitui o nível superordenado ao qual outras metáforas estão em relação de pertencimento, como no caso de APRENDER É ABSORVER (GRADY, 1997) e de IDEIAS SÃO COMIDA (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Quanto mais complexo é um domínio-alvo, mais estruturas são importadas de uma variedade de domínios-fonte, a fim de compreender um aspecto ou outro do domínio-alvo. Entretanto, isso não significa que elas formem sistemas. Muitas vezes, as diferentes metáforas que incidem em um mesmo alvo são incompatíveis entre si. Expressões linguísticas como “Gastei meu tempo com atividades que amo” e “Finalmente estamos chegando ao final da temporada de verão”, fazem incidir, res-



pectivamente, sobre o domínio “tempo”, os domínios-fonte “recursos” e “viagem. Tais fontes fazem parte de processos cognitivos não coincidentes (LAKOFF; TURNER, 1989).

Além da possibilidade de incidência de múltiplos domínios-fonte para um conceito, uma parte da estrutura de um conceito pode ser entendida metaforicamente e a outra parte pode ser entendida diretamente, sem metáfora. Ou seja, não existe nada no conceito que o torne metafórico ou não-metafórico. Lakoff e Turner (1989) dão como exemplo o conceito “morte”, o qual é compreendido por uma série de metáforas envolvendo conceitos como “partida”, “frio” e “escuridão”; e, também, é compreendido diretamente. Isso pode ser verificado na metáfora MÁQUINAS SÃO PESSOAS, em que o entendimento não-metafórico da morte humana é mapeado para o alvo, a fim de conceber o não funcionamento de uma máquina, como na expressão “o carro morreu”.

### 2.1.3 Esquemas genéricos e tipos de metáfora

Lakoff e Turner (1989) nomeiam como genéricas as metáforas que têm o mapeamento mais baseado em *regramento* ou *constrições* do que em um mapeamento projetivo de papéis e conhecimento inferencial. Há os parâmetros do esquema (esqueleto), mas não há o detalhamento de uma metáfora específica.

As metáforas genéricas são, na verdade, parâmetros genéricos que servem como estrutura para mapeamentos específicos. Por exemplo, a metáfora genérica EVENTOS SÃO AÇÕES transforma o papel de “não-agente” em “agente” e esse mapeamento serve a inúmeras metáforas específicas em que se toma um fenômeno ou uma circunstância por uma entidade, como acontece na expressão “A chuva forte dos últimos dias têm castigado as plantações”. Como veremos na seção 6.2.1, algumas metáforas genéricas podem constituir metáforas primárias.

Segundo Lakoff e Johnson (1980:2003) e Lakoff e Turner (1989), os padrões mais recorrentes nas estruturas genéricas são os seguintes:

- Categorias ontológicas básicas (entidade, estado, evento, ação, situação);
- Aspectos dos seres (atributos, comportamento, etc.);
- Formato do evento (instantâneo ou estendido, único ou repetido, completo ou não-completo, cíclico ou não, etc.);
- Relações causais (habilitando, resultando em, criando, destruindo, etc.);

- Esquemas imagéticos (regiões limitadas, padrões, forças, ligações, etc.);
- Modalidades (habilidade, necessidade, possibilidade, obrigação, etc.).

As metáforas ontológicas estão relacionadas às categorias ontológicas, em que a experiência com substâncias e objetos físicos estrutura o modo como referenciamos as coisas do mundo. A compreensão metafórica da experiência em termos de entidades torna possível tratar partes da experiência como objetos discretos ou substâncias uniformes. Se podemos identificar nossas experiências como tal, passa a ser possível quantificá-las, categorizá-las, agrupá-las e racionalizar sobre elas. Em outras palavras, metáforas ontológicas são aquelas que consideram acontecimentos, atividades, emoções, ideias, como entidades ou substâncias.

Os esquemas imagéticos são parte importante em um estudo sobre metáforas conceptuais. Correspondem a estruturas que organizam as representações mentais num nível mais geral e abstrato nos quais determinadas imagens mentais são formadas (JOHNSON, 1987, p.23-24). São imagens muito gerais tais como espaços delimitados, caminho, contato, cima, baixo, frente, trás, centro, periferia, etc., os quais provêm a estrutura para o mapeamento de uma imagem mental para outra e a lógica interna que organiza o raciocínio espacial (LAKOFF; TURNER, 1989). A compreensão de qualquer cena é estruturada em termos de esquemas imagéticos. Em qualquer língua natural, existem elementos que servem para expressar as relações espaciais, como é o caso de algumas preposições no português brasileiro: “Estou <na> tua”, “Ela está <com> a razão”, “Ele ficou fora <de> si com a notícia”. Os esquemas imagéticos são projetados na estrutura de um grande número de metáforas, incluindo as do tipo orientacional. As metáforas orientacionais são aquelas em que um conceito metafórico organiza um sistema de conceitos em relação a um outro no plano espacial, por meio dos esquemas imagéticos. É o tipo de metáfora dos exemplos acima e das metáforas “levantar o moral”, “alto astral”, “sentir-se pra baixo” (LAKOFF; JOHNSON, 1980: 2003, p. 59-60).

Esquemas imagéticos são diferentes de metáforas imagéticas. Metáforas imagéticas são mapeamentos de imagens ricamente detalhados. A estrutura imagética inclui tanto a estrutura parte-todo, quanto os atributos, tais como cor, luminosidade, formato, curvatura. Ainda, se tratar-se de evento, a estrutura informa se é contínuo ou discreto, aberto ou fechado, repetitivo ou singular, breve ou longo e completo ou incompleto (LAKOFF; TURNER, 1989). Além disso, a metáfora imagética,

ao contrário das outras metáforas, não mapeia estrutura conceptual, o mapeamento é estritamente imagético – os domínios alvo e fonte são imagens mentais.

O detalhamento imagístico deste tipo de metáfora faz com que seu uso se restrinja a casos bastante específicos, ou seja, não são metáforas “produtivas”. Lakoff e Turner (1989) referem-se a elas como sendo do tipo “one shot”: elas projetam a estrutura imagética de uma entidade física concreta para outra entidade de mesma natureza. Além disso, elas não envolvem o mapeamento de estrutura inferencial como acontece no caso de metáforas conceptuais complexas como VIDA É VIAGEM, e também não são usadas da mesma forma, pois não organizam conceitualmente o raciocínio.

### 2.1.4 Metáfora e metonímia

No aspecto cognitivo e na expressão linguística, metáfora e metonímia costumeiramente trabalham juntas. Grady (1997) e C. Johnson (1997) imputam à metonímia um papel chave na construção das correlações entre as cenas que geram as metáforas primárias. Lakoff (1987), por sua vez, mostra que o processo de categorização depende intrinsecamente da metonímia. Para Ullmann (1987), a metáfora coloca em relação duas entidades por um critério de semelhança, enquanto que a metonímia opera relacionando conceitos por um critério de contiguidade entre eles. Na abordagem da linguística cognitiva, metáfora e metonímia têm em comum que ambas são conceptuais e são mapeamentos; podem ser convencionalizadas e usadas automaticamente, sem esforço e inconscientemente; e, em ambas, as expressões linguísticas que nomeiam elementos da fonte podem nomear os elementos do alvo, produzindo extensão semântica (LAKOFF; TURNER, 1989). Dancygier e Sweetser (2014) mostram que a metonímia é tão ou mais numerosa e produtiva no tocante à extensão semântica do que a metáfora.

Basicamente, a metonímia é a referência a uma entidade A num esquema (LAKOFF; TURNER, 1989) ou num frame (DANCYGIER; SWEETSER, 2014) por meio da referência a outra entidade B no mesmo esquema ou ao esquema como um todo (ou frame). Dizemos que a entidade A permanece no lugar da entidade/conjunto B. A metonímia é um processo de correlação em um mesmo domínio, enquanto que a metáfora é uma projeção entre domínios diferentes.

Dancygier e Sweetser (2014) dividem a metonímia em dois grandes grupos: a metonímia categorial em que uma subcategoria é usada no

lugar da categoria inteira ou vice-versa; metonímia de frame, em que um aspecto de um frame é usado para evocar o frame como um todo ou sua maior parte e vice-versa. A metonímias de parte-todo são encaixadas como metonímia de frame. A parte destacada pela metonímia é a parte mais relevante para a predicação. Por exemplo, conforme o contexto de predicação, do domínio “pessoa”, podemos destacar o aspecto da “inteligência” (Há muitas mentes capazes na universidade) ou o aspecto da “força física” (Quanto mais braços de trabalho, melhor).

A atuação de princípios cognitivos e comunicativos na produção dos conceitos mentais faz com que privilegiemos algumas relações em detrimento de outras. Por exemplo, em razão da nossa perspectiva antropocêntrica, destacamos o humano sobre o não humano, o concreto sobre o abstrato, o subjetivo sobre o objetivo; em razão do funcionamento seletivo da percepção preferimos o imediato sobre o não imediato; a ocorrência sobre a não ocorrência; uma Gestalt forte sobre uma Gestalt fraca, entre outros funcionamentos (RADDEN; KÖVECSES, 1999).

No exemplo abaixo, usado por Ferrari (2014), depreende-se do processo de projeção ao menos uma metonímia e uma metáfora: “O PM não deu ouvidos às reclamações do deputado”, em que “ouvido” permanece no lugar de “atenção” (projeção metonímica) e a atenção é tomada como uma entidade passível de ser transferida (projeção metafórica). Os experimentos de interpretação metafórica em grupo de Zanotto (2010) e Moura e Zanotto (2009) mostram que invariavelmente a interação entre a metáfora e a metonímia não gera leituras excludentes; com frequência, ambos os processos interagem na construção das leituras metafóricas.

## 2.2 A METÁFORA EM FUNCIONAMENTO

Nesta seção, aprofundamos nossa abordagem em relação a alguns aspectos da teoria cognitiva da metáfora que nos interessam especialmente à análise dos dados, quais sejam a noção de metáfora primária e a teoria da variação cultural da metáfora. O papel da teoria da correlação primária de Grady (1997) e Johnson (1997) é oferecer nesse trabalho o suporte teórico a uma mínima distinção entre o conceptual e o cultural, entre o universal e a variação, por meio do conceito de metáfora primária e das cenas primárias. O papel da teoria da variação metafórica de Kövecses (2005, 2010) é dar suporte para a identificação do funcionamento do aspecto cultural em todos os níveis de realização metafórica. Por fim, analisamos as relações entre metáfora e polissemia, com a finalidade de melhor compreender como a metáfora produz extensão semân-

tica, com base em Bowdle e Gentner (2005), Moura (2005, 2008) e Moura e Zanotto (2009).

### **2.2.1 Metáfora e universalidade: as metáforas primárias**

De acordo com Grady (1997); C. Johnson (1997), Lakoff e Johnson (1999) e Kövecses (2005, 2010), as metáforas primárias, por partirem de correlações muito básicas do domínio da experiência corporal, constituem o tipo de mapeamento potencialmente universal, ou seja, passível de ser compartilhado por todas as culturas linguísticas justamente em razão do nível mínimo de dependência em relação aos aspectos culturais do conhecimento. Do ponto de vista neuronal, metáforas primárias são conexões entre neurônios aprendidas por coativação entre as áreas dedicadas à experiência sensório-motora e à experiência subjetiva. Do ponto de vista conceptual, metáforas primárias são mapeamentos entre domínios, a partir de um domínio de origem ou fonte (sensório-motor) para um domínio de destino ou alvo (subjetividade e julgamento), preservando as inferências da origem (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.60).

Na teoria da correlação experiencial da metáfora elaborada por Grady (1997) e C. Johnson (1997) manifestam-se dois conceitos relacionados – as cenas primárias e as metáforas primárias. De acordo com Grady (1997), existem aspectos inerentes ou universais da experiência humana – tais como ter fome, erguer objetos e deglutir – e a conceptualização desse tipo de experiência é diferente daquela de fenômenos externos, como as interações com árvores ou cachorros, por exemplo, as quais embora amplamente presentes na experiência humana não fazem parte das cenas que produzem correlações cognitivas básicas. Uma cena primária é uma representação cognitiva de uma experiência recorrente que cria uma estreita correlação entre certos aspectos daquela experiência. A cena de engolir, dentro do ato de comer, é uma parte discreta da cena maior (comer) e a experimentação física se correlaciona fortemente com uma decisão de baixo nível cognitivo – a decisão de engolir: “uma vez que o ato de engolir e o ato de aceitar mentalmente estão tão estreitamente ligados em nossa experiência, este pareamento de subcenas constitui uma motivação plausível para a metáfora ACEITAR É ENGOLIR” (GRADY, 1997, p. 86).<sup>1</sup> Às vezes uma metáfora primária pode

---

<sup>1</sup> No original “Since the act of swallowing and the act of mentally accepting are so closely linked in our experience, this pairing of subscenes constitutes a plausible motivation for the metaphor ACCEPTING IS SWALLOWING.”

ter mais de uma cena primária envolvida no mapeamento, como no caso da metáfora DESEJAR É TER FOME, na qual Costa Lima (1999) identificou as cenas: ter fome é desejar; ter sede é desejar, ter apetite por comida é ter apetite por alguma coisa/alguém, o desconforto da fome é o desconforto do desejo.

A metáfora primária é corporificada de três maneiras: a) por meio da experiência corpórea no mundo, a qual emparelha a experiência sensorio-motora com a experiência subjetiva; b) a lógica do domínio-fonte que surge da estrutura inferencial do sistema sensorio-motor; c) no âmbito do sistema neuronal, a metáfora é instanciada nos pesos sinápticos associados com conexões neurais (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.73) Ela é, portanto, o resultado de pareamentos iniciais entre os dados experienciais e físicos e os julgamentos subjetivos. Por exemplo, a metáfora MAIS É PARA CIMA é resultado do julgamento básico que decorre de visualizar o aumento da altura da água em um recipiente, o qual corresponde ao aumento da quantidade, criando uma correlação entre volume e verticalidade. A metáfora ESTAR NO CONTROLE É ESTAR ACIMA está relacionada com o resultado do processo em que a experiência física da criança de ser menor do que o seu cuidador adulto se correlaciona com uma experiência subjetiva de ser menos poderosa e estar submetida ao adulto. No primeiro caso, a projeção ocorre entre domínios concretos; no segundo caso, entre um domínio-fonte mais concreto e um domínio-alvo mais abstrato.

Johnson (1997) constata evidências de que crianças pequenas inicialmente não organizam separadamente os conceitos envolvidos nas projeções primárias, constituindo domínios indissociáveis. No domínio do conceito “ver”, a separação entre o ato percepto-sensorial e o ato de conhecer são elaborados cognitivamente mais tarde, momento em que passa a ser possível para a criança usar a metáfora ENTENDER É VER em contextos que não dependam do ato físico da visão. A relação entre quantidade e altura é outra amostra da incisiva correlação que causa confusão em fases iniciais de desenvolvimento infantil: apenas gradualmente a criança aprende que são parâmetros independentes e que a quantidade de líquido não é alterada se o recipiente é estreito ou largo (DANCYGIER; SWEETSER, 2014).

Grady (1997, p.139) assim resume as características dos conceitos da fonte primária, tais como ter fome, agarrar, subir, estar perto, etc.:

- a) Como estão relacionados com a percepção e sensação corporal, os conceitos de fonte primária têm conteúdo imagético.
- b) O conteúdo imagético está em nível esquemático.

- c) São conceitos referentes a experiências simples (com poucas cenas).
- d) As experiências relacionam-se de maneira previsível a metas ou ações orientadas para a realização de metas.
- e) As experiências são auto-contidas o suficiente para serem componentes discretos e salientes de cenas orientadas à realização de metas, ou seja, cada conceito compõe uma experiência simples e ao mesmo tempo suficientemente completa.
- f) Devem se referir a elementos possivelmente universais da experiência humana.
- g) São relacionais, não incluem as coisas propriamente ditas.

Por sua vez, os domínios-alvo dos mapeamentos primários ou não têm conteúdo de imagem ou são menos vinculados ao conteúdo imagético em comparação aos conceitos-fonte e referem-se a unidades básicas ou parâmetros básicos da função cognitiva, em níveis aos quais há acesso consciente direto. Além disso, assim como os conceitos-fonte, eles são relacionados a metas e ações orientadas a metas, de modo que a conceptualização que emerge das metáforas primárias funciona auxiliando na realização da avaliação das experiências e na tomada de decisões que delas decorre a todo o momento (GRADY, 1997, p. 152).

A assimetria é um fenômeno que ocorre em parte dos mapeamentos metafóricos e é intrínseco à metáfora primária. As cenas primárias criam uma correlação assimétrica entre as experiências concretas e abstratas. Esse fenômeno é identificado em várias línguas que possuem vocabulário para “quantidade” a partir do domínio de “verticalidade/altura”, ou vocabulário para “tempo” a partir do domínio de “espaço”, mas não vice-versa. Metáforas não primárias relacionadas ao mapeamento de emoções também costumam ser assimétricas (DANCYGIER; SWEETSER, 2014, posição 954-958).<sup>2</sup>

As metáforas primárias têm motivação direta em domínios básicos da experiência humana, como responder à compulsão de coçar, os quais tem uma estrutura mínima e são pouco detalhadas. Essa economia estrutural permite que as projeções tenham uma certa flexibilidade para surgir em cenários diversificados e combinaram-se entre si, formando sistemas. Para Grady (1997), a reunião de metáforas primárias coerentes entre si resulta em metáforas compostas. Por exemplo, as primárias ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA e FUNCIONALIDADE/VIABILIDADE É VERTICALIDADE, através de um processo de

---

<sup>2</sup> Nas citações de livros eletrônicos, utilizaremos “posição” no lugar de “página”.

unificação resultam na metáfora composta ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA VERTICAL, que, por sua vez, organiza a metáfora TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS.

A maioria dos mapeamentos com papel fundamental na cognição humana mapeiam conceitos num nível relativamente genérico, tais como ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA e EVENTOS SÃO AÇÕES, em oposição a metáforas em nível básico como TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS e RELAÇÕES AMOROSAS SÃO VEÍCULOS, as quais, para o autor, são combinações das metáforas primárias e podem ser compreendidas como instanciações dessas metáforas (GRADY, 1997, p. 178). Entretanto, não se deve confundir a noção de Grady para nível genérico com aquela usada por Lakoff e Turner (1989), embora apresentem semelhanças. A diferença principal é que para esses autores as metáforas de nível genérico operam por *construção* e não por correspondências, como já vimos anteriormente. Já as metáforas primárias geralmente especificam as entidades, as propriedades e relações correspondentes, em nível mínimo. A função da co-ocorrência da cena primária é justamente criar uma correspondência entre os domínios, com a ressalva de que não se trata de correspondência entre objetos em nível básico. Ações e propriedades de nível básico – tais como comer/deitar/levantar e alto/macio/pesado, respectivamente – comumente situam-se na fonte de uma projeção primária.

O conceito de esquema imagético conforme M. Johnson (1987) e Lakoff e Turner (1989) também guarda semelhanças com a noção de cenas e metáforas primárias, especialmente no tocante aos conceitos da fonte – necessariamente uma imagem mental, que pode ser multimodal (auditiva, tátil, etc.), a qual tende a ser menos particular e mais geral, tal como “peso”: um conceito esquemático que contrasta com imagens particulares de coisas pesadas, como móveis, por exemplo. A principal diferença entre a cena de uma metáfora primária e a noção de esquema imagético é que aquela é mais localizada e mais concreta do que o esquema imagético, o qual tende a ser mais extensivo e mais abstrato. Um esquema imagético pode originar diversas metáforas primárias, mas ele não é uma cena primária em si.

### **2.2.2 Metáfora e variação cultural**

O aspecto cultural sempre recebeu atenção na tradição da teoria cognitiva da metáfora. Para Lakoff e Turner (1989), os modelos cognitivos que organizam os conceitos e as categorias são uma aquisição de dupla via, pois são tanto apreendidos pela experiência direta quanto por



meio da cultura. Aquilo que costumamos chamar de lugar comum ou senso comum são o tipo de conhecimento que geralmente embasa os modelos cognitivos de uma cultura.

Como vimos acima, os seres humanos compartilham os mesmos processos cognitivos, o que faz com que parte da experiência sensório-motora inicial se transforme em mapeamentos potencialmente universais. Entretanto, as realizações metafóricas mais parecem refletir variação do que universalidade. O nosso propósito nessa seção é demonstrar alguns aspectos da teoria da variação cultural da metáfora que explicitam a intervenção da cultura e de outros processos no funcionamento metafórico.

Se duas línguas podem ter a mesma metáfora conceptual e, ao mesmo tempo, a sua expressão linguística demonstra ser moldada por diferenças nos traços e nas premissas ideológico-culturais que caracterizam as diferentes culturas, para Kövecses (2005), isto sugere que:

[...] as metáforas (tanto conceituais quanto linguísticas) podem ser motivadas não apenas cognitivamente, mas também motivadas culturalmente. Em metáforas e na sua expressão linguística, o cognitivo e o cultural são fundidos em um único complexo conceptual. O que nós temos chamado metáforas conceptuais são tanto entidades culturais quanto entidades cognitivas (ou, mais exatamente, processos) (KÖVECSES, 2005, posição 1780-1786, tradução nossa)<sup>3</sup>.

De fato, sob a premissa do autor, a metáfora é, ao mesmo tempo, conceitual, linguística, neural-corporal e sociocultural. O funcionamento inter-relacionado da variação metafórica impõe um perfil de relações em que metáforas e corporificação, metáforas e experiências sociais, e metáforas e processos cognitivos sejam minimamente coerentes entre si. Algumas metáforas são coerentes com todas as três causas, outros com apenas uma ou duas causas. Não há metáfora que não seja coerente com pelo menos um tipo de causa.

---

3 No original: “This suggests that (both conceptual and linguistic) metaphors may be not only cognitively but also culturally motivated. In metaphors and their linguistic expression, the cognitive and the cultural are fused into a single conceptual complex. What we have been calling conceptual metaphors are just as much cultural as they are cognitive entities (or, more exactly, processes)”.

Ainda que a metáfora seja aberta às possibilidades criativas, o seu funcionamento segue as regras da estrutura que ela importa. Como o mecanismo de projeção preserva o conhecimento social e cultural do esquema, ele contribui para a cristalização de determinados aspectos socioculturais de um grupo linguístico. Em outras palavras, o sistema metafórico confere estabilidade cultural porque uma parte do que é cultural são compreensões metafóricas compartilhadas (KÖVECSSES, 2005). A relativa estabilidade da realidade física metaforicamente constituída é espelhada no grau de estabilidade da linguagem metafórica convencional.

Há uma cultura quando um grupo de pessoas que vivem em um determinado ambiente social, histórico e físico concebem de maneira mais ou menos unificada o sentido de suas experiências. Essas formas de organização, sejam pequenas ou grandes, são concebidas nesse escopo teórico como “modelos culturais” (KÖVECSSES, 2010).

A partir de processos fisiológicos possivelmente universais, por meio de ligações sistemáticas, organizadas principalmente por metonímia e metáfora, chega-se aos modelos culturais. No processo, os contextos culturais mais amplos preenchem os detalhes deixados em aberto no esquema estrutural básico. Assim, o surgimento de um modelo cultural contempla ao mesmo tempo: a base experiencial possivelmente universal da maioria dos conceitos abstratos; a conceptualização da base experiencial por meio de metonímias conceptuais e de metáforas conceptuais que frequentemente derivam dessas metonímias; e, o contexto cultural mais amplo. (KÖVECSSES, 2005, posição 2154-2170).

De modo geral, são dois os principais fatores que causam a variação metafórica: as experiências diferentes e as diferentes aplicações de processos cognitivos. Os componentes da metáfora mais envolvidos na variação são em primeiro lugar as expressões linguísticas metafóricas, depois os mapeamentos metafóricos e, por último, a base experiencial. Por sua vez, esses componentes estão relacionados a três sistemas inter-relacionados de conhecimento distintos que influenciam a variação metafórica: a corporificação, o processamento cognitivo e a experiência cultural (KÖVECSSES, 2005).

Ao mesmo tempo em que essa abordagem relativiza o peso da percepção física, ressalta a importância do componente linguístico na produtividade metafórica. Além disso, a própria corporificação não é tratada como um fenômeno único, já que pode se dar pela experiência puramente física (aumento da pressão sanguínea), pela experiência que é ao mesmo tempo cultural e física (relações afetivas na primeira infância em uma família) e pelas preferências cognitivas. Ou seja, a base corpó-

rea universal pode ser utilizada diferentemente em modo e extensão conforme o modelo cultural.

Em relação à distribuição da variação nos grupos linguístico-culturais, há dois tipos principais de variação da metáfora: a variação intercultural e a variação intracultural (KÖVECSSES, 2005), a primeira remete a influências culturais externas a uma comunidade linguística e a segunda diz respeito às variações internas.

A variação intercultural entre as metáforas de níveis específicos pode ser dos seguintes tipos: variação em que uma mesma cultura usa vários domínios-fonte para um único alvo, ou o contrário (metáforas alternativas); variação em que um conjunto de modelos culturais para um único domínio-alvo é o mesmo para duas línguas/culturas, mas uma língua/cultura mostra uma nítida preferência para uma das metáforas utilizadas (conceptualização preferencial; e, casos em que a metáfora é única de uma cultura, o que requer que tanto a fonte quanto o alvo sejam únicos de dada cultura. A variação das metáforas conceptuais do nível genérico para o nível específico também são um tipo de variação intercultural e gera as metáforas congruentes.

A variação intracultural da metáfora está relacionada com a complexidade da organização social de uma cultura: poder social, grupos étnicos, regiões geográficas, relações de trabalho, hábitos e convenções e as características individuais dos seres.

No nível genérico, as metáforas primárias e as metáforas baseadas em experiências humanas universais (emoções) são potencialmente universais e apresentam uma variação superficial. No nível específico, a potencial universalidade dá espaço às características culturalmente carregadas (KÖVECSSES, 2005, posição 770-783). Quanto mais complexa é uma metáfora, mais ela diz respeito a variações culturais, pois são nelas em que os falantes realmente engajam seu pensamento em contextos culturais reais. As metáforas congruentes dizem respeito à relação entre metáforas primárias em nível genérico com o “preenchimento cultural” do esquema, o que forma uma metáfora específica que é congruente com a metáfora genérica. A metáfora **UMA PESSOA COM RAIVA É UM CONTEINER PRESSURIZADO** não é primária, mas é potencialmente universal, porque é fortemente embasada na experiência fisiológica universal. Além disso, ela está em nível genérico: não informa o tipo de contêiner, o tipo de substância que preenche o contêiner, etc. O preenchimento do esquema acontece de maneiras diferentes conforme a cultura. Em japonês, por exemplo, a raiva se localiza no estômago e, em zulu, no coração; na língua chinesa, a raiva é um gás (KÖVECSSES, 2005, posição 783-800).

As variações ocasionadas por aspectos da corporificação são tratadas como diferenças de foco experiencial, ou seja, diferentes povos podem estar em sintonia com diferentes aspectos do seu corpo, ou podem ignorar ou minimizar certos aspectos do funcionamento corporal (KÖVECSSES, 2010). A concepção da relação tempo/espaço no sentido de conceber o passado/atrás e futuro/à frente, por exemplo, não é universal; existem grupos culturais que concebem o contrário. Algumas culturas não dispõem de conceitos como atrás/à frente, à direita/à esquerda e utilizam somente conceitos orientacionais desvinculados da posição do sujeito, como norte/ sul, leste/oeste.

Como vimos, os processos cognitivos são universais, porém a aplicação de tais processos à conceptualização não é universal, por isso não se pode predizer quais metáforas serão escolhidas para fazer parte do sistema metafórico de uma cultura. Por isso, é possível ter culturas que usem “ver” e outras que usem “ouvir” como conceito referente a “saber” ou “entender”.

Ao traçar um paralelo entre universalidade e variação cultural, Dancygier e Sweetser (2014) apontam para estudos em que a existência de metáforas primárias potencialmente universais se confirma para domínios centrais do pensamento, tais como: tempo, causação, eventos, moralidade, emoções, entre outros. Por outro lado, enquanto que a metáfora primária tem natureza mais esquemática ou genérica, os usos linguísticos corriqueiros da metáfora são sempre muito mais ricos em informações do que os mapeamentos esquemáticos primários. As autoras usam a noção de “cascata” para definir a relação de herança entre mapeamentos mais esquemáticos e mapeamentos mais específicos (DANCYGIER; SWEETSER, 2014, posição 1964-2028). Quanto mais mapeamentos herdados, mais informação e maior o peso do componente cultural. Por exemplo, uma expressão como “os preços dispararam” envolve mapeamentos mais elaborados do que MAIS É PARA CIMA, porém deriva da mesma metáfora primária. Além disso, as metáforas derivadas dos mapeamentos primários parecem ter origem cognitiva no próprio conceito primário e não mais a partir da correlação entre domínio da experiência e domínio mais abstrato, como é o caso de expressões como “jogar luz em uma discussão”, “argumentos claros”, “intenções transparentes”, que derivam da metáfora primária SABER É VER (DANCYGIER; SWEETSER, 2014, posição 1008-1014).

### **2.2.3 Metáfora e polissemia**

Nosso *corpus* é formado por dados de neologismos de extensão semântica, em razão do que a questão da polissemia necessariamente irá cruzar com o papel da metáfora na extensão do sentido de uma palavra. Segundo Dancygier e Sweetser (2014), a polissemia é essencialmente figurativa e qualquer léxico de uma língua tem um grande número de palavras polissêmicas relacionadas entre si por sentidos figurados. A metáfora e a metonímia são os tipos de linguagem figurada que mais motivam a extensão semântica das palavras. Lakoff (1987) demonstra que a polissemia tem origem na categorização e decorre de relações sistemáticas entre os diferentes modelos cognitivos e entre elementos de um mesmo modelo. De fato, a categorização, em grande parte, é metonímica. Por exemplo, a relação entre os esquemas imagéticos é uma das relações cognitivas que servem de base para a extensão de uma categoria, a partir de um caso central para um caso não central, gerando extensão semântica via metonímia (LAKOFF, 1986).

A extensão semântica por metonímia e metáfora é cognitivamente motivada, o que não é igual a dizer que é preditível, ou o contrário, que é arbitrária, porque a motivação está relacionada com as características gerais do sistema conceptual e não com as características locais da categoria (LAKOFF, 1986). Como visto, ao mesmo tempo em que um mapeamento metafórico está aberto às possibilidades criativas, não é possível impor-lhe um ponto de vista aleatoriamente porque o seu funcionamento segue as regras da estrutura que importa (LAKOFF; TURNER, 1989). Isso significa que ao menos parte do processo de significação recebe restrições a partir do funcionamento da projeção. Como aponta Sweetser (1990, p. 9-25), as palavras não adquirem novos sentidos aleatoriamente, pois são mudanças resultantes de mapeamentos que se repetem ao longo do tempo e são regidas pelo princípio da invariância, preservando aspectos da estrutura de origem. Essas mudanças semânticas geralmente ocorrem do sentido concreto para o abstrato. Por exemplo, “dar um chute” “dar uma ideia” “dar uma informação” correspondem a extensões metafóricas da forma “dar” cujo complemento de origem é concreto e envolve a transferência real de um objeto, tal como “dar um livro”.

Para Bowdle e Gentner (2005), as metáforas são consideradas uma fonte primária de polissemia, pois permitem que palavras com significados inicialmente específicos e singulares passem a ter significados adicionais. Para os autores, o processo metafórico que faz com que uma palavra com significado específico se transforme em uma palavra polissêmica é um processo de analogia.

Bowdle e Gentner (2005) exemplificam o mapeamento metafórico e o processo de polissemia a partir de uma metáfora, da seguinte maneira: inicialmente, surge um mapeamento em que as expressões linguísticas da fonte e do alvo referem-se a um conceito  $x$  e a um conceito  $y$  em domínios semânticos diferentes. A interpretação da metáfora ocorre pelo alinhamento das duas representações e pela importação do predicado do domínio-fonte em direção ao alvo. Esse movimento amplifica a capacidade de representação do domínio-alvo, o que é a tarefa básica da metáfora. Como resultado do mapeamento, a estrutura comum da fonte se tornará mais fortemente ativada e o predicado não alinhado (não coerente com o alvo) será suprimido (processamento metafórico comum).

Se, após o surgimento da metáfora, o conceito relacionado ao domínio-fonte estiver convergindo metaforicamente para novos alvos e produzindo a mesma interpretação básica do alinhamento original, a nova abstração se tornará convencionalmente associada com a base. Em um nível seguinte, "se a mesma abstração é repetidamente derivada ou ativada no contexto da base tal como é aplicada a outros conceitos-alvo, então a abstração se tornará lexicalizada como um sentido secundário do termo de base" (BOWDLE; GENTNER, 2005, p.206, tradução nossa)<sup>4</sup>. Nesse processo, um mapeamento tal como UMA OBSESSÃO É UM TUMOR, em razão de uma repetida ativação do mesmo sentido mais abstrato, poderia gerar, por exemplo, RANCOR É UM TUMOR e DÚVIDA É UM TUMOR, mantendo o sentido da projeção de origem. A repetida ativação da abstração nos novos domínios pode gerar a lexicalização; a palavra de origem passará a ter um sentido adicional, tornando-se polissêmica.

Entretanto, a simples existência de metáforas não garante a produção de extensão semântica no conceito de fonte. Para Bowdle e Gentner (2005), existem ao menos dois aspectos definitivos para a polissemia metafórica. O primeiro deles é que o alinhamento do alvo e do conceito da fonte deve permitir a criação de uma categoria coerente, quanto mais sistemático um mapeamento, mais apta a projeção estará para gerar abstrações estáveis. Uma metáfora como "O sol é uma tangerina" projeta os dois atributos comuns dos domínios: ambos podem ser considerados redondos e alaranjados. Porém, essas características não estão em relação sistemática em categorias, pois não há uma classe que reúna

---

4 No original: "If the same abstraction is repeatedly derived or activated in the context of the base as it is applied to other target concepts, then the abstraction will become lexicalized as a secondary sense of the base term".

coisas que são ao mesmo tempo redondas e alaranjadas. A extensão lexical de “tangerina” para o sentido de “sol” por meio do sentido que foi ativado não parece ser provável. O segundo aspecto trata da relação entre o novo sentido e os demais conceitos da língua, quanto mais um uso potencialmente inovador estiver em relação de sinonímia com outro já bem estabelecido na língua, mais difícil será para o uso novo tornar-se convencional.

Um dos resultados mais pertinentes do funcionamento da metáfora na extensão do sentido são as metáforas gramaticais, que é como podemos chamar as metáforas relacionadas ao fenômeno da gramaticalização, o processo pelo qual um item lexical gradualmente passa a ser um item gramatical (BYBEE, 2010). Sob o ponto de vista da gramaticalização, a metáfora e a metonímia fazem parte do processo de surgimento das categorias linguísticas, visto que a mudança parte do processo cognitivo para a realização linguística, afetando gradualmente a estrutura da língua ao ocorrer uma transferência do plano semântico para o plano gramatical. Podemos exemplificar a tarefa da metáfora no processo de gramaticalização a partir do desenvolvimento do verbo de língua inglesa “to go” como marcador de futuro e de intenção. Seu sentido original é o de verbo de movimento. Ocorre o mapeamento do esquema, transferindo-se o significado do domínio espacial para o domínio temporal. Como o conceito concreto de movimento é menos abstrato do que o conceito de tempo (futuro), a metáfora ganha vantagem na aceitação. Segundo Sweetser (1988), ao mesmo tempo em que o mapeamento do esquema provoca mudanças em diversos níveis do conceito – como é o caso do agente, o qual no sentido de movimento é mais humano e no sentido de tempo é menos humano – certas características são mantidas, como, no caso, o esquema imagético de origem (movimento) é preservado no sentido gramatical (futuridade).

Moura e Zanotto (2009) apontam para a relação entre metáfora e polissemia pelo viés da indeterminação. A partir de uma abordagem que busca compreender a metáfora em seus aspectos conceituais, linguísticos e contextuais, tomam o mapeamento metafórico como um processo interpretativo. Ao focar no trabalho operado pelo signo na realização linguística de uma estrutura cognitiva metafórica, a interpretação desponta como fator essencial à construção do sentido, e a metáfora é vista como um caso de indeterminação, ou seja, em que mais de uma interpretação são atribuídas à forma linguística. Para os autores, a metáfora possui um tipo de indeterminação linguística que estaria correlacionado à indeterminação do sentido literal da palavra, denominado *hipótese da correlação da indeterminação*: “A metáfora herda a indeterminação

especificamente do sentido literal do domínio-fonte, cuja estrutura semântica possibilita explicar as múltiplas leituras” (MOURA; ZANOTTO, 2009, p.11). Os autores mostram que as paráfrases produzidas têm correlação com os sentidos literais do domínio-fonte e apresentam relações entre si: a leitura realizada pode preferir um ou outro sentido na representação do conteúdo cognitivo e, assim, não existe uma paráfrase mais relevante do que a outra. Além disso, a interpretação faz emergir paráfrases metafóricas, o que demonstra que o leitor continua pensando metaforicamente, por encadeamentos inferenciais metafóricos e metonímicos.

Conforme Bowdle e Gentner (2005), a polissemia causada pela metáfora está diretamente relacionada à extensão semântica das expressões linguísticas que veiculam os conceitos do domínio-fonte. Para Moura (2008), polissemia e estrutura linguística estão relacionadas na medida em que a analogia criada entre a fonte e o alvo de uma metáfora impõe uma identidade de relações semânticas em um sistema de palavras, chamado de paradigma lexical, que existe independentemente das metáforas em que as palavras incidem. Por exemplo, sobre o alvo “genoma” podemos ter a incidência metafórica do seguinte conjunto lexical: “código”; “livro”; “texto”; “alfabeto”; “sistema de signos” (MOURA, 2008, p.191). Segundo o autor, a escolha da forma gramatical e das palavras dá vida à estrutura conceptual da metáfora, pois essa, isolada, não produz sentido: é preciso que a linguagem a traduza, por meio de recursos linguísticos como classes de palavras, estrutura gramatical e léxico. “O pensamento associa conceitos que se conectam metaforicamente, mas essa conexão só é possível porque a linguagem fornece ao pensamento um meio expressivo apropriado” (MOURA, 2008, p. 185).

### 2.3 NEOLOGISMOS: ASPECTOS GERAIS

Em razão de o *corpus* desta pesquisa ser formado por entradas de um banco de dados de neologismos, esta seção pretende apresentar algumas noções do âmbito das ciências do léxico no tocante à neologia, especialmente a neologia semântica, com base em Otaola Olano (2004), Correia (2012), Alves (2007), Pilla (2002) e Capuz (2005), a fim de permitir uma leitura adequada das unidades lexicais que constituem o grupo de dados sob análise.

As ciências do léxico integram disciplinas inter-relacionadas: a lexicografia analisa técnicas e práticas de composição, organização e definição dos elementos do dicionário; a lexicologia estuda o conjunto de unidades lexicais de uma língua; a etimologia estuda a origem das



palavras de uma língua. Como subdisciplinas da lexicologia, podemos citar a terminologia, que é estudo dos termos próprios de um campo científico e/ou técnico; a fraseologia, que é o estudo das combinações de palavras de sintaxe total ou parcialmente fixa; a onomástica, que estuda a origem dos nomes próprios; a antroponímia, que estuda os nomes próprios de pessoas; a toponímia, que estuda os nomes próprios de lugar (OTAOLA OLANO, 2004). Tais campos se conformam na teoria linguística, de modo que as mudanças e evoluções dessa se refletem nas ciências do léxico. Sobre as competências das ciências do léxico, Otaola Olano (2004, p.2) afirma que as palavras:

Refletem a evolução da sociedade ao longo da história, assim como a incidência da história das ideias, das mentalidades, das culturas, dos descobrimentos, etc., no léxico. Portanto, o léxico tem como componente o aspecto conceptual ou ideológico, outro emotivo e psicológico, outro social, outro linguístico, outro estilístico, etc.<sup>5</sup>

Vemos que para compreender a lexicologia, portanto, é preciso encontrar definição para o que seja o léxico. Sob o enfoque teórico que adotamos, estabelecemos que a relação não é entre palavra e o mundo diretamente, mas entre categorias cognitivas construídas ao longo da experiência e as representações linguísticas de que a língua vai dispor para expressar tais categorias. Portanto, o léxico constitui um inventário que é tanto cognitivo, quanto linguístico e social (ANTUNES, 2012). Ele funciona como uma memória dinâmica representativa das matrizes cognitivas construídas, ao mesmo tempo aberto e sistemático, em que o conteúdo é cognitivo. Podemos fazer uma separação entre o léxico interno – que se refere ao conjunto de conhecimentos do falante a respeito da estrutura, significado, composição e formação das unidades lexicais de sua língua (e que varia em natureza conforme a abordagem teórica adotada) – e o léxico externo, o qual, de acordo com Batista (2011), corresponde ao conjunto virtual de palavras disponível para uso e dicionarização dentro de uma língua.

---

<sup>5</sup> No original: “reflejan la evolución de la sociedad a lo largo de la historia así como la incidencia de la historia de las ideas, de las mentalidades, de las culturas, de los descubrimientos, etc., en el léxico. Por tanto, el léxico tiene un componente o aspecto conceptual o ideológico, otro emotivo y psicológico, otro social, otro linguístico, otro estilístico, etc.”

O léxico de uma língua, para Antunes (2012, p.27), “*pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição do falante para atender às suas necessidades de comunicação*”. Ele é composto por unidades lexicais e por unidades infralexicais. Essas unidades podem ser de significado lexical/referencial ou de significado gramatical/relacional/instrucional (CORREIA, 2012). As unidades infralexicais são as raízes e os afixos: respectivamente, unidades não autônomas de significado lexical e unidades de significado gramatical/instrucional. As unidades lexicais de significado lexical/referencial são os substantivos, os adjetivos e os verbos. As unidades lexicais de significado gramatical/relacional/instrucional são os artigos, as preposições e as conjunções. Os advérbios podem ser lexicais ou gramaticais. As unidades de significado lexical formam a classe aberta de uma língua, em que tipicamente ocorrem os neologismos. As unidades de significado gramatical formam a classe finita de uma língua, em que a inovação não é recorrente, porque mudanças nessa classe implicam alterações estruturais em uma língua (CORREIA, 2012, p.13). A depender do enfoque teórico adotado, as unidades lexicais podem ser palavras isoladas, compostos sintáticos, locuções e expressões idiomáticas.

### **2.3.1 O neologismo**

O processo de criação lexical denomina-se neologia e o elemento resultante é o neologismo (ALVES, 2007). As mudanças pelas quais uma língua natural passa no decorrer de sua existência estão relacionadas à capacidade de renovação lexical, que acontece por meio da criação e da incorporação de neologismos (CORREIA, 2012). A entrada no sistema linguístico oficializada pelo registro em dicionário da língua é o momento em que a unidade lexical deixa de ser um neologismo. Os neologismos que se estabelecem como item de vocabulário de um dado registro são aqueles ultrapassaram a necessidade de comunicação pontual originária e atuam como reflexo da evolução linguística de uma língua.

As unidades lexicais formam o léxico de uma língua e os vocábulos formam o vocabulário de uma língua. O léxico compreende o conjunto virtual de todas as palavras da língua (as atestadas, as neológicas e as em desuso). O vocabulário é um conjunto fechado de palavras que foram atestadas e dadas como componentes de uma língua ou de determinado registro linguístico (vocabulário da medicina, vocabulário da literatura, vocabulário de um dado autor, etc.). Nesse sentido, o dicioná-

rio geral de uma língua é, portanto, a institucionalização do vocabulário dessa língua (CORREIA, 2012).

De acordo com Pilla (2002), a produtividade de um sistema linguístico pode ser afetada por fatores extralinguísticos e linguísticos. Os primeiros dizem respeito ao desenvolvimento do conhecimento humano e constituem a necessidade onomasiológica, ou seja, a necessidade de nomear coisas existentes, pela qual o processo de nomeação opera no sentido substância-forma. Os itens do mundo referencial que se concretizam através de palavras são engendrados pela própria cultura e influenciados por outros sistemas culturais. Nesse último caso, a criação lexical não se processa no sentido substância-forma (onomasiológico) mas no sentido forma-substância (semasiológico) e poderá entrar na língua pela via da tradução. Mas essa separação não é estanque e nem sempre é fácil precisar se a fonte original de criação de uma palavra é intra ou interlingual (PILLA, 2002, p.81).

Os fatores puramente linguísticos que afetam as novas criações lexicais dizem respeito às liberdades e restrições fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas, oportunizadas ou impostas pela língua como sistema. Também nesse nível pode ocorrer a influência de um outro sistema linguístico, como, por exemplo, nas vezes em que os morfemas de base e os afixos pertencem ao vernáculo, mas o modelo de formação é importado: construções do tipo de “tele-entrega” ou “video-locadora” (determinante-determinado). Outras vezes, o material lexical da base é estrangeiro e os afixos são vernáculos (esqueitista, ranquiado, lobista). E, em outras, ainda, a base já está dotada de um afixo estrangeiro e é acrescida de um nacional, como em *brasilianista* (de *Brazilian*) e não *\*brasilista* (PILLA, 2002, p.81-82).

No tocante aos mecanismos de produção de novas unidades lexicais, segundo Correia (2012) são três os mais preponderantes: a construção de palavras via regramento da própria língua (neologismo formal); a atribuição de novos significados a palavras já existentes (neologismo semântico); e a importação de palavras de outras línguas (CORREIA, 2012, p.33). No primeiro caso, certos elementos preexistentes (unidades lexicais e infralexicaux) juntam-se a elementos do conjunto de regras interiorizadas e partilhadas pelos falantes (a gramática de uma língua) e surgem, então, novos itens, motivados, de estrutura normalmente transparente, com estrutura morfológica perceptível e cujo significado é coerente com essa estrutura. Concepções neológicas de tal tipo também ocorrem sobre radicais existentes e até mesmo estruturas pré-construídas (palavras flexionadas, sintagmas, unidades discursivas) que, via regramento da língua, transformam-se em substantivos, adjetivos, advérbios,

etc. Esses são exemplos de produtividade lexical, ou seja, a capacidade de próprio sistema linguístico de criar palavras por processos interiorizados, geralmente, para o falante, de modo inconsciente e, para o sistema linguístico, sistemático.

Alves (2007, p.3-7) demonstra que os mecanismos mais preponderantes de renovação lexical da língua portuguesa são os processos de derivação e de composição herdados do latim. No decorrer da história da língua portuguesa brasileira, a incorporação de unidades léxicas de outros sistemas linguísticos trouxe empréstimos linguísticos e culturais decorrentes da influência celta, fenícia, basca, árabe, africana, tupi, francesa, espanhola e italiana) A influência francesa na língua foi muito marcante entre o século XVIII até a primeira metade do século XX, depois do que a língua inglesa passou a ser aquela com maior influência na renovação lexical, por meio de itens particularmente abundantes nos domínios técnico e científico.

A ciência lexicológica tem à disposição uma serie de critérios que buscam definir o que é ou não um neologismo em uma língua. Eles são o critério psicológico, o critério lexicográfico e o critério de instabilidade formal (CORREIA, 2012). A definição de neologismo por meio do critério psicológico define como neologismo a unidade lexical que é percebida como “novidade”. Porém, por depender de uma noção subjetiva, essa teoria é de difícil aplicabilidade. O critério lexicográfico considera como neológica uma unidade não registrada no dicionário ou no conjunto de dicionários de uma língua, pois presume que os dicionários sejam representativos do estado do léxico da língua. O critério de instabilidade formal é quando a unidade apresenta sinais de instabilidade de natureza morfológica, fonética ou ortográfica. Conforme Correia (2012), o vocábulo *deadline*, por exemplo, não obstante registrado em gênero masculino no dicionário, é comumente marcado em gênero feminino. Os critérios de instabilidade formal e lexicográfico são os mais apropriados para a detecção de neologismos, porém o critério psicológico é relevante, desde que combinado com os demais critérios.

Os neologismos diferem quanto ao tipo de novidade que apresentam, classificada em formal e/ou semântica. A novidade formal é quando a forma significante é nova, ou seja, o neologismo apresenta uma forma não atestada no estágio anterior do registro de língua. A novidade semântica é quando o neologismo corresponde a uma nova associação significado-significante, ou seja, uma palavra já existente adquire nova acepção (CORREIA, 2012).

Os neologismos ainda podem diferir quanto ao tipo de necessidade comunicativa que lhe deu origem: a neologia denominativa, que no-

meia “novas realidades”, novos objetos e conceitos; e a neologia estilística, que nomeia de modo diferente realidades já existentes, com vistas à uma “maior expressividade do discurso” (CORREIA, 2012, p.18). Na linguagem técnica, por exemplo, os neologismos denominativos são os mais numerosos. Já títulos de matérias e reportagens de mídia geralmente apresentam mais neologismos estilísticos. Os neologismos estilísticos são criações conscientes e motivadas que aparecem no nível do discurso e são geralmente efêmeros, raramente entram no sistema da língua. Os neologismos denominativos costumam ser mais estáveis e duradouros, e têm mais chance de entrar no sistema linguístico.

Alves (2007) classifica as inovações lexicais a partir de processos fonológicos, sintáticos e semânticos, conversão e empréstimo, dentre outros menos relevantes. O neologismo fonológico abarca principalmente a onomatopeia. Os mecanismos sintáticos são os mais produtivos e operam por várias formas de derivação e de composição. A conversão trata de alterações contextuais na distribuição sintática de uma palavra, geralmente um adjetivo usado no lugar de um substantivo. O empréstimo se diferencia pelos tipos de adaptação do item estrangeiro. As unidades lexicais estrangeiras não modificadas pela língua são denominadas estrangeirismos (ALVES, 2007) ou empréstimos integrais (CAPUZ, 2005). O estrangeirismo pode ser adaptado à língua que o recebe, por exemplo, “futebol”, de “football”. A integração do neologismo estrangeiro à língua é chamada empréstimo, que é a fase propriamente neológica do item, por meio de adaptação gráfica, morfológica e semântica e do uso dos mecanismos sintáticos da língua receptora. O decalque é um outro tipo de integração do neologismo estrangeiro em que a unidade é completamente traduzida por alguma outra unidade disponível na língua, como o sintagma “alta tecnologia”, que vem de “high technology”. Os decalques implicam uma ideia de tradução e substituição de morfemas (CAPUZ, 2005). O mecanismo do decalque é reproduzir na língua receptora mediante unidades já existentes na língua um elemento que tenha a mesma estrutura e a mesma motivação semântica do modelo estrangeiro. Por exemplo, a expressão inglesa “sky-scraper” transforma-se em “arranha-céu”, na língua portuguesa.

Os neologismos semânticos não apresentam nenhuma mudança formal nas unidades léxicas existentes, são transformações operadas sobre o conjunto dos semas de uma unidade lexical. Há também neologismos que combinam inovação semântica com inovação lexical, quando ocorre a criação de uma nova formação sintagmática (ALVES, 2007, p. 62-64): em “surfista ferroviário”, o determinante “ferroviário” imprime a surfista – o praticante de um tipo de esporte aquático – o sema

“praticante de um esporte sobre ferrovia”, De acordo com Alves (2007, p.64), “em toda criação sintagmática, portanto, está também implícita uma criação semântica”. Na subseção a seguir, veremos um tipo de neologismo semântico que tem origem estrangeira.

### **2.3.2 Emprestando cultura: o decalque semântico**

Assim como a variação cultural da metáfora ocorre nos níveis intracultural e intercultural, também os neologismos semânticos refletem a variação interna de uma língua – extensões de sentido, transferências de um vocabulário específico para outro, generalizações, gírias, etc. – e a variação entre duas línguas. O decalque semântico ou empréstimo semântico é um tipo de empréstimo que produz um neologismo semântico a partir da transferência de um sema estrangeiro, de caráter figurado, que passa a compor nova acepção em uma unidade lexical já existente na língua que o recebe (CAPUZ, 2005). Como um caso de neologia semântica, o decalque semântico altera as funções e o significado de uma palavra já existente na língua. Os decalques semânticos refletem o movimento de troca entre culturas linguísticas diferentes e requer a existência de uma semelhança conceptual prévia entre os significados básicos ou literais das palavras em relação (CAPUZ, 2005, p.43). Um dos significados adicionais da unidade lexical estrangeira – geralmente a acepção figurada – passa ao seu equivalente conceptual na língua receptora. Segundo Capuz (2005, p.51), pode-se considerar esse tipo de neologismo como “metáforas emprestadas”. Por exemplo, a palavra latina “casus” e a palavra grega “ptosis” tinham o valor de “caído”. Por influência do sentido extra de “ptosis” significando “caso gramatical”, a palavra latina “casus” recebeu o significado de “caso gramatical”. Os exemplos mais recentes provêm, em boa parte, da língua inglesa, que, como vimos, é principalmente da onde as culturas ocidentais recebem nomenclaturas para novas ferramentas e novos conhecimentos. Por exemplo: do inglês, “mouse”, no sentido de (1) pequeno roedor e (2) peça de informática, adicionou-se, no espanhol, a “ratón”, que tinha o sentido de (1) pequeno roedor, o sentido correspondente a (2) “peça de informática”. São vários os exemplos dessa natureza no vocabulário da informática, como “arquivo”, “janela”, “ferramentas”, “baixar”.

Dado que a única novidade é a nova acepção, é preciso identificar se a procedência do novo sentido é via modelo estrangeiro ou se é caso de polissemia interna, o que não é tarefa fácil. A estratégia para a compreensão do mecanismo é a análise da “distância semântica” (CAPUZ, 2005, p.44) entre o significado tradicional e o novo. Em outras palavras,

é preciso verificar se a mudança de sentido é gradual e lógica ou se é extrema e incompatível. Sob a ótica da semântica cognitiva, vemos que a natureza de tais transações precisa ser analisada dentro de uma perspectiva de modelos cognitivos idealizados ou de frames. No caso do verbo “ignorar”, que recebeu de seu correlato inglês “to ignore” o sentido de “não fazer caso”, adicionado ao sentido básico de “não saber”, a identificação do modelo conceptual de cada língua pode revelar áreas em comum que permitem a transferência do sentido.

O empréstimo semântico é bastante comum em áreas de bilinguismo e quando há grande interferência linguística por questões comerciais e/ou culturais entre povos de línguas diferentes. Atualmente a força política, econômica e cultural dos Estados Unidos sobre os outros países constitui um fator de influência linguística que faz com que o empréstimo semântico seja algo bastante comum, como no caso, por exemplo, da influência das traduções e/ou as dublagens do material cultural americano, que chega a outras línguas em grande quantidade e de maneira muito veloz:

[...] através dos anglicismos semânticos a cultura norte-americana nos transmite valores, nuances e atitudes da vida capitalista e urbana moderna representada pelo “modo de vida americano” (CA-PUZ, 2005, p. 45, tradução nossa).<sup>6</sup>

No caso de línguas aparentadas, o candidato a empréstimo semântico pode apresentar semelhança formal e semântica, e nas línguas não aparentadas, a semelhança pode ser apenas entre os sentidos literais do sema. A palavra “peça”, por exemplo, é semelhante entre as línguas românicas como espanhol (pieza), francês (piece) e português (peça) e elas possuem um significado literal em comum, no sentido de “parte que compõe um artefato”. Com a influência da França nas artes no século XIX e no início do século XX, essa palavra recebeu nessas línguas uma segunda acepção, originada na França, para peça como “obra literária ou musical”. Cabe ressaltar que o empréstimo semântico de palavras com semelhança formal e diferenças semânticas pode criar “falsos amigos” ou “falsos cognatos” (DURÃO et al, 2014, p.19-20).

---

6 No original: “[...] a través de los anglicismos semânticos la cultura norteamericana nos transmite los valores, matices y actitudes de la vida capitalista y urbana moderna representada por el “modo de vida americano”.

Muitas vezes a chamada “distância semântica” entre o conceito recebido do modelo estrangeiro e aquele original da língua é pequena a ponto de parecer um caso de evolução interna, tanto que alguns autores chamam esses casos de “polissemia por empréstimo” (CAPUZ, 2005, p.49), porque o resultado é precisamente uma polissemia induzida pelo modelo estrangeiro. São exemplos o conceito de “heróis e vilões” como correlatos antagônicos por conta da influência da televisão norte-americana; “vegetais” no sentido de “verduras e legumes” (para além do sentido básico de seres vivos não animados). E, por outro lado, também há casos em que a grande “distância semântica” verificada entre o conceito emprestado do modelo estrangeiro e o conceito de origem da língua receptora podem ser incompatíveis. Por exemplo, dos empréstimos semânticos originados de anglicismos, o conceito de “América” no sentido de “continente americano” rivaliza com o conceito de “América” no sentido de “Estados Unidos”; o conceito de “inteligência” no sentido de “capacidade de aprender” opõe-se a “inteligência” significando “serviço de espionagem”; o adjetivo “agressivo” como “violento” não se funde com o sentido de “agressivo” como “empreendedor”. Vemos que, da mesma forma que os outros neologismos, os empréstimos semânticos podem passar por transformações, organizando-se em famílias e espalhando o saber novo para outras classes de palavras, como no exemplo de “América” como referência aos Estados Unidos: “americanizar-se” e “americanização” são conceitos relacionados ao modo de vida norte-americano.

### 2.3.3 Banco de dados de neologismos

A presente pesquisa utilizou um banco de dados que capta, organiza e classifica unidades lexicais consideradas neológicas. Em razão disso, apresentamos os aspectos principais do funcionamento de tal tipo de base.

O exame da produtividade neológica de uma dada língua pode levar em consideração as unidades denominativas lexicalizadas e compará-las ao longo da história da língua, estabelecendo um estudo diacrônico; ou pode pesquisar a produtividade de um sistema limitando-se ao estoque de palavras formadas em um determinado período, formando um estudo sincrônico (PILLA, 2002).

Além da delimitação do escopo teórico sobre o modelo de análise das unidades lexicais, a metodologia de um trabalho com neologismo passa pelas etapas da definição do *corpus* de extração e do *corpus* de exclusão. Em relação ao *corpus* de extração, é comum que seja formado



por dados dos meios de comunicação social, o que acontece tanto por uma questão de praticidade e disponibilidade de dados, quanto em razão da diversidade de temas, mais precisamente pela característica de que os meios buscam falar do que é novidade (ALVES, 2007). Presume-se, então, que sejam campo fértil para encontrar unidades neológicas. De acordo com Correia (2012), a extração pode ser manual ou semiautomática por meio de softwares, porém esses ainda não são capazes de recolher neologia semântica, apenas neologia formal. Já o *corpus* de exclusão forma um conjunto de entradas contra as quais os dados recolhidos serão confrontados para verificar se são realmente neológicos. Geralmente ele é constituído por um conjunto de dicionários gerais que sejam recentes e que sejam considerados representativos do estado atual do léxico de dada língua (CORREIA, 2012, p.27).

Antunes (2012) mostra que para cada unidade deve-se verificar se a sua forma está registrada, se a categoria morfossintática é a mesma que se encontra registrada no dicionário geral, se o significado detectado corresponde ao registrado lexicograficamente, se as combinatórias da palavra correspondem às registradas, enfim, importa verificar os diferentes aspectos da unidade lexical que podem constituir novidade. Usualmente, as informações contidas em um dicionário são sobre a origem etimológica da palavra e sobre a sua pronúncia; classe e gênero gramatical a que pertence a palavra em foco; indicação de como a palavra daria conta de seu número gramatical e, no caso de verbos, sobre as suas opções de transitividade; definições do objeto; informações sobre os vários significados da palavra, inclusive aqueles decorrentes da mudança no padrão da regência verbal, além daqueles outros significados mais típico, de uma região ou de um domínio social particular; informações sobre o seu sinônimos, antônimos e parônimos; exemplos de uso da palavra na composição de expressões fraseológicas; registro de possibilidade de grafias diferentes; registro da abonação em decorrência da palavra em seus diferentes sentidos (ANTUNES, 2012, p. 139-140). Neste trabalho, o papel do dicionário será o de fornecer a definição literal para o sentido neológico emergente no *corpus*, a partir do que será verificada a existência ou não de metáfora, conforme será explicado na seção seguinte.



### 3 METODOLOGIA

Analizamos unidades lexicais neológicas da língua portuguesa brasileira em *corpus* formado a partir de dados do Projeto BaseNeo, que é uma das linhas de atuação do Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo, denominado Projeto TermNeo, o qual tem a finalidade de coletar, analisar e difundir aspectos da neologia geral e da neologia científica e técnica do português contemporâneo do Brasil<sup>7</sup>. O projeto é liderado pela professora doutora Ieda Alves, na Universidade de São Paulo, e desde 1993 são coletados neologismos de caráter vernáculo e de caráter estrangeiro dos jornais Folha de São Paulo e O Globo e das revistas IstoÉ e Veja. O *corpus* de exclusão para a determinação do caráter neológico das unidades é formado por edições do Dicionário Houaiss e do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (a última versão do dicionário somente é utilizada no ano seguinte relativo ao aparecimento da nova edição).

Na fase inicial da nossa pesquisa, empreitamos a formação do *corpus* a partir entradas recentemente alçadas a vocábulo pelas instituições que elaboram dicionários de língua portuguesa no Brasil, como Houaiss, Aurélio, Caldas Aulete, Michaelis e pela Academia Brasileira de Letras. Porém, as editoras das instituições oficiadas não responderam satisfatoriamente à nossa solicitação.

Em consulta ao projeto BaseNeo firmou-se o encaminhamento de um conjunto de 800 (oitocentas) entradas neológicas captadas entre janeiro de 2013 e junho 2014 no jornal Folha de São Paulo. Esse conjunto é constituído somente por neologismos formais (sem extensão semântica), visto que a extração utiliza um modelo de método automático que impossibilita a recolha de novos usos de palavras já indexadas. Uma análise prévia das entradas mostrou que o conjunto renderia um nível muito baixo de metáforas, inviabilizando o uso de acordo com a finalidade da pesquisa, não obstante tais dados possam constituir *corpus* para uma análise posterior, com vistas à comparação do funcionamento metafórico de neologismos semânticos com unidades neológicas formais.

O projeto BaseNeo informou a possibilidade de colocar à disposição um conjunto de dados constituído somente por entradas de extensão semântica captadas entre 1993 e 2000, pois a partir de 2001 a auto-

---

7 As informações referentes ao BaseNeo foram extraídas da página eletrônica [http://www.fflch.usp.br/dlcvc/neo/consulta\\_baseneo.php](http://www.fflch.usp.br/dlcvc/neo/consulta_baseneo.php) e de correspondências eletrônicas entre a pesquisadora e a coordenadora do referido projeto.

matização do banco de dados impediu a continuidade da recolha de neologismos semânticos. Confrontados os objetivos de pesquisa com a natureza dos dados disponíveis, verificamos que a análise seria suficientemente suportada e definimos, então, que o *corpus* seria composto por essas unidades.

O uso que fizemos dos dados que conseguimos reunir foi o seguinte: a) a lista integral de neologismos semânticos enviada pelo projeto BaseNeo constituiu o *corpus*; b) alguns dos vocábulos enviados pelas editoras<sup>8</sup> e alguns itens da lista de neologismos formais serviram às análises descritivas para ilustrar algumas das propostas ora elaboradas.

Assim, o *corpus* é formado por 319 unidades de neologismos semânticos, as quais foram captadas pelo BaseNeo entre 1993 e 2000 em textos dos jornais Folha de São Paulo e O Globo e das revistas Istoé e Veja. São consideradas válidas as unidades lexicais simples, compostas, complexas ou locuções. Uma parte dos neologismos do *corpus* atualmente consta em dicionários atuais, mas, segundo o critério do projeto, é neológico relativamente ao ano de emprego. Logo, se uma palavra é usada em 1994 e até esse ano não constava em nenhum dicionário de língua, o BaseNeo considera neologismo. Por essa razão, também, o material não traz consigo definições institucionalizadas para as entradas.

Do conjunto encaminhado pelo BaseNeo, cada unidade lexical é composta das seguintes partes: (i) a entrada identificada como neologismo, marcada entre os caracteres “< >”; (ii) data de detecção e o veículo de ocorrência; e, (iii) parte do trecho linguístico de ocorrência.<sup>9</sup>

As fases posteriores foram: (a) definição e aplicação de critérios de validade ou invalidade das ocorrências; (b) definição e aplicação de critérios para identificar as ocorrências metafóricas; (c) definição e aplicação da tipologia de classificação das metáforas. As etapas serão detalhadas a seguir.

A metodologia é do tipo *bottom-up*, em que o analista parte da metáfora linguística e não da metáfora conceptual (CAMERON, 2003).

8 Algumas editoras enviaram amostras de vocábulos incluídos nas últimas edições do dicionário (ex. “faxina ética” e “ficha limpa” fazem parte de uma lista de 30 vocábulos enviada pela editora do dicionário Caldas Aulete para exemplificar os neologismos recentemente incluídos naquele compêndio. Utilizamos esses dois vocábulos na análise de metáfora relacionada à ocorrência “lavar”).

9 Exemplo de entrada: “Os ministérios da Fazenda e da Justiça querem a agência sob sua responsabilidade, pois ela terá mais poderes que órgãos atuais. A <queda-de-braço> será definida pelo presidente FHC. FSP, 20-ago-00”.

O estudo é abrangente, no sentido dado por Berber Sardinha (2009), com o objetivo de detectar todas as metáforas do *corpus*. A detecção foi manual, por meio da leitura completa dos dados, e foram retiradas as unidades que se apresentaram como candidatas à metáfora. O levantamento foi realizado com base no conhecimento prévio do pesquisador e também com o auxílio de dicionários gerais e etimológicos, além de pesquisas na intersecção entre semântica cognitiva e lexicologia.

As instâncias levantadas como candidatas à metáfora foram analisadas na comparação do sentido expresso pela unidade lexical com os significados enumerados no dicionário (PRAGGLEJAZ, 2007). Quando verificado o contraste com o sentido literal, e excluídos os casos em que a projeção semântica correspondia a casos de exclusivos de metonímia, ironia ou sarcasmo, a unidade foi julgada como metafórica. Por significado literal tomamos aquele cujo sentido não depende de uma extensão figurada de um outro significado, com base em Dancygier e Sweetser (2014). Os dicionários gerais utilizados para a definição das unidades foram o Dicionário Eletrônico Aurélio (vs.5.8.3) e o Dicionário Caldas Aulete *on-line* e os dicionários de apoio foram o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (CUNHA, 2010) e o Dicionário Analógico da Língua Portuguesa (AZEVEDO, 2010).

### 3.1 PADRONIZAÇÃO DO CORPUS

Durante a fase de verificação dos dados que compunham o conjunto enviado pelo BaseNeo, foram excluídas as unidades lexicais que não apresentaram extensão semântica e/ou que não apresentaram definição nos dicionários de parâmetro, como, por exemplo, “entrão”, “fenoscândia” e “piranheiro”. Geralmente são unidades neológicas que apresentam outros processos de formação, como no caso de “piranheiro”, o qual é formado por derivação sufixal a partir de um dos sentidos figurados de “piranha”. Saliente-se que flexões verbais, nominais, aumentativos e diminutivos das unidades lexicais foram mantidos (ex. “rochedão” para “rochedo” e “plugada” para “plugar”).

Para restringir a análise a palavras da língua portuguesa e a nomes comuns, foram excluídos os estrangeirismos e os nomes próprios (ex. antropônimos e nomes de produto – “Barbies”, “Brizolas”, “Caetano”, “Danoninho” – e estrangeirismos tais como *femme*, *hostess* e *voz populi*). Foram mantidos apenas os vocábulos estrangeiros *kiwi*, *pizza*, *pedigree* e *vitrine*, pois, apesar de não terem sido aportuguesados, são amplamente utilizados pelos falantes da língua portuguesa brasileira. Quando verificado nos dicionários que se tratava de empréstimos inte-

grais ou parciais, esses foram preservados (ex. “coquetel” do inglês *cock-tail*; o empréstimo semântico “âncora” no sentido de principal apresentador de programa de notícias, que veio pelo inglês *anchor*, forma reduzida de *anchorman* ou de *anchorwoman* (FERREIRA, vs.5.8.3)). Os nomes próprios constantes no corpus não ocorrem na típica função de identificação (cfe. ULLMANN, 1987), eles estão operando como unidades significativas do mesmo modo que os nomes comuns, porém, a interpretação da projeção conceitual de tais nomes cria a necessidade de identificar as entidades que estão sendo referidas, por isso não se encaixam na metodologia ora utilizada, assim como os estrangeirismos, já que a sustentação para o contraste dos conceitos em projeção são dicionários de língua portuguesa.

A fase seguinte foi identificar a natureza da projeção e o tipo de extensão semântica, momento em que se comparou o sentido da unidade com os significados literais constantes no dicionário com o objetivo de recolher as metáforas. Os casos de metonímia, ironia ou sarcasmo isolados de projeção metafórica não foram analisados. Consideramos a metáfora como uma projeção entre domínios diferentes e a metonímia como um processo de correlação em um mesmo domínio (LAKOFF; TURNER, 1989), observados os casos de metonímia categorial e a metonímia de parte-todo (DANCYGIER; SWEETSER, 2014). Foram detectadas 62 projeções válidas não-metafóricas, constituídas em maior parte por metonímias sem metáfora. Essas unidades foram reunidas na Tabela 4 (Apêndice), com a identificação, o trecho de ocorrência, a data e o veículo, o motivo da exclusão e anotações adicionais. Os casos de mudança de função sintática, havendo, foram anotados. As unidades que apresentaram outros processos concomitantemente à metáfora, como metonímia, foram mantidas, pois compõem a projeção (DANCYGIER; SWEETSER, 2014; ZANOTTO, 2010; MOURA; ZANOTTO, 2009).

Nessa etapa deparamo-nos com ocorrências em que o contexto linguístico e/ou extralinguístico foi insuficiente para determinar o tipo de projeção. São casos em que o recorte textual apresentado inviabilizou a interpretação, como na ocorrência “Biagotti se enfia em um <canguru> rápido. FSP, 18-abr-93”, em que não foi possível recuperar o restante do contexto de origem e, conseqüentemente, a análise da projeção restou prejudicada. Para algumas unidades, o motivo da exclusão foi a combinação da opacidade da projeção no contexto de realização com a necessidade de aprofundamento em um tipo de conhecimento atualmente indisponível – expressões não convencionalizadas, fora de uso – ou em um tipo de conhecimento muito específico para aquela unidade – científico, literário, econômico, gírias, etc. Por exemplo, “careca”, “peixe” e

“posse”, são conceitos que emergiram no texto de forma opaca ou exígua (ex.: “Na Bahia, os rappers chamam uns aos outros de <peixe>. V, 12-jan-94”) e cujos domínios semânticos envolvem, respectivamente, conhecimento técnico de economia, conhecimento a respeito de um tipo de gíria de um nicho cultural da Bahia e conhecimento de conceitos relacionados ao *rap* que se mostraram bastante inacessíveis na busca por uma definição mais clara.

Não obstante, foi possível resolver a maior parte das deficiências de contexto, por meio do acesso ao inteiro teor da matéria jornalística (quando disponível), do acesso a notícias e demais conteúdos relacionados ao contexto sócio-histórico em referência e de pesquisas a obras especializadas.

Como era esperado, as projeções com análises inexequíveis no âmbito desta pesquisa estão relacionadas não somente à escassez de informações do recorte e/ou dos contextos, mas também à própria natureza do conceito, já que a variação de sentido para uma palavra pode ser resultado de processos tão distintos quanto a polissemia e a homonímia e a motivação semântica, por sua vez, varia em amplo espectro entre a opacidade e a transparência (ULLMANN, 1987). Relacionado a isso, alguns casos de indeterminação da projeção evidenciaram a opacidade do processo metafórico e/ou metonímico *per se*. Trata-se de projeções que não têm uma transparência mínima que permita identificar quais elementos estão sendo mapeados. São metáforas em que a motivação etimológica daquele item lexical não está mais acessível aos falantes, podendo constituir casos de “metáfora morta” (Cfe. DANCYGIER; SWEETSER, 2014, posição 1001). Ou, por outro lado, são projeções que concomitantemente apresentam distintas possibilidades de projeção. Em “beijinhos”, por exemplo, no sentido de “pontos de LSD” há ao menos dois tipos de mapeamentos possíveis: projeção do formato pequeno da boca na imagem dinâmica do movimento de um “beijinho” para o formato pequeno da droga ou projeção metonímica da metáfora “doce” (um dos nomes da droga) para “beijinho” no sentido de doce caseiro. Outro exemplo de exclusão por indeterminação da projeção é a palavra “gato” significando ligação elétrica clandestina, em que a metáfora pode estar relacionada à projeção de inferências do animal “gato” como “ladrão” ou à projeção de gato a partir de seu sentido de “grampo”, “engate” (FERREIRA, vs. 5.8.3). Diacronicamente, a projeção estaria relacionada a ambos já que “engate” tem origem em “gato” (CUNHA, 2010, p. 312; SILVA, 2014, posição 11765), porém, atualmente é difícil imaginar que um falante projete inferências de “gato” para “engate”.

Também as expressões “desencanar” e “encanar”, nos sentidos de despreocupar-se e preocupar-se, respectivamente, constituíram um problema para a análise, apesar de superficialmente parecerem indubitáveis quanto às características da projeção. A expressão idiomática metafórica “entrar pelo cano” parece estar envolvida nesse sistema de metáforas, porém, segundo o dicionário Aurélio Eletrônico (vs.5.8.3), o vocábulo referente a tal sentido de “desencanar” é uma corruptela de “desencanar”. Muito embora pareça bastante aceitável que as inferências ativas para aquelas unidades sejam oriundas da metáfora de “cano”, também é muito comum o uso de “encanar” no sentido figurativo de “entranhado” para descrever emoções ou comportamentos intensos, o que desestabiliza a criação de uma hipótese sobre o padrão de polissemia dessas palavras. Tais casos podem ser relacionados à hipótese de correlação da indeterminação metafórica de Moura e Zanotto (2009) e podemos supor que as causas da indeterminação do conceito da fonte – como ambiguidade e vagueza, estão sendo projetadas para as metáforas.

Por outro lado, sobrevieram metáforas as quais apresentaram algum tipo de obscurecimento ou perda da imagem metafórica na origem, mas o sentido da unidade estava sendo mapeado a partir de um segundo sentido convencionalizado. “Patinar”, segundo o Dicionário Aurélio Eletrônico (vs. 5.8.3) é uma variante de “patinhar”, no sentido de “agitar a água à maneira dos patos; bater com os pés ou as mãos na água”, do que derivou o sentido de movimentar-se em terreno difícil, com água, neve ou lama e o sentido em referência ao movimento das rodas de um veículo, sem imprimir deslocamento, por falta de aderência. Por extensão, surgiu o uso de patinar no sentido de “ não ir à frente; não progredir”. Diferentemente de “encanar” e de “gato”, no caso de “patinar”, emerge o trajeto metafórico a partir das pistas de sentido que permanecem mais ou menos ativas. Se o falante diz que “a candidatura do prefeito está patinando”, há uma grande probabilidade de que a imagem mental proporcionada pela metáfora seja a de um carro patinando e não de pessoas imitando patos na água.

Realizamos a opção metodológica de afastar dados muito opacos para diminuir as chances de erro, visto que se trata de um tipo de análise que depende parcialmente da interpretação do pesquisador. A análise da motivação da indeterminação não é parte dos objetivos desta pesquisa razão pela qual não separamos as unidades pelo tipo de processo apresentado. Reunimos as entradas consideradas inválidas na Tabela 5 (Apêndice), com a identificação da unidade, o trecho de ocorrência, a data e o veículo, o motivo da exclusão e anotações adicionais. Embora este trabalho utilize o neologismo como fonte de discussão, o design



empregado tem base na Teoria Cognitiva da Metáfora e, conseqüentemente, as tabelas elaboradas para a apresentação das unidades utilizam a notação típica daquele quadro teórico e não aquelas utilizadas na Lexicografia.

Das 319 entradas lexicais do corpus, 89 foram consideradas inválidas pelos motivos já expostos acima e 230 foram consideradas entradas válidas. Dessas, 62 projeções resultaram não metafóricas e as projeções metafóricas fecharam um conjunto de 168 ocorrências.

A próxima etapa foi a aplicação dos critérios de classificação das metáforas, cuja proposta será apresentada no tópico a seguir.

### 3.2 PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO DAS METÁFORAS

Como visto, as metáforas mais complexas tendem a ter natureza cultural mais evidente, pois são nelas em que os falantes realmente engajam seu pensamento em contextos culturais reais (KÖVECSES, 2005). O aspecto cultural está relacionado à “sensibilidade cultural” da metáfora, que não aparece na metáfora primária *per se*, que geralmente é mais genérica. A variação aparece relacionada às características culturais aplicadas sobre o tema maior e que se reflete na metáfora primária como variação cultural. Paralelamente a tal raciocínio, estamos supondo que na prática lexicográfica, especialmente no tocante aos termos neológicos, o aspecto universalista da metáfora conceptual é menos relevante do que o aspecto cultural, porque a relação que ora traçamos alinha a produtividade neológica com a produtividade cultural da metáfora, até porque as metáforas mais estáveis em uma língua são aquelas de caráter mais universal (KÖVECSES, 2005). Além disso, tanto metáforas mais sensíveis culturalmente quanto metáforas imagéticas tendem a ser ricas em detalhes.

Também vimos que as metáforas gramaticais estão relacionadas ao fenômeno da gramaticalização, que ocorre quando dado item lexical passa a ser um item gramatical, motivado por processos metafóricos e metonímicos (BYBEE, 2010). No processo de gramaticalização, a mudança parte do processo cognitivo para a realização linguística por meio de influências graduais na estrutura da língua. Como o processo de gramaticalização é lento e gradual, a análise de um item em gramaticalização necessita de observações sincrônicas e diacrônicas. Dada a natureza somente sincrônica da presente pesquisa, não buscaremos possíveis metáforas gramaticais nos termos neológicos.

De acordo com a base teórico-metodológica ora adotada, a metáfora é multidimensional e, portanto, as diferenças só podem ser tratadas

como uma questão de gradação. Dado o caráter “corporificado” da metáfora primária, selecionamo-la e junto da teoria da variação metafórica, intentaremos uma discriminação mínima entre universalidade e variação sobre um *corpus* realístico de unidades de neologismos semânticos. A classificação proposta visa inicialmente separar as metáforas imagéticas das demais, em razão do funcionamento distinto das imagéticas em relação às metáforas de projeção inferencial (LAKOFF; TURNER, 1989). As metáforas imagéticas também podem possuir aspectos culturais em graus distintos, mas o recorte teórico da pesquisa não abrange a classificação do grau cultural das metáforas imagéticas, apenas faremos o apontamento da incidência cultural. A segunda etapa pretende verificar dentre as metáforas inferenciais aquelas que apresentam base corpórea explicitada por uma metáfora primária e aquelas que não apresentam.

O que estamos propondo para a análise deste *corpus* é a classificação das metáforas em três tipos:

- a) Metáfora imagética: aquela que funciona por projeção da imagem de uma entidade física do domínio-fonte para uma entidade que contém uma imagem no domínio-alvo ou para um domínio-alvo onde se cria a imagem (LAKOFF; TURNER, 1989).
- b) Metáfora conceptual: chamaremos de conceptual a metáfora cujo domínio semântico da fonte situe-se no âmbito da percepção sensorio-motora ou das emoções e adicionalmente apresente o mapeamento de uma metáfora primária, no sentido dado por Grady (1997), Lakoff e Johnson (1999) e Kövecses (2005). Dentro da teoria da correlação experiencial de Grady, essas metáforas seriam consideradas metáforas compostas, por organizarem-se em torno de um conjunto de metáforas primárias. Pela teoria da variação metafórica de Kövecses, seriam metáforas congruentes, em razão da combinação de uma metáfora primária com o preenchimento cultural. Como já vimos, os conceitos da teoria da variação são predominantemente usados para comparações interculturais e os de Grady não desdobram análise cultural. Por esses motivos, adotamos nomenclatura distinta. Portanto, para o presente trabalho, metáforas conceptuais são aquelas que combinam o aspecto potencialmente universal com a influência cultural notada na realização da expressão linguística.
- c) Metáfora cultural: classificaremos como metáfora cultural aquela em que o domínio semântico da fonte não se situe nos processos de percepção corporal e esteja mais relacionada a domínios de artefatos, ferramentas, instrumentos, fenômenos e/ou eventos culturais

que possam restringir a sua compreensão a uma dada cultura. Ela poderá apresentar metáfora primária, desde que a organização não ocorra diretamente.

Estamos presumindo que quaisquer tipos de metáfora compartilhem estrutura conceptual e cultural, em gradações. Não estamos excluindo o conceptual do cultural e nem o contrário. A intenção é buscar a identificação de variação na incidência de tais aspectos.

O tratamento dos dados submetidos à classificação compreendeu as seguintes etapas: a) identificação dos domínios fonte e alvo das metáforas projetadas na expressão linguística; b) identificação e rotulagem das metáforas identificadas; c) classificação; d) quantificação; e) análise descritiva.



## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seção foi subdividida conforme a tipologia de metáforas ora proposta: imagéticas, conceptuais e culturais. Cada subseção apresenta um recorte das ocorrências metafóricas mais relevantes para a discussão. Foram usados dados do *corpus* (Projeto BaseNeo) e sempre que necessário, foram incluídos exemplos de outras fontes para fins de comparação, principalmente a partir das listas encaminhadas por algumas editoras de dicionários. Dentre as 230 entradas consideradas válidas, foram detectadas 168 metáforas, o que perfaz 73% de metáforas, percentual bastante próximo à expectativa inicial de 80%. Do total de 168 metáforas detectadas, identificamos 26 metáforas imagéticas, 28 metáforas conceptuais e 114 metáforas culturais, o que satisfaz a nossa hipótese de que as metáforas culturais seriam as mais numerosas.

A identificação das metáforas imagéticas serviu para separá-las dos demais tipos e traçar um paralelo entre as metáforas conceptuais e as metáforas culturais. Ainda assim, no âmbito das metáforas imagéticas, foi possível verificar que o seu comportamento, no que concerne à variação do grau cultural, está principalmente relacionado aos domínios semânticos da fonte e do alvo.

Tanto nas metáforas conceptuais quanto nas metáforas culturais, alguns usos se mostraram muito localizados, como “supermercado da dança” e outros são projeções que fazem parte de sistemas metafóricos, como “beber na fonte” (conceptual) e “metralhar” (cultural), que pertencem aos sistemas metafóricos *IDEIAS SÃO COMIDA* (GRADY, 1997; LAKOFF; JOHNSON, 1999) e *DISCUSSÃO É GUERRA* (LAKOFF; JOHNSON, 1980:2003).

Em relação às metáforas conceptuais, restou demonstrado que o domínio-fonte relacionado à percepção motora e sensorial aponta para metáforas primárias que organizam diretamente a realização metafórica, destacando o aspecto universal. Por outro lado, o preenchimento cultural da metáfora conceptual atua no sentido de especificá-la, tornando a expressão mais marcada culturalmente e anulando a possibilidade de universalidade. As metáforas conceptuais com domínio-alvo mais genérico demonstraram ser menos marcadas culturalmente do que as metáforas conceptuais com domínio-alvo mais específico. Percebemos que as metáforas conceptuais atualizam o uso das metáforas primárias subjacentes. No grupo das metáforas conceptuais mais específicas o conceito atualiza a metáfora conceptual primária que a organiza, integrando-a à demanda provocada por novos eventos sociais. No grupo das metáforas conceptuais menos específicas, menos dependentes culturalmente, os

conceitos parecem apontar para atualizações mais relacionadas ao interior do próprio mapeamento: uma nova combinação entre metáforas conceptuais convencionalizadas, um conceito veiculado por expressões que estão se tornando mais institucionalizadas e, por isso, passam a integrar um dicionário, ou, ainda, uma alteração no foco do mapeamento, ou seja, uma nova forma de enxergar a metáfora conceptual.

No âmbito das metáforas culturais, confirmamos que os domínios-fonte relativos a artefatos, instrumentos, instituições e formas de organização cultural apresentam grande produtividade e geram metáforas muito marcadas culturalmente. Verificamos que nas metáforas culturais as projeções primárias perdem a relevância se comparadas com o aspecto cultural dos conceitos. Além disso, as metáforas primárias não são mapeadas diretamente porque chegam pela via de tais conceitos já organizados culturalmente. O funcionamento das metáforas culturais comprovou o que afirma Kövecses (2005) de que quanto mais distante das metáforas primárias e quanto mais complexa, mais o fator cultural será incidente.

As metáforas culturais também apresentaram diferenças de fator cultural de acordo com a natureza dos domínios envolvidos. A maior parte das projeções ocorreu de entidades mais concretas para entidades mais abstratas. Muitas metáforas culturais mapearam conceitos no domínio de organizações sociais, instituições e hábitos para outras formas de organização social, instituições e hábitos, no alvo. A projeção entre conceitos de domínios de diferentes organizações sociais gera o efeito de evidenciar certos aspectos do modelo do domínio-alvo, como na metáfora que projeta os atributos de “regente de orquestra” para o conceito de “treinador de futebol”. O domínio semântico da tecnologia mostrou-se fonte produtiva de metáforas, assim como o domínio semântico do esporte, o qual também emergiu diversas vezes como alvo. Nas metáforas em que os conceitos do alvo expressam ideias, emoções e julgamentos mais subjetivos, e ações e eventos mais abstratos, a fonte projeta para essas noções conceitos com imagens bem definidas e localizadas culturalmente, que dão vida às expressões e fazem com que o mapeamento gere no conceito uma miríade de novos atributos, como no caso em que “pirotecnia” projeta para “argumentação sem fundamentos” a inferência de entretenimento belíssimo, porém, fugaz.

Vimos que os conceitos do domínio-fonte da natureza podem aproximar algumas projeções de uma “universalização”, o que ocorre pela convencionalização de conceitos que emergem em um modelo cultural baseado em experiências muito básicas e muito comuns entre nós, como o contato com os animais na natureza e com as plantas, mas

são experiências que ocorrem pela via da cultura e não por correlações primárias em nível cognitivo. Por outro lado, em alguns conceitos do domínio-fonte da natureza nos quais não havia organização cultural surgiram evidências de que uma projeção metonímica categorial estaria deslocando o conceito do domínio percepto-sensorial para o domínio da natureza, o que ocorreu para “congelado” e “pedreira” e, por essas razões, as metáforas relacionadas a esses conceitos foram inseridas no grupo de metáforas conceptuais.

As metáforas que conceptualizam alimentos explicitam a transição entre os aspectos potencialmente universais e os aspectos culturais. Enquanto que é possível universalizar as correlações primárias a partir da sensação de fome (GRADY, 1997, COSTA LIMA, 1999), o mesmo não ocorre com o alimento, que é um objeto externo ao qual é possível atribuir diferentes características e funções conforme a cultura, além da variação mais evidente relacionada à variação biológica das espécies. Um indício da estereotipia social a que os conceitos no domínio de alimentos estão expostos é que eles constituem campo profícuo de locuções mais ou menos fixas e expressões idiomáticas que variam conforme a língua, e o mesmo ocorre com as metáforas no domínio dos animais. E, por fim, as expressões idiomáticas metafóricas de animais e alimentos evidenciam a variação entre transparência e opacidade da motivação que une o significado literal e o significado metafórico das expressões idiomáticas pode ter motivação mais ou menos opaca, conforme a disponibilidade das imagens convencionais evocadas. De fato, observamos tal variação na transparência da motivação em todas as metáforas e as ocorrências nas quais não foi possível identificar de forma razoável o trajeto da projeção em razão da opacidade da motivação foram consideradas entradas inválidas, conforme já apontado na seção anterior.

#### 4.1 METÁFORAS IMAGÉTICAS

Classificamos como imagéticas as metáforas que funcionam tão somente por projeção da imagem de uma entidade física do domínio-fonte para uma entidade que contém uma imagem no domínio-alvo ou para um domínio-alvo onde se cria a imagem, sem projeção de inferências (LAKOFF; TURNER, 1989). Foram detectadas por esse critério 26 metáforas imagéticas<sup>10</sup>, das quais 24 apresentam projeção de imagem

---

10 O conjunto de unidades com metáfora imagética e as respectivas análises constam na Tabela 1 (Apêndice).

sobre outra imagem e 2 em que a projeção da fonte cria uma imagem no alvo:

Quadro 3- Metáforas imagéticas

<b>Metáforas imagéticas</b>	
<b>Imagem</b>	<b>Projeção</b>
Baguete	Projeção da imagem do formato do pão baguete para a imagem do formato da bolsa.
Bate-estaca	O som do aparelho de construção – que ao bater nas estacas para que elas sejam fincadas ao solo produz um som característico – é projetado para o som característico da música eletrônica. Trata-se de projeção de imagem acústica.
Bicicleta	Tomar emprestado hoje para emprestar a alguém depois é bicicleta. A projeção da imagem dinâmica do mecanismo da bicicleta (a força gerada pela pedalada gera um torque que, por meio da correia dentada, faz mover a roda traseira; o movimento no solo impulsiona a roda dianteira e assim sucessivamente) cria uma imagem para o funcionamento de empréstimos sucessivos.
Cascata	Impostos que incidem em todas as etapas de produção são impostos em cascata. Projeção da imagem da cascata cria uma imagem em que um terreno em vários níveis corresponde às etapas do processo produtivo; a água que desce, formando a cascata ao interagir com os níveis do terreno, corresponde ao imposto que incide em todas as etapas de produção.
Celular	Projeção da imagem de uma célula (no sentido de uma região delimitada no espaço) para a imagem do raio de ação das estações de base da transmissão de telefonia móvel.
Ciscar	Projeção da imagem de uma galinha ciscando para o passo de <i>funk</i> .
Desafogar o gargalo	Projeção da imagem da ação de desafogar um gargalo de garrafa para a imagem da ação de desobstruir o fluxo de veículos na ponte.
Fio dental	Projeção da imagem do produto de higiene dental (fio dental) para a imagem da cava na parte de trás do biquíni.



Flutuar	Projeção da imagem de um objeto flutuando para a imagem do rodópio ininterrupto em 180 graus.
Gafanhoto	Castanhola em formato de gafanhoto. Projeção da imagem do corpo do gafanhoto para o formato da castanhola.
Gaiola	Projeção da imagem da gaiola para a imagem do formato do jipe, o qual possui uma armação ao redor.
Gancho	Projeção da imagem do formato de gancho para a imagem do corpo do jogador ao realizar a jogada de basquete. (Comparar com <i>gancho</i> – Tabela 3- Metáforas culturais).
Geográfico	Referência a mapa geográfico. Projeção da imagem de mapa para a imagem das marcas na pele causadas pela infecção com o verme.
Ilha	Projeção da imagem de uma ilha para a imagem da unidade de equipamentos.
Latinha	Projeção da imagem da latinha para o microfone usado pelos repórteres, e do microfone para o repórter por metonímia.
Malha	Conjunto de rodovias é malha viária. Projeção da imagem dos fios entrelaçados da malha para a imagem do conjunto de rodovias interligadas.
Mancha	Projeção da imagem de uma mancha (na pele, na roupa, etc.) para a imagem do objeto astronômico.
Meia-de-seda	Projeção da imagem e atributos de cor, transparência ou textura da meia de seda branca para o drink homônimo.
Mortalha	Projeção da imagem do formato da mortalha envolvendo o corpo para a imagem do formato da roupa dos blocos de carnaval.
Onda	Projeção da imagem de onda para a imagem da dança.
Rabo de peixe	Projeção da imagem do rabo de um peixe para o formato da pedra.
Rasgado	Projeção da imagem de um rasgo para a imagem do abdome musculoso.
Rochedão	Prato cheio de comida, misturada, é rochedão. Projeção da imagem de uma grande rocha para a imagem da comida no prato.
Sanfona	Projeção da imagem do corpo da sanfona (em V) para a imagem da distribuição dos jogadores no campo.

Santinho	Projeção da imagem de um pequeno folheto religioso, contendo geralmente a imagem de um santo e orações, para o folheto de propaganda eleitoral, que apresenta a foto e algumas informações sobre o candidato.
Tocos	Projeção da imagem de toco de árvore para a imagem do corpo do jogador ao realizar o bloqueio (basquete)

Fonte: a autora.

No domínio-alvo de peças de vestuário, ocorreram as expressões biquíni do tipo fio dental, bolsa do tipo bagueete, mortalha de carnaval. Relacionadas a danças, ocorreram as expressões “ciscar” e “flutuar”, que nomeiam passos de funk, e “onda”, que nomeia um tipo de dança. No esporte, “sanfona” nomeia uma estratégia de jogo de futebol, “toco” e “gancho” nomeiam no basquete, respectivamente, um tipo de bloqueio e um tipo de arremesso. No domínio da alimentação, um “rochedão” é um prato cheio de comida misturada e “meia-de-seda” é uma bebida de cor branca. Destacamos a ocorrência de uma projeção de imagem acústica em “bate-estaca”, em que o som do aparelho de construção é projetado para o som característico da música eletrônica.

As duas projeções que criaram imagem no alvo são do âmbito da economia: “cascata” e “bicicleta”. As ocorrências de “cascata” foram as seguintes:

(1) [...] Para isso, o governo precisaria acabar com os impostos em <"cascata"> (incidem sobre todas as etapas de produção). Os impostos em <"cascata"> (como Cofins, PIS e IPMF), provocam aumento exagerado no preço dos produtos, [...]. FSP, 16-out-94

(2) Uma outra superstição é que o <"efeito cascata">, característico da tributação sobre transações financeiras incidente sobre vários estágios do processo produtivo, é intrinsecamente mau. Mas há boas e más <cascatas>. As atuais contribuições sociais - Cofins, e PIS-Pasep - são exemplos de <cascatas> negativas. [...] Fsp, 18-mai-97

O Dicionário Aurélio Eletrônico (vs.5.8.3) aponta definição da expressão “em cascata”, como: “1. Em fluxo ou em sequência. 2. Em excesso, em abundância; abundantemente”. Conforme se depreende das ocorrências, a projeção da imagem da cascata serve para caracterizar

os impostos que incidem em todas as etapas de produção, sequencialmente. Pela projeção cria-se uma imagem em que um terreno em vários níveis corresponde às etapas do processo produtivo; a água que desce e forma a cascata, ao interagir com os níveis do terreno, corresponde ao imposto que incide em todas as etapas de produção. Esse é um dos tipos de cascata existentes e é a única imagem aceita na projeção (cachoeiras em que a água desce perpendicularmente ao chão não mantém a imagem de incidência em sequência). Embora não seja uma metáfora imagética típica (imagem sobre imagem), a análise da projeção de “cascata” não encontrou mapeamentos que avançassem a projeção imagética. No caso de “bicicleta”, a projeção da imagem dinâmica do mecanismo da bicicleta (a força aplicada pela pedalada gira a roda traseira por meio da correia dentada, impulsionando a roda dianteira) cria uma imagem para o funcionamento de empréstimos sucessivos, em que o empréstimo atual “impulsiona” o empréstimo posterior.

Diferentemente, os conceitos de “raiz” e “tronco” usados produtivamente para conceptualizar a noção de hereditariedade, como em “célula-tronco”, “música de raiz”, “raiz da palavra”, “tronco familiar” não produzem metáforas somente imagéticas. A projeção da imagem é bastante evidente, entretanto, a criação da imagem no alvo mapeia conhecimentos que extrapolam a mera projeção imagética, como o papel da raiz e do tronco nas plantas (função alimentadora), que não são visíveis, mas são essenciais aos conceitos, bem como os atributos de origem e de derivação (mesmo que se mude a imagem, os papéis permanecem). Por isso, as ocorrências de raiz e tronco foram analisadas no âmbito das metáforas culturais.

Embora não seja objetivo da pesquisa criar uma classificação de grau cultural para as metáforas imagéticas, a gradação cultural existe na organização interna do conceito, em razão do domínio semântico a que ele pertence, e pode estar relacionada ao tipo de projeção de imagem.

Aparentemente, uma metáfora como “luminária do tipo tartaruga” – que popularmente denomina uma subclasse de luminárias cuja proteção ao redor da lâmpada lembra o casco de uma tartaruga –, é mais facilmente compreensível do que “operação-tartaruga” – que significa “forma atenuada de greve, que consiste na diminuição premeditada do ritmo de trabalho” (FERREIRA, vs.5.8.3). Nessa última, a imagem dinâmica do movimento lento da tartaruga cria uma imagem sobre o movimento das pessoas no domínio-alvo. Para compreender a primeira basta a comparação visual entre a luminária e a imagem da tartaruga. Para compreender a segunda, é necessário conhecer o modo de andar da tartaruga e a natureza do fenômeno social em referência. Ou seja, é pre-

ciso reconhecer a estrutura de ambos os eventos para criar a imagem. É o que ocorre com “cascata” e “bicicleta”, ambas imagens dinâmicas que criam uma outra imagem no alvo. Quanto ao domínio do conceito, uma cascata é um evento natural, provavelmente mais abrangente culturalmente do que o efeito da incidência de impostos homônimo, que é mais específico. Já no exemplo clássico “cintura de ampulheta”, a fonte parece mais marcada culturalmente do que o alvo, pois esse é do domínio do corpo e a fonte é um instrumento de marcação de tempo.

A metáfora imagética que funciona por sobreposição de imagens, mesmo que seja altamente específica de um modelo cultural na fonte e no alvo, como em “biquíni fio dental” ou “bolsa baguete”, depende tão somente de ambas as imagens e a sobreposição delas, por definição, é suficiente para o efeito de interpretação. Entretanto, uma classificação que considere o tipo de projeção da metáfora imagética não teria relação com a incidência cultural, mas com o funcionamento cognitivo da própria metáfora, no tocante ao processamento de imagens. Portanto, uma avaliação de gradação cultural de metáforas imagéticas não pode prescindir da identificação dos domínios semânticos dos conceitos da fonte e do alvo. Essa avaliação não é objetivo desta pesquisa e cabe, nesse momento, fazer tais apontamentos com a finalidade de não ignorar os indícios do funcionamento da metáfora imagética, com vistas ao desenvolvimento de trabalhos posteriores que possam aprofundar o tema.

## 4.2 METÁFORAS CONCEPTUAIS

Ao aplicar o critério metodológico para identificar as metáforas conceptuais, foram selecionadas as metáforas em que os domínios-fonte são relacionados à percepção sensorio-motora e das emoções, que organizam nosso conhecimento de corpo e espaço e sensações. Detectamos 28 metáforas conceptuais e, para cada ocorrência, identificamos a metáfora, dando a ela um rótulo, apontamos as metáforas primárias em operação no mapeamento, com base no conjunto organizado por Grady (1997) e Lakoff e Johnson (1999), e identificamos o modelo cultural em que a metáfora ocorre, conforme pode ser observado na Tabela 2 (Apêndice).

Emergiram por esse critério os conceitos: achatamento, aquecimento, asfixiar, beber, choque, chupar, clima, congelar enxugar, esticar, ficar, furada, gogó, lavar, levantar o astral, montar, pedreira, pegadinha, pendurado, pinicar, pintar, rolar, sair, sangue quente, silenciar, toques, vazada. Algumas ocorrências incidiram sobre o mesmo domínio-fonte

mais de uma vez com o mesmo sentido, como, por exemplo, “montar-se” e “montados”.

No quadro abaixo, constam os rótulos das metáforas conceptuais detectadas.

Quadro 4- Rotulagem das metáforas conceptuais detectadas.

ROTULAGEM DAS METÁFORAS CONCEPTUAIS (ALVO É FONTE)	
ALVO	FONTE
DIMINUIÇÃO DO VALOR DE ÍNDICES MONETÁRIOS	ACHATAMENTO
EVITAR ACESSO DOS COMPRADORES AO TRÁFICO	ASFIXIAR
RECEBER INFORMAÇÃO/CONHECIMENTO	BEBER
CONJUNTO DE MEDIDAS QUE CAUSA EFEITO SÚBITO E INTENSO NA ECONOMIA	CHOQUE
PLAGIAR INFORMAÇÃO/CONHECIMENTO RECEBIDO DE OUTRA FONTE	CHUPAR
ESTADO DE INTERESSE SEXUAL COMPARTILHADO	CLIMA
MANTER UM ÍNDICE SALARIAL NO MESMO VALOR	CONGELAR
DIMINUIR A QUANTIDADE DE PESSOAS QUE INTEGRAM UM GRUPO	ENXUGAR
AUMENTAR O ALCANCE DA MARCA JUNTO AO MERCADO CONSUMIDOR	ESTICAR (A MARCA)
PROLONGAR O PASSEIO, VISITANDO MAIS LUGARES	ESTICAR (O PASSEIO)
NAMORAR SEM COMPROMISSO	FICAR
SITUAÇÃO PREJUDICIAL	FURADA
PROMESSA QUE NÃO SE TEM A INTENÇÃO DE CUMPRIR	GOGÓ
DISSIMULAR ORIGEM DE DINHEIRO ILEGAL PARA TORNÁ-LO LEGAL	LAVAR

FICAR BEM-HUMORADO	LEVANTAR O AS-TRAL
VESTIR-SE E MAQUIAR-SE (O HOMEM) NO ESTILO DRAG-QUEEN	MONTAR-SE
DIFICULDADE	PEDREIRA
FARSA TELEVISIVA HUMORÍSTICA QUE ENVOLVE COLOCAR UMA PESSOA EM UMA SITUAÇÃO CONSTRANGEDORA	PEGADINHA
JOGADOR QUE ESTÁ À MERCÊ DE SER PUNIDO COM SUSPENSÃO EM JOGO DE FUTEBOL EM RAZÃO DO ACÚMULO DE CARTÕES AMARELOS	PENDURADO
CAUSAR EFEITO MORAL NEGATIVO PARA ALGUÉM EM UMA DISPUTA	PINICAR
SURGIR	PINTAR
ACONTECER	ROLAR
SER VENDIDO (PRODUTO OU SERVIÇO) POR UM VALOR X É	SAIR
TEMPERAMENTO AGRESSIVO	SANGUE QUENTE
INIBIR A AÇÃO DOS GENES	SILENCIAR
GRANDE MOVIMENTAÇÃO DE VALORES NA ECONOMIA DE UM PAÍS	SUPERAQUECIMENTO
CONSELHOS DISCRETOS	TOQUES
DEFESA QUE SOFRE GOLS	VAZADA

Fonte: a autora.

As metáforas primárias detectadas nas projeções metafóricas mapearam correlações nos âmbitos de relações atemporais (relações espaciais e objetos), quantidade e gradação, avaliação e relações sociais, tempo, ação e estrutura de evento, pensamento e consciência (conforme ontologia proposta por Grady, 1997). A presença de imagens nos domínios-fonte, fator essencial às metáforas primárias, ficou bastante evidente no rol das projeções encontradas.

As metáforas de avaliação e relações sociais projetaram correlações tais como: saúde e limpeza à moral (ex. lavar dinheiro); intensidade da emoção ao calor (ex. sangue quente, rolar um clima); prejudicar a

causar dano físico (ex. pinicar); boa avaliação e felicidade à verticalidade (ex. levantar o astral); intimidade emocional à proximidade física (ex. ficar).

As metáforas relativas à conceptualização do pensamento e da consciência projetaram as correlações: conhecimento ao conteúdo físico da cabeça (ex. beber, chupar, toques); perceptível a externo (ex. pintar); estados mentais a lugares (ex. pegadinha); comunicar a conduzir (ex. toque).

Dentro das metáforas primárias que envolvem relações espaciais e objetos, mostraram-se muito produtivas os mapeamentos de constituintes em termos de conteúdo (ex. enxugar, sair, vazado); categorias ou configurações como regiões delimitadas no espaço (ex. esticar, pendurado, furado); condição e natureza de uma entidade em termos de formato (ex. montar-se, furada, vazado, esticar); também apareceram as projeções organização lógica em termos de estrutura física, funcionalidade em termos de verticalidade, essencial em termos de interno, existência em termos de visibilidade e situação em termos de localização.

Na categoria de projeções de tempo, ação e estrutura de evento, surgiram as projeções de mudança como movimento e estado como localização (ex. levantar o astral); momentos no tempo como objetos movendo-se em um caminho (ex. rolar um clima); material necessário em termos de comida (ex. beber no autor), dentre outras. As mais produtivas dessa categoria foram: evento em termos de movimento de um objeto (ex. pintar e rolar um clima); efeitos em termos de objetos transferidos (ex. choque na economia); e processos em termos de forças vivas (ex. asfixiar o tráfico de drogas; silenciar genes).

Todas as 28 metáforas detectadas apresentaram o mapeamento de metáforas primárias, com incidência direta na organização do mapeamento, a partir do conceito-fonte, como, por exemplo, em “lavar dinheiro”, organizada principalmente pela metáfora primária BOA MORAL É LIMPEZA (GRADY, 1997). A busca pelas metáforas primárias nas metáforas conceptuais não pretendeu exaurir o mapeamento da projeção, limitando-se a apontar os processos mais salientes, pois, conforme Dancygier e Sweetser (2014), as expressões linguísticas metafóricas não são esquemáticas como os rótulos que as definem e geralmente apresentam mapeamentos em termos de “cascatas” (SWEETSER, 2014, posição 1964-2028), em razão da combinação de mapeamentos mais esquemáticos com mapeamentos mais específicos. Elaboramos abaixo o quadro com as metáforas primárias detectadas.

Quadro 5- Metáforas primárias detectadas nas metáforas conceptuais

<b>METÁFORAS PRIMÁRIAS</b>	<b>Domínio-fonte</b>
QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL (GRADY, 1997) ou MAIS É PARA CIMA (LAKOFF; JOHNSON, 1980:2003).	Achatamento (de valores)
UM EVENTO É O MOVIMENTO DE UM OBJETO, MUDANÇA É MOVIMENTO, INTENSIDADE DA ATIVIDADE É CALOR (GRADY, 1997).	Superaquecimento (da economia)
PROCESSOS SÃO FORÇAS VIVAS, ATIVIDADE É VIDA E INATIVIDADE É MORTE (GRADY, 1997).	Asfixiar (o tráfico)
O MATERIAL NECESSÁRIO PARA UM PROCESSO É COMIDA, O CONHECIMENTO É CONTEÚDO FÍSICO DA CABEÇA (GRADY, 1997).	Beber (no autor)
ESTADOS SÃO LOCALIZAÇÕES, EFEITOS SÃO OBJETOS TRANSFERIDOS, MUDANÇA É MOVIMENTO, EVENTO É O MOVIMENTO DE UM OBJETO (GRADY, 1997).	Choque (na economia)
O MATERIAL NECESSÁRIO PARA UM PROCESSO É COMIDA, O CONHECIMENTO É CONTEÚDO FÍSICO DA CABEÇA (GRADY, 1997).	Chupar (informação)
CIRCUNSTÂNCIAS SÃO TEMPO METEOROLÓGICO, INTENSIDADE DA EMOÇÃO É CALOR (GRADY, 1997), ESTADO EMOCIONAL COMPARTILHADO É CLIMA (nosso).	Clima (rolar um clima, pintar um clima)
CONSTITUINTES SÃO CONTEÚDOS, QUANTIDADE É TAMANHO OU VOLUME, ESSENCIAL É INTERNO (GRADY, 1997).	Enxugar (o quadro funcional)
CONDIÇÃO É FORMATO, A NATUREZA DE UMA ENTIDADE É O SEU FORMATO, CATEGORIAS/CONFIGURAÇÕES SÃO REGIÕES DELIMITADAS ESPACIALMENTE.	Esticar (a marca)
CONDIÇÃO É FORMATO, A NATUREZA	Esticar (o passeio)



DE UMA ENTIDADE É O SEU FORMATO, CATEGORIAS/CONFIGURAÇÕES SÃO REGIÕES DELIMITADAS ESPACIALMENTE, MOMENTOS NO TEMPO SÃO OBJETOS EM MOVIMENTO EM UM CAMINHO, (GRADY, 1997).	
SITUAÇÃO É LOCALIZAÇÃO, PAPEIS CONTEXTUAIS SÃO LOCALIZAÇÕES, INTIMIDADE É PROXIMIDADE FÍSICA (GRADY, 1997).	Ficar
CONSTITUINTES SÃO CONTEÚDOS, CONFIGURAÇÕES/CATEGORIAS SÃO REGIÕES DELIMITADAS ESPACIALMENTE, CONDIÇÃO É FORMATO (GRADY, 1997).	Furada (situação)
EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE (GRADY, 1997).	Gogó
BOA MORAL É LIMPEZA/MORAL RUIM É SUJEIRA (GRADY, 1997).	Lavar (dinheiro)
BOM É PARA CIMA/ FELIZ É PARA CIMA, FUNCIONALIDADE É VERTICALIDADE, ESTADOS SÃO LOCALIZAÇÕES, MUDANÇA É MOVIMENTO (GRADY, 1997), EVENTOS SÃO AÇÕES (LAKOFF; TURNER, 1989).	Levantar o astral
ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA, A NATUREZA DE UMA ENTIDADE É O SEU FORMATO, CONDIÇÃO É FORMATO (GRADY, 1997).	Montar-se
MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS DE POSSE (LAKOFF; JOHNSON, 1999), ESTADO MENTAL É LOCALIZAÇÃO, EFEITOS SÃO OBJETOS TRANSFERIDOS (GRADY, 1997). CONTROLAR É PEGAR, ESTAR NO CONTROLE É POSSUIR (nossa proposta).	Pegadinha
CONSTITUINTES SÃO CONTEÚDOS, CATEGORIAS/CONFIGURAÇÕES SÃO REGIÕES DELIMITADAS ESPACIALMENTE, SITUAÇÃO É LOCALIZAÇÃO	Pendurado

(GRADY, 1997).	
PREJUDICAR É CAUSAR DANO FÍSICO (GRADY, 1997).	Pinicar
UM EVENTO É O MOVIMENTO DE UM OBJETO, EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE, PERCEPTÍVEL É FORA (GRADY, 1997).	Pintar (um clima)
UM EVENTO É O MOVIMENTO DE UM OBJETO, MOMENTOS NO TEMPO SÃO OBJETOS EM MOVIMENTO EM UM CAMINHO (GRADY, 1997).	Rolar (um clima)
CONSTITUINTES SÃO CONTEÚDOS, EVENTOS SÃO MOVIMENTOS QUE EMERGEM DE CAUSAS, CAUSAS SÃO FONTES (GRADY, 1997), EVENTOS SÃO AÇÕES (LAKOFF; TURNER, 1989).	Sair (o produto)
INTENSIDADE DA EMOÇÃO É CALOR (GRADY, 1997; KÖVECSES, 1990).	Sangue quente
PROCESSOS SÃO FORÇAS VIVAS, INATIVIDADE É ESTAR DORMINDO/MORTO (GRADY, 1997). ESTAR ATIVO É PRODUZIR SONS/ ESTAR INATIVO É ESTAR EM SILÊNCIO, INTENSIDADE DA ATIVIDADE É SOM (nossa proposta).	Silenciar (os genes)
COMUNICAR É CONDUZIR, EFEITOS SÃO OBJETOS TRANSFERIDOS, CONHECIMENTO É CONTEÚDO FÍSICO (GRADY, 1997).	Toques
CONSTITUINTES SÃO CONTEÚDOS, CATEGORIAS SÃO REGIÕES DELIMITADAS ESPACIALMENTE, CONDIÇÃO É FORMATO (GRADY, 1997).	Vazada (defesa)

Fonte: a autora.

Das 28 ocorrências de conceitos-fonte relacionados a percepção sensorio-motora/emoções, em 17 delas o conceito do alvo era de uma categoria mais específica culturalmente do que nas outras 11, de nível mais geral. As 17 mais específicas selecionaram alvos no âmbito da engenharia genética, marketing, comércio, estratégias econômicas, formas de organização social e instituições sociais, produção cultural, entre

outras áreas. As 11 mais genéricas selecionaram alvos relacionados à conceptualização de ação, emoção e avaliação subjetivas (agressividade, bom humor, ter dificuldades), eventos genéricos (acontecimento, situação), interação social (incomodar, mostrar interesse, aconselhar, prometer).

Quadro 6- Nível de especificidade do conceito-alvo

<b>Nível de especificidade do conceito-alvo</b>	
<b>Domínio-alvo</b>	<b>Geral/ Específico</b>
Inibir a ação dos genes (silenciar)	Específico
Aumentar o alcance da marca junto ao mercado consumidor (esticar)	Específico
Ser vendido (produto ou serviço) por um valor x (sair)	Específico
Conjunto de medidas que causa efeito súbito e intenso na economia (choque)	Específico
Diminuição do valor de índices monetários (achatar)	Específico
Manter salários no mesmo valor (congelar)	Específico
Movimentação de valores na economia de um país (superaquecimento)	Específico
Defesa que sofre gols (vazada)	Específico
Estar à mercê de ser punido com suspensão em jogo de futebol em razão do acúmulo de cartões amarelos (pendurado)	Específico
Diminuir a quantidade de pessoas que integram um grupo, geralmente funcionários (enxugar)	Específico
Dissimular origem de dinheiro ilegal para torná-lo legal (lavar)	Específico
Evitar acesso dos compradores ao tráfico (asfixiar)	Específico
Prolongar o passeio, visitando mais lugares (esticar)	Específico
Namorar sem compromisso (ficar)	Específico
Farsa televisiva humorística que envolve colocar uma pessoa em uma situação constrangedora (pegadinha)	Específico
Plagiar informação/conhecimento recebido de outra fonte (chupar)	Específico
Receber informação/conhecimento de (beber)	Específico
Vestir-se o homem com trajes femininos e maquiando-se como mulher, no estilo <i>drag-queen</i> (montar-se)	Específico
Dificuldade (pedreira)	Geral
Ficar bem-humorado (levantar o astral)	Geral

Promessa que não se tem a intenção de cumprir (gogó)	Geral
Temperamento agressivo (sangue quente)	Geral
Acontecer (rolar)	Geral
Situação prejudicial (furada)	Geral
Situação ruim (roubada)	Geral
Surgir (pintar)	Geral
Conselhos discretos (toques)	Geral
Estado de interesse sexual compartilhado (clima)	Geral
Causar efeito moral negativo para alguém (pinicar)	Geral

Fonte: a autora.

Esse tipo de metáfora, derivada da conceptualização da corporeidade, que combina mapeamento primário com mapeamento cultural é o que podemos chamar de metáfora congruente (KÖVECSSES, 2005), ou, conforme nossa proposta, metáfora conceptual. Entretanto, o conceito que resulta da projeção de um domínio dos registros primários sobre um domínio-alvo mais complexo é diferente da projeção para um domínio-alvo mais genérico. A diferença está no grau mais elevado de conhecimento cultural que organiza as metáforas do primeiro caso.

Ambas possuem o que iremos tratar como fonte primária: domínios-fonte relacionados à percepção sensorio-motora e das emoções, que organizam nosso conhecimento de corpo, espaço e sensações. Notamos que há projeções em que as metáforas primárias organizam a projeção a partir de uma fonte primária em direção a um alvo menos dependente culturalmente. Em um nível seguinte, estão aquelas em que as metáforas primárias organizam a projeção a partir de uma fonte primária em direção a um alvo mais complexo e mais dependente da cultura. No nível posterior, já fora do que estamos considerando metáforas conceptuais, ocorrem as metáforas projetadas a partir de uma fonte não primária, mas muito próxima desse nível, com efeitos similares àqueles das metáforas de fonte primária. A fim de ilustrar essas diferenças, apontaremos alguns dos casos de ocorrência. A primeira análise será a partir da ocorrência metafórica “beber”.

Os processos corporais de alimentação constituem uma fonte metafórica bastante produtiva em domínios variados, que resultam em expressões como “pessoa difícil de engolir”, “alimentar a mente”, “sede de vitória”, “curiosidade insaciável”, “situação indigesta”. Vejamos o uso do verbo *beber* em exemplo do *corpus*:

(3) McCarthy <bebe> forte em Ernest Hemingway [...].

Em língua portuguesa, é comum o uso do verbo *beber* no sentido de utilizar as ideias ou o estilo de um autor em produções intelectuais. O exemplo abaixo apresenta a expressão completa “beber na/da fonte de”:

(4) Livro que deu origem à série <bebeu na fonte> de J.R.R. Tolkien.<sup>11</sup>

E no sentido de especificar o tipo e a origem do conhecimento adquirido, como em:

(5) Estudou anos no seminário, onde <bebeu> o seu latim.<sup>12</sup>

A metáfora subjacente à expressão linguística pode ser intitulada como RECEBER INFORMAÇÃO/CONHECIMENTO É BEBER EM e tem o seguinte esquema:

Informação → Líquido/conteúdo

Autor → Fonte/Contêiner de origem a partir do qual o líquido chega ao receptor

Receptor → Contêiner de destino do líquido.

Ato de receber o conhecimento → Ato de beber

Nessa sentença, o verbo *beber* projeta o mapeamento do domínio do processo de alimentação para o domínio do processo de recepção de informação e aprendizagem. O ato de beber realiza fisicamente a ação de trazer algo de fora para dentro do corpo e geralmente envolve o uso de um instrumento que transporta o líquido, como um copo, uma bica d’água, um jarro. Por meio da projeção do esquema genérico, a metáfora licencia o entendimento de que a informação é algo em um contêiner A – correspondente ao instrumento que carrega o líquido, que é movimentado para um contêiner B – correspondente ao ente que bebe o líquido. A concepção de informação como conteúdo é construída pelos seguintes fatores cognitivo-corporais: (i) as faculdades mentais são tomadas como aspectos essenciais do ser e localizadas dentro do corpo; (ii) os pensamentos são privativos do ser e não podem ser percebidos externamente, o que motiva a imagem da informação como um objeto que entra em um contêiner e o processo de pensamento como sendo interno; (iii) e, de

---

11 Folha de São Paulo, 03 de julho de 2011.

12 Dicionário Aurélio Eletrônico, vs.5.8.3.

fato, a informação chega ao destino em forma de percepção e de recepção de sinais de fontes externas (GRADY, 1997).

As principais metáforas primárias que estão habilitando o mapeamento do exemplo são EFEITOS SÃO OBJETOS TRANSFERIDOS CAUSAS SÃO FONTES, e O CONHECIMENTO É CONTEÚDO FÍSICO DA CABEÇA, O MATERIAL NECESSÁRIO PARA UM PROCESSO É COMIDA (GRADY, 1997): a primeira concebe o conhecimento em termos de um objeto físico localizado na cabeça, a segunda concebe em termos de objeto o efeito da interação com o conhecimento de um autor, a terceira localiza o autor como a fonte da onde parte o objeto, e a quarta concebe o objeto/conhecimento em termos de alimento. Esse mapeamento licencia outras metáforas em funcionamento, tais como APRENDER É ABSORVER (GRADY, 1997). São projeções que fazem parte do sistema metafórico A MENTE É UM CORPO (SWEETSER, 1990) e IDEIAS SÃO COMIDA (LAKOFF; JOHNSON, 1999), que organizam hierarquicamente os mapeamentos entre informação/objeto/comida e mente/corpo. O sistema mente-corpo permite conceber o ato de pensar como um modo de funcionamento corporal e as ideias como entidades com existência independente: pensamentos podem ser possuídos e aprender é uma aquisição (SWEETSER, 1990). Aplicado ao funcionamento do processo de alimentação, o sistema passa a conceber ideias em termos de alimento (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Pertencem a esse sistema metafórico metáforas veiculadas em expressões vernáculas como “alimentar a mente com bons pensamentos” e “digerir a ideia de um novo projeto”.

O uso do conceito de “beber” ao invés de “comer” dá uma pista da influência da metáfora APRENDER É ABSORVER (GRADY, 1997) para conceber a apropriação intelectual. Uma das acepções de beber no Dicionário Aurélio Eletrônico (vs.5.83) é “4. Impregnar-se de; absorver; sorver: a esponja bebeu toda a água. O conceito de *beber* serve muito à organização das inferências de assimilação mental da informação em termos de absorção. No processo físico de beber, por exemplo, o líquido trazido à boca rapidamente interage com o corpo e, quando engolido, ele passa a constituí-lo. Assim, estão mapeadas as inferências dos sentidos de absorver em que o conteúdo bebido fica impregnado naquele que bebeu. Se é necessário alimentar-se para viver e se o alimento passa a constituir o corpo que o ingeriu, é natural que a informação necessária a um processo possa ser concebida como alimento e que essa informação acessada e manipulada seja vista como conhecimento apreendido.

O ato de beber é uma das primeiras funções requisitadas pelo corpo ao nascer, ao menos entre os animais mamíferos. Diferentemente do ato de digerir, os atos de beber, comer, mastigar e engolir são etapas mais externas e voluntárias do processo de alimentação, são mais facilmente reconhecíveis pelo sistema de percepção sensorial e motora, razão pela qual são fonte de metáforas primárias (GRADY, 1997; LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Por mapear metáforas primárias e pela natureza dos domínios envolvidos, *beber em* e *beber na/da fonte* correspondem a usos mais estáveis, duradouros e universais, ao menos potencialmente. De fato, mesmo em uma metáfora como *beber na fonte*, fortemente ancorada em fatores corpóreos, há a presença de elementos culturais relevantes e bastante complexos. Os fatores culturais ficam ainda mais evidentes ao analisarmos a sequência da sentença:

(6) “McCarthy <bebe> forte em Ernest Hemingway e <chupa> o que pode William Faulkner – parece até que se está lendo um remake de O urso. IE, 12-mai-99”.

“Chupar” é uma subcategoria de “beber” (LAKOFF, 1987). Podemos apontar inferências distintas na projeção de chupar, causadas pela carga semântica do verbo (cfe. MOURA, 2008), em que a definição literal coloca em evidência o movimento de projeção da boca e dos lábios e o ato de sugar o conteúdo:

- 1.Sugar, sorver; chuchar: [...]
- 2.Aplicar os lábios a, sugando, sorvendo, ou como quem suga ou sorve: [...]
- 3.Extrair com a boca o suco de: [...] (FERREIRA, vs.5.8.3)

Há uma diferença na intensidade de esforço entre os atos de beber e chupar, de menos para mais, respectivamente. Ao beber, o conteúdo é mais facilmente introduzido no contêiner, enquanto que no ato de chupar a transferência do conteúdo requer mais energia por parte do agente. Nos usos figurados, essa diferença se manifesta em sentidos com moral negativa como na definição:

Consumir, dissipar, malbaratar: Chupou toda a herança da família. Aproveitar-se de, trazendo a si: Ele sempre está chupando o trabalho dos outros”;

Fig. Copiar (informação, texto etc.) ger. sem mencionar a fonte: Chupou os dados da internet.  
Apropriar-se indevidamente de algo. (FERREIRA, vs.5.8.3)

A metáfora projetada a partir de “chupar” reforça o fato de que a sentença só pode ser plenamente interpretada se o ouvinte domina o contexto cultural de criação intelectual, originalidade, influência, estilo e plágio. Não faz sentido pensar no ato físico de ingerir um líquido como envolvendo um líquido “original”, que influencia aquele que bebe. Todas essas ideias sobre criação intelectual e absorção de influências fazem parte de um contexto intelectual rico e multifacetado, que a metáfora sutilmente evoca.

O grau de convencionalidade de uma expressão metafórica pode refletir o grau em que um modelo cultural está convencionalizado (LAKOFF; TURNER, 1989; KÖVECSES, 2005) e funcionar como um fator de acessibilidade da interpretação. Porém, o nível de convencionalidade de uma expressão é um critério independente da natureza do pensamento e da linguagem figurada, como explicam Dancygier e Sweetser (2014) na comparação entre a expressão “guia de viagem” e uma passagem shakespeariana em que o frasco contendo veneno é conceptualizado em termos de guia e condutor: ambas metáforas partem do domínio-fonte de viagem, mas, a primeira é uma locução amplamente convencionalizada (um tipo de livro didático), a segunda é um uso criativo da metáfora em questão (veneno não é comumente conceptualizado em termos de “guia”). A metáfora com o verbo “beber”, no uso que analisamos acima, é bastante convencionalizada na nossa língua. Já em outras metáforas, o contexto cultural que organiza o conceito é mais localizado, menos convencional, como no caso da metáfora “limpa-nome”, expressão que foi usada em referência a um determinado evento social no seguinte contexto linguístico:

(7) Feirão <limpa-nome> termina amanhã. Consumidores com dívidas em atraso têm até amanhã para renegociar débitos e sair da lista de inadimplentes em feirão feito em São Paulo pela Serasa Experian, empresa de informações financeiras.<sup>13</sup>



“Limpa-nome” refere-se a um dado evento de renegociação de dívidas de consumidores. Na expressão, o determinante é formado pelo verbo *limpar*, o qual possui as seguintes definições literais, de acordo com o Dicionário Caldas Aulete (vs. on-line):

1. Tornar limpo, asseado; tirar a sujidade a: Limpou quase todos os cômodos da casa; “limpava as mãos com as pequenas toalhas quentes e perfumadas que eram distribuídas” [...].
2. Livrar de impureza(s); purificar: Limpou o ferimento antes de proceder ao curativo. [...].

A definição principal de *limpo* é “que não tem manchas ou sujeira” e, dentre os sentidos figurados, destacamos:

5. Fig. Livre de culpa; sem mácula (consciência limpa).
6. Fig. Honesto, honrado: Todos os seus negócios são limpos. [...]
10. Bras. Gír. Que não carrega consigo nada ilegal (arma, droga etc.), ou que não está bêbado ou drogado: Os policiais o revistaram, mas ele estava limpo [...]
14. Limpamente, honestamente: Esse rapaz joga limpo! [Ant.: sujo. Ant.: desonesto, sujo. F.: Do lat. *limpidus*, a, um. Hom./Par.: limpo (a.sm.), limpo (fl. de limpar).]

No pareamento dos sentidos literais com o apresentado pela expressão analisada, surge a metáfora EVENTO QUE RENEGOCIA DÍVIDAS DE DEVEDORES É EVENTO LIMPA-NOME, que projeta a ação de tornar limpo para o a ação de fazer com que o nome seja retirado da lista de devedores. As definições em sentido figurado *honesto* e *honrado* aproximam-se do sentido da expressão analisada. A acepção de *limpo* como gíria para aquele que não carrega consigo armas ou drogas também remete a esses usos, os quais podemos denominar como *sentido institucional de limpo*: aquele que não está com problemas perante a lei ou perante a sociedade. Os sentidos das definições figuradas acima são conceptualizados no domínio-fonte da moral. Trata-se, de fato, de metáforas subjacentes à metáfora primária BOA MORAL É LIMPEZA e a correspondente IMPERFEIÇÃO É SUJEIRA (GRADY, 1997; LA-KOFF; JOHNSON, 1999), as quais postas em funcionamento em uma

dada cultura criam os sentidos das acepções analisadas acima. A expressão limpa-nome é uma metáfora conceptual em razão da natureza percepto-sensorial do domínio-fonte e do mapeamento de uma metáfora primária. A raiz cultural é explicitada pelo domínio semântico do alvo (evento de renegociação de dívidas), que é do âmbito dos eventos culturais e a sua compreensão depende do conhecimento do funcionamento das instituições que organizam, controlam e regulam o modo como as pessoas adquirem bens e serviços.

A metáfora primária BOA MORAL É LIMPEZA é altamente produtiva na nossa cultura, da onde surgem expressões como *ficha limpa* e *faxina ética*. Do *corpus* emergiram expressões em torno da metáfora DISSIMULAR ORIGEM DE DINHEIRO ILEGAL PARA TORNÁ-LO LEGAL É LAVAR (O DINHEIRO), que forma a expressão *lavar dinheiro*. As três entradas coletadas correspondem aos respectivos papéis: o nome do conceito que define o processo (“lavar dinheiro”), os agentes da lavagem de dinheiro (“lavadores”) e o lugar em que a operação é realizada (“lavanderia”). O dinheiro corresponde ao objeto sujo que será tornado limpo pela ação de lavar. A sujeira impregnada no dinheiro corresponde a ganhos ilícitos. O processo de lavar corresponde ao processo de torna-lo lícito. A interpretação adequada de tais metáforas depende do conhecimento do funcionamento social em torno de deveres civis como pagamento de impostos e declaração de renda. Além do preenchimento cultural em comum, relacionado ao conceito do alvo, há uma gradação cultural entre elas, determinada pela natureza dos conceitos do domínio-fonte. Enquanto que o conceito que relaciona lavar/tornar limpo a aspectos subjetivos é parte de uma cena primária (GRADY, 1997) e podemos relacionar “lavar” diretamente a esse conhecimento, os conceitos de fonte correspondentes a “lavanderia” e “lavadores” são mais complexos e possuem um grau de organização cultural mais alto, pois, a interpretação de ambos necessita do conhecimento do modelo cultural que organiza o que conhecemos por empresas e a função das empresas na sociedade, bem como a existência de um tipo de empresa denominada “lavanderia”.

“Lavar dinheiro” e “lavanderia de dinheiro” fazem parte de um mesmo sistema de mapeamento metafórico. Entretanto, o grau cultural de lavanderia de dinheiro é maior do que o de lavar dinheiro, em razão do domínio do conceito-fonte. “Lavar dinheiro” e “feirão limpa-nome” compartilham uma mesma metáfora primária. Mas, enquanto que a primeira expressão é convencional, a segunda é um tipo de uso mais criativo.

Por fim, vejamos como funciona a expressão *rolar um clima*, que ocorreu no seguinte contexto linguístico:

(8) [...] “Se você passar do limite na bebida, não tem como chegar lá. Quando <rola um clima>, eu não exagero. Mas em doses moderadas, a bebida é afrodisíaca”[...]. FSP, 21-jun-98.

Estados emocionais compartilhados num dado ambiente social são conceptualizados em termos de clima, projeção organizada pela metáfora primária CIRCUNSTÂNCIAS SÃO TEMPO METEOROLÓGICO (GRADY, 1997), que correlaciona as condições meteorológicas e o estado afetivo ou a situação de uma pessoa. Dado que o clima (o conjunto das condições atmosféricas) atua sobre uma região e não sobre pessoas ou objetos isoladamente e afeta mais de um ente ao mesmo tempo, podemos formular que ESTADO EMOCIONAL COMPARTILHADO É CLIMA. Podemos dizer que “O clima entre o casal piorou depois da discussão”, “Ela foi embora mais cedo porque não estava no clima de festa”, etc. A projeção parece ter também influência da metáfora primária INTENSIDADE DA EMOÇÃO É CALOR (GRADY, 1997), a qual correlaciona a variação e gradação da sensação de temperatura corporal com a gradação e variação das emoções experimentadas. ESTADO EMOCIONAL COMPARTILHADO É CLIMA é uma metáfora conceptual baseada nas projeções primárias acima. Ela está combinada com outra metáfora conceptual, ACONTECER É ROLAR, cuja projeção é organizada pelas metáforas primárias UM EVENTO É O MOVIMENTO DE UM OBJETO e MOMENTOS NO TEMPO SÃO OBJETOS EM MOVIMENTO EM UM CAMINHO (GRADY, 1997).

Rolar é um dos modos com o que um objeto ou um corpo pode se movimentar: andar em roda, andar girando, fazer avançar dando voltas sobre si mesmo (FERREIRA, vs. 5.8.3). As inferências de rolar indicam um movimento contínuo, livre de impedimentos, como na imagem do fluxo da água, o giro de uma roda de veículo ou de uma roda de moinho; pela projeção, dizer que algo está rolando, é dizer que um evento está acontecendo. O Dicionário Aurélio Eletrônico (vs. 5.8.3) traz esse sentido na seguinte acepção: “18. Bras. Gír. Acontecer, ocorrer: Todos os sábados rola uma festa em sua casa”. No mapeamento acima, em “rolar um clima”, o clima é o objeto que rola, a partir de um ponto em que surge (relacionado aos efeitos do clima) até se estabelecer entre os participantes da cena. Outra ocorrência associada a essa, “pintar um clima”,

trabalha com uma projeção muito parecida, mas focaliza elementos diferentes da cena:

(9) “Às vezes, estávamos assistindo um filme romântico, <pintava um clima>, mas ela tinha que se conformar”. FSP, 21-jun-98

A metáfora SURGIR É PINTAR também aponta para a metáfora primária UM EVENTO É O MOVIMENTO DE UM OBJETO, mas é organizada pelas metáforas primárias EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE e PERCEPTÍVEL É PARA FORA (GRADY, 1997), as quais correlacionam o conhecimento da existência das coisas à sua presença no campo de visão. Projeta-se metaforicamente a ação de “representar por traços, cores, figuras”, “recobrir de tinta”, “colorir” para o evento de “surgir, aparecer, manifestar-se” (FERREIRA, vs. 5.8.3). Pintar, nesse sentido, implica a existência de algo perceptível, sinais a partir dos quais é possível identificar a existência de um evento. Em “pintar um clima”, o estado emocional compartilhado torna-se perceptível aos participantes da cena.

Enquanto que na cena de *rolar um clima* o foco está no movimento, em *pintar um clima* o foco está na percepção da imagem. As implicações culturais em “rolar” e “pintar”, no sentido de indicar um evento, estão no âmbito da variação de uso dentro da cultura linguística, são identificadas como gírias. Porém, os conceitos envolvidos na fonte e no alvo são menos arraigados culturalmente do que as projeções que analisamos anteriormente, como *lavar dinheiro*. Em suma, não há metáforas primárias “puras”. As ocorrências metafóricas reais envolvem algum grau de variação cultural. O que pode variar é o grau da interferência cultural.

Qual seria o papel de tais metáforas conceptuais em um corpus composto por neologismos, dado que por definição as metáforas conceptuais devem ser aquelas mais estáveis em uma cultura? Os dados nos mostram que principalmente servem à atualização das metáforas conceptuais subjacentes. No grupo das metáforas conceptuais mais específicas o conceito atualiza a metáfora conceptual primária que a organiza, integrando-a à demanda provocada por novos eventos sociais. O verbo *ficar*, por exemplo, no sentido de “trocar beijos e carinhos sem compromisso de namoro” projetado sobre o sentido literal de “estar, permanecer em companhia” (FERREIRA, vs.5.8.3), reorganiza na nossa cultura a incidência da metáfora primária INTIMIDADE É PROXIMIDADE (LAKOFF, JOHNSON, 1999). O mesmo ocorre com “silenciar genes”,

“esticar a marca”, “choque na economia”, “achatar os índices monetários”, “defesa vazada”, “jogador pendurado”, “asfiliar o tráfico de drogas”, dentre os outros mapeamentos detectados.

No grupo das metáforas conceptuais menos específicas, menos dependentes culturalmente, os conceitos parecem apontar para atualizações relacionadas ao interior do próprio mapeamento: uma nova combinação entre metáforas conceptuais convencionalizadas (pintar um clima, rolar um clima), um conceito veiculado por expressões que estão se tornando mais institucionalizadas e, por isso, passam a integrar um dicionário (dar um toque, entrar em uma roubada), uma alteração no foco do mapeamento, ou seja, uma nova forma de enxergar a metáfora conceptual (pinicar alguém, pintar uma oportunidade).

### 4.3 METÁFORAS CULTURAIS

Classificamos como metáfora cultural aquela em que o domínio semântico na fonte não se situe nos processos de percepção corporal e mais relacionada a domínios de artefatos, ferramentas, instrumentos, fenômenos e/ou eventos culturais que possam restringir a sua compreensão a uma dada cultura. O quadro abaixo apresenta as metáforas que foram detectadas, com exceção dos domínios relacionados a alimentos, animais e natureza, que foram tratadas na seção seguinte<sup>14</sup>. Como era esperado, sem a restrição do domínio-fonte a processos percepto-sensoriais, a variedade de domínios contemplou vários aspectos dos modelos culturais em funcionamento. A distância da fonte dos processos corporais e a sua organização mais atrelada aos modelos culturais diminuiu a ocorrência de metáforas primárias, embora em parte das ocorrências elas tenham aparecido em organização indireta, via conceito cultural. Foram detectadas 114 metáforas culturais, das quais separamos para análise na subseção seguinte aquelas cuja fonte recai nos domínios da natureza, animais e alimentação, a fim de ilustrar alguns pontos. O quadro a seguir apresenta os rótulos das 80 metáforas conceituadas em outros domínios.

Quadro 7- Rotulagem das metáforas culturais detectadas.

<b>Rotulagem das metáforas culturais (ALVO É FONTE)</b>	
<b>ALVO</b>	<b>FONTE</b>

14 O conjunto de unidades com metáfora cultural e as respectivas análises constam na Tabela 3 (Apêndice).

APRESENTADOR DE UM PROGRAMA DE TELEVISÃO OU RÁDIO QUE USU-ALMENTE ATUA COMO COORDENADOR DA EQUIPE	ÂNCORA
PESSOA ATENTA ÀS NOVIDADES POR MEIO DA TECNOLOGIA	ANTENADA
ESTREAR UM PROGRAMA NA TELEVISÃO	ATERRISAR
ESTADO MENTAL ALTERADO CRIADO PELO USO DE DROGA	BARATO
FREQUENTAR UM LUGAR COM ASSIDUIDADE	BATER CARTÃO
TER UM PÊNIS CONSIDERADO GRANDE	BEM-DOTADO
ESTAR NO FOCO DE ATENÇÃO DAS PESSOAS EM DETERMINADO ASSUNTO/EVENTO	BOLA DA VEZ
GRUPO DE BANDIDOS EM AÇÃO COORDENADA	BONDE
AÇÃO DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA PARA VENDER REMÉDIOS	CAÇA-NÍQUEL
PUNIÇÃO EM DINHEIRO PARA JOGADOR QUE CHEGA ATRASADO AO TREINO	CAIXINHA
CANAL DE TELEVISÃO POPULARESCO E SEM SOFISTICAÇÃO	CAMELÓDROMO
SONEGAÇÃO DE IMPOSTOS E EXCESSO DE TRIBUTAÇÃO	CÂNCER
DETERMINADO TIPO DE BEBIDA ALCOÓLICA	CAPETA
ÍNDICES DE JUROS COM MESMO FATOR DE CORREÇÃO	CASADOS
PROPINA	CERVEJINHA
PESSOA QUE APOIA O GOVERNO	CHAPA BRANQUÍSSIMA
AÇÃO EMPRESARIAL IMITADA DE OUTRA EMPRESA	CLONE
COMBINAÇÃO DE DROGAS TOMADAS SIMULTANEAMENTE	COQUETEL
CULPA	CRUZ

PESSOAS COM ATITUDE CONSIDERADA JOVIAL E/OU NA MODA	DESCOLADAS
RECEBER OPERAÇÃO FINANCEIRA DE GRANDE MONTA	ENERGIZADO
SER PROVISORIAMENTE AFASTADO DO TRABALHO	ENTRAR NA GELEDEIRA
LISTA COM PROGRAMAÇÃO DAS MATÉRIAS DO DIA	ESELHO
RECURSOS EXTRAS NA ECONOMIA	FORTIFICANTE (REMÉDIO)
JOGADOR INICIANTE	FRALDINHA
POLÍTICOS NÃO CENTRAIS EM UM PARTIDO	FRANJAS
TRABALHO OU COISA IMPROVISADA	GAMBIARRA
UM ASSUNTO QUE MOTIVA OUTRO	GANCHO
BENEFICIÁRIO DO CONTRATO DE COMPROMISSO PARTICULAR	GAVETEIRO
UMA SOLUÇÃO FAVORÁVEL DENTRO DE UMA SITUAÇÃO DESFAVORÁVEL	GUARDA-CHUVA
EMPRESAS DE TECNOLOGIA QUE FOMENTAM O DESENVOLVIMENTO DE OUTRAS EMPRESAS	INCUBADEIRAS
OPERAÇÕES FINANCEIRAS QUE DÃO ACESSO A DETERMINADOS TIPOS DE APLICAÇÕES	JANELAS
AUMENTAR A FORÇA DO PROCESSO QUE ESTÁ GERANDO A INSATISFAÇÃO	JOGAR ÁGUA NO MOINHO
ATRAÇÃO ANTIQUADA NA TELEVISÃO	JURÁSSICA
TIME QUE ESTÁ EM ÚLTIMO LUGAR	LANTERNA
BOM MOMENTO ENTRE PESSOAS EM UM RELACIONAMENTO PROFISSIONAL RECÉM-INICIADO	LUA DE MEL
TREINADOR DE FUTEBOL	MAESTRO
PESSOA CHATA	MALA
PRATICAR MUSCULAÇÃO	MALHAR
EMPRESA QUE VENDE COMO PRODUÇÃO PRÓPRIA PRODUTOS MONTADOS COM PARTES IMPORTADAS	MAQUIADORA

FUNCIONÁRIO PÚBLICO COM SALÁRIO VULTOSO	MARAJÁ
JOGADOR QUE SE DEDICA SOMENTE A TENTAR FAZER GOL	MATADOR
COISA MAL FEITA	MEIA-SOLA
ACUSAR ALGUÉM DE ALGO PUBLICAMENTE	METRALHAR
TROCA DE CARACTERÍSTICAS ENTRE DUAS VERTENTES MUSICAIS DISTINTAS	NAMORO
EXPERIMENTAR (O PAÍS) MUDANÇAS PROGRESSIVAS NA TAXA DEMOGRÁFICA	NAVEGAR
PERCORRER INTERATIVAMENTE HIPERTEXTO OU HIPERMÍDIA	NAVEGAR
SEGMENTO DE MERCADO	NICHO
PESSOAS INTELIGENTES, RECÉM CHEGADAS EM UM CARGO	OXIGENADAS
SACERDOTE DA SEITA DE SANTO DAIME	PADRINHO
JOGO DE FUTEBOL EM QUE OS JOGADORES ADVERSÁRIOS POSSUEM CARACTERÍSTICAS DE JOGO SEMELHANTES	PAREADO
NÃO PROGREDIR	PATINAR
ACRÉSCIMO DE TEMPO A SER CUMPRIDO PARA CONSEGUIR O DIREITO DE APOSENTADORIA	PEDÁGIO
AVALIAÇÃO POSITIVA DE UMA PEÇA TEATRAL RELACIONADA AO HISTÓRICO DE AUTORIA	<i>PEDIGREE</i>
PERDER VISIBILIDADE JUNTO AO PÚBLICO	PERDER A <i>VITRINE</i>
PAÍSES IMPORTANTES	PESOS-PESADOS
DISCUSSÃO	PINGUE-PONGUE
PRODUZIR E/OU COMERCIALIZAR PRODUTOS FALSIFICADOS	PIRATARIA
ARGUMENTAÇÃO SEM FUNDAMENTOS VÁLIDOS	PIROTECNIA
AUSÊNCIA DE RESULTADOS NA APU-	<i>PIZZA</i>



RAÇÃO DE DENÚNCIAS POLÍTICAS	
RELACIONAR UMA SITUAÇÃO A OUTRA	PLUGAR
PÁGINA DA INTERNET QUE SERVE COMO LUGAR PRINCIPAL DE ACESSO PARA CONTEÚDOS E SERVIÇOS	PORTAL
SITUAÇÃO CONSIDERADA DELICADA NA POLÍTICA GOVERNAMENTAL	PÓS-OPERATÓRIO
DISPUTA POLÍTICA	QUEDA-DE-BRAÇO
PERCENTUAL MUITAS VEZES MENOR OU MAIOR EM RELAÇÃO A OUTRO	QUILOTON
TROCAR DE ESPOSA	RECICLAR
CANTAR UMA MÚSICA EM UMA APRESENTAÇÃO	REGAR
TREINADOR DE FUTEBOL	REGENTE DE ORQUESTRA
IMPROVISAR SUBSTITUIÇÕES PARA A POSIÇÃO DE JOGO QUE ESTÁ DESFALCADA	REMENDAR
MUDAR O VISUAL, DEIXANDO-O MAIS MODERNO	REPAGINAR
PARTICIPAÇÃO DE JOGADOR EM VÁRIOS TIMES AO LONGO DA CARREIRA	RODAGEM
BUSCAR ATENDIMENTO MÉDICO POR VÁRIAS HORAS E EM VÁRIOS HOSPITAIS	ROMARIA
SITUAÇÃO RUIM	ROUBADA
REPERTÓRIO DE DANÇA VARIADO	SUPERMERCADO
SUPERAR A CRISE ECONÔMICA	SURFAR
INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS DE PEQUENO PORTE	TAMBORETES
ELIMINAR A CORRUPÇÃO	TOMAR ANTIBIÓTICO
ALARDEAR UMA NOTÍCIA	TROMBETEAR
ESTAR CONFIANTE EM DEMASIA	USAR SALTO ALTO
BAGUNCEIRO	ZONEIRO

Fonte: a autora.

Assim como ocorreu com as metáforas conceituais, as metáforas culturais apresentaram diferenças de fator cultural de acordo com a natureza dos domínios envolvidos. Foi possível também verificar a diferença entre as culturais e as conceituais em termos de complexidade conceitual, as metáforas culturais se mostraram mais ricas em razão dos conceitos mais imbricados culturalmente.

Os conceitos utilizados na projeção variaram dentre vários domínios, tais como engenharia genética, química, medicina, paleontologia, veículos, profissões, religião, esporte, jogos, música, produtos culturais, produtos tecnológicos, ferramentas, técnicas, hábitos, instituições sociais. O que nos organiza socialmente é utilizado para mapear diversos conceitos. Os domínios do alvo variaram dentre as áreas de administração e negócios, economia, política, esporte, produção cultural, relações interpessoais, fenômenos e organizações sociais.

A maior parte das projeções ocorreu de entidades mais concretas para entidades mais abstratas. A partir de imagens das coisas, instrumentos e produtos que nos rodeiam foram mapeados: empresa que vende como produção própria produtos importados em termos de maquiadora; a atividade da indústria financeira para vender remédios em termos de máquina caça-níquel; empresas de tecnologia que fomentam o desenvolvimento de outras empresas em termos de incubadora; recurso extra em termos de remédio; políticos não centrais em termos de franjas; ser afastado do trabalho em termos de entrar na geladeira; pessoas joviais em termos de descoladas; trabalhos improvisados em termos de gambiarra; beneficiário de contrato em termos de gaveteiro; página da internet que serve como principal acesso a conteúdo e serviços em termos de portal; time que está em último lugar em termos de lanterna, dentre outros.

Hábitos, técnicas, formas de organização social e instituições sociais foram usadas para mapear: propina em termos de cerveja; pedigree em termos de avaliação positiva; troca de características entre duas vertentes musicais em termos de namoro; frequentar um lugar assiduamente em termos de bater cartão; argumentação inverídica em termos de pirotecnia; trocar de esposa em termos de reciclagem; mudança de visual em termos de repaginar, dentre outros.

Das 80 metáforas, em 18 os conceitos do alvo expressam ideias, emoções e julgamentos mais subjetivos, e ações e eventos mais abstratos, os quais não especificam uma situação localizada como nas demais metáforas. Mas, a partir fonte projetam-se para essas noções conceitos com imagens bem definidas e localizados culturalmente, que dão vida às expressões e fazem com que o mapeamento gere no conceito uma mirí-

ade de novos atributos: pirotecnia projeta para argumentação sem fundamentos válidos a inferência de entretenimento belíssimo, porém, fugaz; guarda-chuva projeta para uma solução favorável a inferência de um mínimo conforto em meio a um ambiente difícil; patinar projeta para não progredir a frustração das tentativas malsucedidas de tirar um carro do lugar; usar salto alto projeta para o excesso de confiança a inferência de ser má escolha para dada situação; trombetear projeta para propagar uma notícia a intensidade do som de uma trombeta.

Uma organização por metáfora primária que se mostrou muito produtiva tanto nas metáforas conceptuais quanto nas metáforas culturais é a correlação de processos a forças vivas. Os processos são resultado de modelagem cultural – tráfico de drogas, tributação, gestão empresarial – e a compreensão do seu funcionamento é em parte organizada metaforicamente pela projeção do funcionamento do ser vivo, com preferência por projeções antropomórficas (RADDEN; KÖVECSSES, 1999). A partir da característica de coisa viva, podemos eleger parte dos processos que organizam nossa vida em sociedade para sofrer as mesmas coisas que nós: ser asfixiado, interagir em uma luta, ficar doentes e morrer. Enquanto que os sintomas e as consequências de um processo de asfixia são o mesmo para qualquer ser humano, uma disputa física em termos de queda-de-braço mapeia o embate a partir de um jogo da cultura.

Da mesma forma, trazer pessoas oxigenadas para a empresa mapeia um conhecimento da função do gás oxigênio para a vida. Asfixia é um evento corporal em que o ar é impedido de ser aspirado, impossibilitando a respiração. Gás oxigênio é uma molécula formada por dois átomos de oxigênio, que tem funções vitais. Empresas que são incubadoras mapeiam o processo em termos de forças vivas a partir de uma técnica de avicultura: a função de garantir a vida inicial e o crescimento (de plantas, de animais, de pessoas) para a função de empresas em garantir o desenvolvimento de outras que estão começando. Esse funcionamento corrobora a concepção de que a corporificação combina experiências puramente físicas com experiência físico-culturais (KÖVECSSES, 2005, posição 3287; LAKOFF; TURNER, 1989).

Mesmo o processo de doença é carregado de evidências do modelo cultural que o origina, como no mapeamento de tributação em termos de câncer: desde que se considera o câncer uma das doenças mais temidas da contemporaneidade, o conceito tem nomeado uma série de projeções metafóricas correspondentes à avaliação de quanto uma situação é maléfica (BOWDLE; GENTNER, 2005). Nessa metáfora, a economia é considerada como um ser vivo (PROCESSOS SÃO FORÇAS VIVAS) e

por meio da projeção de PREJUDICAR É CAUSAR DANO FÍSICO (GRADY, 1997), a tributação é mapeada como o agente causador de câncer na economia. A metáfora da tributação como um câncer apresenta um funcionamento que quase a coloca como uma metáfora conceptual. Mas, a escolha do domínio-fonte faz toda a diferença no grau cultural de uma metáfora. Não se trata de apenas dizer que a economia está doente. O conceito de câncer tem uma organização interna que extrapola as correlações de “doença”.

Considerando a dimensão social e diacrônica, podemos imaginar que se a mesma sentença fosse expressa na época anterior ao surgimento dos antibióticos, poderíamos nos referir à tributação excessiva como “leprosa” ou “tuberculosa”, mas, ainda assim não teria o mesmo sentido. Podemos identificar no mapeamento a metáfora primária BOA MORAL É SAÚDE, a partir do conhecimento cultural que alia a tributação à má gestão do dinheiro público e à corrupção: a escolha do conceito de “câncer” é um indicativo dessa atribuição, já que é caracterizada como doença que se espalha sordidamente e pode ser difícil de ser extirpada.

A importância do componente cultural do conceito-fonte também é notada quando certas entidades que fazem parte do modo como estamos organizados socialmente são projetadas para domínios menos típicos, criando metáforas inusitadas. “Supermercado” é definido no Dicionário Aurélio Eletrônico (vs.5.8.3) como “loja de autosserviço [...] onde em ampla área se expõe à venda grande variedade de mercadorias [...]”. O conceito foi projetado para um repertório de dança:

(10) “Todas as épocas estão representadas em nosso repertório, temos clássicos do século passado, assim como do século 20, [...] É uma grande mistura, algo como um <supermercado> da dança”. FSP, 16-abr-00

Não apenas a imagem da variedade de mercadorias de um supermercado está sendo projetada para a variedade do repertório de dança, como também as inferências relacionadas à possibilidade de agradar públicos diferentes por apresentar tamanha variedade, noção organizada pela presença da correlação primária de IMPORTÂNCIA É QUANTIDADE (GRADY, 1997) no conceito de supermercado.

Para a noção relacionada à frequência assídua a um lugar emergiram duas projeções muito distintas, colorindo os sentidos de maneiras bem diferentes. Em “bater cartão”, o conceito refere-se a um modelo social de organização de trabalho, em que o empregado ao entrar e sair

da empresa bate o cartão na máquina, ou assina o ponto em um livro. A máquina de ponto carimba a data e a hora. Atualmente as catracas eletrônicas fazem esse processo. Esse conceito em sua forma metafórica tem o sentido definido como “Fazer coisa que se faz diariamente, com muita frequência (FERREIRA, vs.5.8.3), tal como apresentado na ocorrência:

(11) “Pixinguinha, no bar que <batia cartão>: até doze doses de uísque. V, 30-abr-97”.

A outra metáfora focou a característica do agente que frequenta um lugar com assiduidade a partir do conceito de “rato”:

(12) Para o americano Mark Harthaway, jogador amador e <rato> das discussões enxadristas na Internet, “as especulações existem. Muita gente está desconfiada, mas suspeito que será impossível descobrir a verdade sobre tudo isso.” IE, 01-jun-97.

No Dicionário Aurélio Eletrônico (vs.5.8.3), uma das definições de rato é: “9. Bras. Frequentador assíduo: rato de teatro; rato de festas”. Possivelmente a projeção está relacionada ao fato de os ratos estarem abundantemente presentes nos mesmos espaços que os seres humanos, atraídos pelos restos de comida. Essa projeção pode ser considerada menos complexa culturalmente do que *bater cartão*, porque depende apenas da imagem e das características que atribuímos ao rato; no caso de *bater cartão* a projeção está atrelada a um modelo cultural bastante específico, que envolve o conhecimento que temos a respeito de como funciona o ambiente de trabalho – a necessidade de estar presente e comprovar a presença e o modo como o setor de recursos humanos faz o controle da presença dos funcionários.

Como vimos na seção 6.3, os neologismos semânticos podem ter como origem influências interculturais ou intraculturais, ou seja, decorrentes de polissemia interna e de polissemia via modelo cultural estrangeiro. Esse último tipo é chamado decalque semântico (CAPUZ, 2005), do que detectamos uma ocorrência em que o decalque é atestado pelo Dicionário Aurélio Eletrônico (vs. 5.8.3). A metáfora “âncora”, a partir do sentido de “instrumento que prende a embarcação” para o sentido de “apresentador principal de programa de notícias”, tem origem em um modelo cultural estrangeiro: a extensão veio pelo inglês *anchor*, forma

reduzida de *anchorman* ou de *anchorwoman* (FERREIRA, vs. 5.8.3). Comparativamente, a metáfora de “gambiarra” do sentido de “lâmpada instalada na extremidade de um comprido cabo elétrico” para o sentido de “trabalho improvisado” é projetada a partir de um modelo cultural interno à língua.

O domínio semântico da tecnologia se mostrou fonte produtiva de metáforas. Na sentença abaixo, captada no *corpus*, o adjetivo *antenado* apresenta um uso metafórico que é bastante comum na língua portuguesa brasileira:

(13) Sua mãe, a assistente social Leni Oliveira, ficou receosa no início, depois apoiou a filha. “[...] Ela vai ser uma profissional antenada com o mundo”, conclui.

O adjetivo “antenado” literalmente significa “que tem antenas”, substantivo polissêmico que designa uma parte do corpo de determinadas espécies de animais e uma parte de certos equipamentos tecnológicos:

1. Eng. Eletrôn. Parte de um transmissor cujo potencial varia rapidamente, irradiando para o espaço ondas eletromagnéticas.
2. Eng. Eletrôn. Parte de um receptor de rádio ou de ondas eletromagnéticas que capta a energia eletromagnética, introduzindo-a no aparelho sob forma de impulsos elétricos. [...]
7. Zool. Apêndice cefálico sensorial dos artrópodes, em número de quatro nos crustáceos e de dois nas demais classes, e ausente nos aracnídeos, tardígrados e pentastomídeos. (FERREIRA, vs.5.8.3)

Ainda que haja um grau de distanciamento do mais cultural para o menos cultural entre o sentido de antena no domínio da tecnologia e o sentido de antena no domínio da morfologia dos animais, as definições de antena das acepções 2 e 7 acima compartilham a função de recepção de dados. Tanto o aparelho de engenharia quanto o aparelho corporal de certos animais captam sinais externos e os transformam em informação. Esse sentido do esquema geral de antena está preservado no mapeamento do uso metafórico abaixo, mas ele não abarca todas inferências projetadas. Enquanto que o sentido literal de *antenado* é possuir antenas, o sentido metafórico é contemplado pela definição “que se mantém ou

procura se manter bem informado a respeito do que se passa, do que é atual; ligado, conectado” (FERREIRA, vs.5.8.3). A metáfora está funcionando pela projeção das propriedades do aparelho de recepção de informação para as características de uma pessoa, organizada pelas metáforas primárias CONHECIMENTO É CONTEÚDO FÍSICO DA CABEÇA e INTER-RELAÇÃO É INTERCONEXÃO FÍSICA (GRADY, 1997). Mas, além disso, o sentido funciona pelo mapeamento do conhecimento pragmático relacionado a *antenido*. Projeta-se o efeito produzido pelas antenas na comunicação artificial, mais especificamente pelas antenas de rádio e de televisão. É de conhecimento comum que elas têm sido os principais artifícios pelos quais os seres humanos comunicam-se a partir de qualquer ponto do planeta e para além dele. Enquanto que os pontos geográficos são interligados pelas antenas, a intermediação entre as pessoas e a informação é realizada por organizações que, não por acaso, chamamos de mídia, no bojo da qual o jornalismo se destaca como produto com função específica de levar informação a partir de um lugar do mundo para uma rede de transmissão.

Tal sobreposição dos sentidos de *antenido* gera a metáfora ESTAR ATENTO ÀS NOVIDADES POR MEIO DA TECNOLOGIA É ESTAR ANTENADO. A informação é um bem valioso na sociedade ocidental moderna, em cujo conjunto de crenças “estar bem informado” é construído como um critério para o sucesso. Assim como a antena é indispensável ao funcionamento adequado de um aparelho de televisão ou de rádio, infere-se que grau de informação de uma pessoa *antenido* seja maior do que o grau de informação de uma pessoa sem essas características, e, conseqüentemente, o potencial para o sucesso também é maior.

A projeção metafórica da relação entre a pessoa e a informação pode acontecer de modo muito mais básico, como na sentença como “Ela é uma pessoa que enxerga o que acontece”, que mapeia a metáfora primária SABER É VER (GRADY, 1997), mas não projeta inferências do domínio das ferramentas de tecnologia da comunicação, como é o caso de *antena*. Em nível genérico, a última é organizada pela metáfora MENTE/CORPO (SWEETSER, 1990) e a anterior é organizada pela metáfora MENTE/DISPOSITIVO ELETRÔNICO (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Os efeitos de sentido entre as sentenças “ela enxerga o que acontece” e “ela é antenido com que acontece” são distintos em razão do conceito de base. Os fatores culturais são muito mais relevantes na segunda sentença.

As ferramentas de comunicação de uma sociedade podem concorrer em diferentes graus de importância e diferir ao longo do tempo, e

também as metáforas que as usam como fonte. Da era do rádio e da televisão à era da internet, novas tecnologias alteram o funcionamento social e as suas metáforas. De fato, podemos utilizar outros domínios-fonte para projetar conceitos similares àquele do alvo de “antelado”, como os presentes nas expressões “plugado” e “conectado”:

(14) A professora [...] explica que o conhecimento de mundo pode influenciar na pontuação: "Ser uma pessoa plugada, saber das coisas que acontecem no mundo facilita o entendimento de textos [...]"<sup>15</sup>

(15) O professor criativo fica sempre conectado com as novidades que aparecem, pois sua profissão é dinâmica.<sup>16</sup>

Muitas metáforas culturais mapearam conceitos no domínio de organizações sociais, instituições e hábitos para outras formas de organização social, instituições e hábitos, no alvo. A cobrança de tributo em uma via para ter direito à passagem – o pedágio – foi projetado para o tempo adicional a ser cumprido para ter direito à aposentadoria; o título dos príncipes da Índia – marajá – foi usado para se referir a funcionário público com salário vultoso; o hábito cultural urbano de frequentar pizzarias em comemorações foi projetado para o hábito de fazer conchavos em investigações na política (acabar em pizza); o hábito de tomar uma cerveja entre amigos foi projetado para o hábito de pagar propina. São metáforas culturais bastante convencionalizadas.

A projeção entre conceitos de domínios de diferentes organizações sociais gera o efeito de evidenciar certos aspectos do modelo do domínio-alvo. No exemplo abaixo, conceitos do domínio da música foram projetados para o domínio do esporte, a partir do mapeamento de “regente da orquestra” e “maestro” para “treinador de futebol”:

(16) O ponto de interseção entre os rivais é o polêmico "<maestro>" colombiano Freddy Rincón, <ex-regente da orquestra> corintiana e que tenta

---

15 Disponível em

<<http://vestibular.uol.com.br/ultnot/resumos/ult2771u6.jhtm>> Acesso em 5 jun 2015.

16 <<http://www.educacaoetecnologia.org.br/?cat=3&paged=5>> Acesso em 5 jun 2015.



agora, ainda sem sucesso, afinar a bagunça santista. FSP, 19-mar-00.

O maestro ou regente de orquestra é o líder responsável por gerir, organizar e conduzir uma orquestra. Ele conduz os ensaios e as apresentações. Ele indica a leitura musical a ser produzida e as evoluções durante a performance. Deve saber a melodia de cada um dos instrumentos, separadamente e em conjunto. Ele deve ser capaz de identificar a harmonia da orquestra e interferir quando um instrumento do conjunto não está afinado ou o músico está fora do ritmo. A performance da orquestra é considerada resultado do seu trabalho. Todo esse modelo que corresponde à função do maestro é projetado para a função do treinador de futebol. Consequentemente, a função dos músicos da orquestra é projetada para os jogadores do time, ao menos no sentido que implica a relação de trabalho entre treinador e jogador e as relações de trabalho entre os jogadores, formando a metáfora UM TIME DE FUTEBOL É UMA ORQUESTRA.

A metáfora da orquestra é mais criativa do que convencional, dado que o sistema metafórico que tipicamente organiza o conceito é FUTEBOL É GUERRA (ESPÍNDOLA, 2013), do qual emergiu do *corpus* uma ocorrência em que o jogador que se dedica somente a tentar fazer gol foi projetado como “matador”:

(17) Há artilheiros que não saem da perto da área. Esperam a bola e a empurram ou cabeceiam para as redes. Não têm outras qualidades e pouco participam no jogo. São os fominhas, <matadores> (péssimo nome!). FSP, 16-abr-00

A projeção decorre da metáfora FAZER GOL É MATAR, mas não somente dela. Está fortemente relacionada ao mapeamento das infâncias da função de matador como aquele que tem como “profissão” realizar assassinatos e é pago pelo serviço de matar alguém. O matador apenas mata e, metaforicamente, é essa a sua função no time: “matar a bola”. Assim como o matador profissional, ele é caracterizado pela especialidade e pela eficácia de resultados.

Assim como vários conceitos-fonte incidiram sobre o domínio do esporte – tais como maestro, regente de orquestra, matador, fraldinha, lanterna, remendar o time, rodagem do jogador e jogo pareado –, conceitos do âmbito do esporte e de jogos em geral foram usados para organizar alvos em diferentes domínios: “surfear na onda” para superar a crise

econômica; “pesos-pesados” para caracterizar países importantes em um “jogo” econômico; “bola da vez” no sentido de estar no foco de atenção das pessoas; pingue-pongue para conceber uma troca de argumentos.

A projeção entre domínios da cultura pode se dar dentro de um sistema, como no caso de *metralhar*. Os vocábulos relacionados aos sentidos literais de metralhar, metralha e metralhadora constam em dicionários de língua portuguesa desde o final do século XIX (CUNHA, 2012). O uso metafórico apareceu no *corpus* como neologismo:

(18) Informal e simbólico, o plebiscito, no entanto, incomodou tanto o Planalto que os principais generais de FHC, como o ministro da Fazenda, Pedro Malan, trataram de <metralhar> a iniciativa, acusando seus idealizadores de pregarem o calote da dívida externa. IE, 13-set-00.

O Dicionário Caldas Aulete (vs. on-line) traz as definições 2 e 3 abaixo para os sentidos figurados usuais de “metralhar”:

[...] 2. Bras. Fig. Encher (alguém) de perguntas, argumentos etc., sem lhe dar tempo de responder [tdr. com, de : Os jornalistas metralharam o político com perguntas].

3. Fig. Atacar de maneira intensa [td.: Na segunda etapa do jogo, o ataque da equipe visitante metralhou o gol do adversário][...].

Há projeção das características de metralhar – a quantidade de tiros por segundo e a intensidade dos tiros – para uma situação relacionada a uma disputa verbal. Nessa cena de embate figurado, *metralhar* focaliza o agente do ataque e “blindar” focaliza a defesa realizada pelo sujeito que está sendo atacado:

(19) O governo <blindou> o ministro contra as denúncias.<sup>17</sup>

O verbo “blindar” significa “revestir com ou inserir camada de metal ou de aço à prova de bala ou de cargas explosivas em” (AULETE, vs. *on-line*), como “blindar um automóvel”, “blindar um navio” e “carro blindado”. Tem origem relacionada à fortificação para batalhas e guerras

---

17 Dicionário Caldas Aulete *on-line*.

(CUNHA, 2012). O sentido figurado carrega consigo a noção de proteção: “preservar(-se) de; proteger(-se), defender(-se), resguardar(-se)” (AULETE, vs. *on-line*). As metáforas do mapeamento correspondem a e ACUSAR ALGUÉM OU ALGO PUBLICAMENTE É METRALHAR e DEFENDER OU PRESERVAR ALGUÉM DE ACUSAÇÕES É BLINDAR. Elas integram o sistema metafórico DISCUSSÃO/ARGUMENTAÇÃO É GUERRA (LAKOFF; JOHNSON, 1980:2003), do qual participam outras metáforas que recobrem aspectos de uma troca verbal por meio do evento guerra/confronto. Elas podem ainda estar sendo organizadas em nível primário pelas metáforas COMUNICAR É CONDUZIR, CRENÇA É POSIÇÃO FÍSICA e ACORDO É DO MESMO LADO (GRADY, 1997).

Entretanto, pode-se perceber que, nas metáforas culturais, as projeções primárias perdem a relevância se comparadas com o aspecto cultural dos conceitos. Além disso, as metáforas primárias não mapeiam diretamente porque chegam pela via de tais conceitos culturais. No caso acima, *metralhadora* e *blindagem* fazem aportar tanto a noção básica de crença em termos de posição física, quanto a cena complexa da guerra. Esse exemplo vem ao encontro do que afirma Kövecses (2005) de que quanto mais distante das metáforas primárias e quanto mais complexa, mais o fator cultural será incidente.

#### 4.3.1 Metáforas de alimento, animais e natureza

Faremos a análise das metáforas em que a fonte apresenta conceitos nos domínios da natureza, animais e alimentação. A discriminação visa esclarecer algumas particularidades no âmbito de tais metáforas, das quais foram encontradas 34 ocorrências:

Quadro 8- Domínio-fonte: Animais, alimentação, natureza

<b>Domínio-fonte: Animais, alimentação, natureza (ALVO É FONTE)</b>		
<b>DOMÍNIO</b>	<b>ALVO</b>	<b>FONTE</b>
ALIMENTAÇÃO	BOBAGEM	ABOBRINHA
ALIMENTAÇÃO	MELHOR HORÁRIO NA GRADE DE PROGRAMAÇÃO DA TV	FILÉ
ALIMENTAÇÃO	HOMOAFETIVO MASCULINO	<i>KIWI</i>
ALIMENTAÇÃO	PROBLEMA	PEPINO

ALIMENTAÇÃO	DESCASCAR A BANANA	RESOLVER O PROBLEMA
ANIMAIS	JORNALISTA QUE PRECISA COBRIR VÁRIAS PAUTAS SIMULTANEAMENTE	ABELHA
ANIMAIS	HOMEM BEM SUCEDIDO EM UM TIPO DE FLERTE	ÁGUIA
ANIMAIS	CAPITAIS DE CURTO PRAZO	ANDORINHAS
ANIMAIS	JOGADOR DE FUTEBOL QUE REALIZA GRANDE JOGADA	ANIMAL
ANIMAIS	PESSOA QUE FAZ SERVIÇO DE INFORMAÇÕES	ARAPONGA
ANIMAIS	POLITICOS CORRUPTOS E/OU INTERESSEIROS	AVES DE RAPINA
ANIMAIS	PESSOA QUE SERVE DE GUIA PARA EMIGRANTE CLANDESTINO NOS ESTADOS UNIDOS	COIOTE
ANIMAIS	ATRAÇÕES ANTIGAS NA TV	DINOSSAUROS
ANIMAIS	MÚSICO MUITO HABILIDOSO	FERA
ANIMAIS	“MAURICINHO”	GUAJÁ
ANIMAIS	VEICULO DE CARGA	JERICO
ANIMAIS	INTEGRANTES DAS VOLANTES	MACACOS
ANIMAIS	PESSOAS QUE TRANSPORTAM DROGAS	MULAS
ANIMAIS	EQUIPAMENTO INSTALADO EM VIAS PÚBLICAS PARA FOTOGRAFAR INFRAÇÕES DE TRÂNSITO	PARDAL
ANIMAIS	MULHER ENFEITADA DE FORMA CONSIDERADA EXAGERADA	PERUA

ANIMAIS	NÃO CONSTITUIR PROBLEMA	PINTO
ANIMAIS	PESSOA INSISTENTE	PITBUL
ANIMAIS	PROGRAMA POLÍTICO CONSIDERADO ULTRAPASSADO	PTERODÁCTILO
ANIMAIS	FREQUENTADOR ASSÍDUO	RATO
ANIMAIS	ESPORTISTA COM RESULTADOS EXCEPCIONAIS	TIGRE
ANIMAIS	PESSOA SEM DELICADEZA	TIRANOSSAURO
ANIMAIS	POUCA COISA	TITICA
ANIMAIS	FONTE DE RECURSOS FINANCEIROS	VACALEITEIRA
NATUREZA	ESQUECIMENTO	MATO
NATUREZA	OPERAÇÃO CLANDESTINA DE POLICIAIS PARA EXTORQUIR DINHEIRO DOS TRAFICANTES	MINEIRA
NATUREZA	LUGARES IMPORTANTES DO CENTRO DE SÃO PAULO	PÉROLAS
NATUREZA	ESTILO MUSICAL DE ORIGEM	RAÍZES
NATUREZA	TIPO DE CÉLULA QUE ORIGINA TODOS OS DEMAIS TIPOS DE CÉLULA	TRONCO
NATUREZA	ANOS INICIAIS DA EXISTÊNCIA	VERDES

Fonte: a autora.

No domínio-fonte relativo à alimentação, emergiram as ocorrências: abobrinha, banana, filé, kiwi e pepino. Embora metáforas do tipo O MATERIAL NECESSÁRIO PARA UM PROCESSO É COMIDA e DESEJAR É TER FOME, sejam mais universalistas (GRADY, 1997; COSTA LIMA, 1999), os conceitos relacionados aos alimentos não o

ção. “Falar abobrinhas”, “descascar a banana”, “ter um pepino para resolver” constituem sentidos altamente dependentes da cultura. Enquanto que os processos internos relacionados ao ato de comer sejam os mesmos para os seres humanos, os alimentos disponíveis e o uso que é feito dos alimentos apresentam grande diversidade conforme o modelo cultural.

No experimento de Costa Lima (1999), a conceptualização de desejo em termos de fome foi muito semelhante na comparação entre a língua inglesa e a língua portuguesa. Entretanto, quando a conceptualização se tratava de comida, a semelhança não se manteve: surgiu uma distinção, em língua inglesa, entre alimento para saciar a fome e outro para agradar o paladar, o que, em língua portuguesa, não apareceu. Sob nosso ponto de vista, isso ocorre porque é possível universalizar uma sensação como a fome, um fenômeno corporal comum, mas a universalização da conceptualização do alimento sofre restrições, porque o alimento é um objeto externo ao qual se atribui diferentes características e funções conforme a cultura, além da variação natural relacionada à variação biológica de espécies.

Um indício da estereotipia social a que os conceitos no domínio de alimentos estão expostos é que eles constituem campo profícuo de locuções mais ou menos fixas e expressões idiomáticas. Cada cultura linguística convencionaliza conceitos para os alimentos de acordo com os seus modelos culturais. Assim, na língua espanhola, “ser aquele que corta o bacalhau” tem o sentido de ser aquele que manda, como em “Andrea es la que corta el bacalao en esa relación”. O fato de o bacalhau ter se transformado em dos alimentos mais importantes da dieta mediterrânea contribuiu para a motivação da expressão (RUIZ GURILLO, 2001).

De fato, entre duas línguas, quando sentidos idênticos são veiculados por uma expressão idiomática que conceptualiza um alimento, os referentes poderão ser alimentos completamente diferentes, assim como a imagem atrelada ao conceito. Há, na língua inglesa, por exemplo, a expressão “to handle a hot potato”, a qual, literalmente, significa “manipular a batata quente” e possui o sentido de lidar com um problema. Ela teria o equivalente, na língua portuguesa, na expressão “descascar o abacaxi” (CAMARGO; STEINBERG, 1990).

A conexão entre o significado literal e o metafórico das expressões idiomáticas pode ter motivação mais ou menos opaca. Certas expressões não possuem indícios do sentido literal, em outras a motivação pode ser facilmente refeita. Em alguns casos, as imagens projetadas estabelecem correspondências entre a fonte e o alvo, mas não fornecem

todas as pistas. Muitas vezes é só por suposição que é possível estabelecer a relação que causou a cristalização dos significantes em uma expressão única. Conforme Ruiz Gurillo (2001), a expressão idiomática de língua espanhola “ser aquele que corta o bacalhau” (tradução livre) pode ter motivação na habilidade necessária para cortar o peixe de maneira correta e/ou pode ter surgido a partir do sentido histórico da figura de autoridade de que eram investidas as pessoas responsáveis por distribuir o bacalhau seco a uma comunidade.

Do mesmo modo, a expressão de língua portuguesa brasileira “falar abobrinha” no sentido de dizer “bobagem”, “tolice” (FERREIRA, vs.5.8.3) não tem uma imagem clara do que está sendo mapeado. Sem um estudo que refaça os passos da transformação linguística, podemos apenas tecer algumas suposições. No nosso conjunto de conhecimentos compartilhados, a abóbora é considerada legume menos valioso por várias razões: é muito abundante por ser de fácil cultivo e no ambiente rural, tradicionalmente, é o alimento destinado aos animais.

De acordo com Dancygier e Sweetser (2014), algumas expressões mantêm alguns aspectos de suas raízes metafóricas e é possível recuperar ao menos parte da projeção. Por exemplo, na expressão inglesa “let sleeping dogs lie” (algo como “deixe repousar os cachorros que estão dormindo”, em tradução livre), com o sentido de “evitar encrencas”, “não procurar sarna para se coçar” (GOMES, 2003), o conceito de não perturbar um estado corporal, nesse caso, o sono, que é associado com a inatividade e a ausência de comunicação, é usado para falar sobre assuntos que não queremos trazer à tona. É uma expressão em que a correspondência de imagens continua ativa. Assim também, o conceito de “descascar uma fruta” projeta a imagem relacionada à dificuldade a ser resolvida para possibilitar o momento prazeroso, que é comer a fruta. “Segurar o abacaxi” e “descascar o abacaxi”, no sentido de “ser o responsável por lidar com um problema” e “resolver o problema” são evocações imagéticas ricas nesse sentido, pois a casca da fruta é dura e contém espinhos.

Como essa expressão não é completamente fixa e, desde que satisfeitos alguns padrões do mapeamento, a fruta a ser descascada pode variar. No *corpus* ocorreu a entrada “descascar a banana”, que não tem casca dura nem espinhos, mas é caracterizada convencionalmente como protótipo da identidade cultural brasileira. O sentido figurativo de “pepino” também indica uma dificuldade, um problema, como expresso na ocorrência do *corpus*. Presume-se que alguns dos atributos mapeados para a metáfora sejam a casca bastante dura e/ou o fato de ser um alimento considerado de difícil digestão (SILVA, 2014).

Podemos dizer que a metáfora primária DIFICULDADE É DUREZA (GRADY, 1997) é mapeada nas expressões acima em que “abacaxi” e “pepino” significam problem. Mas, do abacaxi projeta-se a casca e/ou os espinhos?; do pepino projeta-se a casca dura e/ou a digestão longa do alimento fibroso? O que é mais difícil de descascar, um abacaxi ou uma laranja? Por que não dizemos que alguém tem uma “melancia” ou um “melão” para resolver? O fato é que os conceitos que organizam os elementos que compõem a alimentação – as escolhas alimentares, as funções, os rituais – dependem fortemente do modelo cultural que cristaliza a concepção em torno dos alimentos em uma cultura.

Na linguística tradicional, expressões idiomáticas muitas vezes são vistas como sequências mais ou menos arbitrárias de palavras, cujo sentido não pode ser extraído pela soma das partes. Sob o ponto de vista da linguística cognitiva, ela não é arbitrária porque o sentido é motivado pelo mapeamento metafórico das imagens mentais convencionalizadas e o conhecimento sobre a imagem que a expressão carrega. As palavras evocam uma imagem; a imagem vem com conhecimento; o funcionamento metafórico mapeia uma parte do conhecimento para o alvo. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que o sentido do todo não é uma simples junção do sentido das partes, isso não significa que cada parte da expressão não tenha um papel cognitivo na projeção. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.67-69). Geralmente esse papel é o de evocar a imagem convencional, como o descascar de uma fruta.

A expressão idiomática metafórica é a expressão linguística de uma imagem mais o conhecimento sobre essa imagem, mais os mapeamentos metafóricos correspondentes a essa imagem. Para usar o nosso exemplo, é diferente o mapeamento genérico sobre o conceito da fruta “abacaxi” e o mapeamento da imagem de uma pessoa descascando um abacaxi.

Conforme Lakoff e Johnson (1999, p.69), as expressões idiomáticas metafóricas mostram que palavras podem designar porções de imagens mentais convencionais e que uma parte significativa do conhecimento cultural toma forma de imagens convencionais e de conhecimento sobre essas imagens. Sob o ponto de vista intercultural, esse funcionamento indica que uma parte das diferenças lexicais entre as línguas pode ter relação com diferenças nas imagens convencionalizadas em cada língua, já que “o mesmo mapeamento metafórico aplicado em imagens diferentes aciona diferentes expressões linguísticas nos mapeamentos”.

O mesmo funcionamento metafórico de alta dependência cultural ocorre com as projeções no domínio dos animais. Os conceitos são mol-



dados por restrições relacionadas pela distribuição geográfica, pelo ecossistema, pela função atribuída ao animal culturalmente. Vejamos um exemplo da língua portuguesa de Moçambique. Conforme informações retiradas do Observatório de Neologismos do Português de Moçambique (GONÇALVES, on-line), banco de dados da Cátedra de Português da Universidade Eduardo Mondlane, “cabrito” é usado figurativamente para designar servidor público corrupto, do que derivou “cabritagem” e “cabriteiro”, mapeando a ação e o agente da corrupção:

“É que, senhores, convenhamos, encurtamento de rotas é algo que virou cultura, que tem uma cadeia de <cabritos> a pastar. [...] Fonte: Jornal Notícias (JN). Data da fonte:05-11-2012.[...]”.

A imagem de um cabrito alimentando-se no lugar onde permanece amarrado é projetada para a corrupção no serviço público.

A projeção metafórica elege as facetas mais relevantes para o mapeamento, de acordo com o modelo cultural que opera sobre o conceito. Assim, das entradas que analisamos, foram projetadas: a característica migratória das andorinhas; os atributos relacionados ao habitat do coiote; a característica de animal extinto de dinossauro; a característica de adaptação dos pardais ao ambiente urbano; a inferência de canto barulhento da araponga; a função do jerico e da mula como animais de carga; a característica de mordida duradoura do pitbul; a imagem do voo e a característica de trabalho pesado de uma abelha; o comportamento de um macaco; a avaliação do tamanho de um pintinho e o seu valor de compra, dentre outros.<sup>18</sup>

Um dos mapeamentos mais produtivos foi o de atributos relacionados às habilidades de caça, o que ocorreu para águia, tigre, ave de rapina, fera e animal. A interação entre animais e seres humanos envolve convívio e/ou disputa em um dado espaço, a observação do comportamento, o reconhecimento dos animais em categorias, as relações hierárquicas de cadeia alimentar que mapeia as funções de caça e caçador entre vários elos da cadeia. Possivelmente se trata de um modelo compartilhado entre todos os seres humanos. Invariavelmente os animais integram a mitologia de uma cultura, tanto pela projeção no sentido “ser humano” para “animais”, quanto pela projeção inversa, “animais” para “ser humano”, do que decorre ampla produtividade metafórica. O mapeamento de características gerais atribuídas aos animais, como “habilida-

---

18 Tabela 3 (Apêndice).

de de caça”, por projeção metonímica e metafórica, conforme verificado nas entradas “fera” e “animal” (com o sentido de “grande habilidade”) – as quais estão em um nível superordenado em relação a um mapeamento tal como “tigre” – gera uma metáfora menos marcada culturalmente, porque menos específica (DANCYGIER; SWEETSER, 2014; KÖVECSSES, 2005). Animais de quatro patas, ferozes e bem-sucedidos na caça possivelmente constituem um conhecimento compartilhado por várias culturas.

Analisemos, agora, as ocorrências “raiz” e “mato”. A imagem da raiz como geradora da planta e a imagem de um terreno inculto em que o mato prolifera e sufoca as outras plantas constituem imagens tão ou mais convencionais como aquelas projetadas por “fera” e “animal”. Nesse sentido, o domínio-fonte relativo a conceitos da natureza pode aproximar algumas projeções de uma “universalização”, que ocorre pela convencionalização de conceitos que emergem em um modelo cultural baseado em experiências muito básicas e muito comuns entre nós, como o contato com os animais na natureza e com as plantas, mas que não se dão por correlações primárias em nível cognitivo. É pela via da cultura. Para ilustrar, em uma análise mais detalhada, conforme apontado na Tabela 3 (Apêndice), “mato” ocorre no seguinte contexto linguístico:

(20) Tudo isso foi hoje sufocado pelo <mato> do esquecimento e tem sabor de curiosidade de almanaque. É bom lembrar, contudo, que, ao menos na América do Sul, a união ibérica, os reinos dos três Felipes, nem sempre foram, como os descrevem alguns exaltados patriotas lusitanos, o período do "cativério de Babilônia". [...] FSP, 20-ago-00.

A projeção é organizada por pelo menos três metáforas primárias: SABER/ENTENDER É VER, que correlaciona a percepção visual e a percepção consciente de informação, EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE e ACESSÍVEL PARA A CONSCIÊNCIA É FORA, que correlacionam o conhecimento da existência ao campo de visão (GRADY, 1997). O mapeamento primário ocorre por meio do uso do conceito de “mato”, que, por sua vez, é organizado pelo conhecimento que temos de mato como terreno não cultivado (FERREIRA, vs..5.8.3). Por meio de tal modelo cultural, sabemos que o crescimento descontrolado do mato pode matar as plantas que estão no mesmo terreno, em razão da falta de luz solar. Tais características de mato estão mapeadas para esquecimen-

to: o mato (esquecimento) sufoca um certo tipo de planta (o conhecimento). Além disso, também estão presentes inferências de avaliação negativa, que atribuem a mato a qualidade de ambiente malcuidado ou abandonado, pois o sentido está relacionado ao conceito de agricultura, que conceptualiza a função da terra como ambiente a ser cultivado.

Comparativamente, em “pedreira”, apesar de também pertencer à classe que estamos nomeando “natureza”, identificamos diferença no processo de conceptualização, quanto à relevância do grau cultural:

(21) Na visão dos remadores, vai ser uma <"pedreira"> competir com países da América do Sul, Central e do Caribe no Pré-Olímpico. Nossos principais adversários são os argentinos e cubanos", diz Nascimento Jr. Segundo eles, os remadores brasileiros têm um árduo caminho para chegar a Atlanta. "Pelo menos o nosso rendimento físico está melhor, o que nos deixa um pouco mais aliviados", diz Lemos. FSP, 21-abr-96.

O Dicionário Aurélio Eletrônico (vs. 5.8.3) apresenta definição para a expressão “ser uma pedreira” como “ser muito difícil ou trabalhoso” e “pedreira” possui as acepções:

1. Formação rochosa de onde se extraem pedras de construção: O pai dela é dono de uma pedreira.
2. Fig. Atividade trabalhosa demais e cansativa.
3. Bras. SC Trecho de estrada muito pedregoso. [...]

A escolha do conceito “pedreira” projeta para uma competição desportiva a imagem de várias pedras no mesmo espaço, o que produz inferências de obstáculos a serem vencidos, seja pela função de extração ou retirada da pedra ou como um caminho pedregoso a ser percorrido. A metáfora mapeia as primárias DIFICULDADE É DUREZA (GRADY, 1997) e, possivelmente, ALCANÇAR UM PROPÓSITO É CHEGAR A UM DESTINO (GRADY, 1997). Embora o acesso ao sentido ocorra por um conceito que parece externo à conceptualização das cenas primárias, é possível que a projeção esteja ocorrendo por uma metonímia categorial (dureza – pedra – pedreira) atuando na metáfora primária DIFICULDADE É DUREZA (GRADY, 1997). Em qualquer lugar do mundo e para qualquer pessoa, manipular objetos duros e pesados encerra dificuldade: carregá-los, ultrapassá-los, extraí-los, apresentará difi-

culdade e isso não envolve um modelo cultural definido, tal como o conceito de “mato” está imbricado com o conceito de agricultura.

Algo semelhante ocorre na expressão “congelar salários”:

(22) “Os juros vão cair e não é mais viável manter <congelados> os salários. FSP, 13-mar-97”.

O Dicionário Aurélio Eletrônico (vs. 5.8.3) define congelado:

1. Que se congelou: O lago congelado fica ao norte.
2. Frio como gelo: A neve deixou-o com os pés congelados.
3. Diz-se de alimento que sofreu congelamento [...].

A projeção mapeia a imagem de um objeto congelado e o efeito que resulta do congelamento (imobilidade, ausência de alteração do estado) para a ausência de alteração nos valores salariais. Os valores são identificados como objetos, mapeando a primária QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL, e por meio de “congelado”, pode estar sendo mapeada a primária INTENSIDADE DA ATIVIDADE É CALOR (GRADY, 1997).

A projeção apresenta funcionamentos diferentes possíveis. A primeira possibilidade é que o mapeamento esteja restrito à quantidade em termos de elevação vertical e a suspensão da variação do valor é mapeada como uma imagem “congelada”. A outra possibilidade é que além da projeção de quantidade em termos de elevação vertical, haja a projeção de intensidade da atividade em termos de calor. Por essa projeção, a variação numérica é mapeada como atividade.

O calor é um conceito organizado em termos de gradação (LAKOFF, 1986): quanto mais baixa a temperatura, menos atividade envolvida, até o ponto em que a atividade cessa, que é o ponto de congelamento. Muito embora “congelar” pareça trazer consigo o conhecimento dos efeitos de baixíssimas temperaturas na natureza, o conhecimento do gelo e/ou da neve, por outro lado, ele parece possibilitar que se prescindisse desse conhecimento, por meio da metonímia categorial a operar no conceito (gradação de frio do que congelar faz parte).

Por essas razões, “pedreira” e “congelar” foram inseridas no que estamos considerando metáforas conceptuais, e não dentro do quadro de metáforas culturais. Já as expressões “mineira” e “pérolas”, conceitos

usados em referência, respectivamente, a “operação clandestina de policiais para extorquir dinheiro dos traficantes” e a “lugares considerados importantes no centro de São Paulo”, foram mapeados pelas suas funções em um modelo cultural: as pérolas são elementos mais ou menos raros na natureza, as quais, depois de lapidadas são vendidas em joalherias; e uma mineira é um terreno rico em minério de que se visa a exploração comercial.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa investigou o papel da metáfora em neologismos semânticos de língua portuguesa brasileira e verificou a incidência dos fatores culturais e universais nessas metáforas, por meio do conceito de metáfora primária (GRADY, 1997; JOHNSON, 1997) e da teoria da variação da metáfora (KÖVECSES, 2005). Portanto, adotamos como pressuposto a variação cultural da metáfora e a existência de conceitos cognitivos potencialmente universais e consideramos a metáfora como processo multidimensional em que não se pode excluir o cultural, o cognitivo, o neuro-corporal e o linguístico. Criamos uma metodologia de classificação no intuito de identificar a incidência dos fatores universais e culturais, dividindo as metáforas em imagéticas, conceptuais e culturais. Foi necessário observar cada realização metafórica como uma entidade que apresenta tais fatores em gradação, nunca excludentes.

Dentre as 230 entradas consideradas válidas, foram detectadas 168 metáforas, o que perfaz 73% de metáforas, percentual bastante próximo à expectativa inicial de 80%. Do total de 168 metáforas, identificamos 26 metáforas imagéticas, 28 metáforas conceptuais e 114 metáforas culturais, o que satisfaz a nossa hipótese de que as metáforas culturais seriam as mais numerosas.

A produtividade neológica demonstrou-se alinhada à produtividade cultural da metáfora, fornecendo indícios da relevância da variação cultural no conjunto de dados de neologismos semânticos, em contraponto ao aspecto universalista. Demonstramos que não há metáforas primárias “puras”. As ocorrências metafóricas reais envolvem algum grau de variação cultural. O que pode variar é o grau da interferência cultural.

Comprovamos que a variação cultural é o aspecto mais visível nos neologismos semânticos, já que as metáforas mais estáveis em uma língua são aquelas de caráter mais universal e as metáforas mais propensas a mudanças são aquelas com maior incidência do fator cultural (KÖVECSES, 2005). Foi possível também verificar a diferença entre as metáforas culturais e as conceptuais em termos de complexidade conceitual, as metáforas culturais se mostraram mais ricas em razão dos conceitos mais imbricados culturalmente, o que comprova o que afirma Kövecses (2005) de que quanto mais complexa a metáfora, mais o fator cultural será incidente. O distanciamento das metáforas culturais em relação aos processos corporais e a sua organização mais atrelada aos modelos culturais diminuiu a ocorrência de metáforas primárias, embora em boa parte das ocorrências elas apareçam pela via do conceito já or-

ganizado culturalmente, o que demonstra a presença de diversos níveis metafóricos em operação, conforme Dancygier e Sweetser (2014). Constatamos que quanto mais complexo é um conceito, mais ele pode apresentar metáforas primárias e não primárias na sua organização e, quanto mais estruturas importadas, mais modelos culturais passam a organizar o conceito, o que vai ao encontro do que propõem Lakoff e Turner (1989). A variação do aspecto universal para o aspecto cultural, portanto, não é mera questão de presença ou ausência de metáforas primárias no mapeamento.

Nos três conjuntos em que as metáforas foram classificadas, a organização do conceito do domínio-fonte refletiu na organização da metáfora no alvo, produzindo diferentes efeitos, os quais permitiram a identificação do grau de incidência cultural na metáfora, o que corrobora com a hipótese de correlação da indeterminação, proposta por Moura e Zanotto (2009) de que os sentidos literais do conceito do domínio-fonte traçam correspondências com os sentidos do conceito do domínio-alvo. Além disso, esse funcionamento evidencia a influência da organização interna da categoria a que pertence o conceito e o nível do conceito, o que pode explicar que mesmo dentro dos grupos metafóricos propostos tenha havido gradação na apresentação da influência cultural. Generalização não significa universalismo, mas o universalismo guarda relação com algum nível de generalização, tal como propõe Kövecses (2005) quando afirma que a realização da metáfora primária ocorre por meio de metáforas congruentes, que pressupõem o preenchimento cultural da metáfora primária.

A análise das metáforas conceptuais mostrou que a sua emergência em um corpus de neologismos está relacionada à atualização das metáforas conceptuais subjacentes. Pudemos confirmar que em razão de o sistema cultural e linguístico ser mais variável do que o sistema sensorio-motor, as inovações e mudanças de uma sociedade tendem a se refletir em sua língua por meio de metáforas culturais, nas quais a variedade de domínios é muito mais expressiva. Em outras palavras, a variação metafórica é tão ampla quanto as dimensões nas quais se divide a experiência humana.

Esperamos que essa pesquisa tenha de alguma forma contribuído para ampliar o conhecimento sobre o funcionamento da metáfora no contexto das expressões neológicas da língua e acerca do funcionamento dos aspectos potencialmente universais e culturais que constituem a metáfora. As restrições que recaem sobre esse tipo de análise estão relacionadas, por um lado, à natureza indeterminada da projeção metafórica, em que o trajeto do sentido literal à extensão semântica pode ser mais ou



menos incognoscível, o que aponta também para a questão do papel do pesquisador como interpretante da projeção metafórica; e, por outro lado, à restrição realizada pela própria teoria cognitiva da metáfora, eis que os resultados mostraram para a necessidade de aprofundar a análise da interação entre os conceitos dos domínios alvo e fonte, o que direciona o desenvolvimento da proposta para uma abordagem teórica que permita a investigação da interação conceitual e da influência do aspecto linguístico nessa interação.



## REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**: criação lexical. Série Princípios, n.191. São Paulo: Ática, 2007. 3ª edição.

\_\_\_\_\_. **Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo**. Disponível em <<http://www.fflch.usp.br/dlc/neo/login.php>>. Acesso em mar 2015.

ANTUNES, Irlandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo. Parábola Editorial, 2012.

AULETE. **Dicionário Caldas Aulete**. Versão *on-line*. Lexikon Editora Digital.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Dicionário analógico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lexikon, 2010. 2ª edição.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **A palavra e a sentença**: estudo introdutório. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BERBER SARDINHA, Tony. **Questões metodológicas de análise de metáfora na perspectiva da linguística de corpus**. Revista Gragoatá, n.26, p.81-102, 2009-1, Niterói-RJ.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. Cambridge University Press: New York, 2010.

BOWDLE, Brian; GENTNER, Dedre. **The career of metaphor**. Psychological Review, 2005, vol. 112, n.1, p.193-216. American Psychological Association.

CAMARGO, Sidney; STEINBERG, Martha. **Dictionary of metaphoric idioms English – Portuguese** = Dicionário de expressões idiomáticas metafóricas Inglês – Português. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1990.

CAMBRIDGE. **Cambridge English dictionary and thesaurus**. Disponível em <http://dictionary.cambridge.org/pt>. Acesso em ago, 2015.

- CAMERON, Lynne. **Metaphor in Educational Discourse**. London: Continuum, 2003.
- CAPUZ, Juan Gómez. **La inmigración léxica**. Cuadernos de Lengua Española n. 84. Madrid: Arco Libros, 2005.
- CORREIA, Margarita. **Neologia em português**. São Paulo: Parábola, 2012.
- COSTA LIMA, Paula Lenz. **Desejar é ter fome: novas ideias sobre antigas metáforas conceituais**. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Unicamp, 1999.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lexikon, 2010. 4ª edição.
- DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. **Figurative Language**. Cambridge textbooks in linguistics. United Kingdom: Cambridge University Press, 2014. Versão eletrônica Kindle.
- DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri et al. **Dicionário de Falsos Amigos Português- Espanhol**. Volume 1 – A-D. Florianópolis: Insular, 2014.
- ESPÍNDOLA, Lucienne C. **Futebol é guerra: a metáfora conceptual do futebol / Soccer is war: the conceptual metaphor of soccer**. Revista de Letras (Fortaleza), v. 32, p. 37-43, 2013.
- FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário eletrônico Aurélio**. Software Positivo Informática. Versão 5.8.3.
- GONÇALVES, Perpétua; et. al. **Observatório de neologismos do português de Moçambique**. Cátedra de Português. Universidade Eduardo Mondlane. Disponível em <[www.catedraportugues.uem.mz](http://www.catedraportugues.uem.mz)>. Acesso em mar, 2015.
- GOMES, Luiz Lugani. **Novo dicionário de expressões idiomáticas americanas**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GRADY, Joseph. **Foundations of Meaning: Primary Metaphors and Primary Scenes** (Tese). Berkeley: University of California, 1997.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2007. 18ª edição.

JOHNSON, Christopher. **Metaphor vs. conflation in the acquisition of polysemy:**

the case of SEE. *In*: HIRAGA, Masako K.; SINHA, Chris Sinha; WILCOX, Sherman (eds.). Cultural, typological, and psychological issues in cognitive linguistics. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1997. P. 155–169

JOHNSON, Mark. **The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor in culture: universality and variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. Versão eletrônica Kindle.

\_\_\_\_\_. **Metaphor, language and culture**. *IN*: Metaphor and Cognition. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo: PUC, 2010. V. 26. P. 741-757.

LAKOFF, George. **Classifiers as a reflection of mind**. In: GRAIG, Colette G. Noun Classes and Categorization: proceedings of a symposium on categorization and nouns. Jan, 01, 1986. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1986.

\_\_\_\_\_. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 2003. Versão eletrônica Kindle.

\_\_\_\_\_. **Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought**. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor.** Chicago: University of Chicago Press, 1989. Versão eletrônica Kindle.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo. **Metáfora: das palavras aos conceitos.** Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 40, n. 139, p. 20-50. 2005.

\_\_\_\_\_. **Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas.** Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 7, n. 3, p. 417-452, set./dez. 2007.

\_\_\_\_\_. **Desfazendo dicotomias em torno da metáfora.** Revista Estudos Linguísticos. Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 179-200, jan./jun. 2008.

\_\_\_\_\_. **Vamos pensar em metáforas?** São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2012.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo; ZANOTTO, Mara Sophia. **Investigando Teórica e Empiricamente a Indeterminação da Metáfora.** Revista Gragoatá. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2009. V.26, P. 09-42.

OLANO, Concepcion Otaola. **Lexicología y Semántica Léxica: teoría y aplicación a la Lengua Española.** Ediciones Académicas, 2004.

PESSOA, Fernando. **Poesia: 1918 -1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PRAGGLEJAZ GROUP. **MIP: A Method for Identifying Metaphorically Used Words in Discourse.** Metaphor and Symbol, v. 22, n. 1, 2007. p. 1-39.

PILLA, Eda Heloísa. **Os neologismos do português e a face social da língua.** Porto Alegre – RS: AGE, 2002.

RADDEN, Günther; KÖVECSSES, Zoltán. **Towards a theory of metonymy.** In PANTHER, Klaus-Owe; RADDEN, Günther (eds). Metonymy in language and thought. Volume 4. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 1999. P. 17–60.

RUIZ GURILLO, Leonor. **Las locuciones em español actual**. Cuadernos de lengua española, n.71. Madrid: Arco Libros, 2001.

SILVA, Deonísio da. **De onde vêm as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014. Versão eletrônica Kindle.

SWEETSER, Eve. **From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure**. Cambridge Studies in Linguistics n.54. United Kingdom: Cambridge University Press, 1990.

\_\_\_\_\_. **Grammaticalization and semantic bleaching**. In: Proceedings of the Fourteenth annual meeting of the Berkeley Linguistics society. 1988. Disponível em [http://linguistics.berkeley.edu/bls/previous\\_proceedings/bls14.pdf](http://linguistics.berkeley.edu/bls/previous_proceedings/bls14.pdf). Acesso em mar 2015.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução de J.A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987. 5ª edição.

ZANOTTO, Mara Sophia. **The multiple readings of 'metaphor' in the classroom: co-construction of inferential chains**. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo: PUC, 2010. V. 26. P. 615-644.





## APÊNDICE A – Unidades lexicais com metáfora imagética

Na tabela abaixo, foram reunidas as unidades lexicais que apresentaram metáfora imagética. As colunas correspondem às unidades lexicais em ordem alfabética; ao trecho de ocorrência; à definição do vocábulo, contendo a acepção literal principal e extensão semântica, quando houver; e, à análise esquemática da projeção.

Tabela 1- Unidades lexicais com metáfora imagética

<b>UNIDA- DE LE- XICAL</b>	<b>TRECHO</b>	<b>DEFINIÇÃO</b> (Em negrito: acepção ref. sentido metafórico, quando houver)	<b>ANÁLISE DA PROJEÇÃO</b>
Baguete	[...] A salvação veio em 1997 na forma de uma bolsinha batizada de <baguete>. Sozinho, o modelo de alça curta, para carregar debaixo do braço como o pão francês que lhe dá o nome, vendeu 300.000 peças em dois anos, [...] V, 01-nov-00	[...] 2. Pão francês fino e longo.	Projeção da imagem do formato do pão baguete para a imagem do formato da bolsa.
Bate-estaca	Alberto Buglione, morador do primeiro andar de um prédio grudado a casa de espetáculos, onde três apartamentos estão há seis meses para alugar sem interessados, diz que os móveis chegam a tremer com a música <bate-estaca>. G, 01-dez-96	1. Aparelho destinado a cravar, por percussão, estacas no solo. [Pl.: bate-estacas.].	O som do aparelho de construção – que ao bater nas estacas para que elas sejam fincadas ao solo produz um som característico – é projetado para o som característico da música eletrônica. Trata-se de projeção de

			imagem acústica.
Bicicleta	[...] O que se chama de alavancagem é, em primeiro lugar, endividamento acima da capacidade de pagamento. Em geral, é também a velha operação de tomar emprestado aqui para emprestar mais adiante. O nome disso é <bicicleta>. [...]. G, 04-out-98	1. Veículo constituído por um quadro (20), montado em duas rodas, ordinariamente grandes, alinhadas uma atrás da outra e com raios metálicos, e que é dotado de selim e manobrado por guidom e pedais.	TOMAR EMPRESTADO HOJE PARA EMPRESTAR A ALGUÉM DEPOIS É BICICLETA. A projeção da imagem dinâmica do mecanismo da bicicleta (a força gerada pela pedalada gera um torque que, por meio da correia dentada, faz mover a roda traseira; o movimento no solo impulsiona a roda dianteira e assim sucessivamente) cria uma imagem para o funcionamento de empréstimos sucessivos.
Cascata	(a) [...] Para isso, o governo precisaria acabar com os impostos em <"cascata"> (incidem sobre todas as etapas de produção). Os impostos em <"cascata"> (como Cofins, PIS e IPMF), provocam aumento exagerado no preço dos produtos, [...]. FSP, 16-out-94	1. Pequena queda-d'água (q. v.). <b>Em cascata. 1. Em fluxo ou em sequência. 2. Em excesso, em abundância; abundantemente.</b>	IMPOSTOS QUE INCIDEM EM TODAS AS ETAPAS DE PRODUÇÃO SÃO IMPOSTOS EM CASCATA.  Projeção da imagem da cascata cria uma imagem

	<p>(b) Uma outra superstição é que o &lt;"efeito cascata"&gt;, característico da tributação sobre transações financeiras incidente sobre vários estágios do processo produtivo, é intrinsecamente mau. Mas há boas e más &lt;cascatas&gt;. As atuais contribuições sociais - Cofins, e PIS-Pasep - são exemplos de &lt;cascatas&gt; negativas. [...] Fsp, 18-mai-97</p>		<p>em que um terreno em vários níveis corresponde às etapas do processo produtivo; a água que desce, formando a cascata ao interagir com os níveis do terreno, corresponde ao imposto que incide em todas as etapas de produção.</p>
Celular	<p>A largada da concorrência para exploração da telefonia &lt;celular&gt; pela iniciativa privada na última semana surpreendeu o Ministério das Comunicações. IE, 16-abr-97 [...] já desfez um noivado rápido e hoje de &lt;celular&gt; em punho, tem-se empenhado na busca de companhias femininas. IE, 16-set-98</p>	<p>Célula 1. Biol. Unidade estrutural e funcional básica dos seres vivos, composta, esquematicamente, por membrana, citoplasma e núcleo. [...] 9. <b>Área delimitada, ou restrita, coberta por um transmissor de telefonia celular.</b> [...]</p>	<p>Projeção da imagem de uma célula (no sentido de uma região delimitada no espaço) para a imagem do raio de ação das estações de base da transmissão de telefonia móvel.</p>
Ciscar	<p>O baile começa com puro funk. Com as pernas afastadas, todos juntos balançam para frente e para trás. É o &lt;"ciscar"&gt;, um passo para esquentar a moçada[...] V, 12-jan-94</p>	<p>1. Limpar de cisco, gravetos, etc. 2. Revolver o cisco de: "Dois jumentos comiam ramagens das jitiranas e mais longe uma galinha ciscava a relva ressequida, com a ninhada em volta" [...]</p>	<p>Projeção da imagem de uma galinha ciscando para o passo de <i>funk</i>.</p>

		3. Esgaravatar à maneira das aves.	
Desafoguem o gargalo	Paulo César Martins defende o investimento em rodovias como forma de desenvolver o interior. Segundo ele, no entanto, esse investimento tem que ser acompanhado por medidas que <desafoguem o gargalo> na Ponte Rio-Niterói. G, 02-ago-98	Desafogar 1. Libertar daquilo que afoga, sufoca ou oprime; desoprimir: desafogar a garganta; desafogar o ânimo, o espírito. [...] 8. Esvaziar; desobstruir: Desafogou a biblioteca dos livros inúteis.  Gargalo 1. Colo de garrafa, ou de outra vasilha, com entrada estreita. 2. Burl. Pescoço, garganta. [...] <b>3. Fig. Obstáculo, empecilho.</b>	Projeção da imagem da ação de desafogar um gargalo de garrafa para a imagem da ação de desobstruir o fluxo de veículos na ponte.
Fio dental	Nos anos 70, foi a vez da Rose di Primo desfilar com sua tanga minúscula e, nos anos 80, o biquini atingiu sua fórmula mais radical: o <fio dental>. IE, 10-jul-96	[...] Fio dental. Fio (2) usado para remover fragmentos de comida de entre os dentes. [Cf. fio-dental.] Fio-dental 1. <b>Peça inferior de biquíni (1), de pernas excessivamente cavadas e que se enfiam entre as nádegas, deixando-as totalmente descobertas.</b>	Projeção da imagem do produto de higiene dental (fio dental) para a imagem da cava na parte de trás do biquíni.
Flutuar	O baile começa com puro funk. [...] Em seguida vem o <"flutuar">, uma pirueta de	1. Conservar-se à superfície de um líquido; sobrenadar, boiar: No	Projeção da imagem de um objeto flutuando para a ima-

	180 graus com os braços esticados. Rodopiam sem parar. V, 12-jan-94	mercúrio pode o ferro flutuar. 2. Pairar ou mover-se em equilíbrio no espaço: O balão flutua no ar. 3. Permanecer no ar; pairar [...].	gem do rodopio ininterrupto em 180 graus.
Gafanhoto	No ex-quilombo de Miribó, comunidade localizada em Amarante (Piauí), as festas são embaladas pelo som do <gafanhoto>, uma espécie de castanhola. FSP, 19-mar-00	1. Zool. Inseto ortóptero, acridódeo, o qual se distingue das esperanças e dos grilos por ter antenas mais curtas do que o corpo e pernas anteriores semelhantes às do par médio, e é provido de um órgão auditivo ou tímpano de cada lado, no segmento basal do abdome.	Castanhola em formato de gafanhoto. Projeção da imagem do corpo do gafanhoto para o formato da castanhola.
Gaiolas	[...] criador das <"gaiolas"> e diretor da rota da aventura. [...] elas são uma espécie de buggy, abertos e com motor de Fusca, adaptado para trilhas e que custa R\$ 2.000. "É leve, seguro e você ainda pega o vento de uma moto", conta. FSP, 21-jun-98	1. Pequena clausura onde se encerram aves, feita de cana, junco, verga ou arame. [...]	Projeção da imagem da gaiola para a imagem do formato do jipe, o qual possui uma armação ao redor.
Gancho	A determinação de Abdul-Jabbar na quadra de basquete levava os torcedores ao delírio. Mas sua jogada mais famosa e marcante era o <gancho>, executado com precisão e gestos perfeitos.	1. Peça recurva, de metal ou de outra substância resistente, usada para suspender quaisquer pesos. [...] <b>12. Bras. Esport. No basquete,</b>	Projeção da imagem do formato de gancho para a imagem do corpo do jogador ao realizar a jogada de basquete.

	[...]FSP, 05-dez-93	<b>arremesso que se faz com o braço descrevendo um arco de baixo para cima, estando o jogador (ger. o pivô) posicionado lateralmente à cesta.</b>	(Comparar com <i>gancho</i> – Tabela 1- metáforas imagéticas
Geográfico	Manchas na pele e coceira podem ser um sinal de que a pessoa trouxe da praia algum hóspede indesejado. Os "penetras" mais frequentes são os fungos (causadores de micose) e a larva de um verme conhecido como <"geográfico">. FSP, 21-fev-99	1. Relativo ou pertencente à geografia.	Referência a mapa geográfico. Projeção da imagem de mapa para a imagem das marcas na pele causadas pela infecção com o verme.
Ilhas	A Bandeirantes quer produzir dramaturgia também para o mercado internacional. Para isso, adquiriu toda uma parafernália digital, de ponta, desde câmeras e <ilhas de edição>, até o equipamento de captação de som. FSP, 21-jun-98	1. Geogr. Terra menos extensa que os continentes e cercada de água por todos os lados. [...] P. ext. Aquilo que por estar isolado lembra uma ilha: Mora numa ilha de verdura. [...] <b>Ilha de edição. Telev. Unidade composta de equipamentos e recursos próprios para edição eletrônica</b> (q. v.). [Tb. se diz apenas ilha.] [...]	Projeção da imagem de uma ilha para a imagem da unidade de equipamentos.
Latinhas	Por empunhar com garbo microfones sempre reluzentes, os	1. O mesmo que folha de flandres. 2. Recipiente,	Projeção da imagem da latinha para o

	repórteres do rádio esportivo são conhecidos como <"lati-nhas">. (Sérgio Ruiz Luz) V, 28-abr-99	vasilha feita desse material.  Folha de flandres 1. Laminado de ferro estanhado para evitar ferrugem, us. na fabricação de latas, embalagens, revestimentos etc.	microfone usado pelos repórteres, e do microfone para o repórter por metonímia.
Malha	Por outro lado, o DER está empenhado na recuperação da <malha> viária de Minas Gerais. Isso tem acontecido principalmente nas estradas do sul de Minas e do Triângulo Mineiro, regiões cujas rodovias jogam papel importantíssimo no desempenho econômico do Estado. IE, 30-mar-94	1.Cada uma das alças ou voltas de um fio [...] quando trabalhado por certos processos manuais ou mecânicos. 2.Tecido feito à mão ou à máquina, cujas malhas se ligam entre si formando carreiras superpostas [...] <b>7.Conjunto de vias, canais, cabos, etc., interconectados, ou de elementos, pessoas, serviços, etc., distribuídos numa área ou região; rede: malha rodoviária; malha telefônica, [...]</b>	<b>CONJUNTO DE RODOVIAS É MALHA VIÁRIA.</b> Projeção da imagem dos fios entrelaçados da malha para a imagem do conjunto de rodovias interligadas.
Manchas	Kim Griest, por sua vez, reuniu sob o nome de <"manchas"> (objetos maciços do halo) uma porção dos corpos muito maiores - verdadeiros astros invisíveis que corresponderiam a pequenas estrelas de	1. Nódoa, laivo: manchas de sangue. [...]	Projeção da imagem de uma mancha (na pele, na roupa, etc.) para a imagem do objeto astronômico.

	pouca massa e anãs marrons (astros intermediários entre estrelas e planetas). FSP, 18-set-96		
Meia de seda	"Passei um aperto sem precedentes no Natal de 1993 por causa de falta de papel higiênico. Na verdade, não foi exatamente por causa do papel higiênico. Foi por causa de uma maldita <meia de seda> (drinque à base de conhaque e creme de leite). FSP, 21-dez-97	1. Peça tecida em malha, lã, algodão, seda ou náilon, para cobrir o pé e a perna ou parte dela.	Projeção da imagem e atributos de cor, transparência ou textura da meia de seda branca para o drink homônimo.
Mortalha	A maioria dos trios da Bahia ainda estão vendendo as <mortalhas> (camisolão que identifica o folião no bloco) e fantasias. [...] FSP, 06-fev-94	1. Vestidura em que se envolve o cadáver que vai ser sepultado. 2. Pequena tira de papel, ou de palha, em que se embrulha o fumo do cigarro. [...]	Projeção da imagem do formato da mortalha envolvendo o corpo para a imagem do formato da roupa dos blocos de carnaval.
Onda	[...] É a <"onda">, dança criada por Márcia Barros [...]. Variante da lambada, a dança foi inspirada, segundo a coreógrafa, "no vento e no mar". FSP, 15-mai-94	1. Porção de água do mar, lago ou rio, que se eleva; vaga. [...] 6. Movimento ondulatório; ondulação: as ondas das searas. [...]	Projeção da imagem de onda para a imagem da dança.
Rabo-de-peixe	Miotti chegou pela primeira vez à Patagônia em 1985, com a única informação de que o sítio estava próximo à cidade de Pico Truncado. [...] Ali encontraram, por	1. Bras. Nome dado aos automóveis de luxo com para-lamas traseiros em forma de cauda de peixe, muito em voga nas décadas de 1950 e	Projeção da imagem do rabo de um peixe para o formato da pedra.



	<p>exemplo, um fragmento de ponta de lança feito de pedra talhada, com cor avermelhada. Devido a sua forma, esse tipo de ponta é conhecido como &lt;"rabo-de-peixe"&gt; e demonstra um nível tecnológico avançado. FSP, 15-jun-97</p>	1960.	
Rasgado	<p>[...] a dobra cutânea do abdome, que mostra quanto já de gordura sobrando na barriga, caiu de 27 para 7 milímetros. Leandro está &lt;"rasgado"&gt;, ou seja, seco e com músculos bem delineados. (Flávia Varella) V, 29-nov-00</p>	<p>1. Que apresenta rasgo ou rasgão: Estava com o terno rasgado. [...]</p>	<p>Projeção da imagem de um rasgo para a imagem do abdome musculoso.</p>
Rochedão	<p>Lá é servido o prato predileto dessa turma heterogênea, o &lt;"rochedão"&gt;, uma bomba calórica que leva arroz, feijão, ovo frito, bife, torresmo e macarrão à bolonhesa, tudo misturado. "O &lt;rochedão&gt; é o complemento ideal para a noitada do músico mineiro [...].V, 30-jun-99</p>	<p>Rochedo 1. Grande rocha, volumosa, elevada; penedo, penhasco. 2. Rocha escarpada; alcantil, penhasco. 3. Penhasco batido pelo mar ou à beira-mar; penedo.</p>	<p>Prato cheio de comida, misturada, é rochedão. Projeção da imagem de uma grande rocha para a imagem da comida no prato.</p>
Sanfona	<p>[...] O técnico Antônio Lopes trata de fazer os últimos ajustes no esquema de jogo que chamou de &lt;sanfona&gt; - time fechado na defesa e abrindo pelas pontas no ataque, com todos os jogadores</p>	<p>[...] 5. Bras. Pop. Mús. V. acordeão.</p>	<p>Projeção da imagem do corpo da sanfona (em V) para a imagem da distribuição dos jogadores no campo.</p>

	com tarefas ofensivas e defensivas em campo. G, 02-jan-00		
Santinhos	[...] Irregularidades como distribuição de calendários, <"santinhos">, brindes e tabelas da Copa do Mundo só chegam ao TRE por meio de representações de partidos concorrentes ou quando, para azar dos candidatos, é flagrada por algum dos juízes auxiliares. FSP, 21-jun-98	1. Pequena imagem religiosa. 2. Fam. Pessoa muito ajuizada e/ou virtuosa. <b>3. Bras. Pequeno retângulo de papel, de propaganda eleitoral, que traz a foto e, quando é o caso, o número do candidato.</b>	Projeção da imagem de um pequeno folheto religioso, contendo geralmente a imagem de um santo e orações, para o folheto de propaganda eleitoral, que apresenta a foto e algumas informações sobre o candidato.
Tocos	Abdul-Jabbar, cujo nome de nascimento é Lew Alcindor, anotou 38.387 pontos, registrou 3.189 bloqueios (<tocos>) em suas 20 temporadas na NBA[...]. FSP, 05-dez-93	1. Parte do tronco vegetal que permanece ligada à terra depois de cortada a árvore. 2. Cacete, bordão. 3. Pedaco de vela ou de tocha; coto. [...] <b>9. Bras. Esport. Interrupção da trajetória da bola imediatamente após ela ter saído da mão do arremessador.</b>	Projeção da imagem de toco de árvore para a imagem do corpo do jogador ao realizar o bloqueio.

Fonte: a autora.

## APÊNDICE B – Unidades lexicais com metáfora conceptual

Na tabela abaixo, foram reunidas as unidades lexicais que apresentaram metáfora conceptual. As colunas correspondem às unidades lexicais em ordem alfabética; ao trecho de ocorrência; à definição do vocábulo, contendo a acepção literal principal e extensão semântica, quando houver; e, à análise esquemática da projeção.

Tabela 2- Unidades lexicais com metáfora conceptual

UNI-DADE LEXICAL	TRECHO	DEFINIÇÃO (Em <b>negrito</b> : acepção ref. sentido metafórico, quando houver)	ANÁLISE DA PROJEÇÃO
Achatamento	[...] Vale dizer: a poupança continuará a pagar correção monetária de acordo com os índices de inflação hoje existentes. Não sofrerá, portanto, o <"achatamento"> em seus rendimentos, [...] (FSP, 20-fev-94)	<p>1. Tornar chato, plano ou quase plano; aplanar, aplinar: A erosão achatou parte do terreno.</p> <p>2. Diminuir a curvatura ou o relevo de; rebaixar: No projeto de reforma, o arquiteto achatou a linha do telhado.</p> <p><b>Achatamento salarial.</b> Bras. Contenção de salários em um nível tal que, ainda que aumentados, continuam abaixo da taxa de aumento do custo de vida.</p>	<p>DIMINUIÇÃO DO VALOR DE ÍNDICES MONETÁRIOS É ACHATAMENTO.</p> <p>Organizada pelas MPs QUANTIDADE É ELEVACÃO VERTICAL ou MAIS É PARA CIMA, nessa projeção, os índices de correção são mapeados em termos de um objeto que sobre o efeito de ser achatado, ou seja, ter os valores reduzidos até um percentual específico, o ponto de achatamento.</p>
Asfixia	[...] Isso tudo é orquestrado pelo tráfico. Eles estão sofrendo	1. Estado mórbido resultante da falta de oxigênio no ar respirado, e	EVITAR ACESSO DOS COMPRADORES AO TRÁFICO É ASFIXIAR O TRÁFICO.

	<p>duras quedas. Estão ficando enfraquecidos com a &lt;asfixia&gt; (viaturas no pé do morro para evitar acessos de compradores) e com a ação inteligente dos policiais. (G, 06-dez-98)</p>	<p>que produz grave ameaça à vida, ou a extingue. 2. Suspensão da respiração; sufocação.</p>	<p>A projeção é organizada pelas MPs PROCESSOS SÃO FORÇAS VIVAS, ATIVIDADE É VIDA E INATIVIDADE É MORTE (GRADY, 1997). Os processos de tráfico de drogas e a coibição ao tráfico são mapeados como seres vivos, preenchendo os papéis da seguinte maneira: os compradores são o ar, o pé do morro é o canal por onde o ser vivo respira e as viaturas são o objeto que bloqueia a passagem do ar. Dado que seres vivos precisam respirar, a interrupção da respiração causa a asfixia e pode levar à morte.</p>
<p>Beber</p>	<p>McCarthy &lt;bebe&gt; forte em Ernest Hemingway e &lt;chupa&gt; o que pode William Faulkner – parece até que se está lendo um remake de O urso (ITÁLICO). IE, 12-mai-99</p>	<p>1. Engolir (líquido); ingerir: [...] 2. Ingerir o conteúdo de: [...] 4. Impregnar-se de; absorver; sorver: A esponja bebeu toda a água; [...] 6. <b>Receber (conhecimentos):</b> Estudou anos no seminário, onde bebeu o seu latim. [...]</p>	<p>RECEBER INFORMAÇÃO/CONHECIMENTO É BEBER EM.  As principais metáforas primárias que estão habilitando o mapeamento do exemplo são EFEITOS SÃO OBJETOS TRANSFERIDOS CAUSAS SÃO FONTES, e O CONHECIMENTO É CONTEÚDO FÍSICO DA CABEÇA, O MATERIAL NECESSÁRIO PARA UM PROCESSO É COMIDA (GRADY, 1997): a primeira concebe o conhecimento em termos de um objeto</p>

			<p>físico localizado na cabeça, a segunda concebe em termos de objeto o efeito da interação com o conhecimento de um autor, a terceira localiza o autor como a fonte da onde parte o objeto, e a quarta concebe o objeto/conhecimento em termos de alimento. Esse mapeamento licencia outras metáforas em funcionamento, tais como APRENDER É ABSORVER (GRADY, 1997). São projeções que fazem parte do sistema metafórico A MENTE É UM CORPO (SWEETSER, 1990) e IDEIAS SÃO COMIDA (LAKOFF; JOHNSON, 1999). A compreensão da metáfora passa pelo conhecimento de noções culturais como por exemplo, funcionamento da indústria cultural, os conceitos de autoria e de plágio e as inferências avaliativas sobre os conceitos.</p>
<p>Chocques</p>	<p>A história brasileira recente é pródiga em exemplos de retumbantes fracassos de &lt;chocques&gt;, que buscam reduzir a inflação sem, contudo, atacar de modo perma-</p>	<p>1. Embate, encontro de dois corpos em movimento ou de um corpo em movimento e um em repouso. 2. Embate, encontro. [...] 9. Sensação produzida por</p>	<p>CONJUNTO DE MEDIDAS QUE CAUSA EFEITO SÚBITO E INTENSO NA ECONOMIA É CHOQUE.</p> <p>Organizado pelas MPs ESTADOS SÃO LOCALIZAÇÕES, EFEITOS SÃO OBJETOS TRANSFERIDOS,</p>

	<p>nente o problema central do desequilíbrio das finanças públicas. (Editorial) FSP, 01-ago-93</p>	<p>uma carga elétrica.</p> <p><b>10. Econ. Fe-nômeno, ou medida governamental, que causa efeito súbito e intenso na economia:</b> choque de oferta agrícola; choque anti-inflacionário. [...]</p>	<p>MUDANÇA É MOVIMENTO e EVENTO É O MOVIMENTO DE UM OBJETO (GRADY, 1997): um dado estado da economia é uma dada localização da economia no espaço. O conjunto de medidas é lançado na direção da economia, produzindo o choque entre o objeto lançado e a economia. Por fim, o choque muda a localização (estado) da economia.</p>
<p>Chupa e chupados</p>	<p>(a) McCarthy bebe forte em Ernest Hemingway e &lt;chupa&gt; o que pode William Faulkner – parece até que se está lendo um remake de O urso (ITÁLICO). IE, 12-mai-99</p> <p>(b) A edição da semana passada de "Veja" trazia 19 matérias assinadas por nada menos de 39 nomes, o que sugere a existência de alguns mutirões. Há anônimas, também. Quem é do ramo sabe que são apenas assuntos da semana &lt;"chupados"&gt; de</p>	<p>1.Sugar, sorver; chuchar. [...]</p> <p>2.Aplicar os lábios a, sugando, sorvendo, ou como quem suga ou sorve. [...]</p> <p>3.Extrair com a boca o suco de: chupar tangerinas. [...]</p> <p>6.Absorver; sugar.</p>	<p>(a, b) PLAGIAR INFORMACÃO/CONHECIMENTO RECEBIDO DE OUTRA FONTE É CHUPAR</p> <p>Conforme "Beber", acima.</p> <p>O processo de interação com a informação retirada de outro autor é organizado pelas MPs O MATERIAL NECESÁRIO PARA UM PROCESSO É COMIDA e O CONHECIMENTO É CONTEÚDO FÍSICO DA CABEÇA: a MP que concebe o conhecimento em termos de um objeto físico localizado na cabeça licencia a identificação de conhecimento em termos de comida. O domínio do processo de alimentação é projetado para o domínio do pro-</p>

	outras publicações [...]. G, 04-out-98		cesso de recepção de informação e aprendizagem, a partir da correlação de que as coisas vivas precisam de comida. Esse mapeamento licencia outras metáforas em funcionamento, tais como APRENDER É ABSORVER (GRADY, 1997). São projeções que fazem parte do sistema metafórico A MENTE É UM CORPO (SWEETSER, 1990) e IDEIAS SÃO COMIDA (LAKOFF; JOHNSON, 1999), que organizam hierarquicamente os mapeamentos entre informação/objeto/comida e mente/corpo. A compreensão da metáfora passa pelo conhecimento de noções culturais como por exemplo, funcionamento da indústria cultural, os conceitos de autoria e de plágio e as inferências avaliativas sobre os conceitos e as diferenças entre autoria e plágio são exploradas metaforicamente pela diferença dos processos entre “beber” e “chupar”
Clima Rola um clima Pintava um clima	[...] “Se você passar do limite na bebida, não tem como chegar lá. Quando <rola um clima>, eu não exagero. Mas em doses	Clima 1. Clim. Estado regular (ou sucessão regular de estados) da atmosfera em determinada região, caracteri-	(a) ACONTECER É ROLAR. (b) SURGIR É PINTAR (a, b) ESTADO DE INTERESSE SEXUAL COMPARTILHADO É CLIMA. Conforme vislumbra-se

	<p>moderadas, a bebida é afrodisíaca”[...]. FSP, 21-jun-98</p> <p>[...] "Eu não queria ir para cama, com medo da Adriana me procurar e eu falhar de novo. Às vezes, estávamos assistindo um filme romântico, &lt;pintava um clima&gt;, mas ela tinha que se conformar". FSP, 21-jun-98</p>	<p>zado por certas condições (pressão, temperatura, umidade, vento etc.) que se repetem segundo um padrão, ger. observado ao longo de vários anos ou de períodos ainda maiores.</p> <p>2. Região ou país considerado nas suas condições atmosféricas; lugar que tem determinado clima (1): Mudaram-se em busca de outros climas.</p> <p>3. Clim. Zona terrestre entre círculos paralelos.</p> <p><b>4. Fig. Impresão ou efeito emocional causados por um conjunto (ger. impreciso) de ações, palavras, aspectos, condições; tb.: estado de ânimo, ou influência predominante, em determinado ambiente social; atmosfera: Uma narrativa de clima sombrio. O clima na reunião ficou tenso.</b></p>	<p>na acepção 4, ao lado, estados emocionais compartilhados num dado ambiente social são conceptualizados em termos de clima. Nas expressões sob análise – “rolar um clima” e “pintar um clima”, o sentido específico de “clima “ é o interesse sexual ou afetivo estabelecido entre os participantes da cena. A projeção está sendo organizada pela MP CIRCUNSTANCIAS SÃO TEMPO METEOROLÓGICO (GRADY, 1997), que correlaciona as condições meteorológicas e o estado afetivo ou a situação de uma pessoa. Dado que o clima (o conjunto das condições atmosféricas) atua sobre uma região e não sobre pessoas ou objetos isoladamente, podemos formular que ESTADO EMOCIONAL COMPARTILHADO É CLIMA, e assim, podemos dizer que “O clima entre o casal piorou depois da discussão”, “Ela foi embora mais cedo porque não estava no clima de festa”, etc. Além disso, a projeção parece ter também influência da MP INTENSIDADE DA EMOÇÃO É CALOR (GRADY, 1997), a qual correlaciona a variação e</p>
--	--	--	---



		<p>Rolar</p> <p>1. Fazer andar em roda; fazer girar; rodar: [...]</p> <p>2. Fazer avançar (alguma coisa), obrigando-a a dar voltas sobre si mesma: [...]</p> <p>11. Correr, fluir: [...]</p> <p>16. Bras. Gír. Estender-se, desenrolar-se: O samba rolou a noite inteira. [...]</p> <p><b>18. Bras. Gír. Acontecer, ocorrer: Todos os sábados rola uma festa em sua casa. [...]</b></p> <p>Pintar</p> <p>1. Representar por traços ou cores; figurar: pintar uma paisagem; [...]</p> <p>2. Recobrir de tinta; colorir; cobrir de cor: pintar uma parede.</p> <p>3. Executar por meio de pintura: pintar um painel. [...]</p> <p><b>14. Surgir ou começar a surgir: O navio pinta ao longe. [...]</b></p>	<p>gradação da sensação de temperatura corporal com a gradação e variação das emoções experimentadas. Podemos dizer então que “o clima ficou quente entre o casal”; que “uma empresa tem a atmosfera gelada”, etc.</p> <p>ACONTECER É ROLAR.</p> <p>A projeção é organizada pelas MPs UM EVENTO É O MOVIMENTO DE UM OBJETO, MOMENTOS NO TEMPO SÃO OBJETOS EM MOVIMENTO EM UM CAMINHO (GRADY, 1997) e <i>rolar</i> é um dos modos com o que um objeto ou um corpo pode se movimentar: andar em roda, andar girando, fazer avançar dando voltas sobre si mesmo. As inferências de <i>rolar</i> indicam um movimento contínuo, livre de impedimentos, como na imagem do fluxo da água, o giro de uma roda de veículo ou de uma roda de moinho; pela projeção, dizer que algo está rolando, é dizer que um evento está acontecendo. No mapeamento de rolar um clima, o clima é o objeto que rola, a partir de um ponto em que surge</p>
--	--	--	---

		<p>20. Bras. Gír. Comparecer a algum lugar; aparecer: O Geraldo não pintou por aqui hoje. [...]</p> <p><b>23. Manifestar-se, apresentar-se, surgir, aparecer: “Pintou uma chance legal [...]”</b> [...]</p> <p><b>29. Tornar-se evidente; paten-tear-se, revelar-se, manifestar-se, estampar-se: Pinta-se-lhe no rosto o sofrimento.</b> [...]</p>	<p>(relacionado aos efeitos do clima) até se estabelecer entre os participantes da cena.</p> <p><b>SURGIR É PINTAR</b></p> <p>Organizada pelas MPs <b>UM EVENTO É O MOVIMENTO DE UM OBJETO e EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE</b>, a qual correlaciona o conhecimento da existência das coisas à sua presença no campo de visão. relacionada a <b>PERCEPTÍVEL É FORA</b>, (GRADY, 1997), projeta-se metaforicamente a ação de representar por traços, cores, figuras, recobrir de tinta, colorir para o evento de “surgir, aparecer, manifestar-se”. Pintar, nesse sentido, implica a existência de algo perceptível, sinais a partir dos quais é possível identificar a existência de um evento. Assim, em pintar um clima, o estado emocional compartilhado torna-se perceptível aos participantes da cena.</p>
Congelado	Os juroos vão cair e não é mais viável manter <congelados> os salários. FSP, 13-mar-97	<p>1. Que se congelou: O lago congelado fica ao norte.</p> <p>2. Frio como gelo: A neve deixou-o com os pés congelados.</p>	<p><b>MANTER O MESMO VALOR É CONGELAR.</b></p> <p>A projeção mapeia a imagem de um objeto congelado e o efeito que resulta do congelamento (imobilidade, ausência</p>

	<p>3. Diz-se de alimento que sofreu congelamento (3).</p>	<p>de alteração do estado) para a ausência de alteração nos valores salariais. Os valores são identificados como objetos, mapeando a primária QUANTIDADE É ELEVÇÃO VERTICAL, e por meio de “congelado”, pode estar sendo mapeada a primária INTENSIDADE DA ATIVIDADE É CALOR (GRADY, 1997). A projeção apresenta funcionamentos diferentes possíveis. A primeira possibilidade é que o mapeamento esteja restrito à quantidade em termos de elevação vertical e a suspensão da variação do valor é mapeada como uma imagem “congelada”. A outra possibilidade é que além da projeção de quantidade em termos de elevação vertical, haja a projeção de intensidade da atividade em termos de calor. Por essa projeção, a variação numérica é mapeada como atividade. O calor é um conceito organizado em termos de gradação (LAKOFF, 1986): quanto mais baixa a temperatura, menos atividade envolvida, até o ponto em que a atividade cessa, que é o ponto de congelamento. Muito embora “congelar”</p>
--	---	---

			pareça trazer consigo o conhecimento dos efeitos de baixíssimas temperaturas na natureza, o conhecimento do gelo e/ou da neve, por outro lado, ele parece possibilitar que se prescindisse desse conhecimento, por meio da metonímia categorial a operar no conceito (gradação de frio, do que congelar faz parte).
Enxugamento e enxugar	<p>(a) Embora em geral defendam o processo de &lt;enxugamento&gt; do número de professores e funcionários nas universidades, os reitores afirmam que o excesso de aposentadorias está ameaçando a qualidade do corpo docente. FSP, 21-abr-96</p> <p>(b) [...] A Espanha, que na temporada passada cortou de 22 para 20 times, está sendo pressionada a &lt;"enxugar"&gt; mais. FSP, 15-nov-98</p>	<p>1.Tirar a umidade a; secar, de-sensopar.</p> <p>2.Beber até à última gota; esgotar. [...]</p> <p>4.Econ. Diminuir a quantidade de moeda em circulação.</p> <p>5.Bras. Fig. Eliminar de um texto aquilo que é supérfluo, para dotá-lo de maior clareza, elegância, simplicidade:</p>	<p>(a, b) DIMINUIR A QUANTIDADE DE PESSOAS QUE INTEGRAM UM GRUPO É ENXUGAR</p> <p>Organizado pelas MPs CONSTITUINTES SÃO CONTEÚDOS, QUANTIDADE É TAMANHO OU VOLUME E ESSENCIAL É INTERNO: o conjunto de professores e funcionários da universidade e o conjunto de jogadores do time são tomados como corpos, projetando a relação entre enxugar um objeto/corpo e retirar material desse objeto/corpo. Enxugar é retirar, diminuindo o tamanho/peso o do objeto/corpo. O que pode ser enxugado é o que está sobrando no corpo, é periférico, não o compõe de fato, está nos limites da superfície do corpo.</p>

<p>Esticadinha Esticar</p>	<p>(a) O roteiro gastronômico inclui uma &lt;esticadinha&gt; nos bares Marisia e Banana Bier; [...] IE, 11-fev-98. (b) Mas como acertar no "mix" de produtos? Até que ponto é possível estender o poder de uma marca (a "grife") sem perder identidade? Se a essência do varejo é criar o consumidor fiel a uma marca, &lt;"esticar"&gt; demais a marca não seria uma infidelidade do varejista? FSP, 20-abr-97</p>	<p>1.Puxar, seguindo com força; distender: esticar uma corda, um cordão. 2.Estender, alongar, espichar: esticar as pernas, o pescoço. [...] <b>4.Bras. Prolongar um encontro ou reunião festiva, indo a outro lugar com o mesmo fim.</b></p>	<p>(a) PROLONGAR O PASSEIO, VISITANDO MAIS LUGARES, É ESTICAR O PASSEIO. (b) AUMENTAR O ALCANCE DA MARCA JUNTO AO MERCADO CONSUMIDOR É ESTICAR A MARCA. Mapeamento organizado pelas MPs CONDIÇÃO É FORMATO, A NATUREZA DE UMA ENTIDADE É O SEU FORMATO (GRADY, 1997). O passeio e a marca são mapeados em termos de objeto que pode ser manipulado: encurtado, esticado. Ao esticar o objeto, a área preenchida pelo objeto no espaço é aumentada., e vice-versa. <i>Esticar</i> implica que o objeto já está no seu tamanho ideal, porém, como uma fibra elástica, o objeto ainda pode sofrer mais estiramento. A duração do passeio é mapeada em termos de espaço por meio das MPs MOMENTOS NO TEMPO SÃO OBJETOS EM MOVIMENTO EM UM CAMINHO e CATEGORIAS/CONFIGURAÇÕES SÃO REGIÕES DELIMITADAS ESPACIALMENTE (GRADY, 1997). O passeio, distribuído do espaço do</p>
--------------------------------	---	--	---

			<p>ponto A ao ponto B, é esticado para incluir uma visita a mais um lugar, o ponto C. O mercado consumidor, com suas faixas de público-alvo, é mapeado em termos de distribuição espacial, por meio da MP CATEGORIAS/CONFIGURAÇÕES SÃO REGIÕES DELIMITADAS ESPACIALMENTE (GRADY, 1997). A marca é projetada sobre esse espaço, sobre uma parte determinada do público-alvo, de acordo com as suas características. Esticar a marca é fazer com que ela cubra mais faixas de público-alvo do que o tamanho original permitia.</p>
Ficar	<p>(a) Essa história de &lt;ficar&gt;, [...] essa provisoriamente da relação não me parece nenhum problema. [...] FSP, 06-jun-93</p> <p>(b) "Sexualmente falando, essa geração deixa como legado à geração seguinte o &lt;ficar&gt;, que significa tudo, menos permanecer." FSP, 17-jan-99</p>	<p>1. Estacionar (em algum lugar); não sair dele; permanecer: ficar em casa.</p> <p>2. Estar situado: [...]</p> <p>15. Estar, permanecer em companhia: Não quis vir, preferiu ficar com a mãe. [...]</p> <p><b>19. Bras. Pop. Beijar e trocar carinhos por um período curto, sem compromisso de namoro: Na festa de</b></p>	<p>(a, b) NAMORAR SEM COMPROMISSO É FICAR</p> <p>Organizada pelas MPs SITUAÇÃO É LOCALIZAÇÃO, PAPEIS CONTEXTUAIS SÃO LOCALIZAÇÕES, INTIMIDADE É PROXIMIDADE FÍSICA. Projeção metonímia de parte do modelo conceitual de ficar (no sentido em que aparece no <i>corpus</i>), relativo ao ato de permanecer, para todo o modelo do conceito (interagir afetivamente</p>

		<p><b>formatura, João ficou com a sua melhor amiga. [...]</b></p> <p><b>30. Bras. Pop. Namorar sem compromisso ou formalidades: Eles estão ficando desde o aniversário da irmã dele.</b></p>	<p>com alguém, trocar carinhos, beijar, etc.). Projeção metafórica dos atributos de ficar relacionados a “estar situado”, “permanecer em um lugar” e “permanecer em companhia de” para as relações afetivas temporárias, as quais envolvem troca de carinho, beijos, etc., mas não envolvem compromisso de namoro ou formalidade. O modelo cultural de <i>ficar</i> projeta o mapeamento primário correlação de intimidade em termos de proximidade física e da relação existente entre a tendência de pessoas e objetos preencherem certas funções com estar em determinadas localizações, de modo que os agentes de ficar (os <i>ficantes</i>) são identificados com a mesma função e localização.</p>
Furada	<p>Faz muito tempo que acompanho e torço pelo mito Oscar, um dos "atletas heróis" que tanto fizeram pelo nome do Brasil. Acredito que, agora, o Oscar vai entrar numa &lt;"furada"&gt;, já que ele acha que vai eleger-se senador apenas porque as</p>	<p>Furada</p> <p>1. Ato ou efeito de furar.</p> <p><b>2. Situação desagradável, difícil, prejudicial ou perigosa; roubada, podre: Disse ter entrado numa furada ao namorar com o vizinho. [...]</b></p> <p>Furo</p> <p>1. Abertura pro-</p>	<p>SITUAÇÃO PREJUDICIAL É SITUAÇÃO FURADA.</p> <p>A projeção é organizada pelas MPs CONSTITUINTES SÃO CONTEÚDOS, CONFIGURAÇÕES/CATEGORIAS SÃO REGIÕES DELIMITADAS ESPACIALMENTE, CONDIÇÃO É FORMATO (GRADY, 1997).</p>

	<p>peças gostam dele. [...] V, 1998.</p>	<p>duzida por objeto pontudo; buraco; orifício [...] [...]</p> <p>5. Pop. Falta ao compromisso assumido: Ele está sempre deixando furo [...]</p> <p>Deixar furo: 1 Não completar tarefa ou função, deixar lacunas, imperfeições. [...]</p> <p>Canoa furada. 1. Logro, engano, embuste. 2. Negócio arriscado. 3. Decisão errada ou situação comprometida.</p> <p>Não embarcar em canoa furada. Bras. Não se meter em negócios arriscados; não se deixar lograr.</p>	<p>Uma dada situação é conceptualizada em termos de uma região delimitada espacialmente na qual o participante da cena adentra. Um furo em um objeto que deveria ser inteiro o torna defeituoso. Furos são lugares por onde a matéria pode entrar ou escapar, comprometendo a integridade física do objeto e ameaçando o que está contido nesse objeto. Nesse caso, projeta-se a pessoa como integrante de um contêiner, cuja integridade física não está adequada, em razão de um furo no contêiner, o que pode prejudicar o integrante, para uma pessoa ameaçada pela condição desfavorável de uma dada situação.</p> <p>A expressão “entrar em uma furada” pode ter origem metonímia e metafórica a partir de “entrar em uma canoa furada” (FERREIRA, vs.5.4.2). Ao entrar em uma canoa furada, a água entra pelo furo, as pessoas se molham e a canoa pode afundar. Entretanto, não parece se tratar de um mapeamento exclusivamente dependente da imagem da canoa furada, eis que o conhecimento dos efei-</p>
--	--	--	---



			tos de furo nos objetos é bastante primário.
Gogó	[...] Ao tempo em que vendia o patrimônio da Viúva para atrair dólares destinados a financiar o populismo cambial e assegurar a reeleição de FFHH, o tucanato dizia que o Estado passaria diversos serviços públicos à iniciativa privada e iria cuidar dos investimentos sociais. Era <gogó>. FSP, 20-ago-00	<p>1. Proeminência da laringe; po-mo-de-adão.</p> <p><b>2. Fig. Promessa que não se tem a intenção de cumprir:</b> Isso aí é gogó, nada vai ser feito!</p> <p>3. Fig. Indivíduo cheio de argumentação falsa, de jactâncias e mentiras: É só gogó, não acredite nisso!</p> <p>4. Fig. Garganta: Esse cantor tem o gogó afinado!</p>	<p>PROMESSA QUE NÃO SE TEM A INTENÇÃO DE CUMPRIR É GOGÓ.</p> <p>Metonímia de “garganta” pelo efeito da função que lhe corresponde, enquanto órgão envolvido na produção da fala e metonímia de “falar” por “falar mentiras”. Projeção metafórica da natureza impalpável da fala para o aspecto da fala mentirosa, possivelmente organizada pela MP EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE (GRADY, 1997), que correlaciona a nossa consciência dos objetos – o conhecimento de sua existência à presença no nosso campo de visão. Na expressão “ele fala, mas não faz”, por exemplo, o impalpável da fala é contraposto à concretude da realização. O modelo cultural da língua portuguesa brasileira dispõe de várias expressões convencionalizadas com o sentido de “mentira”, “engodo”, no domínio fonte de “garganta” e “boca”, bem como expressões em que a fonte é o correspondente à garganta nas aves – o “papo”. Exemplos: conversa fiada, (falar da)</p>

			boca pra fora, papofurado.
Lavar, lavadores, lavanderia	<p>(a) Os responsáveis pelo desvio de R\$ 169,5 milhões [...] utilizaram os mesmos doleiros, "laranjas", bancos e contas CC-5 [...] para &lt;"lavar"&gt; (dissimular a origem para tornar legal) parte do dinheiro desviado. FSP, 17-dez-00</p> <p>(b) Com a abertura do mercado para os bingos no Brasil, Pelegrinetti, atualmente foragido na Espanha, se associou a &lt;"lavadores"&gt; profissionais [...]. IE, 12-jan-00</p> <p>(b) [...] Há a suspeita de que o Brasil esteja se tornando uma &lt;lavanderia&gt; do dinheiro sujo. [...] IE, 16-abr-97</p>	<p>1. Limpar banhando; tirar com água as impurezas de; banhar, abluir.</p> <p>2. Correr (rio, mar, etc.) junto de; regar, banhar: As águas puras do riacho lavavam a planície.</p> <p>3. Tornar puro; purificar, mundificar, expurgar: Seu procedimento correto nos últimos tempos lavou sua culpa.</p>	<p>(a) DISSIMULAR ORIGEM DE DINHEIRO ILEGAL PARA TORNÁ-LO LEGAL É LAVAR (O DINHEIRO).</p> <p>(b) PESSOAS QUE DISSIMULAM ORIGEM DE DINHEIRO ILEGAL PARA TORNA-LO LEGAL SÃO LAVADORES.*</p> <p>(c) LUGAR EM QUE É REALIZADA A AÇÃO DE TORNAR LEGAL O DINHEIRO OBTIDO ILEGALMENTE É LAVANDERIA.*</p> <p>Mapeamento organizado pela MP BOA MORAL É LIMPEZA/MORAL RUIM É SUJEIRA (GRADY, 1997). As três entradas coletadas correspondem aos respectivos papéis: o nome do conceito que define o processo ("lavar dinheiro"), os agentes da lavagem de dinheiro ("lavadores") e o lugar em que a operação é realizada ("lavanderia"). O dinheiro corresponde ao objeto sujo que será tornado limpo pela ação de lavar. A sujeira impregnada no dinheiro corresponde a ganhos ilícitos. O pro-</p>

			<p>cesso de lavar corresponde ao processo de torna-lo lícito. A metáfora primária BOA MORAL É LIMPEZA é muito produtiva na nossa cultura e está presente em locuções como ficha limpa e faxina ética.</p> <p>*O conceito da fonte correspondente à “lavanderia” e “lavadores” é pertence a um domínio mais cultural do que conceptual, pois, a interpretação de ambos necessita do conhecimento do modelo cultural que organiza o que conhecemos por empresas e a função das empresas na sociedade, os tipos de empresa, a existência de uma classe denominada “lavanderia”, e, no alvo, depende também do conhecimento do funcionamento social em torno de deveres civis como o pagamento de impostos, a declaração de bens, etc. Entretanto, as entradas estão vinculadas ao modelo do conceito-fonte de lavar, que origina os demais.</p>
<p>Levanta o astral</p>	<p>[...] Feito um caldo de frutos do mar, depois batido e acrescentado o sururu, o prato é "energético, coisa de tesão, que &lt;le-</p>	<p>Levantar</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Pôr ao alto; alçar, erguer: [...]</li> <li>2. Pôr em posição ereta; pôr direito; erguer: [...]</li> <li>8. Erguer do</li> </ol>	<p>FICAR BEM-HUMORADO É LEVANTAR O ASTRAL</p> <p>Organizado pelas MPs BOM É PARA CIMA/FELIZ É PARA CIMA, FUNCIONALIDADE É</p>

	<p>vanta o astral&gt;", nas palavras da baiana Dadá. FSP, 21-jun-98</p>	<p>chão, apanhar (o que estava caído). [...]</p> <p>Astral</p> <p>1.Relativo aos astros; sideral, sidéreo, ástreo[...]</p> <p>3.Bras. Pop. Estado de espírito como que determinado pelos astros: [...]</p> <p><b>Alto-astral:</b> [...]</p> <p><b>1.Diz-se de, ou indivíduo que está ou vive bem-humorado, feliz, como que sob boa influência astral. [...]</b></p> <p>2.Situação ou circunstância favorável, atribuída a suposta influência positiva dos astros. [...]. Opõe-se a baixo-astral. [...]</p>	<p>VERTICALIDADE, ESTADOS SÃO LOCALIZAÇÕES, MUDANÇA É MOVIMENTO (GRADY, 1999) e por EVENTOS SÃO AÇÕES (LAKOFF; TURNER, 1989). O astral corresponde ao estado de espírito ou ao humor, metonímia projetada a partir da crença da influência dos astros nas emoções humanas. As metáforas primárias mapeiam "astral" em termos de localização vertical alta ou baixa, em que alto-astral corresponde à valoração positiva e baixo-astral corresponde à valoração negativa. A causa do evento de "levantar o astral" é identificada como uma ação realizada por um dado agente que cumpre o papel de efetivamente mudar a localização do estado de humor, no caso da expressão em referência, a mudança de estado de espírito é provocada pela ingestão de um determinado prato típico.</p>
<p>Montar-se e emontados</p>	<p>(a) [...] o ex-professor e decorador que abandonou a carreira para diariamente &lt;se montar&gt; - gíria para o ato</p>	<p>1. Pôr-se sobre (uma cavalgadura); cavalgar.</p> <p>2. Colocar sobre; sobrepor.</p> <p>3. Fornecer ou prover de quanto</p>	<p>(a) VESTIR-SE O HOMEM COM TRAJES FEMININOS E MAQUILANDO-SE COMO MULHER, NO ESTILO DRAG-QUEEN, É MONTAR-SE.</p>

	<p>de se vestir exageradamente. IE, 14-fev-96.</p> <p>(b) [...] Para ferver sua platéia, conta agora com as drag-queens, Neide Beterraba e Sofia Melão [...]. &lt;Montados&gt; - como se diz na gíria clubber - com perucas exuberantes e sapatos de plataforma, eles ajudam a colorir ainda mais o vistoso cenário de Ratinho. IE, 16-set-98</p>	<p>é necessário.</p> <p>4. <b>Aprontar para funcionar; armar, preparar, dispor:</b> [...]</p> <p><b>28. Pop. Vestir-se (o homem) com trajes femininos, maquiando-se como mulher, etc.</b></p>	<p>(b) ESTAR VESTIDO E MAQUIADO NO ESTILO DRAG-QUEEN É ESTAR MONTADO.</p> <p>Projeção metonímica da causa pelo efeito (aprontar a vestimenta, adicionando acessórios, pelo efeito de ficar pronto). Projeção metafórica relacionada à ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA, A NATUREZA DE UMA ENTIDADE É O SEU FORMATO e CONDIÇÃO É FORMATO (GRADY, 1997), em que a relação entre adicionar objetos e manipular as partes de uma estrutura física para organizá-la do jeito desejado, realizando a montagem das partes – culminando com ponto em o formato final é considerado adequado ao funcionamento – para a ação de colocar, maquiagem, perucas, salto alto, vestimenta feminina, etc., adequando a figura conforme o visual pretendido, culminando com o momento em que o visual é considerado pronto para ser apresentado.</p>
Pedreira	Na visão dos remadores, vai ser uma <"pedreira"> competir com países da	1. Formação rochosa de onde se extraem pedras de construção: O pai dela é	DIFICULDADE É PEDREIRA.  O conceito "pedreira" projeta os atributos para

	<p>América do Sul, Central e do Caribe no Pré-Olímpico. Nossos principais adversários são os argentinos e cubanos", diz Nascimento Jr. Segundo eles, os remadores brasileiros tem um árduo caminho para chegar a Atlanta. "Pelo menos o nosso rendimento físico está melhor, o que nos deixa um pouco mais aliviados", diz Lemos. FSP, 21-abr-96</p>	<p>dono de uma pedreira.</p> <p><b>2. Fig. Atividade trabalhosa demais e cansativa.</b></p> <p>3. Bras. SC Trecho de estrada muito pedregoso.</p> <p>Ser (uma) pedreira</p> <p><b>1 Bras. Ser muito difícil ou trabalhoso; ser (alguém) carne de pescoço.</b></p>	<p>uma competição desportiva: a imagem de várias pedras no mesmo espaço produz as inferências de obstáculos a serem vencidos, seja pela função de extração de pedra ou como um caminho pedregoso a ser percorrido. A metáfora mapeia as MPs DIFICULDADE É DUREZA (GRADY, 1997) e, possivelmente, ALCANÇAR UM PROPÓSITO É CHEGAR A UM DESTINO (GRADY, 1997). Embora o acesso ao sentido ocorra por um conceito que parece externo à conceptualização das cenas primárias, é possível que a projeção esteja ocorrendo por uma metonímia categorial (dureza- pedra-pedreira) atuando na metáfora primária DIFICULDADE É DUREZA (GRADY, 1997). Em qualquer lugar do mundo e para qualquer pessoa, manipular objetos duros e pesados encerram dificuldade: carregá-los, ultrapassá-los, extraí-los apresentará dificuldade e isso não envolve um modelo cultural definido.</p>
Pegadinha	<p>Vídeo Show" mostra ator de &lt;pegadinha&gt; (tít.) A equipe do "Vídeo Show"</p>	<p>Pegar</p> <p>1. Fazer aderir; colar, grudar: [...]</p> <p>2. Agarrar, prender, segurar: [...]</p>	<p>(a) COLOCAR UMA PESSOA EM SITUAÇÃO DIFÍCIL OU EMBARAÇOSA É PEGAR A PESSOA.</p>

	<p>mostra nesta terça os bastidores de "Pegadinha", do programa "Domingão do Faustão". FSP, 16-fev-97</p>	<p><b>22. Pôr alguém em situação difícil ou embaraçosa:</b> A prova pegou os alunos que não estudaram.</p> <p>Pegadinha [De pegada, ato ou efeito de pegar (22), + -inha.]</p> <p><b>1. Brincadeira ou farsa, ger. televisiva, com fins cômicos, de gosto duvidoso, que envolve alguém numa situação artificial, quase sempre inusitada e constrangedora.</b></p>	<p>(b) FARSA TELEVISIVA HUMORÍSTICA QUE ENVOLVE COLOCAR UMA PESSOA EM UMA SITUAÇÃO CONSTRANGEDORA É PEGADINHA.</p> <p>Organizado pelas MPs MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS DE POSSE (LAKOFF; JOHNSON, 1999), ESTADO MENTAL É LOCALIZAÇÃO, EFEITOS SÃO OBJETOS TRANSFERIDOS (GRADY, 1997). Projeção metonímica e metafórica do sentido literal de pegar (agarrar, prender, segurar) para o sentido de colocar uma pessoa em situação difícil ou embaraçosa. Projeção metonímica do efeito de “ser pego” em uma das situações possíveis em que o ente pode ser “pego”, no caso, a situação de uma brincadeira/farsa, que passa a nomear a ação pela criação de um substantivo diminutivo – pegadinha. A pessoa possuidora de seu estado emocional é identificada em termos de localização num certo ponto no espaço. A ação da brincadeira altera essa localização, porque a pessoa sofre o efeito de captura (projeção metonímia da</p>
--	---	---	--

			<p>pessoa no lugar do estado emocional, o qual passa a ser controlado pelo agente da brincadeira). O agente de pegar é aquele que conduz a farsa e quem sofre a ação é aquele que é pego. Nota-se a relação entre “pegar” no contexto de uma brincadeira ou farsa e controlar os efeitos (atitudes e reações emocionais) do ente que foi sujeitado à brincadeira ou farsa. Há uma correlação entre ter um objeto nas mãos e ter poder sobre ele (possibilidade de manipulá-lo e movimentá-lo). Podemos formular as metáforas CONTROLAR É PEGAR e ESTAR NO CONTROLE É POSSUIR, as quais seriam uma etiqueta apropriada para a expressão em questão e para outras como por exemplo: “Aquele chefe tem os funcionários nas mãos” ou “Ele foi pego em suas próprias mentiras”.</p>
Pendurados	<p>[...] Preocupado com os cartões amarelos - Enciso, Anderson e Reginaldo estão &lt;"pendurados"&gt;, com dois cartões -, o técnico Cassiá deve mudar o time do Internacional, que busca</p>	<p>1. Preso pela parte de cima e solto pela parte de baixo; suspenso, pendente. [...] 3. Bras. Gír. Deixado a crédito; fiado: compra pendurada. [...]</p>	<p>ESTAR À MERCÊ DE SER PUNIDO COM SUSPENSÃO EM JOGO DE FUTEBOL EM RAZÃO DO ACÚMULO DE CARTÕES AMARELOS É ESTAR PENDURADO.</p> <p>Organizado pelas MPs CONSTITUENTES SÃO</p>



	<p>a primeira vitória fora de casa. FSP, 16-ago-98</p>		<p>CONTEÚDOS, CATEGORIAS/CONFIGURAÇÕES SÃO REGIÕES DELIMITADAS ESPACIALMENTE e SITUAÇÃO É LOCALIZAÇÃO. Projeção metafórica da configuração do time de futebol espacialmente a partir dos seus constituintes, os jogadores, que podem ser divididos nas categorias: os que estão dentro e os que estão fora do jogo, ou seja, aqueles que estão habilitados e os não habilitados para jogar, pela associação entre a nossa localização e as circunstâncias que nos afetam. Nesse cenário, a situação de estar ameaçado de punição localiza o jogador como “pendurado”.</p>
<p>Pinicar</p>	<p>[...] Com a presteza, Fernando Henrique Cardoso também teve oportunidade de &lt;pinicar&gt; Itamar, chegando antes do governados aos locais onde a tragédia foi maior e visitando as vítimas da enchente, com quem chegou a tirar fotos. IE, 12-jan-00</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bras. Ferir com o bico; bicar, picar.</li> <li>2. Dar belisco ou beliscão em; beliscar: Pinicou o menino levado.</li> <li>3. Produzir comichão ou ardor em; picar: O capim pinica a pele.</li> <li>4. Cutucar, futucar. [...]</li> </ol>	<p>CAUSAR EFEITO MORAL NEGATIVO PARA ALGUÉM EM UMA DISPUTA É PINICAR</p> <p>Aquele que recebe a ação de ser pinicado sobre o efeito de ser ferido por uma bicada de animal, ou um beliscão produzido por outra pessoa, ou a comichão causada por uma planta venenosa. O agente de pinicar está envolvido na ação de causar algum dano físico. Esse mapeamento é projetado para</p>

			relações abstratas que envolvem disputas, em razão da operação da metáfora primária PREJUDICAR É CAUSAR DANO FÍSICO.
Sai	No Caribe, um quarto com lareira elétrica custa R\$ 190. No Rarus, a suíte com lareira natural <sai> por R\$ 84. FSP, 21-jul-96	<p>1. Passar de dentro para fora, ir para fora, ou deixar um lugar. [tda. : Está saindo fumaça do carburador.] [ta. : O avião ainda não saiu do México.] [...]</p> <p>5. Proceder, provir, ou emanar. [ta. : Esse grande cientista saiu do povo.] [...]</p> <p>8. Desabrochar ou surgir. [int. : O sol está para sair.] [tp. : Hoje a lua saiu minguante.] [...]</p> <p><b>11. Ter saída ou venda.</b> [int. : <b>Esse produto é o que sai mais.</b>] [...]</p> <p>20. Seguir um caminho, um trajeto. [int. : Saiu em busca de isolamento.] [ta. : Saiu pela rua para refletir.] [...]</p> <p><b>24. Ficar em determinado estado.</b> [tp. : <b>As roupas saíram manchadas da</b></p>	<p>SER VENDIDO (PRODUTO OU SERVIÇO) POR UM VALOR X É SAIR POR UM VALOR X.</p> <p>Projeção metonímica da etapa final do processo (a saída do produto da loja em razão da compra) no lugar de outras etapas (o produto custar determinado valor e ser vendido por esse valor) e da categoria de um tipo de venda (produto) para outro tipo de venda (serviço), nesse caso, venda de serviço de hospedagem. As projeções metafóricas são organizadas a partir das MPs CONSTITUINTES SÃO CONTEÚDOS, EVENTOS SÃO MOVIMENTOS QUE EMERGEM DE CAUSAS, CAUSAS SÃO FONTES (GRADY, 1997) e EVENTOS SÃO AÇÕES (LAKOFF; TURNER, 1989). O produto ou serviço a ser vendido é um conteúdo dentro de um limite espacial (aquele que o possui no momento, no caso a loja). A venda, por meio</p>

		<b>lavagem.] [...]</b>	do valor atribuído ao objeto, é o evento que causa a movimentação dele. A tendência para objetos se moverem para longe daquilo que causou o movimento faz com que o objeto de venda tenha uma direção para fora do limite espacial que o contém. O evento é configurado em termos de uma ação tomada pelo produto, o qual age saindo da loja pelo valor determinado.
Sangue quente	Descendentes de espanhóis, nascido em Osasco (SP), Boni manifesta seu <sangue quente> sempre que sua disposição perfeccionista é contrariada. Nessas horas, age com fúria e inquietação. IE, 12-mar-97	1. Histol. Líquido constituído de plasma e glóbulos sanguíneos, que circula pelo coração, artérias, vasos e capilares [...]. Ter o sangue quente: V. ter sangue nas veias (1). [...] Ter sangue nas veias: 1. <b>Ser genioso, exaltado, esquentado, irritadiço; ter o sangue quente, ter sangue na guelra.</b> 2. Ter brio, ser corajoso:	TEMPERAMENTO AGRESSIVO É SANGUE QUENTE. Organizado pela MP INTENSIDADE DA EMOÇÃO É CALOR (GRADY, 1997; KÖVECSSES, 1990) e pelo conhecimento cultural que herda da antiga teoria humoral a noção de sangue como termômetro emocional.
Silenciar genes	(...) sugeriram que o SIR2 pudesse <silenciar genes> pela adição de um	1. Guardar silêncio, calar-se, a respeito de: Prometeu silenciar o assunto.	INIBIR A AÇÃO DOS GENES É SILENCIAR  Organizado pela MP PROCESSOS SÃO

	<p>grupo químico chamado ADP-ribose, resultado da decomposição da NAD (...) FSP, 16-abr-00</p>	<p>2.Impor silêncio a; calar: A resposta silenciou os descontentes.  3.Omitir (1): Em seu depoimento, o réu silenciou um detalhe importante; [...]  4.Matar; assassinar: O bando silenciou a testemunha.</p>	<p>FORÇAS VIVAS e relacionada com ATIVIDADE É ESTAR ACORDADO/VIVO-INATIVIDADE É ESTAR DORMINDO/MORTO. O processo de interferir na atividade dos genes é tomado como um processo de interferência na atividade de um ser humano, que, como tal, é capaz de se comunicar. Ao tomar o processo como força viva e humana, é possível, por metonímia, tomar a fala pela classe genérica da atividade de interação, silenciando-o. Existe a correlação metafórica entre estar vivo/ativo e poder se comunicar. A relação entre atividade e comunicação, produção de sons, barulho, bem como a relação entre a ausência de atividade e o silêncio, podemos etiquetar do seguinte modo: ESTAR ATIVO É PRODUZIR SONS/ ESTAR INATIVO É ESTAR EM SILÊNCIO, INTENSIDADE DA ATIVIDADE É SOM que, na nossa cultura, produzem expressões organizadas sob metáforas dela derivadas, tais como REUNIR-SE EM REQUERIMENTO POR ALGO É FAZER BARULHO; MERCA-</p>
--	--	--	--

			DO SEM ATIVIDADE FINANCEIRA É MERCADO QUIETO; ESTAR DESATIVADO É ESTAR SILENCIADO.
Superaquecido	[...] O economista Flávio Castelo Branco acredita que os juros elevados e o impacto do Plano FHC devem proporcionar um primeiro trimestre morno, muito diferente dos <superaquecidos> três primeiros meses. FSP, 02-abr-94	Adjetivo. 1. Que sofreu superaquecimento. ~ V. <i>vapor</i> —. Verbo 1. Submeter (sólido ou fluido) a temperaturas elevadas; sobreaquecer.	MOVIMENTAÇÃO DE VALORES NA ECONOMIA DE UM PAÍS É AQUECIMENTO.  Organizado pelas MPs UM EVENTO É O MOVIMENTO DE UM OBJETO, MUDANÇA É MOVIMENTO e INTENSIDADE DA ATIVIDADE É CALOR (GRADY, 1997). A atividade econômica é mapeada em termos de um objeto que sofre a ação dos planos econômicos em termos de aquecimento e resfriamento, conforme o grau de atividade. A intensa movimentação do objeto gera o superaquecimento, a alteração na movimentação do objeto aquece-o ou resfria-o.
Toques	Importantíssimo o serviço prestado pela reportagem. Muitos doentes não se reconhecem só com <"toques"> dos amigos e da família, mas começam a pensar diferente quando vêem estampado na capa de uma	1. Ato ou efeito de tocar; contato, tocamento. [...] 17. <b>Conselho dado discretamente:</b> Bras. Pop. Deu-lhe um toque para que falasse mais baixo; receber um toque de um amigo	CONSELHOS DISCRETOS SÃO TOQUES Organizado pelas MPs EFEITOS SÃO OBJETOS TRANSFERIDOS, (GRADY, 1997) Relacionado a COMUNICAR É CONDUZIR (SWEETSER, 1990, 2014), e CONHECIMENTO É CONTEÚDO FÍSICO. A expressão completa é

	<p>revista da importância de VEJA seu drama pessoal. V, 03-mar-99</p>		<p>dar um toque, que projeta a correlação entre a recepção de um objeto e ser afetado por ele. A interação causal entre pessoas é conceituada como um engajamento em uma transação, em que cada um transfere um efeito para o outro (LAKOFF; JOHNSON, 1999). O contato físico entre duas pessoas causa o efeito de colocá-las em uma relação de causa e efeito por meio da interação. Além disso, a natureza objetiva do “conselho” é instanciada pela projeção da informação como entidade com existência física (SWEETSER, 1990, 2014).</p>
<p>Vazada</p>	<p>Com 17 gols sofridos em 10 jogos - média de 1,7 por partida -, a defesa palmeirense é a mais &lt;vazada&gt; entre os quatro semifinalistas do Paulista. FSP, 19-abr-98</p>	<p>1. Que (se) vazou  <b>2. Esp. No futebol, diz-se de goleiro ou da defesa que sofreu gols do time adversário: Era a defesa menos vazada do campeonato.</b>      [...]   </p> <p>4. A parte oca ou vazia de algo: Cobriu com uma cortina o vazado da divisória.</p>	<p><b>DEFESA QUE SOFRE GOLS É DEFESA VAZADA.</b></p> <p>A projeção é organizada pelas MPs CONSTITUINTES SÃO CATEGORIAS SÃO REGIÕES DELIMITADAS ESPACIALMENTE, CONDIÇÃO É FORMATO (GRADY, 1997). A defesa do time de futebol é conceptualizada em termos de um contêiner, um bloco, o qual tem a função de bloquear a passagem da bola. Quando a defesa não funciona adequada-</p>

			<p>mente, ela sofre gols, a bola passa pelos jogadores e o gol é marcado pelo time adversário. A imagem projetada para esse evento é a de um objeto vazado, o qual apresenta partes ocas, abertas. Nesse caso, o formato apresentado pelo objeto não é positivo, pois o adequado aqui é um objeto que apresente inteireza e não partes vazadas, furadas, pois é pelos furos e aberturas que a matéria pode entrar ou escapar. Nesse caso, é a bola que passa pelas aberturas ou furos, tornando a defesa vazada.</p>
--	--	--	--

Fonte: a autora.





## APÊNDICE C – Unidades lexicais com metáfora cultural

Na tabela abaixo, foram reunidas as unidades lexicais que apresentaram metáfora cultural. As colunas correspondem às unidades lexicais em ordem alfabética; ao trecho de ocorrência; à definição do vocábulo, contendo a acepção literal principal e extensão semântica, quando houver; e, à análise esquemática da projeção.

Tabela 3- Unidades lexicais com metáfora cultural

UNIDADE LEXICAL	TRECHO	DEFINIÇÃO (Em negrito: acepção ref. sentido metafórico, quando houver)	ANÁLISE DA PROJEÇÃO
Abobrinhas	Nesse Mundial, Hiddink tinha uma verdadeira seleção de assessores [...]. Um trio de conselheiros sério, não chegou a <abobrinhas>. (IE, 15-jul-98)	[De <i>abobra</i> + <i>inha</i> .] [...] 1. Bot. Fruto verde da aboboreira, tão apreciado quanto o maduro na alimentação do homem. [...] 3. <b>Gír. Bobagem, tolíce:</b> <i>É pessoa inconsequente; só fala abobrinha.</i>	BOBAGEM É ABOBRINHA.  No modelo cultural língua portuguesa brasileira, a abóbora é considerada um legume menos valioso, é muito abundante por ser de fácil cultivo e, no ambiente rural, tradicionalmente, é o alimento destinado aos animais.
Abelha	Tecnologia aprimora trabalho de <abelhas> (tít.) "A gente praticamente voava", [...] "Eu recebia a pauta, fazia a reportagem e as entrevistas e selecionava a melhor imagem na hora, já que não tinha como editar". (FSP,	1. Zool. Designação comum às numerosas espécies de insetos himenópteros, apoídeos, que se alimentam de pólen e néctar que coletam das flores. Apresentam dois pares de asas membranosas, olhos simples e compostos, pelos na cabeça e	JORNALISTA QUE PRECISA COBRIR VÁRIAS PAUTAS SIMULTANEAMENTE É ABELHA.  Projeção da imagem do voo da abelha, zigzagueando de flor em flor, para a imagem do movimento do repórter e projeção das inferências de trabalho intenso, acelerado.

	15-jun-97)	no tórax. O aparelho bucal é composto por duas mandíbulas e pela língua, coberta de pelos, que é usada na coleta do alimento. [...]	
Águia	Conhecido por conquistas amorosas que incluíram a cantora alemã Nina Hagen, Supla está numa nova fase: "Deixei de ser galinha. Estou mais pra <águia>" (IE, 17-jan-96).	1. Zool. Qualquer das aves de rapina falconiformes, acipitrídeas, do gênero <i>Aquila</i> (v. águila), notáveis pelo tamanho, vigor, acuidade de visão, e capacidade de voo. [...]	HOMEM BEM SUCE- DIDO EM UM TIPO DE FLERTE É ÁGUIA  A partir da projeção metafórica de <i>galinha</i> , presente no mesmo contexto linguístico, é possível inferir a projeção de algumas características da águia para diferenciar o tipo de flerte realizado, como os atributos de acuidade de visão, o voo alto e o bote eficaz.
Âncora Âncoras Ancorado Ancorar	(a) Cabelo de <âncora> anda dando mais o que falar do que notícia. Em sua reestréia na Globo, há duas semanas, Lilian Witte Fibe deu até um furo, mas pouca gente lembra o que era. (FSP, 03-mai-93)  (b) Os <âncoras> das principais redes de televisão dos Estados Unidos	1. Marinh. Peça de formato especial e peso conveniente, e que, presa à extremidade da amarra, aguenta a embarcação no fundeado. [...]  [Do ingl. anchor, f. red. de anchorman ou de anchorwoman.] Substantivo de dois gêneros. <b>1. Rád. Telev. Principal apresentador de um programa de</b>	APRESENTADOR DE UM PROGRAMA DE TELEVISÃO OU RÁDIO QUE USUALMENTE ATUA COMO COORDENADOR DA EQUIPE É ÂNCORA.  A metáfora projeta a função da âncora de segurar a embarcação, evitando que seja arrasada pelo fluxo da água, para as características do âncora jornalístico ou de programa de entretenimento, o qual tem a função de coordenar a equipe. Pode estar projetando a MP ASSIS-

	<p>[...] sufocaram um dos principais efeitos políticos da visita de João Paulo II. (G, 01-fev-98)</p> <p>(c) “[...] não discuto a mudança, pois não sou mais editor, apenas apresento um jornal que é &lt;ancorado&gt;, e muito bem &lt;ancorado&gt;, pela Leila Cordeiro e pelo Eliakim Araújo”. (G, 03-mai-98)</p> <p>(d) Angélica [...] vai &lt;"ancorar"&gt; a nova programação infantil. (FSP, 20-dez-98)</p>	<p><b>notícias, esporte, etc., e que usualmente atua como coordenador da equipe de apresentação do programa.</b></p>	<p>TÊNICA É SUPORTE FÍSICO (GRADY, 1997), a partir da função da âncora.</p>
Andorinha	<p>[...] a instituição afirma que está diminuindo a dependência de capitais de curto prazo, os &lt;"andorinhas"&gt;. (FSP, 25-ago-96)</p>	<p>1. Bras. Zool. Designação comum a várias espécies de aves passeriformes hirundinídeas, [...]. Realizam periodicamente migrações, vindo algumas espécies do hemisfério norte nidificar no Brasil, [...].</p>	<p>CAPITAIS DE CURTO PRAZO SÃO ANDORINHAS.</p> <p>Os capitais de curto prazo são caracterizados a partir da projeção de atributos de ave migratória, notadamente a característica de permanência temporária.</p>
Animal	<p>Osmar Santos [...] disse que</p>	<p>1. Ser vivo organizado, dotado de</p>	<p>JOGADOR QUE REALIZA GRANDE JO-</p>

	<p>sua emissora vai utilizar as imagens do jogo geradas pela Globo ou Bandeirantes.</p> <p>"Estamos criando uma marca interessante, um estilo. A expressão &lt;animal&gt; usada para destacar um jogador que faz uma grande jogada, por exemplo, pegou forte", declarou. (FSP, 06-jun-93)</p>	<p>sensibilidade e movimento (em oposição às plantas).</p> <p>2. V. animal irracional.</p> <p>3. Pessoa muito ignorante, estúpida; animalejo, alimária.</p> <p>4. Pessoa desumana, bárbara, cruel.</p> <p>5. V. cavalo1 (2).</p> <p>6. A natureza animal, em oposição à mente ou espírito.</p>	<p>GADA É ANIMAL/NATUREZA.</p> <p>Do modelo cultural relativo aos animais – rótulo da categoria que designa os animais não humanos, especialmente os animais irracionais vertebrados – são projetados atributos tais como a ferocidade e a eficiência de caça para atributos de um jogador que faz uma grande jogada.</p>
Antenada	<p>Sua mãe, a assistente social Leni Oliveira, ficou receosa no início, depois apoiou a filha. "Ela não escolheu um cursinho de tortas alemãs. Ela vai ser uma profissional &lt;antenada&gt; com o mundo", conclui. (IE, 16-dez-98)</p>	<p>1. Que tem antenas.</p> <p>2. Bras. Fig. Gír. <b>Que se mantém ou procura se manter bem informado a respeito do que se passa, do que é atual; ligado, conectado. [...]</b></p>	<p>ESTAR ATENTO ÀS NOVIDADES POR MEIO DA TECNOLOGIA É ESTAR ANTENADO.</p> <p>Projeção das propriedades do aparelho de recepção de informação e mapeamento do conhecimento pragmático relacionado ao efeito produzido pelas antenas na comunicação artificial, mais especificamente pelas antenas de rádio e de televisão, para as características de uma pessoa que se mantém bem informada. Pode estar projetando a MP INFORMAÇÃO É CONTEÚDO FÍSICO DA CABEÇA (GRADY, 1997), a</p>

			partir da função de antena.
Antibiótico	[...] sobre o sr. Jatene e sua obsessão em arrecadar recursos, como bom médico que é, deveria saber que antes do fortificante (recursos extras) deveria vir o <antibiótico> (eliminar a corrupção). (IE, 11-out-95)	[...] 2. Med. Substância produzida por seres vivos, ou mesmo por síntese, capaz de impedir o crescimento de microrganismos ou de matá-los, e de largo emprego na terapêutica contra moléstias infecciosas.	ELIMINAR A CORRUPÇÃO É TOMAR ANTIBIÓTICO.  Projeção da função do antibiótico de erradicar o problema de saúde para ações que visem eliminar a corrupção.
Arapongas	O governador Cristovam também gosta de se alimentar de informações produzidas na velha arapongagem policial. (...) De acordo com os <arapongas> a turma do PT passou a reunião inteira falando mal do governador petista. (V, 25-set-96)	1. Zool. Ave passeriforme procnatiídea (Procnias nudicollis), do Brasil médio-oriental e centro-meridional. [...] e o seu canto lembra os sons metálicos produzidos pelo bater de ferro em bigorna. [Sin.: ferreiro, ferrador, guiraponga, iraponga, uiraponga.] [...] 3. <b>Aquele ou aquela que trabalha em serviço de informações: [...] O termo é usado, quase sempre, em sentido pejorativo. [...]</b>	PESSOA QUE FAZ SERVIÇO DE INFORMAÇÕES É ARA-PONGA.  O atributo de ave barulhenta é utilizado para caracterizar a pessoa que repassa informações.
Aterrisagem	<Aterrisagem> [...]	Bras. Gal. Av. Aer.	ESTREAR UM PROGRAMA NA TELEVI-

Aterris-sar	<p>Nilton Traves-so reassume amanhã seu expediente na Bandeirantes. FSP, 16-ago-98</p> <p>Baseada numa história real, a série conta as dificuldades de um policial que é transferido para Washing-ton. Com Craig T. Nelson [...] ela &lt;aterrissa&gt; na Sony às 22h do dia 1º. FSP, 15-out-00</p>	<p>1. Pousar em terra (aeronave); aterrizagar, aterrarrar. 2. Descer a terra; aterrizagar, aterrarrar.</p>	<p>SÃO É ATERRISAR.</p> <p>Projeção da característica de aterrisar, no sentido de chegar a algum lugar, para o programa que está estreando na televisão. Pode estar mapeando as MPs SITUACÃO É LOCALIZACÃO e EXISTÊNCIA É LOCALIZACÃO AQUI (GRADY, 1997), a partir da referência ao evento relacionado ao pouso de aeronaves.</p>
Aves de rapina	<p>[...] "Não vou permitir que o ministério seja alvo de &lt;"aves de rapina"&gt;. Por &lt;"aves de rapina"&gt;, entendam-se os políticos fisiológicos, os técnicos ligados a grupos econômicos e os empreiteiros. V, 09-mar-94</p>	<p>Ave de rapina 1 A que tem bico curvo, grandes asas e garras, e se alimenta da carne dos animais que caça.</p> <p>Rapina 1. <b>Ação ou resultado de roubar com violência ou astúcia. [...]</b></p>	<p>POLITICOS CORRUP-TOS E/OU INTERES-SEIROS SÃO AVES DE RAPINA.</p> <p>Projeção do aspecto predatório das aves de rapina, como o gavião, o falcão e a águia, conhecidas por sua especialidade na caça, para o aspecto predatório dos políticos corruptos.</p>
Banana	<p>[...] Ouvidos individualmente, todos os personagens dessa história serão mocinhos, mas a &lt;banana&gt; só será descascada</p>	<p>[...] 1.O fruto de qualquer espécie do gênero Musa. [...]</p>	<p>PROBLEMA É BANANA. RESOLVER O PROBLEMA É DESCASCAR A BANANA.</p> <p>No modelo cultural da língua portuguesa brasileira, descascar a fruta está relacionado a resol-</p>

	se alguém ficar no papel de Jack Palance [...] FSP, 16-mar-97		ver uma dificuldade. São comuns expressões como descascar o abacaxi, o pepino, etc.
Barato	[...] O adolescente sobe para atendê-los e o telespectador vê os personagens em primeiro plano e, ao fundo, as paredes se movendo, simulando o <"barato"> criado pela droga. FSP, 18-out-98	<p>Adjetivo.</p> <p>1. Que custa um preço baixo, módico: [...].</p> <p>Substantivo masculino</p> <p>[...] 8. Favor, benefício.</p> <p>9. Permissão, concessão.</p> <p>10. Bom grado; facilidade.</p> <p>11. <b>Bras. Gír. Curtiço (2 e 3).</b></p> <p>Cortar o barato de alguém Bras. Gír.</p> <p>14. Impedir alguém de se divertir; tirar-lhe o prazer.</p>	<p>ESTADO MENTAL ALTERADO CRIADO PELO USO DE DROGA É BARATO.</p> <p>Possivelmente, a projeção mapeia a avaliação positiva de "barato", no sentido de preço baixo (adjetivo), facilidade, bom grado, benefício, (substantivo).</p>
Bater cartão	Pixinguinha, no bar que <batia cartão>: até doze doses de uísque. V, 30-abr-97	<p>Bater</p> <p>[...] 5. Premer com o dedo botão de (caminha), tecla de (máquina), etc.</p> <p>Por analogia com "assinar o ponto":</p> <p>1. Inscrever o nome no livro de ponto. 2. <b>Fig. Passar rapidamente em um local onde se</b></p>	<p>FREQUENTAR UM LUGAR COM ASSIDUIDADE É BATER CARTÃO.</p> <p>Projeção relacionada ao evento de ir ao trabalho e marcar no cartão a hora de entrada e saída.</p>

		<p><b>costuma ir. 3. Fig. Fazer coisa que se faz diariamente, com muita frequência:</b> Antes de ir para o trabalho, assina o ponto na livraria.</p>	
Bem-dotado	<p>Há alguns anos, o agora marido de Fernanda posou nu para uma revista de moda e mostrou possuir artilharia para agradar gregas, troianas, sérvias e croatas. Fernanda se anima quando alguém pergunta se Gerald é mesmo tão &lt;bem-dotado&gt;: "Esse assunto é muito divertido". FSP, 02-mai-93</p>	<p>Dote</p> <p>1. Conjunto de bens que leva a pessoa que se casa.</p> <p>2. Bens que a mulher recebe de ascendentes ou de terceiros ao casar-se.</p> <p>5. Fig. Dom natural; merecimento; predicado moral, físico ou intelectual.</p> <p>Bem-dotado</p> <p>1. Cheio de dotes, prendas, aptidões; prendado.</p> <p><b>2. Chulo Que tem pênis considerado grande.</b></p>	<p>TER UM PÊNIS CONSIDERADO GRANDE É SER BEM-DOTADO.</p> <p>Projeção relacionada à tradição de receber o dote (herança para o casamento). O tamanho do dote (valor da herança, conjunto de bens recebidos, etc.) é mapeado para o tamanho do pênis. Pode estar projetando a MP IMPORTÂNCIA É TAMANHO/VOLUME (GRADY, 1997), a partir das inferências relacionadas ao produto cultural em questão.</p>
Bola da vez	<p>Mas o mais razoável é acreditar que, em países em eterna construção, como o Brasil, fenômenos desse gênero possam ocorrer com muita facilidade. Fernando Collor, de certa</p>	<p>Bola</p> <p>[...] 3. Artefato esférico de borracha ou de outro material, frequentemente envolto em couro, feltro, etc., que, em geral, salta por efeito da elasticidade, e é usado em diversos esportes: [...]</p>	<p>ESTAR NO FOCO DE ATENÇÃO DAS PESSOAS EM DETERMINADO ASSUNTO/EVENTO É SER BOLA DA VEZ.</p> <p>Projeção de regra do jogo de sinuca que tem o efeito de concentrar a atenção da jogada em uma determinada bola a cada etapa do jogo para</p>



	forma, já <foi a bola da vez>, anos atrás. FSP, 16-mar-97	<p>Bola da vez. Em certas modalidades de sinuca, a bola de menor valor, ainda sobre a mesa, e que deve ser encaçada em primeiro lugar.</p> <p><b>Ser a bola da vez. Estar pres-tes a ser objeto de análise, crítica, exclusão, etc.</b></p>	<p>pessoas em destaque (na mídia, na política, etc.) em um dado momento.</p>
Bonde	<p>O tiroteio aconteceu por volta das 2h30, quando o carro-patrolha número de ordem 54-1894, do 22º BPM (Benfica), foi cercado por um &lt;bonde&gt; (comboio de traficantes) formado por cerca de 20 bandidos. G, 07-abr-96</p>	<p>1. Veículo elétrico de transporte urbano, para passageiros ou carga, que se move sobre trilhos e pode ser fechado ou aberto, com estribo corrido e bem perpendicular a este; elétrico. [...]</p> <p><b>5. Bras. Gír. Comboio (1) us. por bandidos para fazer grande assalto, transportar drogas e/ou armas, ou atacar quadrilha rival.</b></p> <p><b>6. Bras. Gír. Grupo ou quadrilha.</b></p>	<p>GRUPO DE BANDIDOS EM AÇÃO COORDENADA É BONDE.</p> <p>Projeção do ajuntamento de pessoas indo em uma mesma direção dentro de um bonde elétrico para o grupo de bandidos se direcionando à ação.</p>
Caça-níqueis	[...] Da depressão com traços ansiosos à ansiedade com traços depres-	1. Bras. Máquina que funciona introduzindo-se-lhe uma moeda, e que pode ou não	AÇÃO DA INDÚSTRIA FARMACEUTICA PARA VENDER REMÉDIOS CONTROLADOS É CAÇA-

	<p>sivos o passo é curto [...]. Passemos rápido pelo lado &lt;caça-níqueis&gt; da questão. O próprio articulista se encarrega de dizer que os ansiolíticos se tornaram "os medicamentos mais quentes dos laboratórios farmacêuticos". A medicalização leviana da ansiedade, se já não é, pode vir a ser um negócio das arábias. [...] FSP, 19-mar-00</p>	<p>proporcionar um prêmio a quem a introduziu, como num jogo de azar; caça-níquel.</p>	<p>NÍQUEL.</p> <p>Projeta as inferências contextuais relacionadas às máquinas caça-níqueis, às quais atribui-se a característica de não permitir que o jogador ganhe, para as táticas de venda de remédios controlados da indústria farmacêutica.</p>
Caixinha	<p>O relógio é companheiro inseparável do treinador e a &lt;caixinha&gt; (punição em dinheiro para quem se atrasa) está mais forte do que nunca no clube. Na pré-temporada, em Teresópolis, nem o auxiliar-técnico Homero Cavaleiro, que exagerou no sono e se atrasou no treino</p>	<p>Caixinha</p> <p>1. Caixa (1) onde se depositam gorjetas para atendentes como, p. ex., em feiras livres, restaurantes e bares onde não se cobra o serviço (10), etc.</p> <p>2. P. ext. V. gorjetal (2).</p> <p>3. <b>P. ext. Dinheiro arrecadado informalmente para obras beneficentes, financiamento de campanha eleitoral,</b></p>	<p>PUNIÇÃO EM DINHEIRO PARA JOGADOR QUE CHEGA ATRASADO AO TREINO É CAIXINHA.</p> <p>Projeção dos atributos e inferências da caixinha no sentido de depósito de gorjetas para o dinheiro arrecadado informalmente dentre os jogadores em decorrência da punição por chegar atrasado.</p>

	da manhã foi perdoado. (Ary Cunha) G, 06-fev-00	<b>etc.</b>	
Camelódromo	[...] Espremida, de um lado, pelo <camelódromo> que é hoje o SBT e, de outro, pela TV por assinatura, onde há espaço para alguma sofisticação, a emissora estaria redefinindo seu campo de atuação. FSP, 15-fev-98	Camelódromo 1. Bras. Local, ger. escolhido por autoridade municipal, em que camelôs têm licença para exercer a sua atividade. Camelô 1. Mercador que vende suas mercadorias nas ruas, ger. nas calçadas ou nas praças.	CANAL DE TELEVISÃO POPULARESCO E SEM SOFISTICAÇÃO É CAMELÓDROMO.  Projeção das inferências de lugar popularesco e sem sofisticação, atribuídas culturalmente a um camelódromo, para as características do canal de televisão.
Canceroso	Talvez seja utópico querer banir por completo o tripé <canceroso> dos excessos de tributação, sonegação e tributação no Brasil. FSP, 16-jul-00	1. Da natureza do câncer; carcinomatoso.	SONEGAÇÃO DE IMPOSTOS E EXCESSO DE TRIBUTAÇÃO SÃO CANCEROSOS  Organizado pelas MPs PROCESSOS SÃO FORÇAS VIVIAS, PREJUDICAR É CAUSAR DANO FÍSICO E BOA MORAL É SAUDE/ MORAL RUIM É DOENÇA (GRADY, 1997). Inferências do modelo cultural que atribui ao câncer características de doença perigosa e sorrateira.
Capeta	Vendida em copos de plástico, o <capeta> é uma poção que combina vodca, leite condensado	1. V. diabo (2). 2. Traquinas, capetinha.	DETERMINADO TIPO DE BEBIDA ALCOÓLICA É CAPETA.  O nome projeta inferências relacionadas ao imaginário de capeta,

	do, guaraná em pó, leite em pó, morango em pó, tudo sacudido num liquidificador. IE, 12-fev-97		como inferno, fogo, luxúria, etc., para os efeitos da bebida, dando a entender que se trata de uma mistura forte e com alta gradação alcoólica.
Casado	<"Casado">, no jargão do mercado, significa usar o mesmo fator de correção e prazo no caso da TBF, tanto na captação quanto na correção de empréstimos. Fsp, 09-jul-95	Casado 1. Que se casou; que está ligado por casamento; esposado. 2. Ligado, unido. 3. <b>Combinado, harmonizado.</b>	ÍNDICES DE JUROS COM MESMO FATOR DE CORREÇÃO SÃO CASADOS.  Projeção dos atributos do modelo cultural de casamento, que envolve união civil e/ou religiosa, com assunção de responsabilidade civil e/ou religiosa, para um fator de correção necessariamente atrelado a outro. O modelo cultural apresenta a projeção das metáforas primárias INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE e SIMILARIDADE É PROXIMIDADE (GRADY, 1997).
Cervejinha	Apesar de negar a venda de órgãos para colegas legistas e faculdades, Ribeiro afirma que, no caso de corpos desviados de hospitais, costumava-se pagar "uma <cervejinha>" para a sua liberação sem autorização. FSP, 15-nov-98	Cerveja  [...] 2. Uma garrafa ou lata de cerveja.	PROPINA É CERVEJA.  Metonímia da ação pelo objeto consumido. Projeção metafórica do hábito social de beber (e pagar) a bebida entre amigos, (no caso desse modelo cultural a cerveja é a bebida elegida), em confraternização, para a ação de pagar propina.

<p>Chapa branquíssima</p>	<p>A indicação do &lt;chapa branquíssima&gt; Marco Maciel, de 54 anos, provocou um sururu entre alguns tucanos. Maciel começou sua carreira pública como secretário do governo de Pernambuco em abril de 1964, em pleno mês do golpe militar, na mesma época em que Fernando Henrique se escondia da polícia no litoral de São Paulo para, em seguida, exilar-se no Chile. V, 10-ago-94</p>	<p>Substantivo masculino. 1. Bras. Veículo automóvel do serviço público, cuja placa de licenciamento era, originalmente, branca [...]. Adjetivo de dois gêneros. 2. Diz-se de veículo de comunicação (revista, jornal, programa de rádio ou de televisão, etc.) ligado ao governo, ou que o defende sistematicamente: [...].</p>	<p>PESSOA QUE APOIA O GOVERNO É CHAPA BRANCA.</p> <p>Mapeamento a partir do sentido de chapa branca de veículo automóvel do serviço público, cuja placa de licenciamento era, originalmente, branca.</p>
<p>Clone</p>	<p>[...] Mas os investidores vão concentrar, num primeiro momento, a maior parte dos seus recursos nos Recibos, uma espécie de &lt;"clone"&gt; do que é a ação da Telebrás hoje. FSP, 20-set-98</p>	<p>1. Biol. Genét. Linhagem celular derivada, por mitose, de uma única célula diploide ancestral por algum tipo de multiplicação assexual (divisão, enxertia, apomixia, etc.). 2. Biol. Genét. Cópia de sequência de DNA criada por técnicas específicas. 3. P. ext. Aquilo</p>	<p>AÇÃO EMPRESARIAL IMITADA DE OUTRA EMPRESA É CLONE. IMITAR AÇÕES/ATITUDES/PROCESSOS É CLONAR</p> <p>Projeção dos atributos de clone em relação a ser idêntico ao material original, em termos de propriedades e funções, e das inferências de valoração ao clone, de não ser original, para uma empresa que imita a atuação da outra. Orga-</p>

		que se clonou. [...] 5. Biol. Genét. Restr. Clone (3) obtido artificialmente: p. ex., inserindo o núcleo de uma célula somática num óvulo cujo núcleo foi adrede retirado.	nizada por PROCES- SOS SÃO FORÇAS VIVAS (GRADY, 1997) a partir de um conceito da engenharia genética.
Coioote	[...] Quem guia o emigrante clandestino é chamado de <coioote>, normalmente um mexicano que conhece bem a região. O contato com os <coiootes> costuma ser feito em Governador Valadares. IE, 12-mar-97	1. Zool. Espécie de lobo americano (Canis latrans), comum desde o Alasca até a Guatemala.	PESSOA QUE SERVE DE GUIA PARA EMI- GRANTE CLANDES- TINO NOS ESTADOS UNIDOS É COIOTE.  Projeção para a pessoa com a função de guiar o transporte dos emigrantes são projetados os atributos que podem estar relacionados à agilidade e velocidade, mas principalmente, da característica de o coioote ter o seu habitat na região desértica do sudoeste americano, que faz divisa com o México (por onde entram boa parte dos imigrantes ilegais).
Coquetel	[...] Em combinação com outras duas drogas tradicionais contra o vírus (<"coquetel">) foi possível praticamente zerar o HIV no sangue. FSP, 19-jan-97	1. Bebida preparada com a mistura de duas ou mais bebidas alcoólicas, ou suco de tomate ou de certas frutas, gelo, às vezes açúcar, etc. <b>2. Restr. O conjunto das drogas</b>	COMBINAÇÃO DE DROGAS TOMADAS SIMULTANEAMENTE É COQUETEL.  Projeção da mistura de bebidas que criam uma bebida específica para a mistura de drogas que, tomadas simultaneamente, visam produzir de-

		<b>que, tomadas simultaneamente, visam produzir determinado efeito terapêutico.</b>	terminado efeito terapêutico.
Cruz	Com a morte de Barbosa, no início do ano, Ghiggia teme que a <"cruz"> passe toda para Bigode, que teria falhado nos gols uruguaiois. [...] "não é justo responsabilizar uma só pessoa". FSP, 16-jul-00	1. Antigo instrumento de suplício, constituído por dois madeiros, um atravessado no outro, em que se amarravam ou pregavam os condenados à morte. 2. P. ext. Aflição, pena, infortúnio, trabalhos.  Carregar (a) sua cruz 1 Fig. Ter atribuições, encargos pesados; penar, sofrer; levar (a) sua cruz.	CULPA É CRUZ. ATRIBUIR A CULPA A ALGUÉM É PASSAR A CRUZ.  Projeção metonímica e metafórica do símbolo cultural religioso relacionado a instrumento de suplício carregado pelos condenados desde o tribunal de condenação até o local da execução (crucificação). No caso em referência, projeta-se na figura do condenado o jogador considerado culpado por falhar no jogo. A figura de quem está atribuindo a culpa ao jogador é mapeada como aquele que entrega a cruz a quem foi julgado como culpado. Dentro desse modelo cultural, Jesus é o ente que carrega a cruz (culpa) sem merecê-la. Na projeção essa inferência relacionada à "injustiça" também está mapeada. Organizada pelas MPs EFEITOS SÃO OBJETOS TRANSFERIDOS e DIFICULDADE É PESO (GRADY, 1997), em que o efeito da culpa é mapeado como a cruz recebida e a inferência

			negativa da culpa é mapeada como o peso da cruz.
Descoladas Descolados	(a) [...] A bebida mais borbulhante das festas <descoladas> do verão nos Estados Unidos [...] é um refrigerante com sabor bem brasileirinho. [...] FSP, 15-jun-97  (b) A juventude recifense se orgulha de não viver mais só de frevo. Os <descolados> da cidade são os mangueboys. V, 25-out-95	Descolar 1. Desligar, despegar (aquilo que estava colado): descolar o selo. Descolado 1. Que se descolou, ger. por ter perdido cola ou outra substância que o mantinha colado a uma superfície. 2. Gír. Diz-se de quem que sabe lidar com situações difíceis, tirando o melhor proveito para si; esperto; safo: [...] <b>3. Gír. Diz-se de quem que se veste e se comporta de uma maneira moderna.</b>	PESSOAS COM ATITUDE CONSIDERADA JOVIAL E/OU NA MODA SÃO DESCOLADAS.  Projeção dos atributos de um produto descolado, que não está atado, ligado, grudado com cola, para as pessoas que tem uma atitude despojada, jovial e desapegada.
Dinossauros	Seu lema é ser o canal do futuro, mas na TV Millenium os <dinossauros> ainda reinam. O canal, [...] tem sua programação voltada para os avanços tecnológicos, mas também se rende a velhos nomes da TV [...]. FSP, 21-	1. Paleont. Nome comum a diversos reptis terrestres, que viveram na era mesozoica. [...]. Extingiram-se no final do cretáceo, há cerca de 65 milhões de anos.	ATRAÇÕES ANTIGAS NA TV SÃO DINOSSAUROS.  Às atrações de televisão consideradas antigas estão sendo projetados os atributos de dinossauro no sentido de classe de animal que já foi extinta. Ver <i>pterodáctilo</i> e <i>jurássico</i> .



	mai-00		
Energi- zados	[...] a agência paulistana do Banco do Estado de Rondônia, BERON (sob intervenção do BC) foi contaminada por algum novo tipo de eletromagnetismo. Conseguiu atrair operações gigantescas e extremamente velozes de bancos <energizados> pelos títulos dos precatórios. FSP, 19-jan-97	1. Que contém energia; que foi objeto de energização.	OPERAÇÃO FINANCEIRA DE GRANDE MONTA É ENERGIA. BANCOS QUE RECEBERAM OPERAÇÕES FINANCEIRAS DE GRANDE MONTA SÃO BANCOS ENERGIZADOS.  Metonímia de energia eletromagnética. Projeção das características da energia elétrica no tocante à capacidade de colocar em funcionamento os aparelhos elétricos para a atividade das operações financeiras.
Espelho	Os editores-executivos Luiz Mendes, 40, e Edson Fernandes, 39, quebram a cabeça para incluir a reportagem no <espelho> (programação das matérias do dia), que já estava pronto. Fsp, 15-ago-93	1. Ópt. Superfície refletora constituída por uma película metálica depositada sobre um dielétrico (ger. vidro) polido, ou pela superfície de um corpo metálico polido. 2. Objeto montado com tal superfície, ger. dotado de moldura ou suporte. [...] <b>4.Fig. Imagem, representação, reflexo: [...]</b> <b>9.Tip. Planilha (1).</b>	LISTA COM PROGRAMAÇÃO DAS MATÉRIAS DO DIA É ESPELHO.  A projeção mapeia a função do espelho, que é refletir, para a lista de matérias.
Feras	Em estúdio para cuidar de seu novo disco,	1. Animal bravo e carnívoro. [Sin., bras.: bicho do	MÚSICO MUITO HABILIDOSO É FERA. SER EXCEPCIONAL

	<p>Artur Maia tem se cercado de estrelas. [...] Ele já gravou faixas com o guitarrista Mike Stern, que tem Eric Clapton como tiete, e o baterista Dennis Chambers - duas &lt;feras&gt;. G, 01-fev-98</p>	<p>mato.]  2. Fig. Pessoa agressiva, perigosa, por vezes cruel.  3. Fig. Pessoa muito severa, irascível.  4. <b>Fig. Pessoa de grandes conhecimentos, esp. em determinada matéria:</b>  O homem é fera em matemática. [Sin. (lus.), nesta acepç.: fadista.]  5. <b>P. ext. Gír. Aquele ou aquela que é excepcional em algo; cobra:</b>  Ele é fera no basquete.</p>	<p>EM ALGO É SER FERRA.</p> <p>Projeção da eficácia dos animais caçadores, que especializam em determinado tipo de bote, para as habilidades profissionais, artísticas, etc.</p>
Filé	<p>A CNT [...] tem um pastor evangélico ocupando o &lt;"filé"&gt; de seu horário nobre. FSP, 18-out-98</p>	<p>1.Designação vulgar dos músculos psoas do boi, da vitela, do porco e de outras reses. [...]  2.V. bife [...]  6.Pop. Filé mig-non [...]</p>	<p>MELHOR HORÁRIO NA GRADE DE PROGRAMAÇÃO DA TV É FILÉ.</p> <p>Dentre os tipos de carne comercializados, o filé é considerado a parte mais nobre, mais saborosa e tem custo mais elevado.</p>
Fortificante	<p>[...] sobre o sr. Jatene e sua obsessão em arrecadar recursos, como bom médico que é, deveria saber que antes do &lt;fortifican-</p>	<p>[...]  2. Droga ou medicamento para fortalecer o organismo.</p>	<p>RECURSOS EXTRAS NA ECONOMIA SÃO REMÉDIO FORTIFICANTE.</p> <p>Projeção da função dos remédios fortificantes no sentido de fortalecer o organismo para a função</p>

	te> (recursos extras) deveria vir o antibiótico (eliminar a corrupção). IE, 11-out-95		dos recursos extras na economia. Ver <i>antibiótico</i> .
Fraldinhas	Nelsinho Batista, do Corinthians, por sua vez, confiou o setor ofensivo a quatro <"fraldinhas">. O mais experiente é o meia Souza, de apenas 21 anos. [...] FSP, 20-out-96	Fralda [...] 2.P. ext. Retângulo de pano macio, ou de material equivalente, que se usa dobrado, de modo que se adapte às entrepernas e nádegas do bebê, a fim de absorver os excrementos.	JOGADOR INICIANTE É FRALDINHA.  Projeção metonímica do vestuário para o bebê e projeção metafórica das características e inferências relacionadas a um bebê (menos experiente, menos hábil, etc.) para as características de jogador iniciante. Pode estar projetando a MP IMPORTÂNCIA É TAMANHO/VOLUME (GRADY, 1997), a partir do produto cultural em referência, o qual, inclusive está no diminutivo.
Franjas	Pelas <franjas> do PSDB temos um interesse especial - diz Hermann. O que são <franjas>? Os deserdados do poder tucano, os desiludidos com Fernando Henrique, os descontentes com o Governo e com a política econômica. A <franja> cearense é um bordado à	1. Cadilhos de linho, algodão, seda, ouro, etc., com que se enfeitam ou guarnecem peças de estofa. [...]	POLITICOS NÃO CENTRAIS EM UM PARTIDO SÃO AS FRANJAS DO PARTIDO.  Projeção da imagem das franjas de uma almofada, por exemplo, para a característica de determinados grupos de políticos, que assim como as franjas do estofado, não são centrais, podem ser retirados, cortados, etc. Pode estar projetando a MP IMPORTANTE É CENTRAL (GRADY, 1997), a partir do produ-

	parte. [...] G, 02-jul-00		to cultural em referência.
Gambiarra	"O Minhocão foi uma alternativa viária que talvez hoje não se fizesse" afirma Neves. "É uma <gambiarra>".	1.Mar. Lâmpada instalada na extremidade dum comprido cabo elétrico para poder ser utilizada numa área relativamente grande. 2.Mar. Rosário de lâmpadas com que se iluminam fortemente determinados locais, quando necessário; chuveiro. [...] <b>4. Pop. Recurso, ger. provisório, para solucionar um problema:</b>	TRABALHO OU COISA IMPROVISADA É GAMBIARRA.  Projeção da característica de solução improvisada da lâmpada em um cabo elétrico comprido, ou rosário de lâmpadas, para demais soluções consideradas improvisadas em qualquer âmbito, com o sentido pejorativo de malfeito.
Gancho	Esta coluna é escrita a contar de um <"gancho"> (assunto que puxa o outro) colhido em lúcida anotação do ombudsman a respeito do verbo delatar. Nascida gramatical, a questão tem cores jurídicas fortíssimas. Todo cidadão presente tem o dever de informar a autoridade compe-	1.Peça recurva, de metal ou de outra substância resistente, usada para suspender quaisquer pesos. [...] 6.Jorn. Motivo que dá ensejo à publicação de uma matéria. [...] <b>10.Bras. Comun. Recurso narrativo us. para prender a atenção do leitor, ouvinte, espectador, etc., fazendo com que este se interesse pela continuida-</b>	UM ASSUNTO QUE MOTIVA OUTRO É GANCHO.  Mapeamento da função do gancho de puxar alguma coisa, trazendo-a para si. Pode estar projetando as MPs RELAÇÃO CAUSAL É CONEXÃO FÍSICA e INTERRELAÇÃO É INTERCONEXÃO FÍSICA (GRADY, 1997), a partir do instrumento que tem a função de puxar coisas.  Ver "gancho" no sentido relacionado à jogada de basquete (Tabela 1-

	tente sobre qualquer crime de que tenha conhecimento. FSP, 06-nov-94	<b>de de texto ou programa: O gancho da novela foi o anúncio da separação das personagens.</b>	metáforas imagéticas).
Gaveteiro	Com as dificuldades nas transferências, proliferam os "contratos de gaveta", por meio de compromisso particular. O empréstimo continua em nome do antigo titular e o novo paga as prestações. Há riscos nesses contratos. Por exemplo, o banco descobrir e exigir a quitação imediata. Ou o titular morre e os herdeiros se recusarem a fazer a transferência definitiva. Se o <"gaveteiro"> morre, o seguro não quita a dívida. FSP, 11-fev-96	1. Aquele que fabrica gavetas 2. Parte de um móvel no qual se encaixam gavetas. [...]	O BENEFICIÁRIO DO CONTRATO DE COMPROMISSO PARTICULAR É GAVETEIRO.  Projeção metonímica em que o usuário da gaveta - aquele que guarda o contrato na gaveta é nomeado a partir da ação que executa. Projeção metafórica da ação de se tornar beneficiário de um contrato de compromisso particular para a ação de guardar alguma coisa na gaveta, dado que, no modelo cultural, a gaveta é de acesso particular àquele que a possui. A metáfora projeta a oposição a um compromisso firmado em cartório, conforme os trâmites legais, que é dado ao conhecimento das instituições. A partir dos efeitos de guardar algo na gaveta, pode estar projetando a MP PERCEPTÍVEL É FORA (GRADY, 1997).
Geladeira	Na Globo, a atriz entrou na <"geladeira">, inclusive com	1. Eletrodoméstico ou móvel termicamente isolado, dotado	SER PROVISORIAMENTE AFASTADO DO TRABALHO É ENTRAR NA GELA-

	direito a memorando interno avisando pessoas-chave da casa. IE, 13-dez-95	de máquina frigorífica que mantém o seu interior com temperatura adequada a conservar, resfriar ou refrigerar alimentos.	DEIRA.  Projeção da função da geladeira de manter os alimentos como estão, guardados, sem uso. Projeção da MP INTENSIDADE DA ATIVIDADE É CALOR (GRADY, 1997), a partir da função da geladeira.
Guajá	[...] Lá se aprendem gírias locais como "aratu" (otário), <"guajá"> (caranguejo que não vai para a lama, mauricinho) e "caritó" (camburão). V, 25-out-95	1. Zool. Crustáceo decápode, braquiúro, calápideo (Calappa flammea), que ocorre em toda a costa do N. do Brasil até o RJ, e cuja carapaça pode medir até 10cm; goiá, guaiá, guaiá-apará, uacapará.	"MAURICINHO" É GUAJÁ.  Por essa projeção que ocorre em um modelo cultural bastante marcado geograficamente, os atributos relacionados a um tipo de caranguejo notadamente o fato de o caranguejo guajá não ir à lama, são mapeados para o homem considerado rico, "mauricinho".
Guarda-chuva	Maluf mantém uma base de segurança e agregou a ela alguns trunfos: Faça sol, faça chuva, ele tem um <guarda-chuva> de pelo menos 11% de intenções de voto. [...] FSP, 17-set-00	1. Armação de varetas móveis, coberta de pano ou de outro material, usada para resguardar as pessoas da chuva ou do sol.	UMA SOLUÇÃO FAVORÁVEL DENTRO DE UMA SITUAÇÃO DESFAVORÁVEL É GUARDA-CHUVA.  Projeção dos atributos imagéticos e de função de proteção do guarda-chuva e as inferências relacionadas ao conforto obtido para a identificação de uma situação favorável num cenário que não é favorável.
Incubadeira	É verdade que tem sido muito lenta, até agora, a implantação	1. Incubadora, chocadeira. Incubadora 1. Aparelho, esp.	EMPRESAS DE TECNOLOGIA QUE FOMENTAM O DESENVOLVIMENTO DE

	<p>de indústrias na área adjacente à Unicamp, embora dezenas já tenham sido abrigadas na &lt;incubadeira&gt; de empresas tecnológicas que integra o pólo. FSP, 20-ago-00</p>	<p>us. em hospitais, para manter recém-nascidos em ambiente ideal de temperatura, oxigenação e umidade.</p> <p>2. Aparelho próprio para incubação artificial de galináceos. [...]</p> <p><b>4. Ambiente (espaço, assistência, meios etc.) oferecido por instituições (universidade, empresa etc.) para fomentar e desenvolver grupo ou núcleo de determinada atividade.</b></p>	<p><b>OUTRAS EMPRESAS SÃO INCUBADEIRAS.</b></p> <p>Projeção da função de uma incubadeira de garantir a vida inicial e o crescimento (de plantas, de animais, de pessoas) para a função de empresas em garantir o desenvolvimento de outras que estão começando. Organizada por <b>PROCESSOS SÃO FORÇAS VIVAS</b> (GRADY, 1997) a partir de uma técnica de avicultura.</p>
Janela	<p>Até 25 de abril último, este IOF chegava a 7%, um nível bastante alto. Os bancos cobravam pelo aluguel de uma &lt;janela&gt; (evitando os 7%), de 0,5% a 1,5%, conforme o tipo e o volume da operação. Desde abril, o IOF caiu de 7% para 2%. A prova definiti-</p>	<p>1.Abertura na parede dum edifício para deixar que nele entrem a luz e o ar. [...]</p>	<p><b>OPERAÇÃO FINANCEIRA QUE DÁ ACESSO A DETERMINADOS TIPOS DE APLICAÇÕES SÃO JANELAS.</b></p> <p>Mapeamento da função da janela de possibilitar enxergar o que está diante de sua abertura para a operação financeira que permite acesso a aplicações diferenciadas.</p>

	va que não tem havido interesse externo é que, desde então, o aluguel de uma <janela> passou a sair de graça. [...] FSP, 15-jun-97		
Jerico	Elas dão passagem ao <"jerico"> (trator) da associação que está sendo usado na retirada de madeira. [...] FSP, 19-out-97	1. Bras. Zool. Mamífero (Equus asinus) usado para tração e transporte, o mesmo que jumento; jegue.	VEICULO DE CARGA É JERICO.  No modelo cultural brasileiro, especialmente no nordestino, o jerico é conhecido pela função de animal de carga. Esse atributo é mapeado para o trator usado na retirada de madeira.
Jurássicas	Canal da grade da TVA em SP concilia modernidade e atrações <"jurássicas"> FSP, 21-mai-00	1. Período jurássico. [...] o que se caracteriza pelo aparecimento dos animais de transição entre reptis e aves (arqueópteres); [...].	ATRAÇÃO ANTIQUADA NA TELEVISÃO É ATRAÇÃO JURÁSSICA.  Projeção da característica de antigo e ultrapassado de período jurássico para a atração na televisão.
Kiwi	Atacante usa calcinha da mulher [...]. Ronaldinho não deixou por menos: "Isso é coisa de <kiwi>." IE, 12-jan-00	Quiuí [Do ingl. kiwi (fruit), kiwi (berry).] 1. Trepadeira actinidiácea [...] originária do S.E. da Ásia, de frutos bacáceos, com casca marrom, fina e pilosa, polpa verde e suculenta, com sementes pequenas.	HOMOAFETIVO MASCULINO É KIWI. Relacionado a HOMOAFETIVO MASCULINO É FRUTA/FRUTINHA.  No modelo cultural em questão, convencionou-se a expressão fruta ou frutinha para designar o homoafetivo masculino. É possível que atributos de doçura e maciez estejam sendo projeta-



		<p>2. Esse fruto.</p> <p>Fruta</p> <p>1.Designação comum aos frutos, pseudofrutos e infrutescências comestíveis, adocicados; fruto. [...]</p> <p>3.Bras. N.E. MG Gír. <b>Homossexual masculino.</b></p>	<p>dos. Como kiwi é uma subcategoria de fruta que mantém os atributos necessários ao mapeamento e apresenta a mesma inferência.</p>
Lanterna	<p>Em Cotia, a Central Brasileira, líder da série 3 (8 pontos), pega o &lt;lanterna&gt; da série 4, o Tanassi (4 pontos). FSP, 18-abr-93</p>	<p>1. Utensílio feito ou guarnecido de matéria transparente, como o vidro, no qual se põe uma luz protegida contra o vento.</p>	<p>TIME QUE ESTÁ EM ÚLTIMO LUGAR É LANTERNA.</p> <p>A projeção metafórica está possivelmente relacionada ao fato de que em uma expedição noturna, o integrante que carrega a lanterna é o último da fila, a fim de iluminar o caminho dos demais.</p>
Lua-de-mel	<p>[...] Resta saber quanto tempo vai durar a &lt;lua-de-mel&gt; de Ratinho e Senhor Abrael. A transferência do roedor implica o pagamento de milhões de reais de multa, e seu polêmico programa já fez com que o SBT fosse suspenso pelo TRE, que tirou a emissão-</p>	<p>1. Início da vida em comum logo após o casamento.</p> <p>2. Viagem de núpcias.</p> <p><b>3. Fig. Período vivido com entusiasmo:</b> Está em lua-de-mel com o novo emprego.</p>	<p>BOM MOMENTO ENTRE PESSOAS EM UM RELACIONAMENTO PROFISSIONAL RECÉM-INICIADO É LUA DE MEL.</p> <p>Projeção dos atributos relacionados ao modelo cultural de casamento, que envolve o início da vida em comum logo após o casamento – as núpcias ou lua-de-mel, às quais são atribuídas qualidades positivas, como, por exemplo, o</p>

	ra do ar por praticamente um dia inteiro na véspera da eleição. FSP, 18-out-98		entusiasmo pela nova vida em comum. O modelo cultural apresenta a projeção da metáfora primária INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE (GRADY, 1997). Pode ser integrante da metáfora UM RELACIONAMENTO PROFISSIONAL É UM CASAMENTO.
Macacos	O cangaceiro mais famoso, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião [...] foi morto em 1938 num combate com os <"macacos"> (integrantes das volantes). G, 02-nov-97	1. Zool. Designação comum a todas as espécies de primatas, aplicada no Brasil, restritivamente, aos cebídeos em geral.	INTEGRANTES DAS VOLANTES SÃO MACACOS.  Projeção da imagem do macaco pulando para a imagem do movimento característico do grupo rival, que, segundo a lenda popular, ao encontrar com o bando de Lampião, fugia "aos pulos". Possivelmente, projeção de inferências negativas de animal irracional.
Maestro	[...] O ponto de interseção entre os rivais é o polêmico <"maestro"> colombiano Freddy Rincón, ex-regente da orquestra corintiana e que tenta agora, ainda sem sucesso, afinar a bagunça santista. FSP, 19-mar-00	[...] 2. Regente de orquestra ou banda.	TREINADOR DE FUTEBOL É MAESTRO.  Mapeamento de características e inferências relacionadas a função do maestro de gerir, organizar e conduzir uma orquestra para a função do treinado de futebol.

Mala	[...] Na série, ela era do bem, mas parece que na vida real, era uma <mala>. Consta que o sucesso do seriado foi tanto que subiu à cabeça da moça, que ficou marrenta que só. G, 07-mar-99	1. Saco de couro ou pano, ordinariamente fechado com cadeado: malas bancárias. 2. Espécie de caixa de madeira, de couro, lona, plástico, etc., destinada, em geral, ao transporte de roupas em viagem.	PESSOA CHATA É MALA.  Projeção do desconforto sentido ao carregar uma mala para a característica de uma pessoa considerada desagradável. Pode estar projetando a MP DIFICULDADE É PESO (GRADY, 1997), a partir do conceito de mala.
Malhação Malhando Malhadas	(a) A própria Paula Lavigne concorda que duas horas diárias de <malhação> são suficientes para manter o corpo em forma: [...]. G, 06-set-98 (b) [...] Segundo uma socialite da turma do terço, só o poder de muita oração explica que uma mulher, enfiada há anos em Visconde de Mauá, totalmente recolhida, encontre um príncipe encantado de tal monta, enquanto as outras estão aqui <malhando>, plastificando, bada-	[De malho + -ar2.] 1. Bater com malho ou martelo em: malhar o ferro. 2. Debulhar (cereais) na eira; bater com manual. 3. Espancar, contundir. 4. Zombar de; escarnecer de; troçar de. [...] 10. Bater com malho ou martelo. [...] 12. Bras. Gír. Fazer ginástica vigorosa visando a musculação ou emagrecimento.	MUSCULAÇÃO É MALHAÇÃO. PRATICAR A MUSCULAÇÃO É MALHAR. O RESULTADO DA PRÁTICA DA MUSCULAÇÃO É SER/ESTAR MALHADO (A).  Malhar, no sentido de “fazer musculação” se dá pela projeção da acepção principal de malhar (malho +ar), que significa bater com malho ou martelo (malhar o ferro, malhar os cereais) para a imagem do funcionamento dos equipamentos de musculação (movimentar os pesos do equipamento em uma direção, como se batessem). Projeta-se a imagem e as inferências do agente que malha os cereais, o ferro, etc. para o agente que está praticando a muscula-

	lando, se esforçando [...]. G, 06-fev-00 (c) Dali, onde predominam as meninas <malhadas> em academia e com bronze levado ao extremo, tem saído a maior parte das belezocas [...]. G, 01-fev-98		ção: a imagem dinâmica do evento (a disposição do agente e do objeto que ele segura, o movimento repetitivo) o esforço físico de levantar o peso, o cansaço que surge como efeito, as características que definem o início e o fim da atividade, etc. É possível também que a projeção mapeie as inferências do sentido de malhar para surrar, bater com força, o qual apresenta também inferências relacionadas aos efeitos no corpo.
Maquiadoras	Hoje os mexicanos exportam de tudo graças às <"maquiadoras">, empresas que importam partes de produtos para montar, aplicar o carimbo "made in Mexico", e exportar sem tarifas para o maior mercado consumidor do mundo, o americano. V, 23-abr-00	Maquiador 1. Aquele que maquia.  Maquiador 1. Aplicar cosméticos em (o rosto) para embelezamento, realce ou disfarce. <b>2. Fig. Mascarrar, disfarçar.</b>	EMPRESA QUE VENDE COMO PRODUÇÃO PRÓPRIA PRODUTOS MONTADOS COM PARTES IMPORTADAS É EMPRESA MAQUIADORA.  Projeção dos atributos de maquiagem como embelezamento e disfarce de características indesejáveis para a ação de disfarçar fatos indesejáveis do processo de produção das empresas em referência.
Marajás	[...] É que para acabar com os conhecidos <"marajás">, o texto da reforma previa um salário teto para os funcio-	1. Título dos príncipes ou potentados da Índia. 2. Bras. Fig. Homem muito rico. 3. <b>Bras. Pessoa que exerce ou</b>	FUNCIÓNÁRIO PÚBLICO COM SALÁRIO VULTOSO É MARAJÁ.  Projeção de características e inferências atribuídas aos príncipes da

	nários de todo o País; aquele que é ganho pelo presidente da República. IE, 13-dez-95	<b>exerceu cargo público, e que recebe salário vultoso.</b>	Índia, tais como grande riqueza e pouco trabalho, para políticos com ganhos vultosos.
Matadores	Há artilheiros que não saem da perto da área. Esperam a bola e a empurram ou cabeceiam para as redes. Não têm outras qualidades e pouco participam no jogo. São os fominhas, <matadores> (péssimo nome!). FSP, 16-abr-00	[...] 2.Aquele que mata; assassino. [...]	JOGADOR QUE SE DEDICA SOMENTE A TENTAR FAZER GOL É MATADOR. FAZER GOL É MATAR.  Mapeamento das inferências da função de matador como especialista em assassinato, que é pago pelo serviço de matar alguém à escolha de quem contratou o serviço. Projeção organizada dentro do sistema metafórico FUTEBOL É GUERRA (ESPÍNDOLA, 2013).
Mato	Tudo isso foi hoje sufocado pelo <mato> do esquecimento e tem sabor de curiosidade de almanaque. É bom lembrar, contudo, que, ao menos na América do Sul, a união ibérica, os reinos dos três Felípes, nem sempre foram, como os descrevem alguns exaltados pa-	1.Terreno inculto onde medram plantas agrestes; brenha, charneca, mata.	ESQUECIMENTO É MATO.  A projeção é organizada por pelo menos três metáforas primárias: SABER/ENTENDER É VER, que correlaciona a percepção visual e a percepção consciente de informação, EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE e ACESSÍVEL PARA A CONSCIÊNCIA É FORA, que correlacionam o conhecimento da existência ao campo de visão (GRADY, 1997). O mapeamento primário

	<p>triotas lusitanos, o período do "cativério de Babilônia". [...] FSP, 20-ago-00</p>		<p>ocorre por meio do uso do conceito de "mato", que, por sua vez, é organizado pelo conhecimento que temos de mato como terreno não cultivado (FERREIRA, vs..5.8.3). Por meio desse modelo, sabemos que o crescimento descontrolado do mato pode matar as plantas que estão no mesmo terreno, em razão da falta de luz solar. Tais características de mato estão mapeadas para esquecimento: o mato (esquecimento) sufoca um certo tipo de planta (o conhecimento). Além disso, também estão presentes inferências de avaliação negativa, que atribuem a mato a qualidade de ambiente malcuidado ou abandonado, pois o sentido está relacionado ao conceito de agricultura, que conceptualiza a função da terra como ambiente a ser cultivado.</p>
Meia-sola	<p>Os administradores do Plano Real esgrimiram poderosos argumentos contra a desvalorização do câmbio. Talvez por isso tenham cometido o desatino da &lt;meia-sola&gt;.</p>	<p>1.Remendo em calçado, que substitui a metade anterior da sola.  <b>2.Pop. Com característica de remendo; malfeito.</b></p>	<p>COISA MAL FEITA É MEIA-SOLA.</p> <p>Projeção da confecção de remendo em calçado para uma ação política malfeita. Ver <i>gambiarra</i>.</p>

	Conseguiram o pior dos mundos. FSP, 17-jan-99		
Metralhar	Informal e simbólico, o plebiscito, no entanto, incomodou tanto o Planalto que os principais generais de FHC, como o ministro da Fazenda, Pedro Malan, trataram de <metralhar> a iniciativa, acusando seus idealizadores de pregarem o calote da dívida externa. IE, 13-set-00	1. Dar tiros de metralhadora contra (alguém ou algo) [...] 2. <b>Bras. Fig. Encher (alguém) de perguntas, argumentos etc., sem lhe dar tempo de responder [...]</b> 3. <b>Fig. Atacar de maneira intensa [td. : Na segunda etapa do jogo, o ataque da equipe visitante metralhou o gol do adversário]</b>	AÇÃO QUE VISA ACUSAR ALGUÉM DE ALGO PUBLICAMENTE É METRALHAR Projeção das características de metralhar no sentido a grande quantidade e intensidade de tiros por segundo para situações abstratas relacionadas à trocas verbais ou outras situações sociais que envolvam algum tipo de debate ou disputa. Pode estar sendo organizada pelas MPs COMUNICAR É CONDUZIR, CRENÇA É POSIÇÃO FÍSICA E ACORDO É DO MESMO LADO (GRADY, 1997) e integra o sistema metafórico DISCUS-SÃO/ARGUMENTAÇÃO É GUERRA (LAKOFF; JOHNSON, 1980).
Mineira	[...] Favelados disseram que o tiroteio começou por causa de uma <mineira> (operação clandestina de policiais para extorquir dinheiro dos traficantes). FSP, 06-fev-94	1. Terreno abundante em minério.	OPERAÇÃO CLANDESTINA DE POLICIAIS PARA EXTORQUIR DINHEIRO DOS TRAFICANTES É MINEIRA.  Projeção do valor de uma mineira para a operação de extorsão de dinheiro. Um terreno abundante em minério

			em uma sociedade que não atribua valor a esses materiais não comporia a metáfora em questão, que se refere à operação que envolve recebimento de dinheiro. Pode estar projetando a MP PERCEPTÍVEL É FORA (GRADY, 1997).
Moinho	Num sistema partidário fragmentado, em que predominam os clãs, a negociação de bastidores sempre deixa setores contrariados que, muitas vezes, jogam água no <moinho> da insatisfação. FSP, 20-abr-97	1. Engenho composto de duas mós sobrepostas e giratórias, movidas pelo vento, por queda d'água, animais ou motor, e destinado a moer cereais.	AUMENTAR A FORÇA DO PROCESSO QUE ESTÁ GERANDO A INSATISFAÇÃO É JOGAR ÁGUA NO MOINHO.  Projeção do funcionamento de um moinho d'água, em que a roda gira conforme a pressão de água que cai sobre ela. O moinho é mapeado como o processo que gera a insatisfação. Ao jogar água no moinho, aumenta a velocidade de giro da roda e, metaforicamente, o alcance dos efeitos do processo de insatisfação. A partir do funcionamento do moinho, pode estar projetando MUDANÇA É MOVIMENTO e UM EVENTO É O MOVIMENTO DE UM OBJETO (GRADY, 1997).
Mulas	[...] a droga era repassada para russos [...] que serviam de <"mulas"> até os armazéns de estoque em	1. Zool. A fêmea do burro.	PESSOAS QUE TRANSPORTAM DROGAS SÃO MULAS.  A função de transportar carga realizada pela



	Brighton Beach. IE, 15-mar-95		mula é projetada para a pessoa que carrega a droga.
Namoro	Martinho diz que apesar de ainda existir uma grande corrente que não admite o <namoro> entre o clássico e o popular, este é um caminho inevitável. G, 03-set-00	1. Ação ou resultado de namorar: [...] 2. Relação amorosa, ger, estável e sem coabitação. [...]	TROCA DE CARACTERÍSTICAS ENTRE DUAS VERTENTES MUSICAIS DISTINTAS É NAMORO ENTRE ELAS.  Projeção dos atributos relacionados ao modelo cultural de namoro, que envolve um ritual de aproximação, reconhecimento da compatibilidade, cortejo, troca de carícias e afeto entre duas pessoas para a aproximação e troca de características entre duas vertentes musicais distintas. O modelo cultural apresenta a projeção das MPs INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE e SIMILARIDADE É PROXIMIDADE (GRADY, 1997).
Navegação Navegar Navegantes Navega	(a) O mixed-mode não proporciona muita interatividade, deixando para o usuário poucas opções de <"navegação">. V, 29-nov-95.  (b) "Infelizmente, <navegar> na Inter-	Navegar 1. Percorrer (o mar e, p. ext., a atmosfera ou o espaço cósmico) em navio, embarcação, aeronave, astronave ou outro veículo. [...] 2. Viajar sobre água, ou na atmosfera ou no espaço cósmico, utilizando um	(a, b, c) PERCORRER INTERATIVAMENTE HIPERTEXTO OU HIPERMÍDIA É NAVEGAR.  (d) AQUELE QUE REALIZA A AÇÃO DE PERCORRER INTERATIVAMENTE HIPERTEXTO OU HIPERMÍDIA É NAVEGANTE.  O modelo do conceito

	<p>net ainda é deslizar apenas na superfície", diz Sevcenko. (&lt;navegar&gt;: ato de passear por mundos virtuais tanto na Internet quanto em CD-ROMs). IE, 17-jul-96</p> <p>(c) As mulheres [...] se interessam por uma gama mais variada de assuntos que os &lt;navegantes&gt; masculinos[...]. V, 29-out-97.</p> <p>(d) O democrata-cristão [...] pela primeira vez nos seus 67 anos, &lt;navega&gt; pela Internet. (FSP, 27-10-98).</p>	<p>veículo apropriado; seguir viagem (a embarcação). [...]</p> <p>3. Dirigir a navegação. [...]</p> <p><b>5. Inform. Percorrer interativamente hipertexto ou hiper-mídia, consultando uma sequência de documentos e determinando, a cada passo, qual documento será consultado a seguir. [...]</b></p>	<p>de navegar traz o sentido de percorrer a superfície de um espaço, explorando-o, pelo uso de um instrumento de deslocamento – a embarcação (barco, navio, aeronave, etc.) e pelo uso de um instrumento de orientação (bússola, estrelas, mapa, GPS, etc.). Organizado pelas MPs CONSTITUINTES SÃO CONTEÚDOS, ORGANIZAÇÃO LÓGICA É ESTRUTURA FÍSICA, INTERRELAÇÃO É INTERCONEXÃO FÍSICA, AÇÃO É MOVIMENTO AUTOMOTOR, a internet é mapeada como uma região delimitada no espaço em que suas partes são conteúdos acessíveis e interconectados (os hiperlinks), pelas quais o usuário (o navegante) navega, por meio do navegador que permite o acesso aos endereços dos conteúdos. A decisão de acessar determinados hiperlinks é projetada como movimento pelo espaço da internet.</p>
Navegando	<p>[...] "Estamos &lt;navegando&gt; a chamada 'transição demográfica', [...] Ou seja: a passagem de elevadas taxas de fecundidade e</p>	<p>Navegar</p> <p>1. Percorrer (o mar e, p. ext., a atmosfera ou o espaço cósmico) em navio, embarcação, aeronave, astronave ou outro veículo.</p>	<p>EXPERIMENTAR (O PAÍIS) MUDANÇAS PROGRESSIVAS NA TAXA DEMOGRÁFICA É NAVEGAR PELA TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA.</p> <p>Organizada pelas MPs</p>

	de mortalidade para taxas médias, na direção irreversível de taxas baixas. [...] V, 25-dez-96	[...] 2. Viajar sobre água, ou na atmosfera ou no espaço cósmico, utilizando um veículo apropriado; seguir viagem (a embarcação). [...] 3. Dirigir a navegação. [...]	ESTADOS SÃO LOCALIZAÇÕES, MUDANÇA É MOVIMENTO, A EXPERIÊNCIA DE TEMPO É NOSSO PROPRIO MOVIMENTO EM UM CAMINHO (EU-MOVENTE (GRADY, 1997), a transição demográfica indicada pela mudança progressiva nas taxas de fecundidade e mortalidade é mapeada como espaço navegável, no qual o país está navegando do ponto A para o ponto B (altas para médias) e do ponto B para o ponto C (médias para baixas). A projeção se dá pela correlação de movimento na direção de uma nova localização e estar consciente de uma nova configuração de eventos, as alterações demográficas são identificadas como pontos localizados no tempo-espaço, e a mudança nas taxas é identificada como nosso movimento dentre as localizações.
Nicho	“Eles ainda pensam em termos de circulação de massa. As pessoas querem coisas mais específicas. Vai ganhar na rede quem conquistar os <nichos>	1. Cavidade ou vão em parede ou muro para colocar estátua, imagem ou qualquer objeto ornamental; charola. 2. Compartimento de estante ou de armário. [...] 6. Ecol. Porção	SEGMENTO DE MERCADO É NICHOS.  Mapeamento de características imagéticas e inferenciais de nicho, tais como o tamanho, os limites definidos, a existência de componentes internos que tem um funcionamento particu-

	<p>de mercado”, [...]. Há dois anos, quando começou sua carreira de jornalista virtual, decidiu tentar conquistar um &lt;nicho&gt;. Começou a cobrir tudo o que dizia respeito à aprovação e aplicação de leis no Estado da Carolina do Norte. [...]. V, 01-mai-96</p>	<p>restrita de um habitat onde vigem condições especiais de ambiente. P. ex.: uma bromeliácea é um nicho onde vivem não poucos animais e plantas.</p> <p><b>7. Market. Segmento restrito do mercado, não atendido pelas ações tradicionais de marketing, e que ger. oferece novas oportunidades de negócio.</b></p>	<p>lar e uma função específica para as características dos diversos segmentos de mercado. A partir da imagem e da função de nicho, pode estar projetando as MPs</p> <p><b>CATEGORIAS/CONFIGURAÇÕES SÃO REGIÕES DELIMITADAS ESPACIALMENTE e CONTIUNTOS SÃO CONTEÚDOS (GRADY, 1997)</b></p>
<p>Oxigenadas</p>	<p>"Eu queria pessoas mais &lt;oxigenadas&gt;" Só que no caso não está em jogo forma de expressão - cabeça mais &lt;oxigenada&gt;, que quer dizer mais inteligente, é o que de fato tem Clarice Seibel, 43 anos, pioneira na quebra de um tabu na Fiesp: é a primeira mulher a ocupar os cargos de diretora do Departamento de Pesquisa e do</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Combinado com oxigênio.</li> <li>2. Que recebeu oxigênio, ou que teve a capacidade de oxigenação ampliada.</li> <li>3. Que sofreu a ação da água oxigenada: cabelos oxigenados.</li> </ol>	<p><b>PESSOAS INTELIGENTES E RECÉM CHEGADAS EM UM CARGO SÃO PESSOAS OXIGENADAS.</b></p> <p>Projeção da função do oxigênio do ar em relação à estimulação vital para a característica de pessoas recém-chegadas, recém-contratadas, etc. Organizada por <b>PROCESSOS SÃO FORÇAS VIVAS e ATIVIDADE É VIDA, INATIVIDADE É MORTE (GRADY, 1997 )</b> a partir de conhecimentos do âmbito da química, que determinam a função do oxigênio nos processos vitais.</p>

	departamento de Estudos Econômicos. E seu cabelo, diz uma bem-humorada Clarice, são loiros para valer. IE, 16-dez-98		
Padrinho	[...] A seita surgiu no Amazonas e é carregada de religiosidade. Tudo começou com o mestre Irineu (1892-1971), seringueiro considerado pelos seus seguidores como a reencarnação de Jesus Cristo. Irineu foi o embrião de um movimento difundido em todo o Brasil pelo <padrinho> (todos os sacerdotes são chamados de <padrinhos> Sebastião (1920-1990), tido como a reencarnação de São João Batista, santo padroeiro dos daimistas. [...] IE, 01-abr-97	1. Testemunha de batismo, casamento, duelo, etc. [...] <b>3. Fig. Protetor, patrono, paraninfo.</b>	SACERDOTE DA SEITA DE SANTO DAIME É PADRINHO.  Projeção metafórica relacionada à figura de autoridade e de responsabilidade pelo cuidado de alguém, geralmente característica da função de padrinho, no âmbito religioso e das instituições em geral.
Pardais	[...] começaram	1. Zool. Pássaro	EQUIPAMENTO INS-

	<p>a funcionar no Eixão [...] os primeiros &lt;"pardais"&gt;, como são chamadas as câmeras ligadas a microcomputadores. Como passarinhos, elas se escondem entre a folhagem das árvores da cidade e a qualquer momento podem bater as asas para se instalar em outro ponto. [...] IE, 11-dez-96</p>	<p>pequeno da fam. dos passerídeos (Passer domesticus), de coloração parda, originária da região paleártica e da Ásia e introduzida nas Américas, muito comum no Brasil, esp. nas áreas urbanas. [Col.: pardalada.]</p> <p><b>2. Pop. Equipamento instalado em vias públicas para fotografar infrações de trânsito.</b></p>	<p>TALADO EM VIAS PÚBLICAS PARA FOTOGRAFAR INFRAÇÕES DE TRÂNSITO É PARDAL.</p> <p>Projeção para o equipamento dos atributos de cor discreta, tamanho pequeno, agilidade para se movimentar e localização nas cidades.</p>
Pareado	<p>O combate promete ser &lt;pareado&gt;: Zinho e Cafu apresentam características semelhantes. FSP, 18-abr-93</p>	<p>Pareado:</p> <p>1. Medido ou aferido (pipa ou tonel) com a párea.</p> <p>Párea:</p> <p>1. Régua us. para medir a altura de pipas e tonéis.</p>	<p>JOGO DE FUTEBOL EM QUE OS JOGADORES ADVERSÁRIOS POSSUEM CARACTERÍSTICAS DE JOGO SEMELHANTES ENTRE SI É JOGO PAREADO.</p> <p>Mapeamento da imagem e dos efeitos de uso do instrumento de medida, que resulta em medidas equilibradas entre dois objetos em comparação, para a característica de semelhança de jogo entre jogadores adversários.</p>
Patinando	<p>[...] são eles que têm o maior número de hospitais, o</p>	<p>Patinar</p> <p>1. V. patinhar (3 e 4): O carro atolou-se e ficou</p>	<p>NÃO PROGREDIR É PATINAR.</p> <p>Projeção da imagem e</p>

	<p>maior número de equipamentos e os que gastam mais. Os EUA gastam US\$ 3.000 per capita. O Japão gasta US\$ 2.300. Nós estamos &lt;patinando&gt; em US\$ 200 per capita. FSP, 15-out-00</p>	<p>patinando; Sua candidatura a prefeito patina.</p> <p>Patinhar</p> <p>1. Agitar a água à maneira dos patos; bater com os pés ou as mãos na água. [...]</p> <p>3. Moverem-se as rodas de (veículo automóvel) girando, sem imprimir deslocamento ao veículo, por falta de aderência: O carro atolou-se e ficou patinando.</p> <p><b>4. P. ext. Não ir à frente; não progredir.</b></p>	<p>das inferências relacionadas a um carro que está patinando, ou seja, atolado, sem conseguir mover-se, para um aspecto de governança pública que não está progredindo.</p> <p>Organizada pelas MPs ATINGIR UM PROPÓSITO É ALCANÇAR UM DESTINO, A EXPERIENCIA DE TEMPO É NOSSO PRÓPRIO MOVIMENTO EM UM CAMINHO (EU-MOVENTE) (GRADY, 1997), a partir da projeção do veículo que patina, integrando o sistema metafórico VIDA É VIAGEM (LAKOFF; JOHNSON, 1980).</p>
Pedágio	<p>O tempo que faltava será aumentado em 20%, segundo o texto em votação na Câmara. [...] O mecanismo é conhecido como &lt;"pedágio"&gt; e pretende pôr fim às aposentadorias precoces – [...]. No caso da aposentadoria proporcional, o &lt;"pedágio"&gt; será de 40%. Fsp, 15-fev-98</p>	<p>1. Tributo cobrado pelo direito de passagem por uma via de transporte terrestre, como uma estrada, uma ponte, um túnel, etc.</p> <p>2. P. ext. Local onde se paga esse tributo; passagem.</p>	<p>ACRÉSCIMO DE TEMPO A SER CUMPRIDO PARA CONSEGUIR O DIREITO DE APOSENTADORIA É PEDÁGIO.</p> <p>Projeção da cobrança de tributo em uma via para ter direito à passagem para o tempo adicional a cumprir para ter direito à aposentadoria.</p>

Pedigree	<p>Assim, "Y2K", a peça, parecia ser a última esperança de uma narrativa que desenvolvesse a sério uma discussão sobre a paranoia do fim dos tempos. Afinal, chegou com &lt;pedigree&gt;. O autor, Arthur Kopit, foi o responsável pelo libreto musical "Nine", vencedor do Tony em 1982. G, 02-jan-00</p>	<p>1. Registro de uma linha de ancestrais (de cachorros ou de cavalos, sobretudo).</p>	<p>AVALIAÇÃO POSITIVA DE UMA PEÇA TEATRAL RELACIONADA AO HISTÓRICO DE AUTORIA É PEDIGREE.</p> <p>Projeção das inferências de valoração positiva relacionada à presença de registro de linhagem de um animal para a avaliação positiva de uma peça teatral com base na presença de um autor de sucesso.</p>
Pepino	<p>[...] Eu assumi um &lt;pepino&gt; (problema) que era da administração anterior. FSP, 19-nov-00</p>	<p>1. Bot. Fruto do pepineiro, de casca verde, polpa clara, com formato cilíndrico e alongado, comestível cru, em salada ou em conserva. [...]</p> <p><b>3. Fig. Situação ou problema trabalhoso, embaraçoso ou de difícil solução.</b></p>	<p>PROBLEMA É PEPI-NO.</p> <p>No modelo cultural língua portuguesa brasileira, o sentido figurativo de pepino indica uma dificuldade, um problema. Presume-se que alguns dos atributos de pepinos que possam ter sido mapeados para esse sentido sejam a casca bastante dura (conforme expressão <i>descascar o pepino</i>), e/ou o fato de ser um alimento considerado de difícil digestão (SILVA, 2014). Pode estar relacionada à MP DIFICULDADE É DUREZA (GRADY, 1997).</p>



Pérolas	"Quero que esses programas despertem o apetite das pessoas de conhecer algumas <'pérolas'> do centro de São Paulo. [...]" FSP, 21-jun-98	1. Glóbulo duro, brilhante e nacarado, que se forma nas conchas de alguns moluscos bivalves. [...]	LUGARES IMPORTANTES DO CENTRO DE SÃO PAULO SÃO PÉROLAS.  Projeção do valor de pérola para o valor dos locais a serem visitados. Para certas culturas, como no modelo cultural em questão, as pérolas são consideradas valiosas.
Perua	- O que acha da <perua>? - É uma infeliz. Essas ricas que se empeteçam só fazem rir homossexuais e gigolôs que querem o dinheiro delas. [...] FSP, 18-abr-93	1. Zool. A fêmea do peru. [...] 7. Bras. <b>Mulher de aparência e comportamento exagerados.</b>	MULHER ENFEITADA DE FORMA CONSIDERADA EXAGERADA É PERUA.  Projeção dos atributos da imagem da penugem da fêmea do peru (abundância, tamanho e cores) como enfeite no mapeamento das características de uma mulher que se enfeita de forma considerada exagerada. Projeção de inferências negativas dos atributos de imagem do animal.
Pesos-pesados	Os <pesos-pesados> da Ásia, China, Japão e Coréia do Sul, até agora resistem à pressão. FSP, 18-jan-98	PESO [...] 16. Esport. Cada uma das categorias do boxe: (no profissional) [...] pesado (+ 86,183kg); (no amador) pesado (até 91kg) [...].	PAÍSES IMPORTANTES SÃO PESOS-PESADOS.  Projeção das inferências de avaliação da categoria de boxe denominada peso-pesado, que é considerada a mais importante, para o grau de importância dos países referidos. A partir da referência à categoria

			de boxe, podem estar sendo mapeadas as MPs IMPORTÂNCIA É TAMANHO/VOLUME e IMPORTÂNCIA É MASSA/PESO (GRADY, 1997).
Pingue-pongue	Autor do <pingue-pongue>, o secretário de Redação Fernando Canzian discorda do protesto. Não considera que sua abordagem tenha sido agressiva. "Foi assertiva", diz, "e graças ao tom direto Stedile falou coisa que não havia dito antes". FSP, 21-mai-00	1. Esport. Jogo que consiste em arremessar sobre uma rede, com uma pequena raqueta, uma bola de celuloide, para o lado oposto de uma mesa, de modo que a bola toque na área do adversário, a quem cabe devolvê-la após um só toque na mesa, sob pena de perder um ponto; tênis de mesa.	DISCUSSÃO É PINGUE-PONGUE.  Projeção em que a troca de lado da bola corresponde-se à troca verbal, mapeados também os sentidos de disputa do jogo, com resultado final, um vencedor e um perdedor. Pode estar sendo organizada pelas MPs COMUNICAR É CONDUZIR, CRENÇA É POSIÇÃO FÍSICA E ACORDO É DO MESMO LADO (GRADY, 1997), a partir da imagem da troca de bola, integrando a metáfora DISCUSSÃO É JOGO.
Pinto	A baixaria das bolsas mundiais é <pinto> (sem trocadilho, por favor) perto das imagens chocantes que o povo brasileiro é obrigado a assistir enquanto mastiga a macarronada dominical: [...]. G, 02-nov-97	1. Zool. Filhote da galinha ainda novo; franguinho. [...]  Ser pinto. Bras. 1. <b>Não oferecer nenhuma dificuldade ou obstáculo; não constituir problema; ser muito fácil.</b>	NÃO CONSTITUIR PROBLEMA É SER PINTO.  Metáfora possivelmente motivada pelo modelo cultural de criação de aves, em que o valor do pinto em relação à galinha é inferior: comprar uma galinha – o animal adulto – custa mais caro, já que está pronta para produzir carne e ovos. Além disso, pode estar mapeando atributos do tamanho pequeno do

			filhote de galinha e estabelecendo valoração por meio da MP IMPORTÂNCIA É TAMANHO.
Pirataria Piratas	<p>(a) O novo presidente do Paraguai, Raúl Cubas Grau, assumiu o cargo ontem propondo uma agenda de Estado que priorize "a eliminação do narcotráfico, da &lt;pirataria&gt; e da apropriação intelectual indevida". FSP, 16-ago-98</p> <p>(b) [...] o telepirata recebe, em média, 500 telefonemas por mês. [...] Em São Paulo, já foram parar na delegacia &lt;piratas&gt; vendendo programas falsificados pela Internet e um estudante de medicina que montou uma pequena indústria de falsificação em seu apartamento. V, 26-nov-97</p>	<p>Pirataria</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ação ou vida de pirata. [...]</li> <li>2. P. ext. Roubo, extorsão. [...]</li> <li>3. <b>Ato ou efeito de piratear (2).</b></li> </ol> <p>Piratear [...]</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>2. <b>Copiar (programa de computador, material audiovisual ou fonográfico, etc.), sem autorização do autor ou sem respeito aos direitos de autoria e cópia, ger. para fins de comercialização ilegal ou para uso pessoal.</b></li> <li>3. <b>Vender ou repassar (o resultado dessa cópia): [...]</b></li> </ol> <p>Pirata</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bandido que cruza os mares só com o fito de roubar.[...]</li> <li>2. P. ext. Ladrão, gatuno.</li> <li>3. <b>Indivíduo que comete pirataria (3), que não respeita os direitos de</b></li> </ol>	<p>(a) A AÇÃO DE PRODUZIR E/OU COMERCIALIZAR PRODUTOS FALSIFICADOS É PIRATARIA.</p> <p>(b) AQUELE QUE PRODUZ E/OU COMERCIALIZA PRODUTOS FALSIFICADOS É PIRATA.</p> <p>Projeção das características do domínio conceptual de pirata e pirataria a partir do sentido histórico de pirata enquanto bandido que cruza os mares com a intenção de roubar embarcações. O sentido metafórico atua por metonímia de roubo no sentido geral para roubo de propriedade intelectual e direitos de autoria e projeta como pirata aquele que pratica ação (pirataria) de produzir e/ou comercializar produtos falsificados, comumente cds, dvds, bolsas, óculos de sol e peças de vestuário, cigarros e bebidas alcoólicas.</p>

		<p><b>autoria ou de reprodução que vigoram sobre determinadas obras ou produtos (literários, musicais, de informática, etc.), seja produzindo, ou utilizando cópias ilegais dessas obras ou produtos. [...]</b></p>	
Pirotec-nias	<p>A cautela de Walter Neves é mais retórica que prática. Ele repete para quem quiser ouvir que as datas de São Raimundo Nonato e a hipótese de migrações marítimas não passam de &lt;"pirotecnias"&gt; arqueológicas. [...] FSP, 19-mar-00</p>	<p>1. Arte de empregar o fogo ou os explosivos. 2. O conjunto dos conhecimentos necessários para preparar os fogos de artifício.</p>	<p>ARGUMENTAÇÃO SEM FUNDAMENTOS VÁLIDOS É PIROTECNIA.</p> <p>Projeção dos atributos de entretenimento da arte de empregar explosivos (um foguetório, por exemplo) para a divulgação de um dado saber ao qual se atribui a intenção de fazer sucesso sobre inverdades teóricas.</p>
Pitbul	<p>Eu não me interessei quando li o roteiro pela primeira vez [...]. Mas Vince (o diretor) é como um &lt;pit-bull&gt;, ele não desistia. E no final fizemos algo extraordi-</p>	<p>1. Cinol. Cão de mandíbulas robustas e de grande força e ferocidade, cuja raça é resultante do cruzamento de bulldog com terrier. 2. <b>Fig. Indivíduo agressivo e rude, propenso a bri-</b></p>	<p>PESSOA INSISTENTE É PITBUL.</p> <p>Projeção da ferocidade e de atributos como a característica da raça de cão <i>pitbul</i> no sentido de segurar a mordida por bastante tempo. Obs. Em português, escreve-se pitbul (AULETE, online). O nome original</p>

	nário. G, 06-dez-98	gas.	no inglês é <i>pitbull</i> .
Pizza	Oviedo deixaria o comando do Exército e assumiria o Ministério da Defesa. [...] os estudantes saíram às ruas em protesto contra a <pizza> que assava no forno. V, 01-mai-96	[It.] Substantivo feminino. 1. Comida italiana feita com massa de pão, de forma em geral arredondada e achatada, sobre a qual se dispõem camadas de mozzarella, tomates, enchovas, etc., temperadas com orégão.  <b>Acabar em pizza. Bras. Gír. Resultar em nada:</b> Todo aquele inquérito sobre a roubo-lheira acabou em pizza.	A AUSÊNCIA DE RESULTADOS NA APURAÇÃO DE DENÚNCIAS POLÍTICAS É PIZZA.  Há projeção metonímia de pizza pelo lugar em que se reúne para comer pizza – a pizzaria. A metáfora projeta para o conchavo político o cenário de uma reunião social em clima de confraternização e possivelmente carrega a referência ao hábito cultural urbano de frequentar pizzarias em comemorações.
Plugada Plugar	(a) No centro do palco está a idéia de crescimento acelerado como fator de diferenciação salarial. Diferenciação <plugada> na desigualdade de base, a educacional. [...] V, 25-dez-96  (b) ISTOÉ - Aos 66 anos, você não acha precoce <plu-	1. Ligar (aparelho elétrico) a uma tomada. 2. Inf. Conectar (equipamento) a um computador. 3. Inf. Conectar (seu próprio computador ou algum computador) a uma rede de computadores.	(a) ESTAR RELACIONADO A É ESTAR PLUGADO EM  (b) RELACIONAR UMA SITUAÇÃO A OUTRA É PLUGAR.  Projeção dos efeitos de plugar no sentido de ligar um aparelho elétrico na tomada ou conectar um computador a uma rede, por meio do ato de plugar o cabo que une as duas coisas, para a relação entre duas entidades (a diferença salarial relacionada com

	gar> um texto que fala de fim de vida com sua experiência particular? IE, 17-jan-96		a desigualdade de base/ o texto que fala sobre o fim da vida com a experiência pessoal).
Portal	[...] Já basta o que vai começar a viver a partir do final deste mês, quando estreará o site "A casa de Janaína" [...], <portal> da Internet dedicado à "mulher bonita brasileira". Ela é a primeira brasileira a ter as imagens de sua vida durante 24 horas na Internet. G, 05-mar-00	1. A porta principal, ou o conjunto das portas principais, dum edifício nobre, ou de templo, em geral artisticamente ornamentadas; pórtico, portela, portador: o portal de Notre Dame. [...] <b>3. Inform. Sítio cuja página inicial oferece ao usuário serviços como correio eletrônico, chats, informações e links para outras páginas da Web.</b>	PÁGINA DA INTERNET QUE SERVE COMO LUGAR PRINCIPAL DE ACESSO PARA CONTEÚDOS E SERVIÇOS É PORTAL.  Projeção da função do portal como porta principal para a função de portal de internet que serve como entrada para o acesso a conteúdo e serviços virtuais. A metáfora do portal integra o sistema que concebe a internet como espaço físico. Organizado pelas MPs CONTINENTES SÃO CONTEÚDOS, ORGANIZAÇÃO LÓGICA É ESTRUTURA FÍSICA, INTERRELAÇÃO É INTERCONEXÃO FÍSICA, AÇÃO É MOVIMENTO AUTOMOTOR, a internet é mapeada como uma região delimitada no espaço em que suas partes são conteúdos acessíveis e interconectados (os hiperlinks), pelas quais o usuário (o navegante) navega, por meio do navegador que permite o

			<p>acesso aos endereços dos conteúdos. A decisão de acessar determinados hiperlinks é projetada como movimento pelo espaço da internet. O portal é concebido como um dos pontos principais de localização no espaço da internet.</p>
Pós-operatório	<p>O que se diz no governo é que o país está no &lt;"pós-operatório"&gt;. Todo o cuidado é pouco e não há margem de erro possível. FSP, 17-jan-99</p>	<p>1. Período que sucede a uma cirurgia.</p>	<p>SITUAÇÃO CONSIDERADA DELICADA NA POLÍTICA GOVERNAMENTAL É PÓS-OPERATÓRIO.</p> <p>Projeção para o momento posterior à tomada de decisões políticas consideradas importantes das inferências relacionadas ao conhecimento de que o momento imediatamente posterior a uma operação cirúrgica deve ser de repouso e de observação médica, em razão do estado de convalescença do paciente.</p>
Pterodáctilos	<p>O primeiro editorial da Folha de 3/02 analisa o programa do PT como uma desastrosa volta ao passado e o chama de &lt;"pterodáctilos"&gt; [...]. FSP, 06-fev-94</p>	<p>1. Gênero de reptis pterossauros, pterodactídeos, [...] apresentavam membrana alar grande, que se estendia desde a parte lateral do corpo, até o quarto dígito, que era extremamente desenvolvido. Viveram do jurássico inferior ao cretáceo.</p>	<p>PROGRAMA POLÍTICO CONSIDERADO ULTRAPASSADO É PTERODÁCTILO.</p> <p>Projeção das inferências relacionadas ao fato de o pterodáctilo ser um tipo de animal extinto há milhões de anos para as características de programa político considerado ultrapassado. Ver <i>Dinossauro e Jurássico</i>.</p>

Queda-de-braço	Os ministérios da Fazenda e da Justiça querem a agência sob sua responsabilidade, pois ela terá mais poderes que órgãos atuais. A <queda-de-braço> será definida pelo presidente FHC. FSP, 20-ago-00	1. Bras. Lud. Disputa em que um dos adversários tenta encostar o antebraço do outro na mesa em que ambos apoiam os cotovelos.	DISPUTA POLÍTICA É QUEDA-DE-BRAÇO  Organizada pelas MPs PROCESSOS SÃO FORÇAS VIVAS, FAZER OBJEÇÕES É ATACAR, PREJUDICAR É CAUSAR DANO FÍSICO (GRADY, 1997): o processo político de definição de qual ministério vai ficar com a agência é um processo vivo que envolve luta corpora, no caso, uma queda-de-braço, em que o mais forte fisicamente derrota o mais fraco, derrubando o braço do perdedor sobre a mesa.
Quilotons	Mesmo depois da frustração com o reajuste pequeno da banda cambial brasileira, as quedas nas Bolsas internacionais foram alguns <quilotons> menos desastrosas que as observadas depois da moratória russa em 98 ou da crise em Hong Kong em outubro de 97. FSP, 17-jan-99	CONCEPTUAL OU CULTURAL 1. Fís. Unidade utilizada para avaliar a energia que se desprende numa explosão nuclear, e equivalente à energia libertada na explosão de 1.000 toneladas de trinitrotolueno ou aproximadamente à liberação explosiva de 1012 calorias.	PERCENTUAL MUITAS VEZES MENOR OU MAIOR EM RELAÇÃO A OUTRO É QUILOTON.  Projeção de uma grandeza referente à energia liberada por explosões nucleares para a razão das transações efetuadas na bolsa de valores. O mapeamento projeta as inferências relacionadas ao domínio da bomba atômica, como o efeito de “desastre”. Por meio do uso da grandeza relacionada a bomba atômica pode estar projetando a metáfora IMPORTÂNCIA É TAMANHO, PESO (GRADY, 1997).



Raízes	Joel e Ethan flertam também com o musical ao longo de todo o filme. Uma das cenas mais inspiradas é aquela em que, em troca de uns caraminguás, os fugitivos gravam uma canção de bluegrass - o country <"raízes"> - e, sem querer, viram coqueluche do rádio. V, 01-nov-00]	1. Bot. Porção inferior do eixo de uma planta, que cresce, ger., para dentro do solo, e cuja função fundamental é fixar o organismo vegetal e retirar do substrato os nutrientes e a água necessários à vida da planta. [...] 3. P. ext. Parte inferior; base. [...] 8. Fig. Germe, princípio, origem. 9. Fig. Ligação moral; vínculo, liame. [...]	ESTILO MUSICAL ORIGINAL É RAIZ.  Projeção da imagem da raiz de uma planta como lugar de origem de todo o resto da planta e da sua função de enviar nutrientes para as demais partes da planta para o estilo musical que é considerado a origem de um conjunto de estilos que compartilham características com o estilo original. Por essa projeção estilos musicais são plantas, o country do tipo <i>bluegrass</i> é a raiz de um tipo de planta, e os galhos da planta são os tipos de country derivados do <i>bluegrass</i> .
Rato	Para o americano Mark Harthaway, jogador amador e <rato> das discussões enxadristas na Internet, "as especulações existem. Muita gente está desconfiada, mas suspeito que será impossível descobrir a verdade sobre tudo isso." IE, 01-jun-97	1. Zool. Gênero de mamíferos roedores, murídeos, [...] 9. Bras. <b>Frequentador assíduo: rato de teatro; rato de festas.</b>	FREQUENTADOR ASSÍDUO É RATO.  Projeção do fato de os ratos estarem abundantemente presentes nos mesmos espaços que os seres humanos, atraídos pelos restos de comida.
Reciclar	A demógrafa Maria C. de Oliveira diz	Reciclar 1. Fazer a reciclagem de.	TROCAR DE ESPOSA É RECICLAR.

	<p>que os homens se prevalecem de sua condição econômica e do excedente de mulheres para &lt;reciclar&gt; suas parcerias. É a popular troca de uma mulher de 40 anos por duas de 20. FSP, 21-abr-96</p>	<p>Reciclagem</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Alteração da ciclagem.</li> <li>3. Repetição de uma operação sobre uma substância com o fim de melhorar propriedades ou aumentar o rendimento da operação global.</li> <li>4. Tratamento de resíduos, ou de material usado, de forma a possibilitar sua reutilização.</li> </ol>	<p>Projeção do processo de reciclagem, que transforma resíduo em nova matéria-prima, reiniciando o ciclo de vida do material, para o processo social em que um homem mais velho deixa a esposa e passa a viver com uma mulher mais nova.</p>
Regando	<p>Mas Mello garante que os números musicais serão intercalados com apresentações de artistas da nova geração, &lt;regando&gt; o ambiente principalmente com música popular brasileira e jazz. FSP, 20-jul-97</p>	<p>1. Umedecer por irrigação ou aspersão; molhar, aguar; irrigar: O jardineiro rega as flores.</p>	<p>CANTAR UMA MÚSICA EM UMA APRESENTAÇÃO É REGAR O AMBIENTE.</p> <p>Nessa projeção, os artistas são jardineiros e o ambiente onde eles estão (apresentação musical, com plateia) são as plantas, as músicas cantadas pelos artistas são a água que sai do regador, mapeando também inferências de valor positivo de regar como distribuir a água, substância necessária à vida e que revigora as plantas regadas, suprindo-lhe necessidades.</p>
Regente de orquestra	<p>[...] O ponto de interseção entre os rivais é o polêmico "maestro" colombiano Freddy Rincón, &lt;ex-</p>	<p>3. Mús. Chefe de orquestra, banda, orfeão, etc.; maestro.</p>	<p>TREINADOR DE FUTEBOL É REGENTE DE ORQUESTRA.</p> <p>Mapeamento de características e inferências relacionadas às funções</p>

	regente da orquestra> corintiana e que tenta agora, ainda sem sucesso, afinar a bagunça santista. FSP, 19-mar-00		do maestro ou regente de orquestra de gerir, organizar e conduzir uma orquestra para a função do treinado de futebol. Ver <i>maestro</i> .
Remendar	Se Galeano for o zagueiro, Tiago atua como volante. Caso o escolhido para a defesa seja Daniel, Galeano assume a sua posição original no meio-campo. Na lateral esquerda, Arlison será o substituto de Júnior. Na última vez que se viu obrigado a <"remendar"> a defesa, o Palmeiras foi derrotado pelo Guarani por 3 a 2, num jogo que começou vencendo por 2 a 0. FSP, 20-set-98	1. Deitar remendos em. 2. Retificar, consertar, emendar: remendar os erros de um escrito. [...]	IMPROVISAR SUBSTITUIÇÕES PARA A POSIÇÃO DE JOGO QUE ESTÁ DESFALCADA É REMENDAR.  Projeção da atribuição de improviso do remendo efetuado em uma peça de vestuário rasgada, a fim de restituir-lhe a função, para uma solução improvisada em uma situação de jogo em que uma posição ficou desfalcada, restituindo o número de jogadores necessários para o jogo. Ver <i>gambiarra</i> .
Repaginado	Com as unhas pintadas de vermelho vivo, em lugar do antigo "rosinha dona-de-casa" e roupas mais alinhadas,	1. Tip. Paginar novamente (composição tipográfica), por motivo de erro ou de alteração do texto ou do formato.	MUDAR O VISUAL, DEIXANDO-O MAIS MODERNO, É REPAGINAR.  Projeção da atualização relacionada à repaginação para a mudança de

	Marisa faz par à altura com o marido <repa-ginado>. (V, 14-09-02)		imagem de uma pessoa, com inferências positivas relacionadas à alteração.
Rodagem	Outro fator citado como responsável pelo status de "visitante mator" foi a experiência apontada por Gilmar [...]. "Nosso sucesso como visitante é em parte pela <rodagem> dos jogadores. [...]", disse Culp. FSP, 20-dez-98	1. Conjunto de rodas de um maquinismo. 2. Fábrica de rodas. 3. Ato de rodar (5).	<b>PARTICIPAÇÃO DE JOGADOR EM VÁRIOS TIMES AO LONGO DA CARREIRA É RODAGEM</b> Por meio dessa metáfora, um jogador é um veículo com rodas, cuja quilometragem é marcada pela passagem nos clubes de futebol. Organizada pelas MPs <b>ATINGIR UM PROPÓSITO É ALCANÇAR UM DESTINO, A EXPERIÊNCIA DE TEMPO É NOSSO PRÓPRIO MOVIMENTO EM UM CAMINHO (EU-MOVENTE)</b> (GRADY, 1997), a partir da projeção do veículo sobre o jogador, integrando o sistema metafórico <b>VIDA É VIAGEM</b> (LAKOFF; JOHNSON, 1980).
Romaria	Grávida faz <romaria> para obter atendimento. (tít).Elisângela Margarida da Silva, 20, percorreu três hospitais, durante seis horas, procurando uma vaga para ter o terceiro	1. Peregrinação a algum local religioso.	<b>BUSCAR ATENDIMENTO MÉDICO POR VÁRIAS HORAS E EM VÁRIOS HOSPITAIS É ROMARIA.</b>  Projeção dos atributos de percurso longo e inferências relacionadas ao sacrifício e à dificuldade da caminhada para alcançar um objetivo maior (a graça) para a

	filho. FSP, 15-out-00		busca exaustiva por atendimento médico.
Roubadas	E tem ainda o Homem Aranha, que se mete nas maiores <roubadas> no game "Separation Anxiety". O herói enfrenta seis clones do inimigo Venon [...]. G, 05-mai-96	Roubado [Part. de roubar.] Adjetivo. 1. Em que houve, ou que foi objeto ou vítima de roubo.  Roubada Substantivo feminino. <b>1. Bras. Gír. Mau negócio; logro.</b>	SITUAÇÃO RUIM É ROUBADA.  O particípio feminino de roubar passa a ter sentido próprio de “mau negócio”, “logro” e a expressão corresponde a “entrar em uma roubada”. Organizada pelas MPs SITUAÇÃO É LOCALIZAÇÃO (GRADY, 1997) E MUDANÇAS SÃO MOVIMENTOS DE POSSE (LAKOFF; JOHNSON, 1999), ocorre a projeção das inferências de ser roubado – a sensação negativa do prejuízo e do engano sofrido e as consequências físicas e emocionais que podem decorrer do evento – para uma situação desagradável em que há problemas a serem enfrentados.
Salto alto	Esta é a leitura, mas o que se ouve em seu comitê é que nenhuma pesquisa o fará baixar a guarda e a usar de novo o <salto alto>. Continuará surpreendendo com aquela humildade demons-	10. Vest. Parte saliente acrescentada à sola dum calçado, no calcanhar.	ESTAR CONFIANTE EM DEMASIA É USAR SALTO ALTO.  O salto alto é peça de vestuário com <i>status</i> e seu uso é atribuído às pessoas mais endinheiradas. A partir desse modelo cultural, há a projeção de inferências relacionadas à sensação de superioridade daquele que veste o salto. A

	<p>trada ao visitar o túmulo do Padim Cição Romão Batista. Reconhecendo erros e pedindo aos "bondosos" que o reconduzam. G, 02-ago-98</p>		<p>expressão parece projetar inferências de avaliação negativa, pois é mais usada em situações em que o “usuário do salto alto” é prejudicado pela arrogância. É possível também que a metáfora esteja projetando a dificuldade de equilibrar-se no salto alto, a possibilidade de quedas e a diminuição na habilidade física de quem veste o salto, o que se nota em uma frase como “O time perdeu porque entrou de salto alto”. Como ao usar o salto, a pessoa consequentemente fica mais alta, “salto alto” pode, ainda, estar projetando a MP STATUS SOCIAL É ELEVACÃO VERTICAL, relacionada com ESTAR NO CONTROLE É ESTAR ACIMA (GRADY, 1997).</p>
<p>Supermercado</p>	<p>“Todas as épocas estão representadas em nosso repertório, temos clássicos do século passado, assim como do século 20, [...] É uma grande mistura, algo como um &lt;supermercado&gt; dança”. FSP, 16-abr-00</p>	<p>1. Mercad. Loja de autosserviço (1), onde em ampla área se expõe à venda grande variedade de mercadorias, particularmente gêneros alimentícios, bebidas, artigos de limpeza doméstica e perfumaria popular.</p>	<p>VARIADO REPERTÓRIO DE DANÇA É SUPERMERCADO.</p> <p>Projeção da variedade de mercadorias de um supermercado para a variedade do repertório de dança e as inferências relacionadas à possibilidade de agradar públicos diferentes. O referente parece também projetar a importância da companhia, por meio das MPs IMPORTÂNCIA É</p>

			QUANTIDADE/ IMPORTÂNCIA É TAMANHO (GRADY, 1997)
Surfar	[...] FHC arriscou uma segunda metáfora, comparando a crise a uma sucessão de ondas para completar que "nós somos surfistas", como se quisesse dizer que o país tem condições para <surfar> na onda da crise. FSP, 18-out-98	Surfar 1. Bras. Praticar o surfe.  Surfe 1. Esport. Modalidade esportiva em que o atleta desliza numa onda de pé sobre uma prancha.	SUPERAR A CRISE ECONÔMICA É SURFAR NA ONDA DA CRISE.  Pela projeção, a crise são as ondas e o país (cidadãos e governantes) é o surfista, mapeadas as implicações de desafio e conquista de se manter em pé na prancha, de dela não cair, etc. Por meio da referência a surfar, pode estar projetando a MP FUNCIONALIDADE/VIABILIDADE É VERTICALIDADE (GRADY, 1997).
Tamboretes	[...] bancos que o senador Jáder Barbalho, patrono da CPI, agora só chama de <tamboretetes>. Banquinhos, ele diz, que o BC socorreu, em nome do risco sistêmico, Jáder está certo de que, depois dos <tamboretetes>, bancos graúdos também cairão na CPI. G, 02-mai-99	1.Cadeira de braços e sem espaldar. 2.Assento para uma pessoa, sem encosto, de madeira ou de outro material, e de tampo redondo ou quadrado.	INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS DE PEQUENO PORTE SÃO TAMBORETES.  Trocadilho com a homonímia de banco no sentido de lugar para sentar e no sentido de instituição financeira. Projeção metafórica do atributo de tamanho diminuto de um assento do tipo <i>tamborete</i> para o tamanho de instituições financeiras consideradas de pequeno porte. Por meio de <i>tamborete</i> , projeta-se a MP IMPORTÂNCIA É TAMANHO (GRADY,

			1997).
Tigre	O <tigre> do golfe (tít.) Aos 21 anos, Tiger Woods bate recordes, fatura milhões e é o novo ídolo americano [...], um golfista de 21 anos, de ascendência afro-asiática, especializado em bater recordes e amealhar fortunas. V, 28-mai-97	1. Zool. Mamífero carnívoro, felídeo (Felis tigris), da Sibéria e do Sudeste Asiático, de coloração amarelo-tostada, com barras negras sobre o corpo. [...] 3. Fig. Homem sanguinário, bárbaro, cruel.	ESPORTISTA COM RESULTADOS EXCEPCIONAIS É TIGRE.  Além de manipular o nome do jogador (Tiger), a projeção mapeia atributos de ferocidade e eficiência na caça, relacionados ao tigre, para as habilidades do jogador. Ver “fera”, “animal”.
Tiranossauro	[...] o emburlo da reeleição vai evidenciando os problemas de coordenação política do governo (com destaque para Sérgio Motta, esse <tiranossauro> em loja de porcelana) [...] FSP, 19-jan-97	1. Gênero de enormes dinossauros carnívoros, talvez os maiores que já existiram e, certamente, os mais assustadores, [...]; mediam cerca de 14m de comprimento e 6m de altura [...], cabeça que tinha 1,5m de comprimento.	PESSOA SEM DELICADEZA É TIRANOSSAURO.  Mapeia para a pessoa sem delicadeza as características relacionadas a tamanho, peso e modo de andar comumente atribuídos aos tiranossauros, conhecidos por serem os maiores animais dentre todos os dinossauros.
Titica	O orçamento da produção Argentina é de 10 milhões de dólares. Uma <titica> comparada aos 60 milhões do filme de Madonna. V, 31-jan-96	1. Excremento de aves. 2. Merda (4).	SER POUCA COISA É SER TITICA.  Metáfora motivada pelo modelo cultural de criação de aves, projetando a avaliação sobre a imagem do excremento da galinha, inclusive o sentido pejorativo. Pode estar projetando a MP IMPORTÂNCIA É



			TAMANHO.
Trombe-teando	O futuro Pre-feito Marcello Alencar está <trombetean-do> que deverá decretar estado de calamidade pública a partir de 1º de janeiro. (G, 24-11-88)	1. Tocar trombeta. 2. Bras. Imitar o som da trombeta. 3. Fazer soar em trombeta. 4. <b>Fig. Aprego-ar, alardear.</b>	ALARDEAR UMA NOTÍCIA É TROMBETEAR.  Projeção da característica de grande amplitude sonora alcançada pelo som da trombeta para a característica de alarde em uma notícia divulgada amplamente por alguém. Por meio do conceito de tocar uma trombeta, pode estar projetada a MP COMUNICAR É CONDUZIR e a metáfora INTENSIDADE DA ATIVIDADE É SOM.
Tronco	[...] Michael Blaese e Kenneth Culver tentaram evitar esse inconveniente injetando genes nas chamadas células matrizes, ou <"tronco"> do sangue, que se encontram na medula óssea e originam todas as células do sangue. FSP, 15-mai-94	Tronco 1. Bot. O caule das árvores. [...] 9. Origem de família, raça, etc.; cepa.  Célula-tronco 1. Biol. Célula indiferenciada e que, em cultura, continua indefinidamente a se dividir, gerando outras células, capazes de originar qualquer tecido ou órgão. [Pl.: células-troncos (ó) e células-tronco.] [...]	TIPO DE CÉLULA QUE ORIGINA TODOS OS DEMAIS TIPOS DE CÉLULA É TRONCO.  Projeção da imagem do tronco de árvore como lugar de origem dos galhos e da sua função de enviar nutrientes para a parte superior da árvore para a célula que tem a função de gerar os demais tipos de célula.
Vacas-leiteiras	Ao contrário de suas congêneres terceiro-	Vaca 1. Zool. A fêmea do touro.	SER FONTE DE RECURSOS É SER VACA-LEITEIRA.

	<p>mundistas, que são &lt;vacas-leiteiras&gt; dos respectivos Tesouros, a Petrossauro sempre foi mesquinha no tratamento do acionista majoritário. Tradicionalmente, a remuneração média anual do Tesouro, sob a forma de dividendos líquidos, não chegou a 1% sobre o capital aplicado. FSP, 21-mar-99</p>	<p>Vaca-leiteira 1. Bras. RJ Ob- sol. Caminhão com uma pipa no lugar da carroceria, e que percorria a cidade vendendo leite. [...]</p>	<p>Projeção da função de produção de leite para o consumo para a função das empresas estatais para a arrecadação do Estado. É organizada pela função cultural da vaca numa sociedade em que esse tipo de animal é criado em larga escala com a finalidade de retirar-lhe o leite para a alimentação humana. Embora o vocábulo “vaca” em referência não esteja funcionando no sentido de alimento, mas como a sua fonte, pode estar projetando a MP O MATERIAL NECESSÁRIO PARA UM PROCESSO É ALIMENTO.</p>
Verdes	<p>[...] A admiração por ele aprofundou-se na minha convivência com Paulo Emílio, que foi me revelando, aos poucos, como convém, o tamanho desse amigo. [...] E chamava a minha atenção para esse ou aquele capítulo de um livro ou então contava algum fato (engraçado ou</p>	<p>1.Da cor mais comum nas ervas e nas folhas das árvores; da cor da esmeralda. 2.Diz-se dessa cor: vestido de cor verde. 3.V. verdejante. 4.Diz-se da planta que ainda tem seiva. 5.Diz-se da fruta que ainda não está madura. [...] <b>9.Fig. Relativo aos primeiros anos de existência [...].</b></p>	<p>ANOS INICIAIS DA EXISTÊNCIA SÃO ANOS VERDES. ETAPAS DA VIDA DE UMA PESSOA SÃO FASES DO CICLO DE VIDA DE UMA PLANTA.  Metonímia da cor pela planta. A projeção metafórica mapeia a identificação das fases de ciclo de vida de uma planta para as fases da vida de uma pessoa. Assim, a fase da juventude corresponde à fase em que a planta produz seiva (e por isso se mantém</p>

	<p>dramático) que viveram naqueles &lt;verdes&gt; anos. Me lembro tanto daquele dia no Irã (foi em 1968?) quando entramos na loucura de um mercado persa para comprar caviar. [...] FSP, 19-jul-98</p>		<p>verde) ou à fase anterior à maturação, no caso de uma planta frutífera, em que se usa geralmente o conceito de <i>verde</i> para caracterizá-la; a fase da vida adulta e/ou velhice corresponde à fase em que a planta diminui ou extinguiu a produção de seiva: a cor predominante nessa fase geralmente não é verde, puxando para tons amarelados e alaranjados. No caso de uma fruta, o fruto maduro geralmente perde a cor esverdeada. Por meio desse mapeamento, portanto, a etapa inicial de um dado evento (a vida de uma pessoa, um projeto, uma sociedade, etc.) pode ser conceptualizada como “verde”. Esse tipo de metáfora pode integrar o sistema metafórico PESSOAS SÃO PLANTAS (LAKOFF; TURNER, 1989).</p>
Vitrine	<p>Sem a pasta da Justiça, apesar de ganhar o Ministério da Integração Nacional, o partido perdeu a &lt;vitrine&gt; das ações de maior apelo eleitoral. FSP, 18-jul-99</p>	<p>Vitrine [Do fr. vitrine.] 1. Vidraça atrás da qual ficam expostos objetos destinados à venda. [...]</p>	<p>PERDER VISIBILIDADE JUNTO AO PÚBLICO É PERDER A VITRINA.</p> <p>Projeção da função da vitrina de expor os objetos destinados à venda para atividades (sociais, políticas, etc.) que promovem visibilidade do agente junto a um determinado público. Pode estar sendo organizada</p>

			pela MP EXISTÊNCIA É VISIBILIDADE E PERCEPTÍVEL É FORA (GRADY, 1997), por meio do conceito de vitrina.
Zoneiros	[...] Se o ambiente do Antonio's era de uma tratoria de Roma, não podia ser um lugar onde "se falava baixo". Qualquer pessoa sabe que os italianos são um dos povos mais barulhentos e <zoneiros> do mundo. G, 02-fev-97	1. Diz-se de, ou aquele que frequenta a zona (11). 2. Diz-se de, ou aquele que zoneia [v. zonear (3)], que faz bagunça, confusão.  Zona [...] 11. Bras. Gír. Zona (4) onde se acha estabelecido o meretrício.	SER BAGUNCEIRO É SER ZONEIRO.  Projeção metafórica para pessoas consideradas bagunceiras (no caso, os italianos) das inferências pragmáticas relacionadas à atribuição de características aos frequentadores de zonas de meretrício, ambiente culturalmente relacionado à desordem.

Fonte: a autora.

## APÊNDICE D – Unidades lexicais sem metáfora

Na tabela abaixo, foram reunidas as unidades lexicais com extensão semântica sem projeção metafórica, de acordo com o proposto na seção 7.1. As colunas correspondem às unidades lexicais em ordem alfabética; ao trecho de ocorrência; ao tipo de extensão; e demais anotações.

Tabela 4- Unidades lexicais com extensão semântica sem metáfora

UNIDA- DE LE- XICAL	TRECHO	EXTEN- SÃO	ANOTAÇÕES
Abdução	O mercado de seguros não apenas cresce, mas também se renova a cada dia (...) Entre as apólices encontram-se algumas como o sinistro contra <abdução>, que significa seqüestro seguido de relações sexuais com extraterrestres. (IE, 01-ago-97)	Metonímia	<i>Vide</i> abdução jurídica. A categoria geral por uma subclasse: abdução (no sentido jurídico de sequestro) por abdução por extraterrestres.
Acústica	Em termos de Legião Urbana, lá pelo ano 2000 pode ser que sejam lançados alguns registros de gravações ao vivo de uma apresentação <acústica> na MTV, de 1993. (IE, 01-out-97)	Metonímia	Uma característica do evento pelo evento: apresentação acústica por apresentação com uso de guitarra acústica.
Acústico	Neste <acústico>, os Titãs regravaram ao vivo canções emblemáticas (...) O grupo requisitou uma pequena orquestra de cordas e convidou nomes de peso. (IE, 01-jun-97)	Metonímia	Uma característica do evento pelo evento: show acústico por show com uso de guitarra acústica.
Adrenalina	Separe as montanhas e as noites frias de Campos do Jordão, tire os congestionamentos de carros e o ruído das casas noturnas e adicione um pouco mais	Metonímia	A causa pelo efeito: “adrenalina” no lugar de tipos de atividades que causam excitação no corpo provoca-

	de <"adrenalina">. São Bento do Sapucaí - a apenas 10 Km de Campos - atrai esportistas e sedentários pelos mesmos motivos: paisagem, clima, bons preços e a sensação de realmente ter saído de São Paulo. (FSP, 21-jun-98)		da pela liberação de adrenalina.
Alternativos	Na cidade, as gangues mais agitadas são os punks, os headbangers e os skatistas, além de vários <alternativos> que não se juntam a nenhum movimento. (José Maschio) (FSP, 16-mai-93)	Metonímia	A qualidade que caracteriza os integrantes de um movimento cultural pelos integrantes.
Amarelinho	O Brasil não está fora dessa discussão. Ao contrário: valiosas descobertas recentes resultaram em um melhor entendimento da bactéria que provoca o <"amarelinho" >nos pés de laranja _o que permitirá ganhos econômicos e sociais de grande expressão. Um terço dos 170 milhões de pés de laranja do Brasil está infectado por essa doença. (FSP, 19-mar-00)	Metonímia	A cor resultante do processo de doença pela doença.
Apontadores	Acostumados a boa vida das gestões anteriores, os <apontadores> - empregados encarregados de fazer as apostas - já não podem ficar à vontade nas ruas, à espera dos apostadores. (Francisco Alves Filho) (IE, 11-fev-98)	Metonímia	Uma das fases do jogo (apontar os números) pela função do agente nessa fase do jogo (empregado encarregado de apontar os números).
Atitude	<ATITUDE> - Palavra indispensável no vocabulário rap. Para fazer parte	Metonímia	O nome que define a classe de modos de proceder ou agir

	do movimento "é preciso ter <atitude>, ou seja, ter consciência social, racial e postura de integridade diante da vida. V, 12-jan-94		por um tipo específico de modo de proceder ou agir.
Bíblica	Ayash foi morto na sexta-feira 5, em uma ação <"bíblica"> (olho por olho, dente por dente) do serviço secreto israelense. IE, 17-jan-96	Metonímia	O nome do livro pela ideia contida nele.
Borrachudos	Foi-se o tempo em que os barcos infláveis eram sinônimo de botes salvavidas ou de embarcações militares. Hoje, apelidados no Brasil de <borrachudos>, eles emprestam sua agilidade ao transporte de mergulhadores, em sessões de pescaria, puxando esquiadores aquáticos ou simplesmente como barco de passeio. IE, 11-dez-96	Metonímia	O tipo de material que compõe o produto pelo produto.
Botinas	No trevo do Lagarto, em Várzea Grande, no Mato Grosso, a região é apelidada de "propinolândia". É ali, dizem os caminhoneiros, que os <"botinas"> se vendem por até R\$ 1. IE, 11-ago-99	Metonímia	A parte da vestimenta pelo profissional que usa a vestimenta.
Branquear	Italianos, alemães, eslavos chegam em massa para ocupar imensa vastidão desértica de que fala Domingos Faustino Sarmiento e também para <"branquear"> a população. FSP, 21-mai-00	Metonímia	O efeito (da miscigenação) pela causa.
Bumba	Mas o batismo na Gaviões da Fiel, por sorte, naquele dia, não passou de <"bumbas"> - nome dado	Metonímia	Contíguo ao vocábulo onomatopéico imitativo de pancada estouro que o

	aos socos leves na orelha dos novatos. FSP, 20-nov-94		nomeia.
Cardeais	Combina, segundo o punhado de <cardeais> do PSDB e do PFL que, ao formalizar a aliança entre os dois partidos para as eleições de outubro, na semana passada, escolheu o alagoano Palmeira, ex-governador biônico de seu Estado e atual senador, para candidato a vice na chapa de Fernando Henrique Cardoso. V, 11-mai-94	Metonímia	A característica da classe de políticos (principais, fundamentais, etc.) pelo nome (cardeais). (associado a conversão gramatical de adjetivo para substantivo).
Castrados	Os últimos eunucos (tít.)A casta dos <castrados> entra na política e vence sua primeira eleição na Índia (subtít.) V, 01-mar-00	Metonímia	A característica da classe pela classe.
Chumbinho	O bebê morreu quarta-feira com sintomas de envenenamento por <chumbinho>, um agrotóxico vendido ilegalmente por camelôs. G, 06-jul-97	Metonímia	O componente do produto pelo produto.
Colérico	O <colérico> é um dos tipos de temperamento que tendem a se sair melhor no futebol. É raçudo, determinado e corre atrás da bola. O Edmundo é um <colérico>. Se caracteriza como ativo, agitado, impulsivo, agressivo. G, 02-jul-00	Metonímia	A característica da classe pela classe.
Comboio	No sábado 4, ele e seus amigos pararam o trânsito na rua Alvarez de Azevedo para permitir a passagem de um <"comboio"> (carregamento de drogas)	Metonímia	A classe geral do evento pelo evento específico: conjunto de veículos que se dirigem a um mesmo destino



	a favelas vizinhas. IE, 15-jan-97		com mesma finalidade no lugar do conjunto específico de veículos que se dirigem a um mesmo lugar com a finalidade de carregar/descarregar drogas.
Comprados	Em menor escala participam especuladores tanto na ponta comprada quanto na ponta vendida. Por medida de proteção, a BM&F faz o ajuste diário dos contratos. Se a cotação do dólar sobe, os vendidos têm que depositar dinheiro e os <comprados> recebem um crédito em suas contas. Se um vendido não tiver dinheiro suficiente para depositar, ocorre a inadimplência, e, como vimos, nesse caso a BM&F faz a liquidação forçada das posições. (Francisco Lopes) G, 06-ago-00	Metonímia	A ação executada pela categoria de agentes que a executa/sofre a ação.
Confecção	O cadáver era dividido em partes - cabeça, tronco e membros - e também tinha os órgãos e tecidos extirpados e repartidos. No preço, já estava incluída a <"confecção">, termo técnico usado para definir o preparo das partes encomendadas através de formol e verniz a fim de seguirem para as faculdades para a manipulação e estudo. IE, 12-jul-00	Metonímia	Parte do processo pelo todo.
Cor-de-	O folheto indica que a	Metonímia	A cor que simboli-

rosa	França está se adiantando em relação aos outros países na briga cada vez mais intensa pelos dólares dos turistas <"cor-de-rosa">. Existem cerca de 17 milhões de homossexuais nos Estados Unidos. FSP, 21-nov-99		za a classe pela classe.
Dilacerado	Encontraram exatos R\$ 14.750, em moedas e <"dilacerado"> - as cédulas que, no jargão bancário, precisam ser recolhidas por estarem desgastadas. IE, 14-mai-97	Metonímia	A característica da classe pela classe.
Emergente	Fala-se, hoje, de <emergentes> - o setor da sociedade que nasceu pobre, não tem curso superior e agora é rico. Como a semântica muda com o tempo, <emergente> é o que outrora se chamava de "novo rico" (como diria o Faustão, performance era desempenho, fast food era lanchonete, acusar era meter o pau etc.). (Frei Betto) FSP, 19-jul-98	Metonímia	O nome da classe pelo efeito que a caracteriza.
Empedrado	Sua filha menor ainda mamava quando Magali notou um endurecimento no seio direito. "Achei que o leite tinha <empedrado>", recorda. V, 26-mar-97	Metonímia	A característica (dureza) pela classe e uma ação específica de empedrar pelo modelo geral da ação de empedrar (efeito físico-químico dentro do corpo pelo efeito físico-químico de todas as pedras).
Esmoler	Os ermidas de maior parte, têm formas quadradas e se parecem com armários.	Metonímia	A finalidade do tipo de móvel pelo móvel.

	Os oratórios do tipo <es-moler> são rústicos, feitos de metal e têm uma correia de couro em volta. Eram usados por mendigos, que costumavam pendurá-los no pescoço para pedir esmolas. IE, 16-abr-97		
Faxinas	O sistema de internação de menores infratores na Febem reproduz o modelo de prisão de adultos. Assim como nos distritos policiais, as unidades de acolhimento provisório da Imigrantes têm os <"faxinas">, adolescentes que se destacam pelo bom comportamento e que, por isso, são encaminhados para serviços de limpeza, cozinha ou burocráticos. FSP, 20-set-98	Metonímia	O tipo de trabalho pela classe que o executa.
Flanelinha	Silva morreu asfixiado e seu corpo aterrissou congelado na Itália. "Foi a morte de uma esperança", escreveu um emocionado jornalista italiano. o passageiro da agonia era um <"flanelinha"> carioca de 19 anos. V, 12-jan-94	Metonímia	A ferramenta da atividade pela classe que executa a atividade.
Franquias	Além de controlar as bilheteria, o Grupo VR está conversando com a direção dos principais estádios paulistas sobre a possibilidade de implantar em suas instalações <franquias> de lanchonetes. FSP, 18-jan-98	Metonímia	O conceito mais amplo e geral de franquias como liberdade de direitos, detenção de privilégios, isenção de certos deveres aplicado ao conceito específico de licença de uso de uma marca.
Ganham	Agora, às vezes os caras	Ironia	

	<p>querem ir pra festa com um tênis ou roupa nova. Aí sabe como é que é: um otário passa, eles &lt;ganham&gt; (roubam). (Paulo Mota) FSP, 16-mai-93</p>		
Gavião	<p>"A torcida tem que se conscientizar de que futebol é só um esporte. Ganhar ou perder faz parte do jogo. Ainda mais com uma torcida como a do Corinthians, que sempre apoiou seu time e não cometeria esses atos de selvageria", disse Marlene Matheus, que atualmente luta como um autêntico &lt;gavião&gt; para se reeleger presidente do time. FSP, 19-out-97</p>	Metonímia	<p>O símbolo do time pelo torcedor do time.</p>
Gram-pões	<p>O grupo prosseguia montanha acima agarrando-se nas saliências e cravando no gelo os &lt;grampões&gt; - grades de pregos na sola das botas. (Peter Moon). IE, 11-fev-98</p>	Metonímia	<p>A classe geral de objetos usados para segurar/prender/pregar uma coisa em outra por um objeto específico que compõe a sola de botas usadas no montanhismo.</p>
Ícone	<p>A página oficial do Cruzeiro mostra os jogos da equipe no Campeonato Brasileiro e na Copa Mercosul. O site apresenta as fichas técnicas dos jogadores do time, de Levir Culpi e um &lt;ícone&gt; para envio de mensagens via e-mail. A home page traz fotos da comissão técnica. FSP, 20-dez-98</p>	Metonímia	<p>Parte da característica da coisa pela coisa: a área clicável de acesso a um programa pela imagem que o representa.</p>
Institucionalizada	<p>Michele é uma daquelas crianças que o jargão dos</p>	Metonímia	<p>O nome do lugar como característica</p>

	<p>assistentes sociais classifica de &lt;"institucionalizada"&gt;. Michele é uma órfã. Ao nascer, ela foi abandonada pela mãe, também órfã. Michele ainda tem dificuldade para falar, mas dá um jeito de dizer que uma família só sua - e é urgente. V, 25-dez-96</p>		<p>da pessoa que permanece naquele lugar.</p>
Justiceiros	<p>Em Diadema, estão sendo investigadas as hipóteses de "acerto de contas" entre traficantes e a ação de &lt;"justiceiros"&gt;. Quatro pessoas foram mortas a tiros e três ficaram feridas em frente a um terreno baldio no Jardim União. Dois dos mortos eram menores de 18 anos. FSP, 18-ago-96</p>	Metonímia	<p>A classe geral dos que fazem justiça pela ação específica de um indivíduo que por sua própria iniciativa, supostamente repara um mal, por meio de vingança.</p>
Liberados	<p>Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, que Medeiros lidera, é uma respeitável empresa com 582 funcionários. Cada um dos 28 diretores tem cinco assessores - todos &lt;liberados&gt;, isto é, licenciados pelos empresários, embora recebendo normalmente os salários - para levar a cada fábrica a linha de Medeiros. IE, 26-jan-94</p>	Metonímia	<p>O efeito pela ação executada.</p>
Linha branca	<p>Só nos produtos da chamada &lt;linha branca&gt; (geladeira, freezer, fogão e lavadoras), o crescimento foi de 112,51%. Nos eletrodomésticos portáteis, as vendas da indústria aumentaram 65,95%. Apenas a Casas Bahia com-</p>	Metonímia	<p>A cor dos produtos pela classe de produtos.</p>

	prou 30 mil liquidificadores e bateadeiras - o dobro dos pedidos que costuma encaminhar mensalmente para as indústrias, como ressalta Samuel Klein, o dono da rede. G, 02-mai-99		
Montanhas	Minas Gerais entrou na história da música como aquele lugar em que cabeludos de violão em punho - os chamados <"montanhas"> - cantavam odes a banhos de cachoeira e ao amor silvícola. Essa imagem está mudando, graças ao sucesso de vários grupos pop que nasceram nas Alterosas, mais especificamente em Belo Horizonte. V, 30-jun-99	Metonímia	A característica do lugar de origem da categoria de pessoas pela categoria de pessoas.
Oito	Técnico do <oito> brasileiro quer equipe vencedora. O <oito> brasileiro é formado por remadores de Santa Catarina e é treinado por Trmbetão na Clube Náutico Francisco Martinnelli. FSP, 04-abr-93	Metonímia	A quantidade de jogadores do esporte pelo nome do esporte.
Pano	Outro garoto, J.C.S., 17, de Ribeirão Preto (319 km ao norte de SP) disse roubou para comprar "maconha e <pano> (roupas)". "Aqui não dá para se recuperar. Precisariamos de um ambiente melhor", disse o garoto. FSP, 20-set-98	Metonímia	O material que compõe o objeto pelo objeto.
Paulistinas	A Prefeitura alega que a troca inicial dos lotes se explica porque o mercado, na época (1/12/94), estava com pouca liquidez. A	Metonímia	O lugar de referência do objeto pelo objeto.

	<p>Contrato tinha um lote de &lt;"paulistinhas"&gt; (papéis de São Paulo) de prazo mais longo (vencendo em 97). Como o mercado estava sem dinheiro, não conseguia passar adiantes os papéis e, se fosse financiá-los no mercado, teria enormes prejuízos e poderia quebrar. Como a quebra de uma distribuidora provocada por problemas com &lt;paulistinhas&gt; poderia gerar uma reação em cadeia, a Prefeitura resolveu trocar este lote da Contrato por outro, de prazo mais curto (vencendo em 95), portanto mais fácil de vender. Fez a troca pelo mesmo preço, sem desembolso. FSP, 20-abr-97</p>		
Pedras	<p>"Roubei um relógio e R\$ 60 de um homem na praça. Vendi a mercadoria e usei todo o dinheiro que arrecadei para comprar &lt;pedras&gt; (de crack)", disse R.V.N, 12, que cometeu o delito em Votorantim (98 km a oeste de São Paulo). FSP, 20-set-98</p>	Metonímia	O formato da droga pela droga.
Peixeiros	<p>Por sinal, os "pescadores de peixe de pedra", têm se tornado verdadeiros artistas. Eles desenvolveram a habilidade de emendar pedaços de fósseis e até de pintar nas pedras os pedaços que faltam aos esqueletos encontrados. No agreste cearense, pesqui-</p>	Metonímia	O objeto vendido pela classe que executa a venda.

	sadores, atravessadores, contrabandistas ou meros visitantes entram em contato facilmente com esses <"peixeiros">. Vendedores de fósseis fazem da praça central de Santana do Cariri, bem em frente ao único museu de Paleontologia da região, um concorrido ponto de venda. IE, 16-out-96		
Pintadas	A outra medida visa o combate à chamada violência de rua _atos de vandalismo típicos dos jovens separatistas, como queimar carros e promover <"pintadas">, que consistem em sujar de tinta a fachada da casa dos opositores da soberania basca. FSP, 17-set-00	Metonímia	O efeito da ação pela ação.
Piscinões	Por enquanto, a solução técnica mais viável é a construção de <piscinões> - tanques de 75 mil metros cúbicos - que retém a água da chuva até a tormenta passar. IE, 15-fev-95	Metonímia	A classe geral do objeto identificado com um tanque ou reservatório artificial (com funções diversas – criar peixes, banhar-se, reter água) por um objeto com uso específico (reter água da chuva).
Plugados	[...] Entre os vinte países para os quais a ACNielsen coleta "webestatísticas", o Brasil tem o quinto maior clube de internautas. Está atrás de Estados Unidos, Japão, Inglaterra e Alemanha e à frente de Canadá, Itália, França e Espanha. Mas tem o menor porcentual de <"plugados"> na	Metonímia	Parte do processo (plugar o cabo USB na rede) pelo efeito do processo (estar conectado à <i>internet</i> ): conectar, por meio de um plugue de cabo USB, o computador a uma rede de computadores.



	população, inferior a 10%. Longe dos mais de 50% nos EUA e na Suécia e mesmo dos 20% de Japão, Alemanha e Itália. [...] V, 01-nov-00		Comparar com outros sentidos de “plugar” na Tabela 3 – metáforas culturais.
Raspadinha	Passou a pintar camiseta e a vender <raspadinha> (gelo moído com grose-lha) em porta de colégio. FSP, 02-abr-93	Metonímia	Uma das etapas do processo de manipulação do objeto pelo objeto.
Rede	Esporte na <rede> (tít.) <a href="http://www.cariverplate.com/">http://www.cariverplate.com/</a> (em inglês e castelhano). Este endereço traz informações sobre o clube que disputa com o Vasco uma das semifinais da Taça Libertadores. O site traz, entre outras informações, a história do clube argentino desde sua fundação, em 1901. Também traz lista com os títulos conquistados pelo River, além da programação do clube até agosto. FSP, 19-jul-98	Metonímia	O modo de funcionamento da coisa pela coisa: funcionamento da <i>internet</i> por meio de computadores interligados em rede por rede.
Rosa	Desânimo <rosa> (tít.) Militantes do movimento gay admitem, reservadamente, que não há chance de o projeto que prevê a parceria civil entre homossexuais passar na Câmara. Reação <rosa> (tít.) Se o projeto de Marta Suplicy (PT-SP) for derrubado em plenário, os militantes homossexuais pretendem divulgar um documento intitulado "Gays prometem vingança", com ataques à Igreja Católica.	Metonímia	A cor que simboliza a classe pela classe.

	FSP, 20-jul-97		
Sacolão	Os consumidores ouvidos afirmam que o <saolão> continua sendo o ponto de venda em que os preços são mais baixos FSP, 22-jun-97	Metonímia	O objeto geralmente utilizado na ação pelo lugar da ação.
Sem	Para que a luta de classes retornasse _como importância política_ às suas formas "puras", ela deveria fundar-se numa estrutura de classes também próxima da "pureza" do velho capitalismo industrial. Deveria originar-se _portanto_ de uma sociedade em que a exclusão fosse secundária, e não uma condição necessária, para um capitalismo alicerçado sobre a acumulação sem trabalho. Por isso os <"sem"> (terra, teto, identidade, emprego, respeito pela sua especificidade etc.) expressam os conflitos que indicam um novo vínculo entre a democracia e a igualdade. FSP, 21-fev-99	Metonímia	Parte do nome da classe pela classe.
Similares	Como o antibiótico Gramcilina a R\$ 165,50 - preço R\$ 130 menos que o do genérico Ampicilina sódica. Poucas vezes o consumidor pode verificar as diferenças, já que nem sempre os vendedores citam os <similares> como opção dos genéricos ou de marca. Ante essa dificuldade, a aposentada Maria Helena Lopes faz questão de guardar as	Metonímia	A característica da classe pela classe.

	notas com os gastos semanais de remédios e, ao perceber a alta, troca de farmácia. G, 06-ago-00		
Soldados	<"Soldados"> de grupos de traficantes de outras favelas do Rio estão sendo enviados à favela de Ramos para ajudar o traficante Zoião, 23, chefe do tráfico local, na luta contra Raminho, chefe da favela Roquete Pinto. Cinco dos 16 rapazes detidos ontem são de outras favelas da cidade e da Baixada Fluminense. FSP, 17-out-93	Metonímia	A função pela classe.
Tabelinha	Knijnik conta que, na época, não era comum o homem pensar em evitar filhos. "A gente confiava que elas estavam se cuidando, que tomavam pílula ou seguiam a <tabelinha> FSP, 04-ago-96	Metonímia	A representação do método pelo método.
Talento	Considerado impróprio para menores de 14 anos, ele agora terá de ir ao ar depois das 21 horas. Ou seja, após o término do Domingo Legal. O SBT ainda estuda recorrer da medida, mas o fato é que a infame banheira já não tem a mesma importância. Atrizes e atores emergentes ainda a consideram um meio de mostrar seu <"talento">. Os espectadores, no entanto, andavam um tanto enjoados. Em vez de aumentar a audiência média do programa de Gugu em 10 pontos, como nos velhos tempos, a	Ironia	

	aparição dos pelados só tem rendido 2 pontos a mais. (Ricardo Valladares) V, 01-nov-00		
Terra	Consumo: Acessórios em tom <terra> são presentes autênticos e não brigam com a mamãe. (Índice) FSP, 02-mai-93	Metonímia	O objeto pela cor que o caracteriza.
Tombamento	Segundo uma fonte da Secretaria de Segurança, o método usado pelos ladrões revela que uma abordagem requer, no mínimo, dois carros e uma média de dez homens na quadrilha e pode durar cinco minutos. Os ladrões usam batedores armados e com telefones celular. No galpão estarão os seguranças e os contatos com os receptadores locais. O sucesso dessa abordagem dependerá do tempo que se leva entre o assalto e a chegada ao depósito clandestino, onde será feito o <tombamento> - ato de descarregar a mercadoria. G, 07-abr-96	Metonímia	Uma das etapas do processo pelo processo.
Tucana Tucano(s)	Hélio Garcia deixou de reclamar da substituição de um mineiro por um paulista na pasta da Fazenda, Fleury esqueceu a hegemonia <tucana> no Ministério. FSP, 20-jun-93 Os maus ventos da economia internacional vão desmanchando as ilusões tucanas sobre um maior crescimento no próximo ano, que favoreceria FH e o PSDB na sucessão. Os	Metonímia	O símbolo pelo partido.

	<p>aliados sondam o horizonte, os &lt;tucanos&gt; paulistas voltam os fuzis contra o ministro Pedro Malan, que sem lhes dar razão, reforça a cautela: "o mundo em que vivemos é este. Viver é perigoso, como dizia Guimarães Rosa." (Tereza Cruvinel) G, 03-dez-00</p> <p>[...]senador Paulo Hartung (ES), um dos cinco vice-presidentes do PSDB, jantou com Ciro (PPS) na quinta. Como Ciro não pretende voltar ao ninho &lt;tucano&gt;, resta saber quem vai engrossar o caldo de quem. FSP, 15-ago-99</p>		
Turistas	<p>Só na USP devem resolver a prova cerca de 7.000 candidatos. Por isso, a universidade vai controlar a entrada no campus de &lt;"turistas"&gt; - pessoas que costumam passear no local no fim-de-semana. FSP, 20-nov-94</p>	Metonímia	<p>A ação executada pela classe que a executa.</p>
Varredura	<p>[...] Ocorre que, para trocar do 4 por 3 para o 5 por 2, a Dersa precisa interditar todas as pistas da Anchieta e Imigrantes por pelo menos uma hora. É a chamada &lt;"varredura"&gt;, que esvazia as pistas para poder inverter a direção do tráfego [...]. FSP, 18-jan-98</p>	Metonímia	<p>Um dos tipos de procedimento pelo modelo geral de procedimento (o esvaziamento das pistas é uma forma de varredura, dentre outras: militar, do espaço aéreo, do espaço marinho, etc.).</p>
Vazios	<p>Muitos astrónomos entendem que os &lt;"vazios"&gt; do</p>	Metonímia	<p>A característica representativa do</p>

	Uníverson, onde não se vê matéria brilhante (estrelas, planetas, galáxias, etc) sejam constituídos por uma substância invisível até pelos telescópios e de natureza ignorada. FSP, 18-set-94		lugar pelo lugar.
Vendido	Em menor escala participam especuladores tanto na ponta comprado quanto na ponta vendida. Por medida de proteção, a BM&F faz o ajuste diário dos contratos. Se a cotação do dólar sobe, os vendidos têm que depositar dinheiro e os comprados recebem um crédito em suas contas. Se um <vendido> não tiver dinheiro suficiente para depositar, ocorre a inadimplência, e, como vimos, nesse caso a BM&F faz a liquidação forçada das posições. (Francisco Lopes) G, 06-ago-00	Metonímia	A ação executada pela classe que a executada.
Verdes	A Polícia Militar vai precisar mesmo dividir o Morumbi ao meio. Os <verdes> prometem um painel humano, com desenho que é mantido em sigilo. Os "gaviões" pretendem encher o Morumbi com alegorias, de gorros alvinegros a 50 mil bandeiras. FSP, 06-jun-93	Metonímia	A cor que representa o time pela torcida do time.

Fonte: a autora

## APÊNDICE E – Entradas consideradas inválidas

Na tabela abaixo, foram reunidas as unidades lexicais consideradas inválidas sob a proposta da presente análise, conforme abordado na seção 7.1. As colunas correspondem às unidades lexicais em ordem alfabética; ao trecho de ocorrência; ao motivo da exclusão; e demais anotações.

Tabela 5- Entradas consideradas inválidas

UNIDADE LEXICAL	TRECHO	MOTIVO DA EXCLUSÃO	ANOTAÇÕES
Aparelhos	[...] E a disputa pelos <"aparelhos">, os grandes sindicatos da central, como o dos bancários paulistas (as eleições da semana passada foram vencidas pela Chapa 1), se transformou em festivais de denúncias de dar inveja a éticos e anões de Brasília. [...] (IE, 26-jan-94)	Origem indeterminada da projeção	Não foi possível identificar as características da projeção em razão do contexto linguístico insuficiente.
Aratu	Desde o início de setembro, quem quiser obter informações diversas sobre a cena musical do Recife pode acessar o Mangue Bit. [...] Lá se aprendem gírias locais como <"aratu"> (otário), "guajá" (caranguejo que não vai para lama, mauricinho) e "caritó" (camburão). (V, 25-out-95)	Contexto insuficiente	
Barbies	Decorado pelo arquiteto Sig Bergamin, o bar da churrascaria famosa aparece uma sala de estar inglesa do começo do século. Lá esta-	Nome próprio	Nome de produto.

	<p>cionam de executivos, as &lt;barbies&gt; dos Jardins, em sessões pré-picanhas. (sinopse/bares) FSP, Soraya conta que o rapaz era atleta. "Olhando para trás, vejo que ele estava mais para &lt;barbie&gt; (gay musculoso)", diz. FSP, 15-set-96</p>		
Becão	<p>Nesta tarde, contra o Coritiba, estréia Márcio Santos no tricolor. Não sei como anda o craque das pernas. Mesmo porque, desde a grave contusão que sofreu, pela seleção, há mais de ano, Márcio só conseguiu jogar significativa sequência de jogos pelo Atlético-MG, na temporada passada. Logo, não se pode exigir muito do &lt;becão&gt;. FSP, 19-out-97</p>	Unidade sem definição	Formação red. a partir de Curitiba.
Beijinhos	<p>E, quase na mesma época, a promotora de eventos Paula Rodrigues Pratini, 27 anos, foi presa em flagrante com 70 &lt;"beijinhos"&gt;, pontos de LSD, vendidos por R\$ 20 a unidade. IE, 17-nov-99</p>	Origem indeterminada da projeção	Possibilidade de projeção da imagem do formato pequeno da boca ao dar um "beijinho" para o formato pequeno (ponto) da droga ou metonímia de "beijinho" (tipo de doce) para "doce" (um dos nomes da droga).
Bimbo	<p>Para aqueles que ainda não entenderam direito, vou explicar a</p>	Estrangeirismo	Bimbo: an attractive but empty-headed young



	palavra <"bimbo">. [...] As <"bimbos"> são sempre e convenientemente solteiras. Em Aspen elas são conhecidas como KB, "Killer Bimbos" ("bimbos" assassinas) e quando elas mordem a carteira as consequências podem realmente ser fatais. FSP, 05-dez-93		woman, especially one perceived as a willing sex object. (CAMBRIDGE, online).
Bocadas	Ronaldo diz que nunca se envolveu com a polícia, não usava armas, nem participou de assaltos. "Foi muita sorte, porque sempre andei pelas <'bocadas'>, caçando drogas. FSP, 15-set-96	Origem indeterminada da projeção	Possibilidade de projeção da imagem e função da "boca" como "entrada" ou da imagem do saco homônimo usado para carregar o pescado.
Box	<BOX> - Radiogravador portátil. V, 12-jan-94	Estrangeirismo	
Branco	O psiquiatra Márcio Bernik, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas, explica a dificuldade de se definir normalidade versus patologia. "É fácil definir o que é normal (<branco>), quando há um comportamento bizarro (preto). Mas, delimitar em que casos a medicina deve tratar um indivíduo, quando se está em uma zona cinzenta, é quase subjetivo", afirma. FSP, 18-jan-98	Não é extensão semântica	Não há modificação do significado das cores. Recurso textual de exemplificação.
Bráulio	Acredito que a rapaziada que protestou no	Nome próprio	Referência a antropônimo.

	Ministério da Saúde não está tendo problemas como o nome Braúlio e sim com o seu próprio <braúlio> (Paulo Rodrigues) V, 27-set-95		
Brizola Brizolas	<p>"Agora entendo por que ele (César Maia) anda de casaco no verão e faz tanta loucura. Ele saiu do PDT, mas continua com &lt;Brizola&gt; na cabeça". Brizola no Rio é gíria que quer dizer cocaína. ISTOÉ - O que o sr. quis dizer, delegado? IE, 17-jan-96</p> <p>Os &lt;brizolas&gt; - Embora democrata-cristão de origem, Rafael Caldera, candidato a presidência na Venezuela, tem pontos de similitude com Leonel Brizola. Caldera persegue o poder a rigor desde que o deixou, faz 20 anos. Adota um tom populista e antiliberal. Ressuscitou até um tema caro a Brizola, ao dizer que o pagamento da dívida externa pode levar a democracia ao colapso. FSP, 05-dez-93</p>	Nome próprio	Referência a antropônimo.
Buraco negro	Persiste o <buraco negro>. A revisão das aposentadorias concedidas entre 5/10/88 e 5/4/91, o chamado <buraco negro>, ainda	Contexto insuficiente	

	não chegou ao fim. FSP, 06-jun-93		
Cabeça	Desde que você é o editor, não vi dúvidas que a ISTOÉ iria para a <"cabeça">. IE, 13-dez-95	Origem indeterminada na projeção	As informações são insuficientes para determinar se a referência à "cabeça" forma um sintagma com "cabeça da tabela" (ref. índice de vendas) ou "cabeça das pessoas". Ambos os sentidos compartilham algumas metáforas primárias, mas, o funcionamento, os papéis contextuais e, por conseguinte, a interpretação da metáfora seriam diferentes.
Cabeça	A face <"cabeça"> da moça não é novidade. Há dez anos, o filósofo francês Edgar Morin, 73 anos, veio ao Brasil e quis conhecer a atriz. Virou seu fã depois de vê-la na novela Dona Beija, à época exibida pela tevê francesa. IE, 16-set-98	Origem indeterminada da projeção	Contexto linguístico insuficiente para determinar a característica da projeção, os papéis contextuais, a presença ou ausência de ironia, etc.
Caetano	A professora foi flagrada por um <"caetano">. Trata-se de uma câmera instalada em algumas esquinas movimentadas de São Paulo, acionada por um dispositivo no asfalto sempre que algum veículo rompa o sinal vermelho. Ga-	Nome próprio	Referência a antropônimo.

	nhou o apelido em homenagem ao compositor Caetano Veloso, que num show na cidade reclamou da violência do trânsito em São Paulo. IE, 11-dez-96		
Canguru	Biagotti se enfia em um <canguru> rápido. FSP, 18-abr-93	Contexto insuficiente	
Careca	Na contratação de um CDB <careca>, a empresa acerta com a instituição financeira um rendimento que não ultrapassa a Ufir (Unidade Fiscal de Referência). Com isso, o aplicador não paga imposto na fonte, já que a tributação - a alíquota é de 31,5%, tanto para pessoas físicas como para jurídicas - incide apenas sobre o rendimento que excede a variação da Ufir. FSP, 20-jun-93	Contexto insuficiente	
Carneirinho	Numa praça da zona norte de São Paulo, a reportagem de ISTOÉ embarcou num ônibus de sacoleiros para acompanhar de perto essa realidade. [...] O ônibus, ou <"carneirinho">, na linguagem dos motoristas, já está parcialmente cheio. Todos se conhecem. Para viajar pela primeira vez, uma pessoa tem que ter referên-	Contexto insuficiente	

	cias, ser amiga de alguém. IE, 12-ago-98		
Cenoura	FHC gosta da expressão inglesa "carrot-and-stick" (vara e cenoura). Usou-a em seu livro "A Construção da Democracia" (Siciliano, 1993), no trecho em que analisa o relacionamento da administração Figueiredo com os sindicatos. O governo pedia o arrefecimento das greves no ABC. Em troca, oferecia várias <"cenouras"> - programa de habitação popular, aumentos salariais e negociação direta entre patrões e empregados. FSP, 18-mai-97	Contexto insuficiente	
Charme	Os mangueirenses de cabelo oxigenado conhecidos pelo grito de guerra "não é mole não", estão de volta mostrando que o batuque nos tamborins continua rolando solto entre eles. Apesar de repetirem numa das faixas outra versão do sucesso Não é mole não, agora em ritmo <charm> - funk romântico a tônica do CD é puro samba-funk. IE, 16-set-98	Contexto insuficiente	
Choro	Mesmo sem ler o livro, há quem tenha optado pelos sucos. A vendedora Karina Marracini,	Origem indeterminada da projeção	Ao menos duas projeções distintas são possíveis: projeção da ima-

	21, almoça todos os dias um suco e um sanduíche na Alfahatem, nos Jardins (zona oeste). A casa ainda não deu nomes para as misturas, tipo abacaxi, morango e hortelã; cenoura, laranja e maracujá ou kiwi com abacaxi. Tudo isso em dose dupla, já que o <"choro"> é equivalente a mais um copo. FSP, 05-dez-93		gem do líquido excedente escorrendo pelo copo ou projeção da relação primária entre chorar e receber comida.
Circo	"Não pretendo formar apenas pilotos, mas mecânicos, projetistas, engenheiros... Quero mostrar a todos que é possível chegar à F-1, mesmo que eles não tenham talento para serem bons pilotos. Podem participar do <circo> nem que seja como cozinheiros" explicou o príncipe nigeriano à Folha. FSP, 18-abr-99	Contexto insuficiente	
Colloridos	Corte collorida (tít.) Itamar briga com Collor, mas os <colloridos> continuam numa boa. No Itamaraty estão cotados para assumir subsecretarias: Carlos Garcia, ex-secretário de Administração, e Flávio Perri, da área de meio ambiente de Collor. G, 07-jul-96	Nome próprio	Referência a antropônimo.
Container	<Container> - pessoa chata V, 24-set-97	Contexto insuficiente	

Cordeiros	Infra-estrutura: carro de apoio com bar, sanitários, atendimento médico e camarote para convidados, segurança com mais de 800 <cordeiros> - homens que seguram a corda em voltado bloco, mais 200 vigilantes internos. IE, 11-fev-98	Contexto insuficiente	
Corsário	No outro lado da escada, são terminantemente proibidas sandália de salto agulha, calça <corsário> e jóias de ouro - os emblemas delas, as patricinhas. (Rachel Campello) V, 31-mar-99	Contexto insuficiente	
Cutiano	Há uma prova feminina, na qual as amazonas devem contornar três obstáculos no menor tempo possível, e dois tipos de prova de montaria em cavalos, com e sem sela (o bareback). No Brasil, há ainda a montaria na cela típica dos caipiras, chamada <cutiano>. V, 27-ago-97	Contexto insuficiente	
Danoninho	Não faz muito tempo, homens maduros trocavam casamento de bodas de prata ou mesmo de ouro por garotas jovens. Agora são as mulheres que assumem suas paixões por ninfetos. Eles já ganharam até apelido. São chamados cari-	Nome próprio	Nome de produto.

	nhosamente de <"dannoninho">. IE, 14-jun-00		
Davis	Sobretudo agora em que os jornais enchem suas primeiras páginas com fotos dos <davis> palestinos enfrentado os goliats locais A garotada palestina de atiradeira em punho lutando contra as as forças militares de Israel é uma visão inapelavelmente bíblica e ancestral. Wells julgava esse problema eterno. "Teimar em viver naquela região"-referia-se aos judeus "é como um bêbado teimar em dormir numa encruzilhada. Será, fatalmente, atropelado todas as noites." FSP, 15-out-00	Nome próprio	Nome de personagem literário.
Desencana	"Estou no limiar do desespero: tenho que engordar uns 15 quilos para ser considerado magro. Minha vida é uma tragédia. [...] Querido esqueleto, há um ditado que diz: "Nunca se é rico ou magro demais". <Desencana> que a vida engana! FSP, 05-jun-94	Origem indeterminada da projeção	Possibilidade de projeção conforme inferências de "entrar pelo cano", porém, segundo o dicionário Aurélio Eletrônico (vs.5.4.1), "desencanar" é uma corruptela de "desencarnar", relacionado ao uso figurado de encarnar como entranhar.
Efeito tequila	<Efeito tequila> (tít.) O espanhol é a segunda língua para negócios, segundo dois	Contexto insuficiente	



	terços dos executivos norte-americanos entrevistados pela empresa de recursos humanos Accountemps. FSP, 16-mar-97		
Encanação/ Encanadís- simos	Tem <encanação> com alguma doença? Não. FSP, 05-jun-94  Apetite e saúde é o que não falta naquela casa, onde a palavra dieta virou palavrão. Medo da Aids? Claro. Os dois são <encanadís-simos>. Mas já fizeram exame e deu negativo. Usam camisinha para evitar filhos. FSP, 18-abr-93	Origem indeterminada da projeção	Possibilidade de projeção conforme inferências de “entrar pelo cano”, porém, segundo o dicionário Aurélio Eletrônico (vs.5.4.1), “desencanar” é uma corruptela de “desencarnar”, relacionado ao uso figurado de encarnar como entranhar.
Entrão	Seco, fechado e de fala curta, Szajman não parece ter nada do <entrão> que seus negócios indicam. Mas sua fama, no mundo dos negócios, é a de um investidor sorrateiro. V, 01-mai-96	Unidade sem definição	Formação substantiva a partir de “entrar”.
Extrema- esquerda	A principal cisão dava-se entre a chamada <extrema-esquerda>, que acreditava na possibilidade da derubada do regime, seguida da implantação de um governo socialista de hegemonia operária, e o chamado “reformismo”, que sustentava as teses do PCB, propugnando uma frente ampla nacional-popular, com	Não é extensão semântica	Nova unidade formal por composição.

	participação da burguesia "progressista". FSP, 21-set-97		
Femme	O que vemos na atual primeira-dama (Hillary Clinton), de postura impecável, é um produto teatral irreprensível, cujas etapas de auto desenvolvimento, nas quais passou de "butch" (lésbicas de maneiras masculinas) para <"femme"> (de maneiras femininas), foram motivadas pela ambição política pura. FSP, 17-mar-96	Estrangeirismo	
Fenoscândia	"Além de trair a quem lhe tirou da <fenoscândia> política, esse senhor mostrou-se um serelepe marombeiro". Fernando Collor, ex-presidente, sobre Itamar, seu ex-vice. V, 25-dez-96	Unidade sem definição	
Frankenstein	Ensino <"frankenstein"> deixa aluno ilhado (tít.) A falta de sintonia nas mudanças que Estados e municípios vêm fazendo nas redes de ensino está criando um sistema <"frankenstein">. O efeito colateral é que, hoje, uma simples transferência do aluno de uma escola para outra corre risco de ser inviável. A avaliação é do Ministério da Educação, com base em um estudo do Inep	Nome próprio	Nome de personagem literário.

	<p>(Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), que realizou mapeamento inédito nas redes de 27 Estados. Pelo estudo, 19 unidades da federação já alteraram a organização do ensino. Só que cada uma fez a mudança à sua maneira. O resultado é que, hoje, já é difícil encontrar dois Estados vizinhos com sistemas educacionais iguais. FSP, 15-nov-98</p> <p>As marcas mais conhecidas disputam espaço com os chamados &lt;"frankensteins"&gt;, micros montados por oficinas de fundo de quintal com componentes importados, que detêm 50% das vendas. (Norton Godoy). IE, 17-jul-96</p>		
Gansos	<p>O economista japonês Kaname Akamatsu cunhou uma outra metáfora - a dos "gansos voadores". O Japão teria sido o líder da formação de &lt;gansos&gt;, sendo o primeiro a decolar, seguido pelas cidades-entrepósitos (Hong Kong e Cingapura) e pelos países médios (Coréia e Taiwan), engrossando-se o vôo nesta década com os países do sudeste da</p>	Contexto insuficiente	

	Ásia e com as "zonas especiais" da China. FSP, 21-dez-97		
Gatos	A fraude dos <"gatos"> extrapolou as fronteiras do Brasil e alcançou o maior torneio de futebol do planeta, a Copa do Mundo. Após três meses de investigação, a Folha comprovou que o país exportou dois <"gatos"> para o Mundial da França, em 1998. Oliveira e Clayton, naturalizados, defenderam as seleções da Bélgica e da Tunísia, respectivamente. Os dois jogadores nasceram e adulteraram as datas de nascimento de seus documentos em São Luís, no Maranhão. Desse Estado, mais exatamente da fronteira com Tocantins, surgiu Sandro Hiroshi, o atacante são-paulino que, conforme revelou a Folha em 1999, também falsificou seus papéis pessoais.	Origem indeterminada da projeção	Ao menos duas possibilidades de projeção: "gato" no sentido de "ladrão" ou, de acordo com o conhecimento popular, uma das explicações para o nome dado à fraude indica sua relação com o apelido homônimo de um jogador de futebol.
Gatos	[...] A causa de todo o problema foi a presença de instalações elétricas clandestinas - <"gatos">. [...]	Origem indeterminada da projeção	Possibilidade de projeção de "gato" como "ladrão", "gatuno" ou de gato no sentido de "grampo" "peça de metal que prende objetos" (FERREIRA,

			vs.5.4.1)
Goma	O nome do programa pode ser - se for aceita a sugestão do apresentador "A Goma de Thunder". Trata-se de um trocadilho com a "A Casa de Angélica": <"goma"> quer dizer "casa", em dialeto típico da malandragem. FSP, 03-abr-94	Contexto insuficiente	
Hostess	No Japão, o termo <"hostess"> é usado para designar mulheres que trabalham em bares noturnos com a função de conversar com os clientes, estimulando-os a consumir bebidas alcóolicas. Eventualmente, aceitam fazer "programas". FSP, 03-abr-94	Estrangeirismo	
Jennifer	A obra de Hayes, envelhecida pelas décadas, havia obviamente sido aprovada pela maioria da multidão pós-LP. Adolescentes eram fisgados e agarrados por canções que lideraram as paradas antes deles terem nascido. Minha própria <jennifer> finalmente me levou para a porta, citando os Blues Brothers: ``Estamos numa missão divina''. ``OK'', respondi, ``vamos direto para o céu.'' FSP, 16-out-94	Nome próprio	Referência a antropônimo.
Lulas	Os <Lulas> - Andrés Velasquez não é tor-	Nome próprio	Referência a antropônimo.

	neiro-mecânico, como Lula, mas é sindicalista. Também não tem curso superior (é técnico em eletrônica) e seu partido nasceu no movimento social. Sua prioridade é "levantar a auto-estima" da população em discurso que lembra o "sem medo de ser feliz" do Lula 89. FSP, 05-dez-93		
Lulus	Peça básica no guarda-roupa das <lulus> mais descoladas no inverno americano, as calças sequinhas, de cintura mais baixa e logo abaixo do joelho - tipo corsário - continuam em alta na primavera-verão. Aproveite o bronzado, use um salto bem alto e saia por aí como quem nada quer - na Patachou, os modelos em jérsei com lycra custam R\$ 146,00. FSP, 18-jan-98	Nome próprio	Referência a antropônimo.
Malhados	A medida anunciada na segunda-feira 6 pelo Conselho Municipal do Carnaval, visa evitar, além dos atropelos, o ataque dos <malhados> - grupos que vêm em direção contrária ao fluxo dos blocos para muitas vezes assaltar. IE, 15-fev-95	Contexto insuficiente	
Manco	Para os curitibanos	Contexto	

	<"manco"> é o músico que toca mal e "barilís" é uma coisa bacana. V, 25-out-95	insuficiente	
Mango	FHC já foi <"mango">. Isso há 20 anos. <"Mango"> na Venezuela, onde o presidente chegou na noite de segunda-feira 3, quer dizer literalmente manga. Mas na gíria da moçada venezuelana da década de 70, <"mango"> significa "gatinho" na gíria da moçada brasileira. IE, 12-jul-95	Estrangeirismo	Origem indeterminada da projeção: sem contexto suficiente para determinar o tipo de projeção.
Mano	Os <mano> na emetevê (tít.) Os <mano> fizeram um clipe de 15 paus no Carandiru para um rap chamado "Diário de um Detento" e a emetevê, como eles dizem, começou a passar. O clipe não é bonitinho, não tem aquele jeitinho beme-feitinho, não tem glamour, não é "moderno". Mas foi o escolhido pelo público jovem para levar o principal prêmio concedido anualmente pela MTV. FSP, 16-ago-98	Contexto insuficiente	
Mata-haris	[...] Ao terminas o primeiro inseto robótico, Mc Lurkin batizou-o de Cleo, nome de sua avó. A seguir vieram Margarite, outra avó, além de Sandra a Anita, home-	Nome próprio	Referência a antropônimo.

	nagens à sua mãe e à sua orientadora respectivamente. [...] Já a CIA, o serviço secreto americano, deseja equipar Cleo e Anita com câmeras e microfones e torná-las modernas <mata-haris> eletrônicas. IE, 15-nov-95		
Mauricinho	Nos últimos meses, porém, o charme do velho meretrício foi descoberto por leigões de <patricinhas> e <mauricinhos> da zona sul, atraídos pela mistura do som das discotecas internacionais e um quase artesanal streap-tease das profissionais da região. IE, 11-out-95	Nome próprio	Referência a antropônimo.
Micado	Dia <micado> (tít.)Por que o sábado é uma mesmice só (subtít.)Assistir a programas de televisão nos sábados à noite, sintonizando as grandes redes, é como entrar numa máquina do tempo. A Globo, como a maioria das outras emissoras, exhibe filmes reprisados. O SBT apresenta A Praça É Nossa, humorístico com 42 anos de idade e atores e piadas com quase o dobro disso. V, 29-jul-98	Unidade sem definição	Formação adjetival a partir de “mico”.
Mico	(a) <Mico>: Quando ação ou outro título	Origem indeterminada da	Não foi possível identificara ori-



	<p>perde totalmente a liquidez (não se consegue vender, a não ser por um preço irrisório). É o mesmo que virar pó. FSP, 20-jul-97</p> <p>(b) Entretanto, algumas casas podem virar verdadeiros &lt;"micos"&gt; do mercado imobiliário, [...] muitas residências de Ipanema já não interessam às grandes incorporadoras por causa do código de construção da área [...]. G, 06-set-98</p>	projeção	<p>gem e as características da projeção. É provável que a expressão tenha origem em pó de mico, feito com uma planta homônima, que causa prurido. A vagem da planta é alongada e pilosa, assemelhando-se a um pequeno macaco.</p>
Mosquetinho	<p>A justiça brasileira é igual a anzol &lt;mosquetinho&gt;, só pega peixe pequeno. Tome cuidado, Preja, você não é banqueiro não. (André Luís e Edmilson Bento - Goiânia GO). IE, 17-abr-96</p>	Unidade sem definição	
Patricinha	<p>O bom e velho Conga está de volta. Para quem não sabe, pode-se dizer que é uma versão antiquinha do Keds, só que menos &lt;patricinha&gt;. Antes era meio cabeça, agora é fashion. Pode ser encontrado em várias cores na Index, no Quartier Ipanema, a R\$ 35. G, 02-jan-00</p> <p>Nos últimos meses, porém, o charme do velho meretrício foi descoberto por leigões de &lt;patricinhas&gt; e</p>	Nome próprio	Referência a antropônimo.

	<mauricinhos> da zona sul, atraídos pela mistura do som das discotecas internacionais e um quase artesanal streap-tease das profissionais da região. IE, 11-out-95		
Peixe	Gírias (tít.)(...)<PEIXE> - Na Bahia, os rappers chamam uns aos outros de <peixe>. V, 12-jan-94	Contexto insuficiente	
Pernada	Na Idade Média existia uma prática denominada <pernada>, que consistia em o senhor feudal ter o direito de dormir a primeira noite com a noiva do camponês que se casasse. Na verdade a <pernada> era uma arma de controle ideológico. Todo filho primogênito de camponês se julgava filho (bastardo) do senhor feudal e morria sonhando com a morte de todos os filhos legítimos, para ser seu herdeiro. (Francisco J. D. Santana) G, 02-jul-00	Contexto insuficiente	
Peru	Folha - Muitos goleiros temem levar um "frango" ou um "<peru">, como se diz na gíria do futebol, principalmente em uma decisão. Teme que uma falha sua possa comprometer o título? Nei - Não venha me	Origem indeterminada da projeção	Possibilidade de projeção da imagem das pernas afastadas desse tipo de ave ou projeção da característica da ave de conseguir passar por debaixo das pernas das

	falar de "peru". Peru só no Natal. Folha [...] FSP, 20-dez-98		peessoas.
Picudo	Gírias (tít.)(...)<PICUDO> - Cara que não entende de rap, na Bahia. V, 12-jan-94	Contexto insuficiente	
Piranheiro	E uma amiga me disse: "Ele é da nossa geração". É mesmo: metido a roqueiro, <piranheiro> e fugiu da guerra do Vietnã. FSP, 18-ago-96	Unidade sem definição	Unidade formal com base em "piranha".
Piriri	<PIRIRI> - Rap comercial, ruim, em Porto Alegre. V, 12-jan-94	Origem indeterminada da projeção	Não foi possível identificar as características da projeção em razão do contexto insuficiente.
Pitoco	Nehemias Gueiros trabalhou como advogado de direitos autorais com ninguém menos que Tim Maia. Olha que escola! Agora está no mercado o livro "Direito autoral no show business". Nehemias dá a receita do bolo para ninguém ser enrolado pelas grandes gravadoras. Do jeito que a coisa está, vai vender muitos livros. Agora posso dar um <pitoco>? Podia ter dado a revisão do texto para um leigo tirar o excesso de advogûês, às vezes fica pesado... G, 04-jul-99	Não é extensão semântica	Var. de pitaco.
Posses	O jeito é ficar esperto.	Contexto	

	Uma das maiores <"posses"> (bandas de rap, dançarinos e grafiteiros que se reúnem para ensaiar e promover ações comunitárias) do movimento hip-hop paulista, o Jabaquara Breakers, convidou um advogado para explicar para a rapaziada como se comportar em caso de batida policial. V, 12-jan-94	insuficiente	
Psicos	O quarteto brasileiro é conhecido no Havaí, segundo Joca Jr., como <"os psicós">. O motivo? As loucuras que eles costumam fazer nas ondas de Pipeline, no Havaí, uma das mais badaladas praias do circuito. FSP, 17-nov-96	Unidade sem definição	
Puladinho	[...] Nas festas pré-carnavalescas de Fortaleza, os foliões vibram dançando o <"puladinho">, dança criada pelos apreciadores da "oxente music" quando os hits da como "Valeu o Boi" e "Cara-Metade", são executados. FSP, 06-fev-94	Contexto insuficiente	
Quentes	A idéia é megalômana, mas está sendo levada muito a sério pelo Pentágono: construir uma base aeronaval flutuante baseada na tecnologia das plata-	Contexto insuficiente	Possibilidade de interpretação de quente como uma metonímia de mares com água mais quente ou projeção metafó-

	formas de petróleo e levá-la até os pontos <quentes> do planeta, como o golfo pérsico, ou as águas territoriais da Coréia do Norte. Batizado de SeaBase, o projeto de viabilidade foi encomendado ao estaleiro norueguês Kvaerner. IE, 01-mai-98		rica de quente como importante e disputado.
Racha	<Racha> mata adolescente em São Paulo. (tít.) As pessoas que assistiram ao <racha> não conseguiram anotar as placas da perua Kombi, que as atropelou. FSP, 18-abr-93	Origem indeterminada da projeção	Enquanto que racha no sentido de rachadura é substantivo feminino, o seu correspondente substantivo masculino significa “pelada”, “batebola”.
Real	A um ano do início da campanha de reeleição, o presidente Fernando Henrique Cardoso tem apenas dois temores. O maior deles, mas o menos provável, é se defrontar com uma crise no programa de estabilização. "As chances de uma crise no <Real> São muito raras", acha o presidente. O presidente também não teme, como aconteceu no México, que os sucessivos déficits comerciais, levem a uma crise cambial, com corrida especulativa contra o <real> IE, 16-abr-97	Nome próprio	Nome de moeda.

Rebite	Veja - O que é <rebite>? Oliveira - São os remédios estimulantes que os caminhoneiros tomam para não dormir no volante. Os mais utilizados são os moderadores de apetite, como o Nobese. V, 26-mar-97	Origem indeterminada da projeção	Pode ser derivado de "rebite" (peça metálica de junção) ou de "arrebitar" (levantar a ponta/aba para cima).
Ricardões	Mas agora pesquisadores da Universidade da Cidade do Cabo (África do Sul) descobriram que colônias de ratos-toupeiras às vezes produzem alguns indivíduos ousados, verdadeiros <"ricardões"> do reino animal. Sua função é buscar o adultério a qualquer preço, fugindo de sua colônia original e procurando se reproduzir com fêmeas de outras colônias. FSP, 16-jun-96	Nome próprio	Referência a antropônimo.
Róseas	Os países industrializados terão em 97 o maior crescimento da década. Embora o noticiário econômico dos últimos dias tenha incluído dificuldades crescentes na implementação do euro e alguns estejam até mesmo acreditando numa "onda rosa" por conta da vitória dos socialistas na França, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômi-	Contexto insuficiente	

	co (OCDE) divulgou um relatório com perspectivas, estas sim <róseas>, para a economia mundial nos próximos dois anos. FSP, 15-jun-97		
Sacramentos	Os nomes são engraçados e não dão qualquer pista de que se tratam. Os pebetes não passam de pães medianos, de massa fofa, dourada e levemente adocicada. Já os <sacramentos> são croissants semelhantes às medialunas. G, 04-ago-96	Nome próprio	Nome de produto.
Sanguíneo	O <sangüíneo> tem perfil psicológico ideal para capitão. Opõe-se ao colérico, que pensa no "eu". O <sangüíneo> pensa no coletivo. Na final do Campeonato Paulista, o Raí reuniu o time para conversar. Ana Moser, do vôlei, fazia isso muito bem, sem ser a capitã. Ficou responsável por renovar contrato de seis jogadoras. G, 02-jul-00	Contexto insuficiente	
Strip-tease	O <"strip-tease"> da vestal do Executivo se anunciava de longe. Venda do patrimônio estatal a preço de banana, para ferrar momentaneamente o caixa raso, e cativar os paleoliberais da sua corte interna e interna-	Origem indeterminada da projeção	Não foi possível identificar as características da projeção em razão do contexto linguístico insuficiente.

	<p>cional. Depois, as reformas apregoadas como salvadoras revelaram a sua desimportância estratégica e a pobreza de formulação administrativa, tributária e previdenciária. FSP, 15-jun-97</p>		
Superexposição	<p>[...] O programa, em que vivia uma romântica descabelada, teve a primeira exibição cancelada na hora agá - consta, para evitar a &lt;"superexposição"&gt; da atriz. Não cabe à dona da própria nenhuma parte na decisão. "&lt;Superexposição&gt; não é uma questão para mim", diz. "Eu gosto. Se não gostasse, não seria atriz, nem faria o que faço com tanto empenho". Fsp, 17-jul-94</p>	Contexto insuficiente	<p>Possibilidade de extensão semântica a partir de "exposição" no sentido de ato ou efeito de expor(-se) ou de "superexposição", no sentido de impressionamento excessivo de uma chapa fotográfica por haver sido exposta durante muito tempo (FERREIRA, vs.5.4.1).</p>
Suzy	<p>Esqueça o apelido de alguma Suzanas. Última invenção do vocabulário gay, a personagem - descaradamente inspirada na boneca - serve agora para batizar os candidatos à barbie - que é como se define, no mesmo gueto, rapazes com muitos músculos à mostra. Quando alguém diz que o moço é &lt;"suzy"&gt;, significa que ele já iniciou a batalha contra a flacidez, mas</p>	Nome próprio	Nome de produto.



	ainda não é assim nenhuma barbie. Fsp, 19-jan-97		
Tapa-olhos	A operação <'tapa-olhos'> (tít.) ISTO É - Para fazer de João Leiva candidato a prefeito de São Paulo pelo PMDB o sr. precisou recorrer ao tapetão? Orestes Quércia - Não tem nada de tapetão, não. A disputa pela indicação se deu na prévia partidária, prevista em estatuto, e que foi vencida pelo Leiva. Quem insistiu em disputar à custa de um recurso judicial foi o Pinotti. A executiva do partido anulou a convenção porque houve equívocos e erros técnicos na sua condução. Quem usa a expressão tapetão está distante das coisas aqui de São Paulo, tem a visão distorcida por querer ajudar o governo federal. IE, 12-jun-96	Contexto insuficiente	
Tapetão	A operação 'tapa-olhos' (tít.) ISTO É - Para fazer de João Leiva candidato a prefeito de São Paulo pelo PMDB o sr. precisou recorrer ao <tapetão>? Orestes Quércia - Não tem nada de <tapetão>, não. A disputa pela indicação se deu na prévia parti-	Contexto insuficiente	

	dária, prevista em estatuto, e que foi vencida pelo Leiva. Quem insistiu em disputar à custa de um recurso judicial foi o Pinotti. A executiva do partido anulou a convenção porque houve equívocos e erros técnicos na sua condução. Quem usa a expressão <tapetão> está distante das coisas aqui de São Paulo, tem a visão distorcida por querer ajudar o governo federal. IE, 12-jun-96		
Telona	Dá-lhe <telona>, se inspiraram para fazer seus teleteatros, como o "TV de Comédia" e o "TV de Vanguarda", além de um número incalculável de programas com o nome "Grande Teatro"... Seguido do nome do patrocinador. FSP, 15-set-96	Contexto insuficiente	
Tirolesa	Com uma série de opções, a empresa de turismo ecológico Altus oferece trilhas, rapel, passeios de bicicleta, trekking (caminhada), mountain bike, <tirolesa>, rapel em cachoeira e cursos de montanhismo para os mais empolgados. FSP, 16-jul-00	Contexto insuficiente	
Top	Fila para ser <top> (tít.)Enquanto esperam	Estrangeirismo	

	a sorte grande, as modelos vivem com pouco dinheiro e tempo de sobra (subtít.) V, 27-set-00		
Traquitana	O U2 traz ao Brasil uma <traquitana> de 2 400 toneladas para montar o maior show do planeta.[...] Duas mil e quatrocentas toneladas, que equivale à <traquitana> necessária para colocar de pé o show PopMart, [...]. V, 28-jan-98	Origem indeterminada da projeção	Não foi possível identificar as características da projeção em razão do contexto insuficiente.
Tubo	Riquíssimo e com todos os pontos, o <tubo> de Versage é a melhor base para as suas estrepolias. FSP, 18-abr-93	Contexto insuficiente	Origem indeterminada da projeção: sem contexto suficiente para determinar o tipo de projeção.
Upgrade	A insistência em manter a exclusividade de seus contratos e a impossibilidade de um <upgrade> (promoção da classe econômica para a classe executiva em um vôo) foram os fatores determinantes do afastamento do jornalista Armando Nogueira da equipe de esportes da TV Cultura de São Paulo. IE, 25-mai-94	Estrangeirismo	
Vapor	O menino começou soltando foguete no alto da favela para avisar a chegada da polícia. Mais tarde, foi <vapor> (encarregado de levar pequenas quantidades de cocaína	Origem indeterminada da projeção	Possibilidade de projeção da imagem do espalhamento de gotículas causado pelo vapor ou projeção a partir da metonímia de “máqui-

	ao consumidor) e segurança. IE, 15-jan-97		na a vapor”.
Veríssimas	O leitor Flávio de Campos acertou na mosca. O grande Veríssimo fica menor quando sai dos trilhos habituais de sua crônica para o desvio político. [...] O fino humor das crônicas <veríssimas> se torna então bilioso, tem o odor de ressentimentos inexplicáveis. (Pedro Gomes) G, 06-fev-00	Nome próprio	Referência a antropônimo.
Volantes	Qual é a melhor tática? Três ou quatro no meio-de-campo? Um, dois ou três atacantes? Marcar por pressão ou atrair o adversário para jogar no contra-ataque? Dois ou três zagueiros? Um ou dois <volantes>? Defesa ou ataque? Conjunto ou o craque? Futebol arte ou de resultados? IE, 11-mar-98	Origem indeterminada da projeção	Dentre projeções possíveis verificadas, uma delas indica que a origem do nome dado à posição de jogador de futebol pode ter relação com o sobrenome homônimo de um jogador de futebol argentino.
Voz populi	A apresentadora Maria Amorim comanda um <"voz populi">, entrevistando transeuntes, enquanto o apresentador Otaviano Costa antecipa para a platéia o tema do dia e quem será entrevistado. FSP, 16-abr-00	Estrangeirismo	
Zangões	[...] Esse projeto tornou o Detran mais acessível ao cidadão que não precisa mais	Origem indeterminada da projeção	Não foi possível verificar que aspectos de “zangão” são projeta-

	de intermediários, os famosos <zangões> - disse ele. G, 07-jun-98		dos para despachantes não credenciados.
--	---	--	---

Fonte: a autora.